

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional:
uma intervenção em grupo operativo

Fabiana Hilário de Almeida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional:
uma intervenção em grupo operativo

Fabiana Hilário de Almeida

Lucy Leal Melo-Silva

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Almeida, Fabiana Hilário.

Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo. Ribeirão Preto, 2009.

299 p.: il.; 30 cm

Tese de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Melo-Silva, Lucy Leal.

1. Escolha profissional 2. Orientação de pais. 3. Grupo operativo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabiana Hilário de Almeida.

Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Psicologia.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico, com muito amor e gratidão, esse estudo aos meus **PAIS**.
Espero, um dia, poder retribuir tanta entrega e dedicação.

À minha **mãe**, que despertou em mim o desejo pela busca do conhecimento. Ainda em minha meninice, apresentou-me os encantos da leitura. Recordo-me, com muito carinho, a riqueza das histórias contadas e, tantas vezes, recontadas, que me presenteavam com sua amorosa e sensível companhia. Era mais do que mera leitura, era a nossa possibilidade criativa de encontro, a despeito dos compromissos do dia a dia. Percebo hoje, com maior clareza, o quanto teve papel significativo em minhas escolhas vocacionais.

Ao meu **pai**, minha referência de responsabilidade e honestidade. Por quem tenho muito amor e respeito, e a quem aprendi a compreender. Graças à maturidade que o tempo nos traz, hoje empresto as palavras de Adélia Prado:

*“Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.”*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, minha orientadora, por quem tenho muito carinho e admiração. Agradeço por sua participação em meu percurso vocacional, sua generosa disponibilidade e, sobretudo, pela confiança que verdadeiramente deposita em meu trabalho.

Aos psicólogos-observadores, agradeço a competência e a presteza:

Ao Fábio, pela “troca” e, principalmente, pelo acolhimento e companheirismo nos momentos de dúvida e dificuldade.

À Maria Luiza, por seu compromisso, pelo zelo que destinava a sua tarefa e, sobretudo, pela “maternagem”.

À Ana Maria, por sua dedicação, curiosidade e vontade de aprender.

Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, pelo acompanhamento de meu desenvolvimento acadêmico desde a Iniciação Científica e pelas preciosas contribuições no Exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Maria Lúcia de Oliveira, agradeço pelos valiosos apontamentos e sugestões no Exame de Qualificação.

Às queridas amigas, com quem compartilho há anos minhas alegrias, tristezas e dificuldades:

À Lívia, companheira de tantas vivências. Agradeço, sinceramente, por sua sensibilidade e sua primorosa “escuta”.

À Ana Paula, por sua espontaneidade e simplicidade. Sua calorosa companhia e seu riso fácil dão colorido ao meu dia a dia.

À Melodi, por quem tenho muita admiração. Como me fazem bem nossos momentos de reflexão, tão descompromissados e, no entanto, tão significativos.

À Adriana, com quem venho aprendendo que, a despeito do nosso desejo em expressar exatamente o que sentimos, muitas vezes isso não é possível. Aliás, provavelmente quando conseguimos é porque o mesmo sentimento já se transformara dentro de nós.

Ao meu querido Andrey, por quem tenho um sentimento muito especial. Agradeço pelo carinho, a sincera compreensão e, sobretudo, a tolerância. Que feliz “descoberta” a nossa!

Aos amigos Fabrício e Flávia, pelos “encontros” fortuitos, que me proporcionam tanto prazer.

À Izildinha, agradeço pelas contribuições tão “bem-vindas” nos longos períodos de levantamentos bibliográficos.

À Neide Aparecida, secretária da Clínica de Psicologia Aplicada, pelo cuidado com que realiza suas tarefas e por sua boa vontade em ajudar, sempre que possível.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de nível Mestrado, importante auxílio financeiro para a realização do presente estudo.

Ao Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), pela viabilização do Grupo de Orientação de Pais.

-Qual a sensação de ter uma guria?, o homem mastigava.

O pai enxugava a boca com o guardanapo, inclinava a cabeça para um lado e dizia sorrindo:

-Às vezes a de ter um ovo quente na mão. Às vezes, nenhuma: perda total de memória...Uma vez ou outra a de ter uma guria minha, minha mesmo.

-Guria, guria, muria, leria, seria..., cantava o homem voltado para Joana. Que é que vais ser quando cresceres e fores uma moça e tudo?

-Quanto ao tudo, ela não tem a menor idéia, meu caro, declarava o pai, mas se ela não se zangar te conto seus projetos. Me disse que quando crescer vai ser herói...

O homem riu, riu, riu. Parou de repente, segurou o queixo de Joana e enquanto ele segurava, ela não podia mastigar:

-Não vai chorar pelo segredo revelado, não é, guria?

Clarice Lispector.
Em: Perto do coração selvagem.

Aos **PAIS** que,
espontaneamente,
escolheram participar desse
estudo. Agradeço a
confiança com que
compartilharam seus
sentimentos e vivências, e o
sincero envolvimento
dispensado ao Grupo de
Orientação de Pais.

RESUMO

ALMEIDA, F. H. **Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009.

Considerando o papel e a influência que os pais exercem no desenvolvimento vocacional de seus filhos, o objetivo deste estudo foi analisar um procedimento de intervenção psicológica realizada com pais, cujos filhos adolescentes se encontravam em processo de escolha profissional. Os objetivos específicos propuseram-se a analisar o processo de intervenção grupal e investigar as percepções dos pais em relação ao processo de escolha profissional dos filhos e ao papel que desempenhavam nesse processo. Para isto, foram organizados o Grupo de Orientação de Pais e o Grupo Controle, com pais de jovens em atendimento no Serviço de Orientação Profissional do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP. Foi aplicado nos dois grupos um questionário com questões abertas e fechadas. Realizou-se uma intervenção psicológica grupal com o Grupo de Orientação de Pais (n=22, 15 mães, 7 pais), com base no referencial teórico-metodológico de Grupo Operativo de Pichon-Rivière, coordenada pela psicóloga-pesquisadora e com colaboração de observadores realizando os registros das sessões. Ao todo foram oito sessões grupais, com periodicidade semanal, de uma hora e meia de duração e uma sessão individual, ao término do processo. Após a intervenção, o questionário foi novamente aplicado nos dois grupos. Os dados quantitativos, referentes às questões fechadas do questionário, foram tratados pela estatística descritiva; e a comparação dos resultados (pré x pós-intervenção) e a comparação entre os grupos (Intervenção x Controle), por meio da estatística inferencial não-paramétrica. As respostas às questões abertas do questionário foram categorizadas com base na Análise de Conteúdo de Bardin e os dados referentes às sessões grupais foram analisados por meio do referencial de Grupo Operativo. Os dados foram articulados com base nos referenciais psicanalíticos de Pichon-Rivière e Bohoslavsky. Os resultados indicaram que os pais-participantes atribuíam grande importância à formação educacional de seus filhos, realizando investimentos para que estes escolhessem a profissão e ingressassem no Ensino Superior, explicitando grandes expectativas para o futuro profissional dos jovens. Observou-se que a intervenção grupal contribuiu para que os pais revelassem conflitos e contradições quanto a posturas que mantinham junto aos filhos. Assim, muitos evidenciaram grande ambivalência de sentimentos frente ao processo de amadurecimento dos jovens, revelando o desejo de postergar a separação pais e filhos. Observou-se que vários participantes apresentavam dificuldades para assumir a influência que exerciam sobre os filhos em relação ao processo da escolha da carreira; e, também, para se posicionar possibilitando diálogos e situações que facilitassem o desenvolvimento vocacional dos jovens. Evidenciou-se que a técnica em Grupo Operativo favoreceu aos pais o contato com situações que se mantinham latentes, bem como um maior conhecimento de seus sentimentos e assunção de papéis junto aos filhos. Considera-se que foram possibilitadas condições para mudanças na relação com os jovens, no que concerne ao processo de escolha profissional destes.

Palavras-chave: Escolha profissional. Orientação de pais. Grupo operativo.

ABSTRACT

ALMEIDA, F. H. **Guiding of parents whose children are going through career choosing: an operative group intervention.** Dissertation (Master), Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Considering the parents' role and influence on their children's vocational development, this paper aimed at analyzing one psychological intervention with parents whose adolescent children were going through the career choice process. The specific objects were to analyze the group intervention and the parents' perceptions regarding their children's process of career choice and the role they played in that process. Two groups were organized: the parents' guiding group and the control group, with parents of adolescents who were being attended at the Career Guiding Service of the Applied Psychology and Research Center of the Faculty and Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo (USP). The two groups were asked to answer a questionnaire containing open and closed questions. The study group received psychological intervention based on the theoretical methodological framework Operative Group by Pichon-Rivière, and was coordinated by the researcher psychologist, having the collaboration of observers who recorded the sessions. All together, eight group sessions were carried out lasting one hour and a half each, once a week and one individual session at the end of the procedure. After the intervention was concluded, the questionnaire was answered again by both the study group and the control group. The quantitative data referring to the closed questions were treated by descriptive statistics and the comparison of the results (pre and post intervention) and the comparison between the groups (study group and control group) were treated by non-parametrical inferential statistics. The answers to the open questions were categorized as based on Bardin's content analysis and the data obtained from the session records were analyzed according to the Operative Group framework. All the data were cross-analyzed as based on Pichon-Rivière's and Bohoslavsky's psychoanalytical frameworks. The results indicate that the participant parents attribute a great importance to their children's education and invest resources in order to help them enter university; the parents also express great expectations in relation to their children's future career. The group interventions were observed to have contributed for the parents to unveil conflicts and contradictions in their relationships with their children. Thus, some parents acknowledged ambivalence of feelings in relation to their children's growing process, expressing their wish to postpone their parting with them. Several participants were shown to have difficulty acknowledging their influence on their children's career choice and also favoring dialogues or facilitating their children's career development. The Operative Group strategy made it possible for the parents to acknowledge latent emotions as well as assume their role with their children. Finally, the intervention was seen to have created conditions for changes in the relationship between parents and their children regarding their career choice.

Key word: Career choice. Parents' guiding. Operative group.

LISTA DAS TABELAS

TABELA 1. DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA TOTAL DE PARTICIPANTES EM FUNÇÃO DO SEXO E IDADE.	65
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS EM FUNÇÃO DO SEXO E NÚMERO DE PARTICIPANTES.....	91
TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPANTES DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS EM FUNÇÃO DA IDADE	92
TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPANTES DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE.....	94
TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS REFERENTE ÀS EXPECTATIVAS DOS PARTICIPANTES DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS, PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO.....	96
TABELA 6 - COMPARAÇÃO DAS RESPOSTAS DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS REFERENTE AOS EIXOS, PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO, SEGUNDO O TESTE NÃO-PARAMÉTRICO DE WILCOXON	128
TABELA 7 - PORCENTAGENS DE RESPOSTAS DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS, PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO, REFERENTE AO EIXO COMUNICAÇÃO	130
TABELA 8 - PORCENTAGEM DE RESPOSTAS DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS, PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO, REFERENTE AO EIXO ATIVIDADES	141
TABELA 9 - PORCENTAGEM DE RESPOSTAS DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS, PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO, REFERENTE AO EIXO FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DA PROFISSÃO ..	150
TABELA 10 - AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO REALIZADA PELO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS, PRÉ E PÓS-INTERVENÇÃO.....	159
TABELA 11: COMPARAÇÃO DOS PATAMARES INICIAIS DE RESPOSTAS DOS GRUPOS CONTROLE E DE ORIENTAÇÃO DE PAIS, SEGUNDO O TESTE NÃO-PARAMÉTRICO DE MANN-WHITNEY	295
TABELA 12: COMPARAÇÃO DA EVOLUÇÃO DAS RESPOSTAS (PRÉ – PÓS-INTERVENÇÃO) DOS GRUPOS DE ORIENTAÇÃO DE PAIS E CONTROLE, SEGUNDO O TESTE NÃO PARA MÉTRICO DE MANN-WHITNEY	296
TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPANTES DO GRUPO CONTROLE EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS SEXO E NÚMERO DE PARTICIPANTES	297
TABELA 14 – DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPANTES DO GRUPO CONTROLE EM FUNÇÃO DA FAIXA ETÁRIA.....	297
TABELA 15 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPANTES DO GRUPO CONTROLE EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE.....	297
TABELA 16 - COMPARAÇÕES DAS RESPOSTAS DO GRUPO CONTROLE ENTRE OS DOIS MOMENTOS DE APLICAÇÃO, REFERENTE AOS EIXOS, SEGUNDO O TESTE NÃO-PARAMÉTRICO DE WILCOXON.....	298

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 O ADOLESCENTE E SEUS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE.....	26
1.2 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL E FAMÍLIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA.....	36
1.2.1 <i>Cenário Internacional</i>	36
1.2.2 <i>Cenário Nacional</i>	42
1.3 JUSTIFICATIVA	48
2 OBJETIVO	53
2.1 OBJETIVO GERAL.....	53
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	53
3 MÉTODO.....	55
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	55
3.2 CAMPO DE PESQUISA	62
3.3 ESTUDO-PILOTO.....	64
3.4 PARTICIPANTES	65
3.5 INSTRUMENTOS	66
3.5.1 <i>Questionário de Pais</i>	66
3.5.2 <i>Intervenção Psicológica Grupal</i>	68
3.6 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	70
3.6.1 <i>Apresentação do estudo na reunião de pais</i>	70
3.6.2 <i>Correspondência aos pais</i>	71
3.6.3 <i>Composição inicial dos grupos</i>	71
3.6.4 <i>O processo no Grupo de Orientação de Pais</i>	72
3.6.5 <i>Grupo Controle</i>	82
3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	83
3.8 PROCEDIMENTO PARA TRATAMENTOS DOS DADOS	84
3.8.1 <i>Análise Quantitativa</i>	86
3.8.2 <i>Análise Qualitativa</i>	87
3.8.3 <i>Articulação das Análises Quantitativa e Qualitativa</i>	89
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	90
4.1 VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS.....	91
4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE PAIS	95

4.2.1 <i>Análise qualitativa das respostas abertas</i>	95
4.2.2 <i>Análise quantitativa das respostas fechadas</i>	127
4.3 ANÁLISE DO PROCESSO NO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	160
4.4 ARTICULAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS POR MEIO DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS E DO QUESTIONÁRIO DE PAIS	218
4.4.1 <i>Importância atribuída à formação educacional dos filhos</i>	218
4.4.2 <i>Expectativas em relação ao futuro dos filhos</i>	223
4.4.3 <i>Preocupação com a indecisão profissional dos filhos</i>	230
4.4.4 <i>Os pais e o processo de amadurecimento dos filhos</i>	237
4.4.5 <i>Papel dos pais junto aos filhos</i>	244
4.4.6 <i>Comunicação entre pais e filhos</i>	251
4.4.7 <i>Processo de separação pais e filhos</i>	255
4.4.8 <i>O sentido do Grupo de Orientação de Pais</i>	259
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	265
REFERÊNCIAS	269
APÊNDICES	279
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PAIS	279
APÊNDICE B – GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS RESULTADOS DE PINTO E SOARES (2002).....	283
APÊNDICE C - TRANSPOSIÇÃO DAS CATEGORIAS EM ITENS DO QUESTIONÁRIO DE PAIS	284
APÊNDICE D - FOLHETO EXPLICATIVO	285
APÊNDICE E - CARTA AOS PAIS (1).....	286
APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1).....	287
APÊNDICE G - CARTA AOS PAIS (2)	288
APÊNDICE H - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (2)	289
APÊNDICE I – DISPARADOR TEMÁTICO REFERENTE À 3ª. SESSÃO DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	290
APÊNDICE J – DISPARADOR TEMÁTICO REFERENTE À 5ª. SESSÃO DO GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	293
APÊNDICE K - CARTA AOS PAIS (3)	294
APÊNDICE L – TABELA REFERENTE AOS RESULTADOS OBTIDOS POR MEIO DA COMPARAÇÃO ENTRE OS PATAMARES INICIAIS DO GRUPO CONTROLE E GRUPO DE INTERVENÇÃO.	295
APÊNDICE M – TABELA REFERENTE AOS RESULTADOS OBTIDOS POR MEIO DA COMPARAÇÃO ENTRE A EVOLUÇÃO DO GRUPO CONTROLE E DO GRUPO DE INTERVENÇÃO.	296
APÊNDICE N – TABELAS REFERENTES ÀS VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS DO GRUPO CONTROLE.....	297
APÊNDICE O - TABELA REFERENTE À COMPARAÇÃO ENTRE OS DOIS MOMENTOS DO GRUPO CONTROLE	298
ANEXO: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	299

1 INTRODUÇÃO

*O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós [...].¹*

A efemeridade do cenário contemporâneo, marcado pela imprevisibilidade dos fatos, pela velocidade quase instantânea das informações, pela superficialidade e transitoriedade das experiências e relações humanas, representa a realidade da sociedade atual, em acelerado e intenso processo de transformação. A presente investigação, inscrita no campo de estudos da Orientação Vocacional/Profissional, área teórica e prática da Psicologia, embasando-se na relação dialética que o homem estabelece com seu meio, considera que as significativas mudanças que vêm ocorrendo nos domínios da Economia, da Política, bem como na vida social e cultural da humanidade, apresentam correspondência significativa com o modo de o indivíduo relacionar-se consigo mesmo, com o outro e com seu projeto de futuro.

A escolha pela utilização do termo Orientação Vocacional/Profissional (OVP) neste estudo, pauta-se na compreensão de que os processos de intervenção na referida área integram questões que envolvem a identidade vocacional (“quem eu sou?”) e a identidade profissional (“o que eu faço?”) em acordo com as necessidades do homem em um determinado contexto sócio-histórico. Assim sendo, conforme a perspectiva de Melo-Silva e Jaquecmin (2001), a OVP não restringe seu campo de conhecimento à fase da adolescência, mas acompanha a trajetória profissional do sujeito ao longo de seu processo de desenvolvimento, uma vez que a cada fase da vida, são despertados diferentes questionamentos, conflitos e novas demandas que permeiam a escolha profissional.

Considera-se, na presente investigação, que as escolhas que o homem realiza, incluindo o seu processo da escolha profissional, ancoram-se na relação dialética que o

¹ Lenine, excerto da letra “Paciência”.

mesmo estabelece com seu meio sendo que, nessa relação, ambos transformam-se mutuamente. Nesse sentido, Pichon-Rivière (1998a, 1998b) contribui com a noção de vínculo, definindo-o como uma estrutura complexa que inclui o sujeito, um objeto e a mútua inter-relação que ocorre entre estes, envolvendo processos de comunicação e aprendizagem. Essas inter-relações são internalizadas pelo homem, adquirindo uma dimensão intra-subjetiva. A relação que se estabelecerá entre o âmbito intra-subjetivo e o intersubjetivo determinará o modo como o sujeito se posicionará diante da realidade (realizando escolhas, por exemplo) a fim de satisfazer suas necessidades.

Especificamente, no que diz respeito ao processo da escolha profissional pelo indivíduo, Bohoslavsky (2007) salienta que esta tem um caráter sobredeterminado e multideterminado, uma vez que tem como pilar a dialética estabelecida entre a dimensão individual (que se refere à estrutura do aparelho psíquico de cada um) e a dimensão social, envolvendo influências do grupo familiar (modo de funcionamento, expectativas, crenças, valores, mitos, representações sobre trabalho, condição socioeconômica, entre outros), dos grupos de pares e, mais amplamente, do contexto econômico, político e social (incluindo a cultura, os princípios éticos e morais vigentes, os meios de comunicação, as políticas públicas, as leis do mercado econômico, as relações do mundo do trabalho). Todos esses fatores de influência atuam possibilitando e, ao mesmo tempo, limitando a liberdade de escolha profissional por parte do homem. Identifica-se, desse modo, que tais fatores mostram-se circunscritos no campo de estudos da OVP, merecendo, portanto, serem compreendidos em suas relações com o homem.

Refletir sobre as influências do contexto social, cultural, político e econômico no processo da escolha da profissão pelo homem, implica a necessidade de se reconhecer que a grande demanda por atendimento em Orientação Vocacional/Profissional tem sido, sobretudo, de adolescentes de Ensino Médio, que apresentam dúvidas quanto à escolha da carreira universitária

sendo que, como já havia se referido criticamente Bohoslavsky (1983b), a maioria é proveniente de famílias com condições socioeconômicas de oferecer oportunidades para seus filhos acessarem o Ensino Superior.

Tendo em conta a referida parcela da população, o ingresso em uma faculdade ou universidade, por meio da aprovação no exame vestibular ao término do Ensino Médio, pressupõe que decisões sejam tomadas por estudantes que apresentam oportunidades e intenções de prosseguir seus estudos. Trata-se de um momento da vida, em que a maioria dessa população encontra-se na fase da adolescência, período de significativas alterações no plano fisiológico e psíquico bem como de papéis sociais. É nesse cenário, palco de intensas mudanças, conflitos, perdas, descobertas, ressignificações e readaptações, característicos da puberdade e do processo do adolescer, que a escolha da profissão representa a primeira grande decisão desse adolescente, simbolizando, conforme Bohoslavsky (2007), mais que a necessidade de definir “o que fazer”, sobretudo, a de “quem ser” e a de “quem não ser”. Para o autor, esse futuro, no qual o jovem precisa projetar-se ao fazer sua escolha, nunca é uma profissão despersonalizada, uma vez que este procura imaginar-se “tal pessoa, com tais atributos, exercendo certa profissão em dado local, em uma determinada época”. Assim, essa decisão sustenta-se nas relações interpessoais desse jovem, as quais lhe servem de modelos de comparação e referência. Na perspectiva de Bohoslavsky (2007, p.33):

O grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental, e é por isso que os valores desse grupo constituem bases significativas na orientação do adolescente, quer a família atue como grupo positivo de referência, quer opere como grupo negativo.

O autor, desse modo, aborda a necessidade dos processos de OVP considerarem as identificações que o jovem mantém em relação ao grupo familiar. Em 1921, no que se refere ao termo identificação, Freud (2006e) em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego*, afirmou que a “identificação é conhecida pela Psicanálise como a mais remota expressão de um laço

emocional com outra pessoa” (FREUD, 2006e, p.115). Assim sendo, entende-se que as primeiras identificações do homem ocorridas em relação aos pais, atuarão como modelos para identificações futuras e novas escolhas de objetos, incluindo a escolha da profissão. Em *As transformações da Puberdade*, o autor, a respeito das novas escolhas de objeto, declarou que o “encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (FREUD, 2006a, p.210).

É imprescindível, todavia, que o campo de conhecimento da OVP reflita sobre os modelos de identificação que os pais têm oferecido aos seus filhos, considerando a realidade da família contemporânea brasileira. Cabe questionar como os adolescentes têm sido preparados na relação dialética com seus pais e grupo familiar para escolherem uma profissão, sonharem e assumirem projetos de futuro e ingressarem, progressivamente, no universo adulto, rumo à independência em relação aos seus pais. Desse modo, esse estudo apresenta uma reflexão sobre a relação entre os pais (foco dessa investigação) e seus filhos adolescentes em processo de escolha profissional, no mundo contemporâneo.

A respeito da importância da família, sobretudo dos pais, nos processos de desenvolvimento do ser humano, incluindo o desenvolvimento vocacional, estudos do campo da OVP apontam que a influência parental no processo de escolha profissional do sujeito há tempos vem sendo considerada como relevante por diferentes modelos teóricos desse domínio do conhecimento. No entanto, segundo Pinto e Soares (2001), não obstante as referências teóricas sobre o assunto datarem da década de 50, só mais recentemente a influência da família no desenvolvimento vocacional dos filhos vem sendo objeto específico de investigação. Assim, apresentar-se-á, tendo por base um extenso levantamento bibliográfico realizado da literatura científica da área, um panorama referente ao que fora abordado pelas principais pesquisas no âmbito das teorias de carreira da OVP, sobre a influência e o papel da família e/ou dos pais, no processo de escolha profissional dos filhos, desde a década de 50, no cenário internacional e nacional.

Cumprir destacar que a maioria dos estudos da área tem se restringido a focalizar intervenções com adolescentes e, nesses processos, a ênfase tem sido maior na percepção que os jovens têm da influência da família, havendo poucos processos de OVP que atuam diretamente com o grupo familiar ou com os pais. É, especificamente, nesse campo de investigação, que se insere o presente estudo que, embasado na Técnica de Grupo Operativo de Enrique Pichon-Rivière, realizou um procedimento de intervenção psicológica com pais de adolescentes em processo de escolha profissional.

Por fim, apresenta-se a justificativa de realização dessa pesquisa, a qual identifica a necessidade da área da OVP, tendo em conta as aceleradas e intensas transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, realizar projetos de intervenção junto aos pais (de adolescentes em processo de escolha profissional), considerando a influência que exercem e a importância do papel que representam na vida de seus filhos, especificamente, em relação ao processo da escolha profissional.

1.1 O adolescente e seus pais na contemporaneidade

[...] *Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu.*²

Referindo-se sobre a importância da família no desenvolvimento do indivíduo, em 1914, Freud (2006d), em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, anunciou que o homem, apesar de ser, em si mesmo, o seu próprio fim, mostra-se unido a uma corrente geracional por um elo de transmissão sendo, ao mesmo tempo, beneficiário e herdeiro da mesma. Winnicott (2005), em 1960, refletindo sobre o processo de amadurecimento do homem, questionou se era possível ao mesmo atingir a maturidade emocional fora do contexto familiar. Segundo o teórico, os cuidados maternos que a mãe oferece ao filho, o qual nasce em profundo estado de desamparo físico e psíquico, tendem a evoluir, em conformidade com o grau de adaptação da criança ao meio, para cuidados proporcionados por ambos os pais, estendendo-se com o passar do tempo, para o interesse de toda família. O autor conclui que apenas seria possível ao homem atingir uma maturidade emocional, na medida em que o contexto familiar oferecesse um caminho satisfatório de transição entre os cuidados dos pais e a vida em sociedade:

Assim, a família contribui de dois modos [...] para a maturidade emocional do indivíduo: de um lado dá-lhe a oportunidade de voltar a ser dependente a qualquer momento; de outro, permite-lhe trocar os pais pela família mais ampla, sair desta em direção ao círculo social imediato e abandonar esta unidade por outras ainda maiores (WINNICOTT, 2005, p.137).

Em contrapartida, convém analisar, na família contemporânea, se os pais têm oferecido a seus filhos a oportunidade de se desenvolverem em direção ao mundo adulto e à vida em sociedade e de que modo esse processo vem ocorrendo. Sem perder de vista o

²Goethe. Em: Fausto, parte I, cena I apud Freud [1913] 2006c.

momento histórico e o contexto sócio-cultural em que Winnicott desenvolveu seus estudos e proferiu suas conferências, o autor chegou a mencionar que na “esmagadora maioria dos casos, o lar e a família existem, permanecem intactos e proporcionam ao indivíduo a oportunidade de desenvolver-se [...]” (WINNICOTT, 2005, p. 132). No entanto, a família moderna (nuclear burguesa), que fora cenário tanto dos estudos pioneiros de Freud e, posteriormente, de outros importantes teóricos com referenciais psicanalíticos, bem como todas as outras instituições que sempre atuaram regulamentando e servindo de modelo para a vida do ser humano, vêm sofrendo profundas e aceleradas mudanças em uma época que, convencionalmente, vem sendo denominada de pós-modernismo. Observa-se, inclusive, que a complexidade da situação logo se apresenta na dificuldade de se nomear o momento presente. Para tal, assim como apontou Wilhelm (2001), é comum apoiar-se em palavras do passado, como pós-industrialização, pós-capitalismo, pós-modernismo, para designar aquilo que ainda não se revela introjetado, enquanto conceito.

Desde a década de 60, a vida doméstica tem sido intensamente afetada por mudanças que incidem nas relações estruturais familiares, mobilizando redefinições do modelo da família nuclear, ou seja, mãe, pai e filhos formando um grupo doméstico, conforme apontou Romanelli (1995). Tais modificações ocorreram em virtude de significativas transformações globais do contexto econômico, social, político e cultural, e que implicaram em alterações nas relações de trabalho, produção e consumo. No Brasil, por exemplo, durante o regime militar houve um aumento da desigualdade na distribuição de renda e queda do poder aquisitivo das famílias, o que acelerou a necessidade da participação da mulher no mercado de trabalho, como forma de aumentar a renda familiar. Ademais, a difusão de movimentos feministas, uma maior liberdade sexual associada aos avanços da Medicina e de estudos no âmbito da Psicologia, bem como o uso banalizado de conceitos da Psicanálise pela sociedade, contribuíram para reavaliações nos padrões de conduta dentro da família e alterações nos vínculos afetivos entre os membros do grupo

familiar, incluindo mudanças nas representações acerca do papel masculino de pai e de marido (ROMANELLI, 1991, 1995, 2003). Este se aproximou mais dos filhos, ao mesmo tempo em que tem perdido o poder da “última palavra” da casa, tão pouco questionada no passado. A mulher, se outrora estava voltada prioritariamente aos cuidados de educação e saúde da família e às relações afetivas dentro do seio familiar, atualmente, na maioria dos casos, trabalha fora e tem permanecido pouco tempo, em casa, com os filhos.

No que diz respeito aos filhos, observa-se que cada vez mais cedo entram em contato com outros espaços de socialização, como creches e pré-escolas, havendo, assim, uma maior proximidade da criança com outros cuidadores e educadores. Há, inclusive, um aumento na procura por profissionais (como psicólogos, pedagogos, orientadores educacionais, professores particulares, entre outros) que possam acompanhar e instrumentar os filhos, o que revela que muitos pais têm delegado a outros, a responsabilidade do papel de favorecer o processo de desenvolvimento daqueles. Assim, crianças e adolescentes pós-modernos permanecem muito tempo fora do ambiente familiar, uma vez que, além da carga horária escolar, os mesmos realizam várias outras atividades (aulas de dança, atividades esportivas, cursos de línguas, redação, informática, entre outros). Moreno (2004) enfocou tal realidade, analisando a intervenção da mídia, sobretudo a televisão e a internet, ocupando excessivamente na vida dos filhos um espaço que cabe aos pais, algo que repercute significativamente no processo da formação da subjetividade daqueles.

O contexto dessas mudanças, que revela uma sociedade inteiramente direcionada para o consumo, tem como protagonista o homem contemporâneo em sua busca narcísica pela liberdade de satisfazer (imediatamente) suas necessidades e desejos a todo custo. Em contrapartida, um dos produtos da sociedade de consumo, como já havia salientado Bauman (1998), é o hiato produzido entre os que apresentam a liberdade de satisfazer seus desejos e aqueles seduzidos pelo mercado, porém impossibilitados de adquirir tais “objetos do desejo”. O autor enfatizou

o quanto a liberdade de escolha na sociedade contemporânea é “[...] o mais essencial entre os fatores de estratificação. Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna” (BAUMAN, 1998, p.118). Inerente a esse tempo de urgência do homem, na procura de satisfazer suas necessidades, estão a incerteza e a insegurança do presente. A desatada autonomia que o indivíduo concedeu ao capital (criando uma “cegueira moral” de competição, as exigências das leis do mercado, o consumismo exacerbado) vêm provocando um despedaçamento das redes de segurança que foram, outrora, socialmente tecidas (como a família, por exemplo), conforme analisou Bauman (1998). Os empregos, os meios de vida, a posição social, nada é garantido ou, ao menos, parece ser. Analogamente, segundo o sociólogo, as relações interpessoais, de modo geral, sofreram alterações significativas em função da lógica de consumo, apregoado pelo modelo de capitalismo vigente. Assim, o outro tem se transformado em fonte potencial de experiências agradáveis o que, pela nova pragmática, não tem possibilidades de gerar laços duradouros (BAUMAN, 1998). Os compromissos tornaram-se efêmeros, fugazes, do mesmo modo como os produtos apresentam curto prazo de validade (já produzidos para durar pouco), afinal logo se tornam defasados e obsoletos quando, então, são trocados por objetos mais novos e com maior “funcionalidade”, o que também se aplica às relações de trabalho e ao mundo das profissões como, por exemplo, o empregado com anos de experiência substituído por um jovem repleto de cursos e especializações, ou mesmo, quando aquele é trocado por uma máquina, mais rápida e eficaz, e com a vantagem de não ser “respaldada” por leis e sindicatos.

As relações familiares não têm escapado a tantas rupturas e transformações de paradigmas. O casamento deixou de ter contornos tão delineados, ser modelo de laço duradouro e união permanente, algo que tem repercutido seriamente na relação com os filhos e na unidade familiar como um todo. Desse modo, as leis do divórcio, o aumento das separações conjugais, como também as novas configurações da família, incluindo as recomposições familiares e as

famílias monoparentais e, mais recentemente, a união de casais homoafetivos, também contribuem para acelerar o processo de transformação da família.

Observa-se que, em uma época onde os limites mostram-se cada vez mais ultrapassados por meio do combustível injetado pelo avanço tecnológico dos meios de comunicação (sobretudo a internet), a família tem se revelado mais permeável ao que vem de fora, aliás, os contornos entre espaço íntimo (família e/ou indivíduo) e domínio público parecem borrados. A intimidade, a esfera privada e, até mesmo, os encontros reais entre as pessoas, têm perdido território para espaços cibernéticos, onde ocorrem múltiplos encontros (ou melhor, conexões) virtuais simultâneos. Essa inconsistência e fluidez das relações humanas que se traduz em uma fragilidade e superficialidade dos vínculos (inclusive, das relações familiares), tem contribuído seriamente para um empobrecimento da vida subjetiva do homem. Na análise de Bonaminio (2007), a verdadeira crise do mundo contemporâneo é justamente o processo de subjetivação que, aliás, configura-se como a fundamental tarefa evolutiva da adolescência, que seria alicerçada, principalmente, por um ambiente familiar favorecedor.

Em conformidade com a realidade atual, o adolescer também já não mais possui linhas tão definidas como já tivera outrora, época repleta de rituais de passagens. Em 1930, Freud (2006f), em *O mal estar na civilização*, tratou a questão dos ritos de puberdade e iniciação como a solução que a sociedade criara para auxiliar o jovem em sua difícil tarefa de separar-se de sua família. Os mitos e os rituais, na opinião de Nosek (2005), oferecem significado e sentido à vida humana, na medida em que cumprem a importante função de ordenar as experiências pessoais e o viver comum, considerando uma elaboração do passado, uma significação do presente e a projeção para um futuro. Em contrapartida, na era das fronteiras diluídas, parece não haver claramente momentos de transição (ou será que só tem existido uma constante transição?). Evidencia-se, por exemplo, uma antecipação da adolescência à infância e, ao mesmo tempo, um prolongamento à idade adulta, estampado tanto pelo modo

como as crianças se vestem e se comportam e pela postura de muitos adultos, deslumbrados com a possibilidade de retardar o envelhecimento (com a milagrosa ajuda de remédios, cosméticos, cirurgias plásticas, exercícios físicos e outros), atuando como eternos adolescentes.

Observam-se, assim, pais alimentados em seu narcisismo, seduzidos por uma cultura midiática que prega a aparência, a potência, o novo, posicionando-se como amigos dos filhos, saindo para as “baladas” com seus adolescentes e, ainda, compartilhando com os mesmos suas experiências amorosas (ou será invadindo-os com sua intimidade?). Identificam-se, desse modo, genitores sem condições de assumir o papel de figura de autoridade e referência para os filhos, evidenciando-se uma confusão de papéis. Cabe então indagar a quem o adolescente pós-moderno irá recorrer, em seu processo de formação da identidade (incluindo o desenvolvimento vocacional), uma vez que os vínculos familiares têm se revelado, cada vez mais, fraternizados.

A respeito das diferenças imprescindíveis para a estruturação do grupo familiar, Pichon-Rivière (1998a) declarou a necessidade da família funcionar segundo as diferenças individuais de seus membros, onde estariam intimamente relacionados os papéis de pai, mãe e filhos. Para o autor, a criança, ao adaptar-se a essas diferenças evidentes:

[...] define e dá sentido ao próprio papel individual, que desempenha na relação com os demais. Através do processo que conduz à definição desse papel para cada indivíduo, seja ele criança ou adulto, ele próprio converte-se numa influência integral que contribui para definir os papéis dos demais indivíduos que integram seu meio social (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, p. 62).

As diferenças de funções possibilitam, do ponto de vista do autor, por meio do princípio da complementaridade dos papéis, que o grupo atue, conforme adquire condições, de modo a resolver suas contradições internas (conflitos, dilemas) e, assim, não permanecer em estado de funcionamento estereotipado. Se as diferenças dentro do grupo forem negadas

ou não atendidas por seus membros, tal situação provocaria um estado de caos no grupo familiar. Considera-se, assim, que as relações familiares na contemporaneidade têm, muitas vezes, negado as diferenças entre seus membros de modo a não haver choque, divergências e conflitos com o outro. É, entretanto, justamente o fato desse outro (pessoa, coisa ou situação) ser diferente, ser estranho, que possibilita o desenvolvimento e o amadurecimento do homem. Reportando-se ao conceito de saúde mental, Pichon-Rivière (1998a) salientou que o sujeito considerado sadio, ao entrar em contato com um objeto (novo e estranho) transforma-o e, também, se modifica. Configura-se então um interjogo dialético, em que a síntese que resolveria essa situação dilemática, torna-se o ponto inicial (já em outro patamar) de uma nova antinomia, a qual também necessita ser resolvida, criando um contínuo processo de aprendizagem, em espiral ascendente. Quando o homem nega ou não atua no sentido de resolver seus conflitos, o mesmo fecha-se em um círculo viciado e estereotipado. Desse modo, na perspectiva do autor, a saúde mental do sujeito constitui esse processo de aprendizagem da realidade, por meio do confronto, do manejo e da solução integradora dos conflitos, com os quais o indivíduo depara-se ao longo da vida, na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Reflete-se, todavia, sobre os conflitos que os adolescentes enfrentam na atualidade. No mundo pós-moderno, assinalou Bauman (1998), onde reina soberana a liberdade individual, os novos “mal-estares da civilização” são frutos da liberdade e não da opressão. O jovem não necessita mais protagonizar histórias que envolvem, por exemplo, “conflitos de geração”, uma vez que o mesmo não tem claramente contra quem se rebelar, já não há sinalização de uma ordem instalada, prevista e reguladora, nem mesmo tem existido um claro delineamento entre as gerações. Também não se revelam muito motivados por desafios, inclusive, muitos não aprenderam, instigados por seus pais e pessoas significativas (e mesmo pela escola), a argumentar, refletir, questionar, ao contrário, mostram-se habituados a se manterem em

posição de expectativa. Assim, assistem aos fatos ocorrerem a sua frente, em velocidade quase instantânea (própria dos meios de comunicação) podendo, em fração de segundos, alcançar o que desejam por meio de um simples *clic* no mouse, no celular, no controle remoto, algo que confirma o poder que a tecnologia realmente tem adquirido de subverter a noção do tempo. Nessa dinâmica, há pouco espaço de tempo para o pensar, afinal não se posterga mais o prazer, o qual pode ser alcançado por meio do *clic*: “seu desejo é, imediatamente, uma ordem”. Existe uma urgência por soluções prontas e mágicas, que venham do mundo externo, de modo a serem absorvidas, como uma sonda que alimenta sem a necessidade do esforço. Com esse funcionamento, não há terreno fértil para o sentir, uma vez que o psiquismo mostrasse excessivamente invadido e entorpecido por estímulos externos fragmentados e simultâneos que vêm de fora. Pensar e sentir implicam em tempo e dor, e o homem não tem demonstrado muitas condições de tolerar o desprazer.

A escola, sobretudo de Ensino Médio, que também poderia atuar no sentido de fomentar o jovem a pensar criticamente, articulando teoria e prática, a fim de posicionar-se diante da realidade, preocupa-se atualmente em instrumentar o aluno para passar no vestibular, em detrimento da tarefa de auxiliá-lo na preparação para o ingresso na vida adulta (SPARTA; GOMES, 2005). Essa postura da escola, só contribui para um pensamento fragmentado por parte do adolescente, que não envolve uma abordagem crítica e ampliada da realidade e, inclusive, da carreira profissional, mas a mera escolha pelo nome de um curso universitário e a aprovação no exame do vestibular. Tal situação tem empobrecido muito a exploração vocacional e o desenvolvimento de projetos profissionais entre os adolescentes, algo que os tem levado, assim como alertaram Bardagi, Lassance, Paradiso (2003), a realizar escolhas imaturas, pautadas em fantasias e em estereótipos de profissões. Desse modo, vale indagar como o adolescente se desenvolverá em direção ao universo adulto, realizando escolhas autênticas e maduras, se responsabilizando pelas mesmas, assim como seria o

processo da escolha profissional, se tal empreendimento envolve a condição adquirida pelo sujeito, na relação dialética com seu meio, de pensar sobre si mesmo e suas relações com o outro e com o futuro. Observa-se que os pais, bem como a sociedade em geral, esperam que o jovem realize uma escolha profissional amadurecida, entretanto, não lhes oferecem ferramentas (ou condições para construí-las) e, muito menos, perspectivas positivas de futuro.

No que diz respeito a esse futuro em que o jovem deveria, teoricamente, projetar-se ao escolher a profissão, assim como apontou Bohoslavsky (2007, p. 56) “[...] o momento da escolha da ocupação ou de estudos é o momento em que o adolescente deve elaborar, antecipadamente, este comportamento. O momento da escolha é um momento de ensaio antecipado deste comportamento futuro”. Como, em contrapartida, o jovem irá sonhar um projeto de futuro, se o próprio tempo presente já se revela instável e inseguro? Os adolescentes têm presenciado pais, familiares e conhecidos perderem empregos que outrora pareciam estáveis; carreiras que se decompõem em tantas outras; profissões que desaparecem engolidas pelo avanço tecnológico; e o mercado de trabalho a exigir profissionais com uma quantidade (que, aliás, nem sempre, se traduzem em qualidade) cada vez maior de cursos, aperfeiçoamentos, domínio de idiomas, especializações, títulos, entre outros.

Todavia, a despeito de toda essa insegurança do presente e imprevisibilidade do futuro, Romanelli (2003), sustentado pela teoria sociológica de Bourdieu³, considera que, de certo modo, a unidade doméstica (independente da configuração familiar), ainda tem sido o grupo de referência, sobretudo por meio dos pais, mais importante na transmissão do chamado *capital cultural* a fim de orientar os filhos para a aquisição de *capital escolar*. Assim, tendo em conta os investimentos familiares em seus filhos, observa-se que os pais aspiram a que os

³ A teoria sociológica de Bourdieu, que compreende o homem como ator social em um campo determinado, aponta que cada indivíduo possui uma bagagem socialmente herdada, a qual inclui componentes objetivos e externos ao sujeito, como: *capital econômico* que se refere aos bens e serviços a que dá acesso; *capital social*, relativo aos relacionamentos sociais que a família mantém; *capital cultural objetivado* que existe na forma de bens culturais, e o *capital cultural institucionalizado*, composto por títulos escolares e diplomas. Já o *capital cultural incorporado* envolve componentes subjetivos transmitidos pelos pais, ao longo do processo de socialização, e que passam a fazer parte da subjetividade dos filhos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

mesmos correspondam à imagem (produto de suas próprias expectativas e desejos) que projetaram nestes, propondo muitas vezes, inconscientemente, que alcancem determinados objetivos, parte de um projeto familiar, principalmente dos pais, assim como assinalou Soares-Luchiari (2004b).

Permeando o processo da escolha profissional por parte dos adolescentes, evidencia-se, assim, uma situação paradoxal. Se os pais, em acordo com suas próprias expectativas e demandas buscam realizar investimentos em seus filhos e impõem-lhes metas, cobradas conscientemente ou inconscientemente, por outro lado, observa-se que as relações estabelecidas entre pais e filhos na pós-modernidade, têm contribuído para prolongar a adolescência dos mesmos, postergando a entrada no universo adulto. Identifica-se que a ambivalência dessa situação reflete o quanto os pais (filhos da família moderna) revelam-se muitas vezes desnorteados, inclusive quanto ao papel que devem exercer junto aos filhos, representando em várias situações posicionamentos dúbios em virtude das significativas mudanças de paradigmas que vêm ocorrendo na pós-modernidade, como a ruína de valores, ideais e padrões de conduta de outrora. Considera-se atual, desse modo, a seguinte reflexão de Pichon-Rivière e Quiroga (1998, p.19):

Uma sociedade estável permite ao indivíduo reconhecer-se através de uma série de funções fixas, que funcionam como espelhos, dando-lhe um rosto. Mas hoje, esses espelhos, como os de um sinistro parque de diversões, devolvem uma imagem distorcida e irreconhecível. A confusão de papéis sociais, que toca tanto o homem como a mulher, a incerteza acerca de um destino imprevisível, desembocam numa situação crítica e angustiante que exige ser esclarecida.

Reitera-se, assim, que o campo da Orientação Vocacional/Profissional, considerando tais transformações na sociedade humana, reconheça a necessidade de estudos que envolvam a influência da família no desenvolvimento vocacional de seus filhos, bem como a importância significativa do papel e posicionamento dos pais junto aos seus adolescentes, nesse processo.

1.2 Orientação Vocacional/Profissional e Família: uma revisão da literatura

Defrontar-se com o objeto estético ou do conhecimento configura sempre uma situação triangular, que caracterizamos com bicorporal ou tripessoal. É um drama que tem por protagonistas o pesquisador, o objeto e por terceiro termo, o medo do pesquisador ou do criador de ficar capturado no objeto.⁴

Os estudos e publicações reunidos nesta seção focalizam como a influência da família e dos pais no desenvolvimento vocacional dos filhos vem sendo abordada no âmbito das diversas teorias de carreira que embasam práticas e pesquisas no domínio da Orientação Vocacional/Profissional, desde a década de 50, no cenário internacional e nacional. Para a realização do levantamento bibliográfico, foram consultadas, principalmente, as bases de dados: ScienceDirect, Web of Science, PsycINFO, Medline, Lilacs, Index Psi, Scielo, Portal Capes (Banco de Teses).

1.2.1 Cenário Internacional

Datam da década de 50 os primeiros estudos do campo da Orientação Vocacional/Profissional que consideraram a influência da família e o papel dos pais no processo da escolha profissional dos filhos. Dentre tais investigações, destacam-se pesquisas desenvolvidas por Roe (1957, 1959), com referencial psicodinâmico, que relacionavam o comportamento vocacional do homem as suas experiências precoces da infância, salientando a importância das práticas educativas familiares como modelos de satisfação e frustração, os quais se impõem à criança, determinando a força de suas necessidades. Roe (1957, 1959) emprestou de Maslow o conceito de “necessidades inferiores” (segurança e conforto) e “necessidades superiores” (autonomia e afirmação) para compreender como tais necessidades

⁴Pichon-Rivière e Quiroga. Em: Psicologia da vida cotidiana, 1998.

influenciavam diretamente o desenvolvimento da personalidade do sujeito, incluindo o seu desenvolvimento vocacional e o processo da escolha da profissão. No entanto, a autora não conseguiu definir de que modo as primeiras experiências precoces da criança convertiam-se em motivadores inconscientes que culminariam com a escolha profissional futura. Segundo Brown (1997 apud GUICHARD; HUTEAU, 2001) muitos autores do campo da Orientação Vocacional/Profissional consideram que a Teoria de Anne Roe foi insuficientemente explorada na época, fomentando poucos estudos empíricos.

Na década de 70, em conformidade com o modelo psicanalítico, Bohoslavsky (2007), em sua obra *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*, retomou a questão da importância de relações gratificadoras e frustradoras da criança com a família, traduzindo-se em identificações conscientes ou inconscientes que influenciariam relações futuramente estabelecidas. No entendimento do autor, a família enquanto um modelo com conceitos próprios, com uma determinada dinâmica de relações e funcionamento, com expectativas e mitos, teria também grande participação no desenvolvimento vocacional dos filhos. Desse modo, Bohoslavsky (2007) destacou a necessidade dos processos de Orientação Vocacional/Profissional considerarem tanto a percepção valorativa que o grupo familiar teria das ocupações, como a problemática vocacional de seus membros, uma vez que as satisfações ou insatisfações dos pais e até de outros familiares significativos atuavam, influenciando os filhos desde a infância, uma vez que aqueles eram figuras de identificação e referência para os mais jovens. Abordou ainda, o autor, o peso das expectativas da família, principalmente dos pais, sobre o jovem em relação à escolha da profissão e o quanto tal escolha teria a função, inconsciente, de representar um papel de reparação de todo o grupo familiar. Segundo essa teoria vocacional, somente quando o jovem conseguisse integrar todas as suas identificações, escolhendo com autonomia em relação aos motivos originais, de modo que tais identificações perdessem seu caráter defensivo e, originalmente, protetor, é que se poderia dizer que o

mesmo adquiriu a chamada *identidade ocupacional*. Cumpre destacar que o referencial teórico-metodológico de Rodolfo Bohoslavsky constitui um dos pilares que sustenta a presente investigação.

O modelo desenvolvimentista de Super (1953, 1980), ao compreender a escolha profissional como um processo que se estabelece ao longo da vida, entendendo o desenvolvimento vocacional como concomitante ao desenvolvimento pessoal, também abriu espaço para um olhar sobre a influência da família e, mais especificamente, dos pais. Estes, segundo o autor, oferecem aos filhos não apenas recursos e oportunidades, mas valores e experiências, servindo como modelos de papéis a serem desempenhados. Algumas pesquisas foram desenvolvidas tendo por base este referencial, segundo Taveira (2000), focando-se nas relações interpessoais da família, envolvendo não só questões como a indecisão profissional (EIGEN; HARTMAN; HARTMAN, 1987; LOPEZ; ANDREWS, 1987; KINNER; BRIGMAN; NOBLE, 1990 apud TAVEIRA, 2000), como também temas relacionados à aquisição da identidade vocacional pelo sujeito (LOPEZ, 1989). Contudo, em termos gerais, tais estudos ainda não ofereciam dados conclusivos a respeito de como se correlacionavam o desenvolvimento vocacional do indivíduo e os fatores envolvidos nas relações familiares. Linda Gottfredson, também pautada na fundamentação desenvolvimentista (GOTTFREDSON, 1996 apud GUICHARD; HUTEAU, 2001) ampliou a investigação da influência familiar, ao considerar que a escolha por uma carreira configurava-se permeada por representações sociais das profissões, algo que começava a ser construído no seio familiar. Por sua vez, o estudo realizado por Trusty (1996) aproximou-se ainda mais da questão, constando uma influência mais direta dos pais no processo de escolha vocacional dos filhos, ao verificar que o envolvimento positivo dos pais durante o desenvolvimento de carreira dos jovens mostrava-se favorecedor de comportamentos construtivos e percepções positivas de futuro. O autor apontou que, por outro lado, quando a influência dos pais era sentida como

negativa pelos filhos, tal percepção, em vários casos, correlacionava-se com problemas de comportamento e uso de drogas pelos jovens.

Merecem também destaque investigações que vêm sendo desenvolvidas em Portugal desde 1994 por Pinto e Soares, focalizando a influência parental no desenvolvimento de carreira dos filhos. As autoras observaram que os pais portugueses reconhecem-se como agentes importantes no desenvolvimento vocacional de seus filhos, ensaiando diálogos e oportunizando atividades com a finalidade de auxiliá-los quanto ao seu processo de escolha profissional. A partir de resultados desses estudos e embasadas no papel que os pais exercem no desenvolvimento vocacional dos filhos, as pesquisadoras coordenam intervenções com pais de adolescentes, ancoradas em três eixos temáticos: a comunicação que os pais estabelecem com os filhos, as atividades colocadas em prática pelos pais com os filhos e as expectativas dos pais em relação ao futuro dos filhos. Estas pesquisas têm revelado a necessidade do envolvimento dos pais nas práticas de Orientação Vocacional/Profissional, através da experimentação de metodologias de intervenção junto aos mesmos (PINTO; SOARES, 2001, 2002, 2004). Convém destacar que tais estudos portugueses constituem bases importantes que subsidiaram a intervenção psicológica realizada com pais (de adolescentes em processo de escolha profissional) referente à presente investigação, algo que será detalhadamente esclarecido posteriormente.

O modelo desenvolvimentista-contextualista, com destaque para estudos de Vondracek, focaliza o desenvolvimento como algo a ser construído continuamente entre indivíduo e meio. Ambos são compreendidos em constante interação dinâmica, sendo as relações estabelecidas mais importantes do que os próprios elementos que a constituem (VONDRACEK; SCHULENBERG; CROUTER, 1984). Por meio dessa perspectiva, o meio familiar é considerado como um “microsistema” do sujeito (termo no qual Vondracek embasa-se da teoria de Bronfenbrenner) e, desta forma, influencia diretamente suas

expectativas, desejos e aspirações. Pautando-se também no referido modelo, a investigação realizada por Kracke (1997) revelou que a relação de proximidade entre pais e filhos, bem como o apoio e o comportamento dos genitores em direção à exploração vocacional dos jovens, teriam influência direta em uma exploração mais intensa por parte destes, no período da escolha da carreira. Whiston e Keller (2004) também com base na fundamentação desenvolvimentista-contextualista, publicaram interessante estudo de revisão e análise a respeito das influências da família de origem no desenvolvimento de carreira do indivíduo, abordando como os grupos familiares podem tornar-se uma influência positiva, no sentido de facilitar o desenvolvimento de carreira dos filhos. Pesquisa recente, que também merece destaque, foi desenvolvida por Nascimento (2007) que considerou o investimento dos pais no papel parental e no papel de trabalhador convertendo-se em uma referência significativa para os filhos, no que se refere à orientação destes em relação a tais papéis.

Modelos cognitivistas-comportamentais (KRUMBOLTZ, 1996 apud PINTO; SOARES, 2001) sustentados pela Teoria da Aprendizagem Social também passaram a considerar a influência do contexto familiar, entendida como base importante de modelo nos processos das aprendizagens dos filhos. Em contrapartida, essa visão de contexto familiar, limita-se à soma de fatores que influenciam o desenvolvimento do sujeito sem, no entanto, aprofundar a compreensão existente na relação entre esses fatores. A Teoria Sócio-Cognitiva da Carreira proposta por Lent, Brown e Hackett (1996 apud GUICHARD; HUTEAU, 2001) propôs que o modo como o indivíduo relaciona-se com uma tarefa é fruto de como vivenciou suas experiências anteriores. Por meio de tal perspectiva, Bandura et al. (2001) avaliaram o impacto de crenças de auto-eficácia dos pais sobre seus filhos. Para essa teoria, o papel da família é entendido como ligado à aquisição de sentimentos de auto-eficácia, percepção de futuro e às expectativas de soluções de problemas (HARGROVE; CREAGH; BURGESS, 2002).

O modelo sistêmico, buscando entender a influência parental no processo da escolha profissional sob uma ótica que analisa toda a dinâmica das relações familiares, em suas considerações, pauta-se em conceitos como *apego* parental e *separação psicológica* da Teoria do Attachment de Bowlby, englobando ainda a compreensão de desenvolvimento da identidade, formulado por Erikson. Tal abordagem é sustentáculo de estudos realizados por Blustein et al. (1991), merecendo também destaque as pesquisas de O'Brien (1996) e O'Brien et al. (2000) que assinalaram a importância da influência da separação psicológica e do apego parental no desenvolvimento de mulheres adolescentes. Por esta perspectiva, Santos e Coimbra (2000) observaram correlações entre a dificuldade de separação psicológica dos filhos em relação aos pais e a indecisão de carreira por parte dos jovens. Scott e Church (2001), por sua vez, analisaram os efeitos do divórcio parental na indecisão de carreira dos adolescentes. Vignoli et al. (2005) relacionaram a ansiedade, o apego e o estilo parental com a exploração de carreira pelos adolescentes.

Destacam-se ainda, estudos coordenados por Young, que citam o “comportamento intencional” de carreira, sendo esta construída socialmente, isto é, conjuntamente entre pais e filhos, por meio de processos direcionados ao alcance de objetivos. Dentre tais pesquisas, Young, Friesen e Borycki (1994) analisaram a influência parental no desenvolvimento de carreira através de estruturas narrativas que foram produzidas por adolescentes. Outra publicação importante de Young et al. (2001) trataram sobre conversas, entre pais e filhos, que seriam relevantes sobre carreira, e outras ações dentro do projeto familiar que contribuiriam para o desenvolvimento de carreira em adolescentes. Em investigação mais recente, Young et al. (2006) estudaram as relações, a comunicação e os projetos de carreira de pais e filhos, entre famílias consideradas mais “ativas” e que propunham desafios aos filhos e aquelas menos “ativas”.

1.2.2 Cenário Nacional

No cenário brasileiro, pesquisas que abordam a influência familiar e o papel dos pais no processo de escolha profissional dos filhos também foram realizadas, embora mais recentemente. Também se destacam publicações de livros e capítulos de livros considerados importantes em relação ao assunto.

Na perspectiva psicanalítica, a pesquisa realizada por Pompermayer (1999) através de autobiografias realizadas por adolescentes em Orientação Vocacional/Profissional, relacionou o processo da escolha da profissão com o luto que os filhos devem realizar em relação às imagens parentais infantis. A autora observou tanto a decepção que os adolescentes sentem pela desestabilização das figuras parentais que antes eram idealizadas, como a importância desse mesmo processo para que os filhos realizem investimentos futuros como, por exemplo, a escolha de uma profissão.

Refletindo sobre aspectos psicodinâmicos da escolha profissional, bem como focalizando a importância da participação da família no processo de Orientação Vocacional/Profissional, Dias (1995) apontou que os pais mostram-se muito ansiosos nesse momento, uma vez que revivem seus próprios dilemas quanto à escolha da carreira e, dependendo da maneira como lidaram com tais questões, oferecerão ou não continência às ansiedades dos filhos, em processo de escolha profissional.

Na mesma perspectiva psicodinâmica, Levenfus (2004a), em 1997, na obra *Psicodinâmica da escolha profissional*, reuniu relevantes contribuições de um grupo de profissionais que abordam a complexidade do processo da escolha da carreira pelo sujeito, incluindo as influências do grupo familiar e dos projetos dos pais para os filhos sobre o processo da escolha profissional destes. Faz-se também referência à dissertação da mesma autora, Levenfus (2001), que realizou grupos de Orientação Vocacional com jovens, a fim de analisar os efeitos do

luto por morte parental, da separação conjugal e, também, da ansiedade de separação pais-filhos, no momento da escolha da profissão por parte dos adolescentes. Resultados desse estudo, que foram publicados em *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (LEVENFUS; SOARES, 2002), revelaram que os jovens com perda parental apresentavam vários fatores e, mesmo, co-morbidades que os remetiam à perda da figura de referência e que necessitavam ser elaborados para que lhes fosse possível, genuinamente, investir psicologicamente no processo da escolha profissional (LEVENFUS; NUNES, 2002c). A respeito das influências da separação conjugal sobre os filhos, Levenfus e Nunes (2002b) destacaram as mudanças que a família vem sofrendo na atualidade e o quanto tais transformações implicam em repercussões no processo da escolha profissional dos jovens, uma vez que a “saída” de um membro significativo do grupo familiar e, inclusive, a “entrada” de novos, repercutem nos processos identificatórios dos filhos, considerando que as identificações com figuras de referências constituem bases importantes para as escolhas vocacionais dos mesmos. Na terceira parte da investigação no que concerne aos dados obtidos, por Levenfus e Nunes (2002d), sobre as influências da ansiedade de separação pais-filhos no momento da escolha profissional dos jovens, as autoras observaram que estes, que apresentavam dificuldades de resolução do segundo *processo de separação-individuação*⁵ (segundo a conceituação de Margaret Mahler), ao falarem, durante o processo de Orientação Vocacional, sobre as influências em suas escolhas, apenas se remetiam aos seus pais, não citando outras figuras como outros parentes, professores, amigos, namorados. Ademais, tais jovens que revelavam muita indecisão e confusão quanto à escolha profissional, denunciavam dificuldades para discriminarem e diferenciarem tanto os seus próprios aspectos internos quanto as profissões entre si e, mesmo, para se lançarem em buscas e explorações por informações sobre as carreiras.

⁵ O termo *separação-individuação*, criado por Margaret Mahler designa um processo intrapsíquico, sendo a separação “a emergência da criança para fora da fusão simbiótica com a mãe, e a individuação é a aceitação, pela criança, de suas próprias características individuais” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.484). Tal processo, vivido inicialmente na infância, ocorre em um segundo momento durante a adolescência, constituindo-se a condição para o jovem atingir um estado de emancipação e autonomia (LEVENFUS; NUNES, 2002d).

Lima e Ramos (2002), também com perspectiva psicodinâmica, tratam, no contexto do atendimento clínico individual, sobre a importância da inserção de pais nos processos de Orientação Vocacional/Profissional, de modo a compreenderem, tanto pais como filhos, seus papéis no processo da escolha da profissão pelo jovem. As autoras defendem que os genitores devem se pronunciar a respeito do que desejam para seus filhos e, do mesmo modo, escutá-los, considerando as dificuldades, inseguranças e dúvidas dos mesmos, uma vez que desse modo os pais podem entrar em contato com a complexidade de fatores envolvidos no processo de escolha profissional e que necessitam ser compreendidos.

Pautando-se em uma abordagem psicossocial, Silva (1996), analisou as manifestações expressas pelo grupo familiar, no período que antecedia a escolha profissional do jovem, e constatou que as famílias, em geral, valem-se de estratégias, conscientemente ou não, para manter ou melhorar sua posição na estrutura de classes. A autora identificou ainda que, no processo de escolha profissional do jovem, são reatualizadas escolhas passadas dos pais, trazendo à tona possíveis problemáticas não elaboradas pelos mesmos.

Com base da perspectiva sociológica, Whitaker (1997) amplia o foco da Orientação Vocacional/Profissional para reflexão sobre as frustrações profissionais dos pais e como se processam as implicações de tais frustrações na escolha da carreira dos filhos. A autora destaca:

As influências familiares são poderosas na definição da carreira pelos jovens. Podem se manifestar abertamente, o que é cada vez mais raro, uma vez que os pais estão alertados por um certo “psicologismo” que atravessa cada vez mais as camadas médias da sociedade industrial. [...]. Enquanto rareiam tais pressões abertas, as famílias vão aperfeiçoando métodos mais sutis de influenciar seus pimpolhos, através de uma certa sugestão social, carregada de mensagens subliminares que caem no inconsciente e, contra as quais, não há como se defender (WHITAKER, 1997, p. 54.).

Mais recentemente, Fiamengue e Whitaker (2003) salientam o papel crucial da mãe, no momento em que o adolescente pensa sobre sua escolha profissional, evidenciando-se correlações entre a profissionalização da mãe e as escolhas de mais prestígio pelos filhos, no momento do vestibular. Esse papel, entretanto, é repleto de nuances e contradições, assim como observaram as autoras.

A percepção dos adolescentes quanto ao papel da família na escolha profissional também foi abordada em estudo realizado por Santos (2005). A autora notou que os sentimentos despertados nos adolescentes pela família são muitas vezes contraditórios e ambivalentes, demonstrando que a mesma tem influência em relação a um projeto de vida e, inclusive, do ponto de vista prático, como a ajuda financeira. Nessa linha, partindo da hipótese de que cada adolescente tem um projeto pessoal e profissional que lhe é destinado pela família, Ribeiro (2005) relacionou a construção do projeto profissional familiar com a evasão universitária de jovens. Os resultados indicaram que o projeto profissional sócio-familiar poderia ser um dos elementos determinantes associados à evasão universitária. Os sujeitos, contudo, não revelaram entrar em contato com tal associação de modo consciente, atribuindo à evasão explicações mais objetivas e aceitáveis para si próprios, como: a dificuldade financeira familiar, a formação básica deficitária e a realidade social do desemprego.

Segundo o modelo sócio-cognitivo comportamental, Martins (1995) analisou os fatores familiares, como o estilo parental (autoritário, autoritativo, indulgente e negligente), influenciando o processo de escolha profissional e a percepção de pais e filhos sobre o processo. Nessa mesma perspectiva, Bardagi (2002), também tendo por base a teoria Tipológica de Baumrind sobre os padrões de interação familiar, abordou a influência dos estilos parentais sobre o bem-estar psicológico dos adolescentes, enfatizando a importância da saúde emocional e da interação familiar nos processos de Orientação Vocacional/Profissional.

Pautando-se no modelo sistêmico, merece menção a dissertação de Destri (1996) que, focada no aspecto socioafetivo, buscou relacionar o processo da escolha profissional com o processo de individuação do adolescente. Os resultados revelaram a predominância de uma ideologia individualista nos adolescentes. Estes referiram que os pais não deveriam ter participação alguma na escolha ou, então, que tal influência deveria ser, apenas, de apoio, no sentido de aceitação de suas escolhas. A autora reflete o quanto, na realidade, os filhos desejavam não serem questionados naquele momento de insegurança frente a decisões tão importantes que deveriam tomar quanto a escolha profissional, sobretudo, quando se tratava do posicionamento das figuras parentais significativas. Filomeno (1997), também ancorada na abordagem sistêmica, abordou os conflitos, dificuldades, angústias, medos e pressões que permeiam o processo da escolha profissional, analisando como os mitos e crenças familiares influenciam nessa dinâmica. A autora salienta que o indivíduo deve ser encarado, pela Orientação Vocacional/Profissional, como integrado a um contexto maior, repleto de inter-relações. Assinala que, em uma escolha profissional, estão embutidas regras, mitos familiares, o papel que o jovem exerce na família, expectativas atribuídas a ele, e o quanto é necessário que o adolescente não apenas se conheça, mas que compreenda todos os elementos que permeiam esse processo.

Destaca-se também a dissertação de Oliveira (2000, 2005) que trata sobre os sentimentos das mães, frente ao processo de separação/individuação dos filhos, simbolizados pela situação do vestibular. São analisados os possíveis efeitos que esses sentimentos maternos têm na escolha profissional dos adolescentes. A autora aponta o quanto os pais têm se mostrado inseguros frente ao momento de escolha da carreira pelos filhos e que toda essa ansiedade despertada nos genitores repercute, de algum modo, na decisão dos adolescentes. Quando o jovem caminha em direção a sua autonomia, muitos pais sentem perder sua função e sofrem, ao sentir que não possuem mais o controle sobre o filho. Contribui a autora:

A capacidade do jovem de se autonomizar reside, não só na possibilidade dos pais tolerarem ou encorajarem a separação psicológica dos filhos, estimulando comportamentos de exploração, mas também na qualidade emocional do vínculo que liga pais e filhos adolescentes e na possibilidade de os genitores se oferecerem como modelos identificatórios adequados (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

Soares-Lucchiari (2004a) abordou a respeito dos papéis que a família distribui aos filhos e o quanto estes, muitas vezes, atuam como depositários das aspirações dos pais. Os mecanismos psicológicos utilizados pelos jovens para lidarem com os sonhos de sua família e de seus pais, também foram tratados pela mesma autora (SOARES-LUCCHIARI, 2004b), que conclui sobre a necessidade da Orientação Vocacional/Profissional (OVP) compreender os mecanismos inconscientes implicados na problemática vocacional, pois só desse modo é possível ao jovem realizar uma escolha menos conflituosa e integrada às suas condições psíquicas. Em outro trabalho, Soares (2002) destaca a importância da inclusão de pais nos processos de OVP, enfatizando que apenas o trabalho com o jovem não é suficiente para ajudá-lo a lidar com pressões familiares. Segundo a autora, certos pais tendem a agir de modo oposto ao que foram tratados em seu próprio momento de escolha da profissão. Assim, com receio de influenciarem o filho, acabam por deixar o jovem ainda mais inseguro e, nesse sentido, a indecisão profissional pode ser reflexo da busca do adolescente pela “atenção” dos pais. Nessa direção, Soares e Oliveira (2005) apresentaram um modo para se trabalhar o tema da escolha profissional através da realização de um processo de OVP intensivo com jovens, que envolveu, inclusive, a participação de pais e familiares.

Pode-se constatar assim, com o panorama realizado sobre os estudos no âmbito da Orientação Vocacional/Profissional, que independentemente do referencial teórico, cada vez mais é considerada a necessidade de analisar o papel da família e dos pais no desenvolvimento vocacional dos filhos e as relações existentes no grupo familiar que permeiam o processo da escolha profissional dos jovens. Portanto, observa-se uma evolução

nas pesquisas na tentativa de ampliar a compreensão sobre o processo de desenvolvimento vocacional do sujeito. Existem, no entanto, poucos estudos da área da Orientação Vocacional/Profissional que se propõem a realizar e analisar intervenções diretas com os pais de adolescentes em processo de escolha da profissão. Observa-se, como já fora mencionado, que a maioria dos estudos da área restringe-se a focalizar intervenções com adolescentes e, nesses processos, a ênfase tem sido sobre a percepção que os jovens têm da influência da família ou dos pais na escolha profissional.

1.3 Justificativa

A presente investigação ancora-se, principalmente, em estudos preliminares que vêm sendo realizados, desde 2003, no Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) por Almeida (2003), Almeida e Melo-Silva (2006), Loosli (2003), Duarte et al (2005), Melo-Silva, Silva e Venturini (2005) que evidenciam a importância do tema da influência da família, sobretudo o papel dos pais no processo de escolha profissional dos filhos. Os referidos estudos assinalam a necessidade de se realizarem projetos de intervenção direta com os pais de adolescentes em processo de escolha da profissão, nos domínios da Orientação Vocacional/Profissional.

A pesquisa realizada por Almeida (2003) que analisou o serviço de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) prestado pelo SOP nos anos de 1994 a 2000, na perspectiva dos adolescentes que foram atendidos nesse período, revelou que a maioria dos jovens considerava o tema que se referia à “influência da família” um assunto muito importante de ser abordado no processo da escolha da profissão, nos atendimentos de OVP prestados pelo

referido serviço (ALMEIDA, 2003; ALMEIDA; MELO-SILVA, 2006). A pesquisa de Loosli (2003) por sua vez, circunscrita nesse mesmo campo de investigação, no mesmo período, analisou o atendimento de OVP oferecido, segundo a perspectiva dos pais daqueles mesmos adolescentes. Esse estudo concluiu que os pais, de modo geral, apresentavam dificuldades para dialogar com seus filhos, principalmente em relação ao processo de escolha profissional destes. Muitos apontaram que se sentiam “perdidos”, sem saber como agir frente às dificuldades de escolha dos filhos. Observou-se que, ao mesmo tempo em que esses pais manifestavam o desejo de ajudá-los, apontaram não saber “como fazer”, temendo influenciá-los negativamente, denunciando confusões que mantinham quanto ao papel que deveriam exercer junto aos filhos. Os pais declararam ainda, que na época do processo de OVP de seus filhos, sentiram falta de uma maior comunicação com a equipe de atendimento, para serem instrumentados de forma a auxiliar os jovens naquele momento da escolha profissional. Com base nos resultados deste estudo, o SOP passou a desenvolver reuniões semestrais, coordenadas pela docente responsável pelo serviço, com pais de adolescentes em atendimento, com fins de esclarecimento sobre o processo de OVP. Em tais reuniões, os pais freqüentemente revelavam dúvidas, confusões quanto à postura que deveriam ter junto aos filhos, receios e grandes expectativas em relação ao futuro dos jovens, em processo de escolha profissional. Tornava-se mais evidente, a cada reunião, a necessidade dos pais compreenderem mais sobre a problemática da escolha profissional de seu filho(a) e sobre o momento que vivenciavam com os mesmos, incluindo, o papel que deveriam desempenhar, como pais.

Duarte et al. (2005) investigaram, no contexto da referida reunião, as expectativas das mães com relação: ao processo de Orientação Vocacional/Profissional; à escolha da carreira dos filhos; e suas percepções acerca da influência da família na escolha de seus filhos. As conclusões dessa análise enfatizaram o quanto as expectativas e as influências dos pais,

explícitas ou implícitas, na escolha profissional dos filhos, era uma realidade que necessitava ser considerada pelo campo de estudos da OVP, compreendendo a família como parte atuante no processo da escolha profissional dos filhos. A investigação salientou, ainda, a importância dos processos de OVP realizarem intervenções com os pais, oferecendo-lhes espaços de acolhimento e de reflexão sobre a questão da escolha da profissão demarcar a entrada social dos adolescentes no mundo adulto, cabendo aos pais o importante papel de incentivá-los e instigá-los nesse processo de desenvolvimento, rumo à independência (DUARTE et al., 2005). Outra investigação realizada no SOP por Melo-Silva, Silva e Venturini (2005) observou sérias lacunas existentes na comunicação entre pais e filhos, no momento em que os jovens vivenciavam o processo da escolha profissional. Os dados revelaram que, quando existia a possibilidade de comunicação e compreensão dos sentimentos de ambas as partes, e um maior posicionamento dos genitores em relação aos filhos adolescentes, havia maiores possibilidades do jovem enfrentar, com mais tranquilidade e segurança, tal período de sua vida.

Considera-se, desse modo, que abordar a questão da influência e do papel dos pais no processo da escolha profissional dos filhos transcende tratar o assunto com o adolescente. É necessário que os serviços de OVP, valendo-se dos estudos já desenvolvidos da área sobre o tema e tendo em conta as aceleradas e significativas mudanças que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, e conseqüentemente, nas relações familiares, também realizem projetos de intervenção direta com os pais dos adolescentes que procuram atendimento. Um processo de intervenção com pais poderia contribuir para a produção do conhecimento acerca da qualidade emocional do vínculo entre pais e filhos, em especial nesse momento e gerar condições possivelmente facilitadoras do processo da escolha da carreira e do desenvolvimento do jovem em direção ao mundo adulto. Savickas (1995) analisa que o distanciamento que muitas vezes ocorre entre a teoria e a prática no domínio da Orientação

Vocacional/Profissional é sempre tema de muitas discussões e questionamentos. Assim sendo, linhas investigativas articulando teoria e intervenção, sob diferentes perspectivas, mostram-se extremamente relevantes.

O presente estudo, desse modo, através da realização de uma intervenção psicológica com um grupo de pais, buscou proporcionar, aos pais-participantes, um ambiente apropriado de expressão de idéias e sentimentos despertados na vivência com seus filhos adolescentes, em processo de escolha da profissão. A hipótese era que um processo de intervenção tendo por embasamento, a Técnica de Grupo Operativo, poderia proporcionar que os participantes, por meio do confronto entre a situação conhecida *versus* o desconhecido possibilitado pela situação grupal, entrassem em contato com situações implícitas (sentimentos, idéias, posicionamentos) e protagonizassem operativamente reflexões relativas à complexidade que envolve: o processo da escolha profissional por parte de seus filhos e o papel que desempenham, como pais, nesse processo. Considerou-se que tal vivência em grupo poderia contribuir para uma influência favorável na qualidade do vínculo entre pais e filhos e, indiretamente, no processo de escolha profissional dos jovens.

Assim sendo, esta investigação visa a sistematização de dados obtidos por um procedimento de intervenção com pais de filhos em processo de escolha profissional, objetivando contribuir com a produção do conhecimento neste domínio.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

- (1) Analisar um procedimento de intervenção psicológica realizado com um grupo de pais, cujos filhos se encontravam em processo de escolha profissional.

2.2 Objetivo específico

- (1) Investigar as percepções dos pais em relação ao processo de escolha profissional de seus filhos e ao papel que desempenham nesse processo, por meio de quatro eixos temáticos: expectativas dos pais, fatores que influenciam a escolha da profissão, comunicação entre pais e filhos e atividades (que os pais realizam com os filhos ou meios que disponibilizam, de modo a ajudá-los em seu processo de escolha profissional).
- (2) Analisar o Grupo de Orientação de Pais, em função da dinâmica grupal, por meio do Grupo Operativo.

3 MÉTODO

[...] sujeito produzido e emergente, portanto, determinado, mas ao mesmo tempo, produtor, ator, protagonista.⁶

3.1 Referencial teórico-metodológico

O presente estudo tem como eixo principal de fundamentação teórico-metodológica a Teoria Operativa de Enrique Pichon-Rivière. Pauta-se, também, em referenciais psicanalíticos, como as contribuições do psicanalista argentino Rodolfo Bohoslavsky. Este referencial sustenta-se em influências da Escola Psicanalítica Inglesa, na Psicologia do Ego de Hartmann e em aspectos psicossociais e históricos que permeiam a escolha vocacional. Segundo Bohoslavsky (2007, p. XIX), refletir sobre o vocacional:

[...] nos impõe uma leitura interpretativa, que nos permita compreender o caráter sobredeterminado e multideterminado da escolha. A estrutura do aparelho psíquico, por um lado, e a estrutura social, por outro, que se expressam através da dialética de desejos, identificações e demandas sociais (que a família, a escola e os meios de comunicação de massa veiculam), não poderão deixar de ser objeto de nossa consideração. A pessoa que decide, suporta e transporta ambas as classes de determinações, fazendo com que o “individual” e o “social” se expressem simultaneamente, tanto em dúvidas ou obstáculos das tomadas de decisões, como nas soluções a que finalmente se alcance.

Em reformulação da estratégia clínica em Orientação Vocacional, Bohoslavsky (1983b) propôs, em seu segundo livro, que a construção de modelos na área considerasse criticamente a articulação entre o sistema social imposto ao sujeito e, também, como esse mesmo sujeito sustenta, transmite e, dialeticamente, transforma tal sistema. Por esta ótica, a

⁶ Pichon-Rivière e Quiroga. Em: Psicologia da vida cotidiana, 1998.

Orientação Vocacional abrangeria uma visão mais ampla, refletindo sobre um “mundo adulto transformador, político e socialmente comprometido” (BOHOSLAVSK, 1983a, p.74). O autor defendia a necessidade de que os profissionais psicólogos, com práticas na referida área, favorecessem que seus jovens orientados não sustentassem suas identidades profissionais em uma negação do contexto histórico social, incluindo os mecanismos ideológicos identificados com estes. Tal postura crítica da Orientação Vocacional faria da mesma, na concepção do Bohoslavsky (1983a), não uma ciência, mas uma prática responsável, focada naquilo que o sujeito pode chegar a ser e a fazer em sua relação com o mundo.

Neste estudo, as concepções teóricas e práticas de Rodolfo Bohoslavsky foram articuladas com o referencial teórico-metodológico de Enrique Pichon-Rivière, o qual integra contribuições da teoria de Lewin, Psicanálise, Psicologia Social e da Sociologia. Com o objetivo de compreender os processos que o ser humano vivencia em suas experiências, Pichon-Rivière desenvolveu o chamado Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO). Por meio desse referencial, o homem é encarado como um ser de necessidades que, em permanente relação com o outro, articula-se com os demais em tarefas, transformando o mundo e, dialeticamente, sendo modificado por este, tendo como motor, o desejo de realizar seus propósitos e necessidades (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, 1998b; PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998; QUIROGA, 1994). Esse interjogo estruturado entre homem e meio implica em uma relação sujeito-mundo conflitiva e contraditória (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, 1998b).

Em sua perspectiva teórica, o autor considerou que a primeira relação que o indivíduo estabelece com o mundo ocorre em função de suas necessidades corporais e, a partir de então, os primeiros vínculos (bons e maus) são criados em função da resposta do meio circundante. Desse modo, as próximas relações desse sujeito ocorrerão no sentido de reiterar o modelo inicial de vínculo estabelecido, sobretudo com a mãe ou cuidador substituto (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998). O conceito de vínculo então, na definição de Pichon-Rivière

(1998a, 1998b), é imprescindível para se compreender como se estabelece a relação entre homem e mundo. O autor o define como uma estrutura não linear, complexa e dinâmica que abrange um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação, envolvendo processos de comunicação e aprendizagem. Esse interjogo de relações promove a internalização dessa estrutura relacional em um mundo interno, formando uma dimensão intra-subjetiva e assim tais estruturas vinculares internalizadas definirão as características da aprendizagem da realidade pelo sujeito.

Na opinião do autor, os “grupos, as organizações, as distintas formas da sociedade humana nascem de uma necessidade universal que leva os homens a se associarem” (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998, p.79). A família, por sua vez, é compreendida, como um modelo natural dessa situação de interação grupal. Foi por meio do estudo da dinâmica das vinculações familiares, que Pichon-Rivière observou que as relações no grupo familiar sustentavam-se segundo um sistema (que se autoalimenta), onde papéis eram atribuídos, assumidos e representados por seus membros. Ao surgirem mal-entendidos na comunicação que perturbavam a configuração desse sistema, o grupo familiar poderia funcionar, quando se propunha à tarefa de resolução do problema, explicitando as situações que se mantinham subentendidas, isto é, latentes na estrutura do grupo e, assim, essa reação positiva frente à mudança poderia propiciar aprendizagem e amadurecimento do grupo como um todo.

A presente investigação, desse modo, apóia-se no Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) de Pichon-Rivière, em especial, na Técnica de Grupo Operativo, para sustentar a intervenção psicológica grupal com pais (de adolescentes em processo de escolha profissional) uma vez que a referida técnica é considerada adequada para a abordagem de vínculos, e por se alicerçar na concepção de aprendizagem com o outro. A intervenção em Grupo Operativo caracteriza-se por ser uma operação que sempre possui uma intencionalidade. O próprio grupo funciona como um instrumento a serviço da aprendizagem e quando esta ocorre

significa que houve adaptação ativa à realidade ou uma modificação criativa da mesma (em função das necessidades do grupo), isto é, houve a chamada “operatividade”.

Tendo por base trabalhos desenvolvidos, desde a década de 50 em hospitais psiquiátricos, na Argentina, Enrique Pichon-Rivière, por meio da observação de determinados fenômenos psicológicos no campo grupal, e a fim de compreender a dinâmica de tais processos, elaborou um sistema de avaliação básico denominado de “Vetores do Cone Invertido”. Esse sistema de avaliação tem uma representação gráfica caracterizada por um cone invertido, dentro do qual existe uma espiral dialética ascendente. Segundo esta representação gráfica, na base do cone invertido encontra-se aquilo que se mostra explícito, observável, os conteúdos emergentes (manifestos) do grupo; no vértice do cone, por sua vez, estão os conteúdos implícitos (latentes) do grupo, os quais o autor caracterizou como fruto de situações universais (medos e ansiedades básicas). O emergente grupal revela-se, então, como o resultado de forças contraditórias, presente no campo de interação, sendo considerado um “signo” pois agrega tanto conteúdo explícito quanto implícito. Observa-se no Grupo Operativo que, diante da realidade, existem dois tipos de atitudes de seus membros: uma de resistência à mudança e outra que é favorável. Desse modo, para haver “saltos qualitativos” no processo grupal, ou seja, amadurecimento do grupo, o mesmo deve lidar com suas resistências e propor-se à tarefa de tornar explícito aquilo que permanece latente em sua estrutura e, para isto, deve criar formas de analisar suas contradições no “aqui e agora” da situação grupal. Assim, o Grupo Operativo sofre constantemente movimentos de estruturação, desestruturação e reestruturação, sendo que o patamar da nova situação nunca é semelhante ao de outrora, são como as voltas de uma espiral que ascende (PICHON-RIVIÈRE, 1998a).

A prioridade dos membros de um Grupo Operativo deve ser a construção de seu próprio esquema conceitual referencial operativo (ECRO), uma vez que é a condição básica para que se estabeleça uma boa comunicação entre os integrantes do grupo. Desse modo, para

que as mensagens sejam compreendidas no acontecer grupal, deve haver coincidência entre os referenciais do emissor e do receptor. Como cada membro traz ao grupo o seu próprio esquema de referência (em acordo com outras vinculações já estabelecidas, como, por exemplo, as relações familiares) assim configura-se, como um processo de aprendizagem por parte dos membros, a elaboração de um ECRO que seja comum ao grupo. Em contrapartida, Pichon-Rivière (1998b) faz um alerta em relação à importância do grupo atuar de modo plástico em seu processo de aprendizagem da realidade:

A palavra esquema tem uma má conotação, uma conotação de rigidez. Esquematizar vem de fixar. O esquema é um produto de uma abstração, implica em um esqueleto de um conhecimento ou de um *pattern* de conduta qualquer. Quando esse esquema é mal utilizado pode transformar-se em uma coisa rígida. (PICHON-RIVIÈRE, 1998b, p. 97)

Os trabalhos em grupos operativos possibilitaram distinguir três momentos distintos: (1) a pré-tarefa, que se caracteriza pela resistência à mudança, quando se observa o predomínio das ansiedades básicas (depressiva: medo da perda; paranóide: medo do ataque), obstaculizando a realização da tarefa; (2) a tarefa propriamente dita, momento em que o grupo elabora seus medos, integrando o seu pensar, agir e sentir, rompendo com as estereotipais que bloqueavam a comunicação e a aprendizagem; e (3) o projeto, quando o grupo propõe-se a planejar estratégias e táticas para enfrentamento do futuro.

O coordenador do Grupo Operativo, conforme a proposta de Pichon-Rivière (1998a), deve funcionar como um “coopensor”, aquele que “pensa junto” com os membros, integrando o pensamento grupal e facilitando a dinâmica das comunicações. Os integrantes, de modo a se defenderem de sentimentos de perda ou ataque (medos básicos), depositam no grupo seus conteúdos conflitivos e, assim, o papel do coordenador deve ter o caráter de acolher tais conflitos e ajudar os membros a decodificá-los. Suas interpretações têm função de, através da compreensão do que está sendo manifestado explicitamente pelos integrantes, fazer emergir a

fantasia básica do grupo. Somente por meio da decodificação e ressignificação das necessidades do grupo, é que se torna possível obter “saltos qualitativos” no desenvolvimento do mesmo, ou seja, aprendizagem e crescimento (PICHON-RIVIÈRE, 1998a).

No campo da interação grupal operam, segundo ao autor, seis tipos de vetores. O primeiro diz respeito à *Afiliação* ou *Identificação*, sendo este o primeiro nível de identificação dos membros entre si e também com a tarefa grupal, porém, ainda é superficial, uma vez que os integrantes guardam certa distância, sem incluir-se totalmente no grupo. Com o tempo, ocorre uma identificação mais profunda entre os membros e em relação à abordagem da tarefa, é a chamada *Pertença*, a qual se caracteriza pela adoção, por parte dos integrantes, de atitudes e normas que regem as relações naquele determinado grupo. Dessa forma, as características da *Pertença* não são idênticas para todos os membros, diferenciando-se quanto à intensidade. É por meio desse primeiro vetor, que se analisa o grau de compromisso e envolvimento dos integrantes com a tarefa proposta pelo coordenador. À medida que o grupo desenvolve condições para enfrentar seus medos básicos e, conseqüentemente, obter maior satisfação, mais os membros tenderão a se sentir pertencentes àquele grupo (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, 1998b; PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998; QUIROGA, 1994).

O segundo vetor, *Cooperação*, relaciona-se com a capacidade dos integrantes de colaborarem, com papéis diferenciados, de modo complementar na execução da tarefa grupal. A *Pertinência* é o terceiro vetor e revela a condição do grupo de centrar-se na tarefa e do quanto poderá criar e produzir a partir dos recursos que adquirira até então. O quarto vetor é a *Comunicação*, referindo-se à maneira como os membros relacionam-se entre si e com o coordenador. Salienta-se que, não necessariamente, a comunicação ocorre em nível verbal, podendo também ser não-verbal. Considera-se necessário que o coordenador analise não apenas o conteúdo da mensagem, mas “como” ela ocorre, “a quem” se destina e “a que” serve. A *Aprendizagem*, como o quinto vetor, resulta da integração das informações veiculadas pelos

integrantes no interjogo grupal, provocando modificações qualitativas nos sujeitos, possibilitando que estes se desenvolvam lidando melhor com seus medos, enfrentando obstáculos, o que poderia ocasionar adaptações mais ativas à realidade, criando no grupo condições para não repetir condutas e comportamentos estereotipados. Por fim, o sexto vetor, a *Tele*, termo criado por Moreno, o qual se relaciona com o “clima grupal”, caracteriza-se como a disposição do grupo, positiva ou negativa para com a tarefa, com os membros entre si e com o coordenador (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, 1998b; QUIROGA, 1994).

No campo do grupal onde operam os referidos vetores e, do mesmo modo como ocorre em todas as relações interpessoais do homem, os membros ao mesmo tempo atribuem e assumem papéis, conforme considera Pichon-Rivière (1998a, p.169):

A estrutura e função de um grupo qualquer, seja qual for seu campo de ação, estão dadas pelo interjogo de mecanismos de assunção e adjudicação de papéis. Estes representam modelos de conduta correspondentes à posição dos indivíduos nessa rede de interações, e estão ligados às próprias expectativas e às dos demais membros do grupo. O papel e seu nível, o status, ligam-se aos direitos, deveres e ideologias que contribuem para a coesão desta unidade grupal.

Os papéis mais frequentes prescritos pela necessidade do grupo são: o porta-voz (o alcaguete que denuncia o “segredo” grupal, ou seja, os conteúdos latentes do grupo), o bode expiatório (depositário dos aspectos negativos), o líder (depositário dos aspectos positivos do grupo) e o sabotador (líder da resistência à mudança). Quando esses papéis são assumidos adequadamente pelos membros, tal assunção adquire grande funcionalidade no grupo. Segundo o autor, quando o grupo, que anteriormente funcionava estereotipado, torna-se mais plástico por meio da realização da tarefa, observa-se que os papéis mostram-se mais intercambiáveis entre os membros e, assim, o grupo passa a funcionar mais operativamente (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, 1998b). É justamente essa função operativa que proporciona aos integrantes, atuando juntos na construção de um estilo e ideologia próprios, por meio de

adaptações cada vez mais ativas à realidade, responsabilizarem-se pela elaboração de um projeto para o seu futuro.

Pautando-se, desse modo, nos pressupostos apresentados referente à Técnica de Grupo Operativo de Enrique Pichon-Rivière, este estudo, como já apontado, realizou um processo de intervenção psicológica, o Grupo de Orientação de Pais, com fins de criar um campo de confrontação com o objeto desconhecido (outros pais, a situação nova em grupo, diferentes maneiras de pensar, sentir e agir) possibilitado pela experiência de interação grupal, a fim de tornar explícitas situações não-ditas (ocultas), na busca de resolver contradições inerentes à estrutura grupal, visando à elaboração e à integração do grupo, rompendo com estereótipos que obstaculizam a comunicação e o aprendizado entre os participantes.

3.2 Campo de pesquisa

Delimitou-se, como campo de investigação do presente estudo, o Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). A clínica psicológica do CPA realiza extensão de serviços à comunidade prestados por alunos estagiários, em sua maioria do 4º e 5º. ano do curso de Psicologia. Os referidos serviços, que compreendem: Triagem, Psicodiagnóstico, Psicoterapia a adultos e adolescentes, Ludoterapia, Aconselhamento Psicológico, Orientação Vocacional/Profissional; são supervisionados por docentes responsáveis por cada tipo de atendimento e por psicólogos, técnicos especializados contratados.

O Serviço de Orientação Profissional (SOP) faz parte da clínica psicológica do CPA e realiza, semestralmente, processos de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) com jovens, de ambos os sexos, com idade média entre 15 e 19 anos, provenientes de escolas de Ensino Médio e cursos pré-vestibulares, público e privado. Vale, entretanto, apontar que a maioria

dos adolescentes que procuram atendimento no SOP é proveniente de famílias com possibilidades de oferecerem aos seus filhos o acesso ao Ensino Superior. O processo de OVP é oferecido tanto na modalidade grupal (cerca de 10 a 15 participantes, com sessões semanais de duas horas de duração sendo, ao todo, em torno de 12 sessões) quanto na modalidade individual, com 50 minutos de duração (MELO-SILVA, 2005). Os atendimentos em grupo são embasados no referencial clínico-operativo (MELO-SILVA; JACQUEMIN, 2001) que integra contribuições de Pichon-Rivière (1998a, 1998b), Bohoslavsky (1983a, 1983b, 2007) e Müller (2007). Os atendimentos individuais são pautados no referencial clínico de Bohoslavsky. Os principais eixos temáticos que norteiam o processo de Orientação Vocacional/Profissional são: o autoconhecimento, os estudos, o vestibular, a escolha, o mundo do trabalho, as informações sobre as carreiras e formas de acesso às faculdades. (MELO-SILVA, 2005). São ainda utilizados, como complemento do processo, técnicas psicológicas, como o Critérios para a Escolha Profissional (NEIVA, 2003 apud MELO-SILVA, 2005) e testes, sobretudo o BBT-Br: Teste de Fotos de Profissões, método projetivo para a verificação da inclinação profissional (ACHTNICH, 1991 apud MELO-SILVA, 2005) adaptado para o contexto brasileiro (JACQUEMIN, 2000 apud MELO-SILVA, 2005); e um instrumento para avaliação, a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP (NEIVA, 1999 apud MELO-SILVA, 2005). O referido serviço funciona desde 1994 sendo que, a cada ano, observa-se um incremento na demanda de jovens que procuram espontaneamente o processo de Orientação Vocacional/Profissional.

Semestralmente o SOP promove uma reunião coordenada pela docente responsável pelo serviço, com pais de jovens em atendimento, com fins de esclarecimento sobre o processo de OVP, desde o ano de 2002. Como já mencionado, na ocasião dessas reuniões observou-se aumento da demanda de pais que necessitam receber apoio e orientação para lidarem com seus filhos adolescentes, em processo de escolha da profissão, assim como

revelaram os estudos já referidos (LOOSLI, 2003; DUARTE et al., 2005; MELO-SILVA; SILVA; VENTURINI, 2005) que apontam para a necessidade de realização de projetos de intervenção direta com pais de adolescentes em processo de escolha profissional. Desse modo, iniciou-se o planejamento para um estudo-piloto, com a realização de atendimentos em Grupo de Orientação de Pais, cujos filhos estavam em processo de OVP no SOP.

3.3 Estudo-piloto

Durante o estudo-piloto foram coordenados dois Grupos de Orientação de Pais, cujos filhos estavam em atendimento de OVP, no SOP, no ano de 2006. No primeiro semestre, na referida reunião que o serviço promove com os pais, explicou-se a respeito do atendimento em grupo, que lhes seria oferecido. A partir da inscrição dos interessados em participar, compôs-se o primeiro grupo. Procedeu-se da mesma maneira no segundo semestre para a composição do segundo grupo. Ambos eram constituídos de pais-participantes inscritos espontaneamente, que explicitavam o anseio de compreenderem mais sobre o processo da escolha profissional de seus filhos, mostrando-se preocupados e confusos quanto ao papel a exercer junto aos jovens naquele momento.

O primeiro Grupo de Orientação de Pais foi composto de seis mães e o segundo, realizado no segundo semestre, contou com a participação de nove integrantes (quatro pais e cinco mães). Ambos foram de oito sessões, com periodicidade semanal, com uma hora e meia de duração, e uma sessão individual, ao término do processo grupal. A fundamentação teórica utilizada foi a técnica de Grupo Operativo proposta por Pichon-Rivière. As sessões foram coordenadas pela psicóloga-pesquisadora do estudo, contando com a colaboração de um observador silente presente nos grupos, realizando os registros das sessões. Todas as sessões eram supervisionadas pela docente responsável pelo SOP, orientadora deste estudo.

Destaca-se que o objetivo do estudo-piloto foi de avaliar os instrumentos de coleta de dados, tanto o Questionário de Pais (APÊNDICE A) como o método da intervenção psicológica grupal, ambos a serem apresentados posteriormente. A partir da realização dos grupos, foram feitas modificações a fim de adequar os instrumentos às demandas e particularidades do contexto em estudo e, assim, alcançar os objetivos da versão atual da presente pesquisa.

3.4 Participantes

O estudo, propriamente dito, refere-se especificamente à população de pais, cujos filhos adolescentes (N=118) encontravam-se em atendimento no SOP, no primeiro semestre do ano de 2007. Cumpre destacar que os filhos não participaram da presente investigação, assim, estes não tiveram qualquer tipo de contato com o processo de intervenção realizado com seus pais.

A composição definitiva da amostra total foi de 46 participantes, sendo formados dois grupos, o Grupo de Orientação de Pais, constituído de 22 integrantes e o Grupo Controle com 24 integrantes. A tabela, a seguir, mostra a composição da amostra de participantes deste estudo.

Tabela 1. Distribuição da amostra total de participantes em função do sexo e idade.

GRUPO	SEXO		IDADE (mediana)	TOTAL (N=46)
	Feminino	Masculino		
Grupo Controle	18 75,0%	6 25,0%	47 anos	24 100%
Grupo de Orientação de Pais	15 68,2%	7 31,8%	45 anos	22 100%

Na seção Procedimento de Coleta de Dados, será devidamente apresentado como se procedeu a organização dos dois grupos, o Grupo de Orientação de Pais e o Grupo Controle.

3.5 Instrumentos

3.5.1 Questionário de Pais

Elaborou-se, para fins deste estudo, o Questionário de Pais (APÊNDICE A), um instrumento misto que contempla tanto questões abertas quanto fechadas, em escalas do tipo Likert de cinco pontos. As questões iniciais do Questionário de Pais são de identificação: nome, profissão/ocupação, grau de parentesco, idade, nível de escolaridade, entre outras. Em seguida, há duas questões abertas que visam favorecer um espaço mais livre para a manifestação dos participantes. Para Günther (1999) perguntas abertas de início ajudam a estabelecer um clima mais receptivo entre o participante e o pesquisador, sendo interessante na captura de opiniões não cobertas por itens fechados. O autor ressalta, ainda, ser regra utilizar questões abertas para as perguntas mais pessoais e sensíveis aos entrevistados (GÜNTHER, 1999).

As questões fechadas em escalas do tipo Likert de cinco pontos pautam-se na finalidade de obter dados objetivos. Sabe-se que é a mais utilizada nas Ciências Sociais, especialmente em levantamentos de atitudes e opiniões. Nesse tipo de escala, o participante avalia segundo a forma indicada em cada enunciado. No final de cada questão fechada, existe um espaço livre para os participantes expressarem, caso desejarem, comentários que julgarem pertinentes. O questionário finaliza com uma questão que avalia o próprio instrumento.

O instrumento mencionado foi construído tendo por base uma grelha de categorização de resultados de estudos (APÊNDICE B), mencionados anteriormente, desenvolvidos em Portugal por Pinto e Soares (2002), que investigaram a influência dos pais no

desenvolvimento vocacional de seus filhos. No referido estudo, entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com pais portugueses (de adolescentes em processo de escolha profissional) tendo, por guia, três temas centrais: comunicação, atividades e expectativas. As autoras, com base nos dados obtidos, elaboraram uma grelha de categorização (APÊNDICE B) com seis temas: (1) papel dos pais, (2) comunicação pais/filhos, (3) intervenção da família, (4) fatores de influências, (5) expectativas dos pais, e (6) perspectivas dos filhos vistas pelos pais; contendo cada tema, categorias e subcategorias.

Assim sendo, os resultados do estudo de Pinto e Soares (2002) foram utilizados como base para a elaboração do questionário da presente investigação. Realizou-se, portanto, uma transposição daqueles dados categorizados em perguntas para o instrumento deste estudo, o Questionário de Pais (APÊNDICE A). A maneira como se fez essa transposição, encontra-se demonstrada no APÊNDICE C. Esclarece-se que se realizou uma adaptação necessária, tendo em vista pesquisas do meio científico brasileiro e, mais especificamente, os estudos realizados no SOP/CPA/FFCLRP-USP, por Melo-Silva e Jacquemin (2001), Loosli (2003), Almeida (2003), Duarte et al. (2005); Melo-Silva, Silva e Venturini (2005), de forma a adequar-se à realidade cultural do país, ao perfil das famílias atendidas pelo serviço e ao modelo de intervenção utilizado.

Desse modo, por meio do Questionário de Pais (APÊNDICE A), objetivou-se investigar as percepções dos participantes quanto ao processo da escolha profissional de seus filhos e ao papel que desempenhavam nesse processo, segundo quatro eixos temáticos:

- 1) Expectativas dos participantes em relação ao futuro dos filhos
- 2) Comunicação entre os participantes e seus filhos
- 3) Atividades que os participantes desempenhavam com os filhos e os meios/recursos que disponibilizavam, de modo a favorecer-lhes o processo de escolha profissional.
- 4) Fatores que influenciam a escolha da profissão

3.5.2 Intervenção Psicológica Grupal

O estudo-piloto realizado com dois grupos possibilitou que se definisse, para a presente pesquisa, a intervenção psicológica, delineada para ocorrer em oito sessões grupais, com periodicidade semanal, com duração de uma hora e meia e, após o processo grupal, uma sessão individual final com cada participante. Esta sessão final, com 50 minutos de duração, tinha por objetivo oferecer um espaço individual livre para os pais centrarem-se em questões referentes ao seu processo no Grupo de Orientação de Pais e à vivência com filho, em processo de escolha profissional. Teria, também, o caráter de sessão devolutiva, uma vez que objetivava o encerramento do processo, permitindo a ambas as partes (neste caso, pais e psicóloga-pesquisadora) despedir-se e concluir formalmente a tarefa a qual se propuseram realizar (CASULLO et al., 2006). Planejava-se, ainda, para o fim desta sessão, que cada participante respondesse novamente ao Questionário de Pais (2ª. aplicação), objetivando a captura de dados objetivos, após o processo da intervenção psicológica.

Definiu-se que a intervenção psicológica grupal, a qual seria coordenada pela psicóloga-pesquisadora deste estudo, contaria com a colaboração de observadores silentes presentes no grupo, realizando os registros das sessões. Com a finalidade de confrontar os registros dos observadores e garantir uma maior confiabilidade na coleta das informações, optou-se pela escolha de três pessoas para a realização dessa tarefa. Considerava-se que os registros seriam como uma memória grupal do coordenador, constituindo-se como a base para a análise qualitativa do processo em grupo. Desse modo, tais registros seriam textuais, com descrições não apenas das falas dos membros do grupo, mas também, das observações dos comportamentos dos participantes e dos movimentos do acontecer grupal. As impressões dos observadores, também registradas, serviriam como hipóteses complementares auxiliando a coordenadora na leitura e na interpretação do emergente grupal após o término de cada sessão, a fim de ajustar suas ações

subsequentes às necessidades do grupo. Cumpre esclarecer que os observadores eram profissionais da área da Psicologia e que as sessões psicológicas grupais seriam supervisionadas pela docente responsável pela coordenação do SOP e orientadora deste estudo.

O sustentáculo da intervenção psicológica grupal, como informado, era o referencial teórico metodológico de Grupo Operativo de Pichon-Rivière. Os mesmos quatro eixos temáticos que nortearam o Questionário de Pais seriam abordados nas sessões grupais: Expectativas (dos participantes), Comunicação (entre participantes e seus filhos), Atividades (que os participantes desempenhavam com os filhos ou meios/recursos que disponibilizam, a fim de favorecer-lhes o processo de escolha profissional) e Fatores que influenciam a escolha da profissão. Com exceção do primeiro eixo (Expectativas), a sequência dos demais não se mostrava pré-estabelecida, uma vez que obedeceria à evolução do processo grupal. Definiu-se, entretanto, que cada sessão estaria estruturada em dois momentos:

- 1) Utilização de disparadores temáticos, relacionados ao eixo de cada sessão, para a discussão em grupo ou a configuração em Grupo Operativo, realizado no segundo momento da sessão;

- 2) Discussão em grupo; ou configuração em Grupo Operativo (centrado na tarefa proposta pela coordenadora, a qual teria função de facilitar o vetor *Comunicação*). A tarefa (explícita) dos participantes, norteadada pelo eixo temático de cada sessão, estaria centrada na reflexão sobre a complexidade que envolvia o processo da escolha profissional dos filhos e o papel dos pais junto aos mesmos, nesse processo. A tarefa implícita estaria focada na superação por parte dos membros de obstáculos na comunicação (medos e resistências) presentes no grupo (próprios da situação de interação grupal) e, concomitantemente, na expressão de idéias, sentimentos e posicionamentos mantidos em relação ao momento vivenciado com seus filhos adolescentes.

Informa-se que o emergente grupal caracteriza-se por ser resultado do interjogo de forças contraditórias que atuam no grupo: os conteúdos manifestos (explícitos) *versus*

conteúdos latentes (implícitos). Assim, o emergente é o signo que contempla o significado (explícito) e o significante (implícito). Desse modo, a função do coordenador:

[...] cumpre, no grupo, um papel prescrito: o de ajudar os membros a pensar, abordando o obstáculo epistemológico configurado pelas ansiedades básicas. Opera no campo das dificuldades da tarefa e da rede de comunicações. Seu instrumento é a assinalação das situações manifestas e a interpretação da causalidade subjacente (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, p. 170).

O processo em Grupo Operativo oferece condições de promover nos participantes atitudes de escuta e diálogo e possibilitar o confronto de idéias cristalizadas com o conhecimento adquirido (“o novo”; “o estranho”) na troca com os outros (PICHON-RIVIÈRE, 1998b). Assim, o objetivo final era a aprendizagem, ou seja, o “salto qualitativo” do grupo de pais-participantes, na tomada de consciência de seus sentimentos e de seus papéis (como membros de um grupo e como pais de jovens em processo de escolha profissional).

3.6 Procedimento de Coleta de Dados

3.6.1 Apresentação do estudo na reunião de pais

Na mencionada reunião que semestralmente o SOP promove, coordenada pela docente responsável pelo serviço, com pais dos adolescentes que seriam atendidos no primeiro semestre de 2007, reservou-se um espaço para a apresentação do presente estudo pela psicóloga-pesquisadora, ocasião em que foram explicados os objetivos da pesquisa, bem como a natureza do “Grupo de Orientação de Pais” (em acordo com o APÊNDICE D: Folheto Explicativo). Em seguida, realizou-se um convite verbal e informal aos presentes que desejassem participar do grupo.

3.6.2 Correspondência aos pais

Com o objetivo de abranger o maior número possível de pais-participantes e não apenas aqueles que puderam comparecer à referida reunião, optou-se por enviar pelo correio, a todas as famílias dos adolescentes (N=118) inscritos no SOP no primeiro semestre de 2007, a seguinte correspondência aos pais:

- 1) Carta explicativa sobre a pesquisa (APÊNDICE E), com os devidos esclarecimentos a respeito dos objetivos do estudo;
- 2) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1 (APÊNDICE F), caso optassem por participar da pesquisa respondendo ao questionário;
- 3) Questionário de Pais (APÊNDICE A);
- 4) Folheto: “O que é o Grupo de Orientação de Pais?” (APÊNDICE D), oferecendo maiores esclarecimentos a respeito da natureza do grupo.

Explicou-se na Carta aos Pais 1 (APÊNDICE E) que poderiam participar do estudo de duas formas: respondendo ao questionário e participando do Grupo de Orientação de Pais ou apenas respondendo ao questionário. Caso optassem por não participar de nenhuma forma, não precisariam devolver a correspondência e isso não implicaria em qualquer prejuízo nos atendimentos prestados pelo SOP aos seus filhos.

3.6.3 Composição inicial dos grupos

A partir do retorno das correspondências, delinear-se, inicialmente, dois grupos de participantes: 1) Grupo de Orientação de Pais: composto por 32 pais que responderam ao questionário e se inscreveram para o processo de intervenção psicológica; 2) Grupo Controle:

composto por 50 pais que optaram por participar do estudo apenas respondendo ao questionário.

A maioria dos pais que fez parte do Grupo Controle não se manifestou quanto à decisão de não participar do processo de intervenção, no entanto, os que se pronunciaram, em comentários realizados no próprio questionário, alegaram falta de tempo e impossibilidade quanto ao horário definido para as sessões semanais.

No que diz respeito ao número de participantes do Grupo de Orientação de Pais, definiu-se que o grupo de intervenção teria no máximo 24 participantes. Caso o número de participantes fosse superior a 24 sujeitos, seriam divididos em dois grupos. Considerando que 22 pais compareceram e efetivamente participaram do processo, apenas um grupo foi constituído. Os desistentes foram contatados por telefone a fim de averiguar o motivo da não adesão. Alegaram entre várias causas, o surgimento de imprevistos, carga horária de trabalho excessiva, instabilidade quanto aos horários disponíveis, dificuldades de locomoção por residirem em outra cidade, ou apenas que “mudaram de idéia” quanto a participar do processo de intervenção.

3.6.4 O processo no Grupo de Orientação de Pais

O processo de intervenção psicológica, tendo por base o referencial Operativo de Enrique Pichon-Rivière, compreendia os participantes como sujeitos ativos em seu processo de crescimento e amadurecimento e, desse modo, a atuação do coordenador visou desenvolver a atitude de diálogo e escuta que possibilitasse aos pais apropriarem-se de seus papéis e se responsabilizarem por suas questões pessoais (tornando explícita a situação implícita), ao refletirem sobre o momento que vivenciavam com seus filhos, em processo de escolha profissional e, também, sobre o papel que desempenhavam nesse processo.

As sessões grupais foram orientadas, como informado, segundo os eixos temáticos previamente estabelecidos para o processo da intervenção grupal. No entanto, a seqüência de tais eixos, com exceção do primeiro (Expectativas) e o modo como foram abordados em cada sessão, considerou a evolução do grupo. Assim, o planejamento das sessões foi flexível em seu desenvolvimento uma vez que, apesar de terem sido realizados dois grupos no estudo-piloto e de se ter clareza quanto aos temas a serem abordados, cada sessão de grupo era inédita em sua dinâmica. Desse modo, em conformidade com o referencial operativo adotado para subsidiar esse estudo, foram realizadas supervisões após cada sessão de intervenção (tendo em conta os registros dos observadores), momento em que era definido, a partir do emergente grupal (referente às necessidades do grupo), o planejamento do eixo temático e o disparador temático a ser utilizado em acordo com o mesmo. Cumpre destacar que o eixo Fatores que influenciam a escolha da profissão, último eixo abordado no Questionário de Pais, foi considerado um tema apropriado para as 3ª e 4ª sessões do Grupo de Orientação de Pais.

O Quadro 1 mostra como foi a estrutura do Grupo de Orientação de Pais, segundo a seqüência dos eixos temáticos referentes a cada sessão e a abordagem dos mesmos.

EIXO TEMÁTICO	SESSÕES	ABORDAGEM
Expectativas	1ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • Expectativas dos participantes com relação ao Grupo de Orientação de Pais. • Expectativas dos participantes em relação ao futuro profissional dos filhos. • Expectativas quanto ao papel que desempenhavam enquanto pais de filhos em processo de escolha profissional.
	2ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • Expectativas que os participantes tinham, em sua adolescência em relação ao seu futuro profissional. • Expectativas que os participantes imaginavam que os filhos tinham em relação ao futuro profissional.
Fatores que influenciam a escolha da profissão	3. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • Influência dos pais no processo da escolha profissional dos filhos.
	4ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • Outros fatores de influência no processo da escolha profissional dos filhos.
Comunicação	5ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • A comunicação entre pais e filhos adolescentes na atualidade.
	6ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • O diálogo em casa com os filhos.
Atividades	7ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades que os participantes poderiam realizar (com os filhos) e/ou incentivar que os filhos realizassem; meios que poderiam disponibilizar aos filhos fim de favorecer-lhes o processo da escolha profissional.
Encerramento	8ª. sessão	<ul style="list-style-type: none"> • O significado do Grupo de Orientação de Pais para os participantes. • Síntese do processo grupal.
Sessão individual		<ul style="list-style-type: none"> • Sessão centrada nas individualidades do processo de cada participante. • 2ª. aplicação do Questionário de Pais.

Quadro 1. Estrutura do processo de intervenção do Grupo de Orientação de Pais

A seguir, descreve-se o processo do Grupo de Orientação de Pais e a maneira como os quatro eixos temáticos foram abordados ao longo das sessões.

Expectativas

Na primeira sessão, realizou-se a apresentação da equipe de coordenação, bem como houve esclarecimentos a respeito dos objetivos e da natureza do Grupo de Orientação de Pais.

Explicou-se ao grupo que o mesmo funcionaria como um espaço de troca de experiências entre os membros, onde poderiam expressar idéias e sentimentos acerca do momento que vivenciavam com seus filhos, em fase de escolha profissional. Em seguida, leu-se a Carta aos Pais 2 (APÊNDICE G) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 2 (APÊNDICE H), o qual os participantes deveriam assinar para poderem realizar o Grupo de Orientação de Pais. Estabeleceram-se, por fim, questões referentes ao “contrato” com os participantes, envolvendo o enquadre do processo (data, horário, local, número de sessões, limite de faltas) e os cuidados que a equipe garantiria referentes ao sigilo quanto à identificação dos participantes, conforme previsto nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido 1 e 2 (APÊNDICE F e H)

No segundo momento da sessão, houve a apresentação dos pais e, em seguida, para se efetivar o disparador temático, estes foram divididos em subgrupos de três integrantes sendo entregues, aos mesmos, as seguintes questões que seriam discutidas em trio: 1) O que esperam do Grupo de Orientação de Pais?; 2) O que esperam em relação ao futuro profissional de seus filhos?; 3) O que esperam de si como pais de filhos em processo de escolha profissional? O objetivo principal era possibilitar que os participantes entrassem em contato com expectativas que mantinham em relação ao futuro profissional dos filhos e também quanto ao papel que desempenhavam junto aos adolescentes, em processo de escolha profissional. Secundariamente, considerou-se interessante identificar as expectativas em relação ao próprio Grupo de Orientação de Pais, a fim de se compreender que papel e função atribuíam ao grupo e à coordenação. Por fim, realizou-se uma discussão no grupo maior, quando os membros puderam expressar o que refletiram, revelando expectativas e ansiedades frente ao momento que vivenciavam com seus filhos e em relação ao que esperavam do Grupo de Orientação de Pais.

Na segunda sessão, com o objetivo de facilitar que os membros se conhecessem um pouco mais (como forma de contribuir para o vetor *Filiação*), realizou-se uma técnica de apresentação, na qual os participantes revelaram uma característica própria que julgavam interessante, ao grupo, conhecer. Em seguida, para fim de disparador temático, foram divididos em duplas para conversarem sobre: 1) Como você era na idade de seu filho (seus valores, interesses, medos...)?; 2) Quem você gostaria de ser naquela época (como profissional, ter como trabalho)?; 3) O que você imagina que seu filho deseja para o futuro profissional dele? O objetivo foi possibilitar que os integrantes se reportassem a sua própria juventude, realizando comparações com a adolescência dos filhos, e que expressassem fantasias acerca dos desejos que os filhos tinham para seu próprio futuro profissional. A idéia de comparação entre as gerações (pais *versus* filhos) era favorecer que o grupo entrasse em contato com aproximações (identificações) e distanciamentos (diferenciações) existentes na relação pais e filhos. Ademais, havia o intuito de que refletissem se conheciam as aspirações de seus filhos e, ainda, se ambos convergiam ou não nesse sentido. O segundo disparador temático foi a leitura, realizada pela coordenadora, de um texto distribuído aos participantes, o qual abordava uma situação fictícia de uma família, bem como a problemática vocacional de seus quatro membros. A referida situação, que fora intencionalmente elaborada para propiciar reflexões no grupo, segue transcrita a seguir.

“Silvia, é casada, tem dois filhos e trabalha como funcionária pública em um banco. Formou-se em Direito em uma conceituada universidade mas, no entanto, nunca exerceu essa profissão. Quando jovem, Silvia sonhava em fazer Artes Plásticas, contudo teve receio de seus pais não aprovarem essa escolha. Seu pai sempre fora uma pessoa severa e tradicional. Para mostrar ao pai que poderia ter uma profissão de prestígio social, Silvia prestara Direito no vestibular. Hoje, ela não gosta do que faz, mas não pensa em deixar o banco, pois o trabalho lhe possibilita certa estabilidade financeira. Paralelamente, faz um curso técnico de Artes, em seu tempo livre.

Há pouco tempo atrás, percebeu para sua grande surpresa, em uma conversa com o pai, que ele não tinha a expectativa que ela fizesse Direito e que isso era “coisa da cabeça dela”. Silvia, naquele momento, se deu conta que, na verdade, ela sim tinha um forte desejo de que seu pai a admirasse e se orgulhasse dela e, por isso, fizera aquela escolha. Chegou à conclusão que, naquela época, aos 17 anos, era imatura para assumir sua vontade e “bancar” a escolha de ser uma artista plástica. Era mais fácil escolher um curso que considerava que agradaria ao pai e que seria socialmente reconhecido.

Marcos, marido de Silvia, é dentista, trabalha em seu consultório e fez Odontologia em uma faculdade particular. Adora sua profissão e não se imagina realizando outra atividade profissional.

Rogério, o filho mais velho do casal, mora com os pais e tem 21 anos. Seus pais tinham expectativas muito elevadas em relação a ele. Imaginavam que seria alguém muito seguro e que, acima de tudo, faria algo que realmente lhe daria prazer e, também, uma estabilidade financeira. Contudo, Rogério é extremamente indeciso e imaturo. Ainda não se decidiu quanto à profissão e, inclusive, já “abandonou” duas faculdades.

Paula, a filha mais nova, tem 16 anos. O casal tem expectativas bem menos elevadas em relação à filha, acham que ainda é muito jovem para pensar na carreira profissional. Paula, entretanto, já está muito decidida a prestar Direito. Silvia teme que a filha não se realize como advogada, assim como ocorreu com ela, e tem dificuldade para aceitar a escolha da jovem. Contudo, a decisão de Paula, ao contrário da de sua mãe, é consciente, uma vez que a filha, realmente, tem muito interesse pela área do Direito.”

A situação fictícia sugeria a reflexão de questões que envolviam os pares contraditórios: semelhanças *versus* diferenças de expectativas entre pais e filhos; aceitação *versus* desaprovação das escolhas dos filhos pelos pais; aceitação *versus* desaprovação das individualidades de cada filho; expectativas idealizadas *versus* pautadas na realidade. Secundariamente, abordavam: a comunicação pais-filhos (encontros *versus* desencontros); expectativas com relação ao filho primogênito, existência ou não das escolhas “erradas”; estereótipos de profissões; a importância do reconhecimento dos pais, da família e da sociedade; a realidade do mundo do trabalho; conciliação entre prazer profissional e retorno financeiro, entre outros. No segundo momento, realizou-se a configuração em Grupo Operativo, com a tarefa proposta de que o grupo de participantes conversasse a respeito do que pensaram e sentiram com relação ao primeiro momento da sessão.

Fatores que influenciam a escolha da profissão

Esse tema também foi abordado em duas sessões. Considerou-se a importância dos participantes refletirem sobre a complexidade que envolve o processo da escolha da profissão, bem como a respeito das variáveis que poderiam influenciar, em maior ou menor grau, a psicodinâmica de uma escolha profissional.

Na terceira sessão foi abordado diretamente o tema: “Influência dos pais no processo da escolha profissional dos filhos”. A finalidade era possibilitar que o grupo de participantes refletisse acerca da influência que exerciam no processo de escolha da carreira dos filhos e, também, sobre o papel que desempenhavam enquanto pais. Inicialmente, cada integrante recebeu uma tira de papel ou filipeta (APÊNDICE I), com um trecho de fala de um adolescente, a respeito do referido tema. As filipetas eram diversas entre si e revelavam idéias, posicionamentos e situações específicas. Salientou-se que as falas dos jovens haviam sido extraídas de publicações da área da Orientação Vocacional/Profissional (OVP) e também de discursos de adolescentes que passaram pelo processo de OVP, na clínica do SOP, em outros anos (tendo sido devidamente resguardada a identidade dos mesmos). Solicitou-se que os participantes lessem, um de cada vez, em voz alta. O objetivo era possibilitar que conhecessem o que muitos adolescentes, em processo de escolha profissional, pensavam e sentiam a respeito da “influência dos pais”. Em seguida, como segundo disparador temático, entregou-se aos integrantes um texto, “O papel dos pais”, de Macedo (1998) o qual fora lido pela coordenadora ao grupo. O texto propunha uma reflexão sobre o papel dos pais no processo da escolha profissional de seus filhos. O objetivo era que os integrantes refletissem e se posicionassem criticamente em relação à opinião do autor sobre o assunto. No segundo momento da sessão, realizou-se o Grupo Operativo para que os pais conversassem entre si sobre o que pensaram e sentiram diante dos discursos dos adolescentes e da opinião do autor sobre o tema em questão.

Na quarta sessão foi abordado o tema: “Outros fatores de influência no processo da escolha profissional”. O objetivo foi possibilitar reflexões sobre a infinidade de variáveis que podem exercer interferência, de diferentes graus e formas, em uma escolha profissional, limitando e/ou facilitando a mesma. Para fim de disparador temático, foram divididos em

quatro subgrupos para que discutissem sobre três temas referidos em um roteiro de discussão, apresentado a seguir.

<u>FATORES DE INFLUÊNCIA DA ESCOLHA PROFISSIONAL</u>	
1- Aspectos do filho(a):	<ul style="list-style-type: none"> • habilidades, potencialidades, capacidades • interesses • valores • experiências escolares • maturidade (enfrentamento do mundo adulto: sair de casa, cuidar de si mesmo, tomar decisões, avaliar riscos, responsabilizar-se pelas escolhas e conseqüências). • modo de se relacionar com as pessoas. • atitudes perante às situações/problemas.
2- Condições do meio de seu filho:	<ul style="list-style-type: none"> • Situação familiar (social, econômica, educacional). • Educação Básica: Ensino Fundamental e Médio (política educativa, a filosofia de cada escola, ambiente escolar). • Ensino Superior (vestibular, concorrência, universidade pública ou particular). • Mercado de trabalho (emprego/desemprego, competitividade).
3-Outras influências importantes:	<ul style="list-style-type: none"> • mídia • professores • Orientação Vocacional/Profissional • grupo de amigos.

Quadro 2. Roteiro de discussão referente à 4ª. sessão do Grupo de Orientação de Pais

Assinala-se que a coordenadora transitou pelos subgrupos, a fim de fomentar as discussões. No segundo momento da sessão, realizou-se a configuração em grupo operativo, com a proposta de que conversassem sobre o que discutiram nos subgrupos.

Comunicação

Esse tema foi referente à quinta e à sexta sessões. Considerou-se a importância dos participantes discutirem e refletirem sobre como se posicionavam junto aos filhos: se dialogavam, tendo em conta processo de escolha profissional dos mesmos; como era a

abordagem de tal assunto e quais intenções tinham ao conversarem com os jovens. A idéia era que o grupo operasse como um ambiente facilitador (“*aprender a pensar*”) e que, por meio da comunicação grupal, os integrantes pudessem, aos poucos, adquirir compreensão sobre a importância de se posicionarem, explicitando o que pensavam e sentiam, deixando de lado o discurso subentendido, para tornar o que se mostrava implícito (no grupo e, também, em casa com os filhos) em explícito e, assim, haver possibilidades de mudanças de percepções, sentimentos e posicionamentos.

A quinta sessão tinha por objetivo facilitar que os participantes refletissem a respeito de como os pais, na atualidade, posicionam-se junto aos seus filhos. Para isto, foram apresentados, ao grupo, slides em PowerPoint com pequenos excertos de textos (APÊNDICE J) da área da Orientação Vocacional/Profissional e da Psicanálise (KNABEM; SOARES, 2005; LIMA; RAMOS, 2002; RANÑA, 2005; SOARES, 1987) a respeito da comunicação na relação entre pais e filhos adolescentes, que tinham a função de disparador temático para a discussão em grupo. Os slides foram lidos juntamente com os integrantes, sendo realizados esclarecimentos ao grupo, pela coordenação, quando havia alguma dúvida quanto ao conteúdo. No segundo momento, os integrantes conversaram entre si sobre o que estavam sentindo e pensando com relação ao tema da sessão.

Na sexta sessão, realizou-se, para fim de disparador temático, a atividade “Carta aos filhos” (MELO-SILVA; SILVA; VENTURINI, 2005). Inicialmente foi entregue, aos participantes, o livreto “Escolha da carreira: conversa na cozinha” (MELO-SILVA; PEREIRA, 2002) desenvolvido pelo SOP, que continha duas cartas (“Aos Pais” e “Aos filhos”), as quais foram lidas, pela coordenação, ao grupo. Em seguida, solicitou-se aos integrantes que escrevessem individualmente (ou em casal, caso preferissem) uma carta que poderia ser entregue aos seus filhos (se desejassem) revelando como se sentiam naquele momento da escolha profissional dos jovens. Em seguida, foi oferecida aos participantes a

possibilidade de lerem as cartas ao grupo. Realizou-se, no segundo momento da sessão, o Grupo Operativo, quando foram solicitados a conversar sobre como se sentiam frente à atividade proposta na 1ª. parte da sessão. O objetivo era possibilitar que os pais entrassem em contato com sentimentos (latentes no grupo) que permeavam o processo da escolha profissional do filho.

Atividades

Esse tema referiu-se à sétima sessão. O objetivo era proporcionar um espaço aos participantes para refletirem sobre o que poderiam realizar com os filhos e/ou incentivar que os filhos fizessem e, também, o que poderiam disponibilizar (meios/recursos) aos mesmos, no sentido de instrumentá-los em seu processo de escolha profissional. Este tema foi considerado pela importância reconhecida dos pais atuarem como “agentes colaboradores” realizando, inclusive, medidas práticas facilitadoras, motivar e instigar condutas mais exploratórias em relação à escolha da profissão, por parte dos jovens (KRACKE, 1997; PINTO; SOARES, 2002, 2004; YOUNG; FRIESEN; BORYCKI, 1994; YOUNG et al., 2001; YOUNG et al., 2006). A idéia foi abordar o tema de forma a propiciar aos participantes pensarem sobre medidas que poderiam realizar junto aos filhos, que instigassem o desenvolvimento vocacional dos mesmos. Com função de disparador temático, no primeiro momento da sessão, solicitou-se que individualmente escrevessem em uma folha: 1) Quais atividades você realiza com seu filho ou disponibiliza a ele (recursos, meios) objetivando o processo de escolha profissional dele?; 2) O que você pensa que poderia fazer ou disponibilizar, (e que não costuma fazer), que poderia facilitar nesse momento de escolha profissional de seu filho? Em seguida, pediu-se que cada um lesse ao grupo o que escreveu e, por fim, realizou-se a configuração em Grupo Operativo, quando conversaram sobre como se sentiam e o que pensavam em relação ao tema da sessão.

A oitava sessão foi de encerramento. Os participantes foram subdivididos em trios para conversarem e escreverem, em poucas linhas, sobre: “O que foi este grupo para nós?”. O objetivo era possibilitar que se expressassem a respeito do sentido do Grupo de Orientação de Pais. Em seguida, foi lida uma “crônica” (com característica de síntese do processo grupal) desenvolvida pela coordenadora do grupo, tendo por base suas impressões e interpretações, bem como todos os registros das sessões realizadas pela equipe de observadores. Por fim, cada trio leu o que havia realizado e, em seguida, no Grupo Operativo, os membros conversaram como se sentiam frente ao encerramento do Grupo de Orientação de Pais.

A sessão individual ou em casal (se assim solicitado pelos mesmos), com duração de 50 minutos, foi realizada ao término do processo grupal, segundo dia e horário acordado entre a coordenadora e cada participante. Os participantes focaram-se nas individualidades de seu processo no Grupo de Orientação de Pais e na experiência que vivenciavam com os filhos, em fase de escolha profissional. Vale destacar que esta sessão não contou com a presença dos observadores. Ao final, cada pai e/ou mãe respondeu novamente ao Questionário de Pais (2ª aplicação).

3.6.5 Grupo Controle

Com fins de obter maior rigor metodológico, optou-se por criar um Grupo Controle. Desse modo, os pais que responderam ao Questionário de Pais em um primeiro momento, mas que optaram em não participar do Grupo de Orientação de Pais, formaram a amostra inicial do Grupo Controle (N=50). Após o mesmo período de tempo em que os participantes do Grupo de Orientação de Pais realizaram o processo de intervenção (cerca de dois meses de duração), enviou-se pelo correio, à amostra inicial do Grupo Controle, a seguinte correspondência:

- 1) Nova carta explicativa (APÊNDICE K), convidando-os a responder novamente o questionário para fins da 2ª aplicação;
- 2) Questionário de Pais (APÊNDICE A);
- 3) Envelope pré-franqueado.

Somente a partir do retorno dos questionários respondidos, constituiu-se a composição definitiva da amostra de participantes do Grupo Controle com 24 sujeitos.

3.7 Considerações Éticas

O(a) pai(mãe), ao ser solicitado(a) a participar deste estudo recebeu uma carta explicativa (APÊNDICE E) contendo os objetivos do estudo e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE F) a ser assinado por ele(a) em caso de anuência. Os participantes do Grupo de Orientação de Pais por terem optado realizar o processo de intervenção psicológica receberam nova carta (APÊNDICE G) e um outro termo (APÊNDICE H) para assinarem. Os participantes do Grupo Controle, receberam, após o tempo de realização do Grupo de Orientação de Pais, uma carta final (APÊNDICE K) explicando a respeito da 2ª aplicação do questionário. Este tipo de documento autoriza a utilização dos dados da pesquisa, cujos resultados poderão ser divulgados e utilizados como banco de dados para outros estudos, em dissertações e teses, congressos, publicações, como material didático, entre outras possibilidades de ensino e pesquisa, preservando-se o sigilo quanto à identidade dos sujeitos, bem como resguardando todos os cuidados éticos implicados em estudos com seres humanos.

Essa investigação foi submetida e aprovada (Anexo A) junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Psicologia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-FFCLRP, processo no. 270/2006 – 2006.1.1385.59.0), conforme Resolução

196/96 do Conselho Nacional de Saúde ([conselho.saude.gov/Br/docs/Resoluções/Reso196.doc](http://conselho.saude.gov.br/docs/Resoluções/Reso196.doc)) e Resolução 16/00 do Conselho Federal de Psicologia (www.pol.org.br/legislacao/doc/resolucao2000_016.doc). Cumpre esclarecer que ao longo de seu percurso metodológico, sofreu determinadas modificações (como, por exemplo, alterações do título do estudo) em sua versão inicial mas que, no entanto, não alteraram os cuidados éticos previstos nas pesquisas com seres humanos. Contudo, julgou-se pertinente informar ao CEP/FFCLRP sobre determinadas alterações realizadas, visando que o mesmo acompanhasse o desenvolvimento desse estudo.

3.8 Procedimento para Tratamentos dos Dados

O Tratamento dos Dados, assim como o procedimento da Coleta de Dados, do presente estudo contemplaram tanto a abordagem quantitativa, referente às questões fechadas (escalas do tipo Likert de cinco pontos) do Questionário de Pais (APÊNDICE A), quanto a abordagem qualitativa referente às duas questões abertas e comentários realizados no mesmo questionário e, também, quanto ao processo de intervenção grupal, tendo por base os registros realizados durante as sessões grupais.

A metodologia de Coleta e Tratamento dos Dados que integra contribuições quantitativas, visando abranger dados objetivos e contribuições qualitativas, com intuito de compreender aspectos considerados subjetivos, tem sido denominada como *Triangulação de métodos*. Como salientou Minayo (2006, p.31) “A realização metodológica da proposta não exige grande teorização, uma vez que busca apenas integrar as vantagens da avaliação tradicional com a abordagem qualitativa e com elementos participativos.”. Tal estratégia, que combina e cruza múltiplos pontos de vista, revela uma compreensão dialética de que dados subjetivos (significados, relações dinâmicas, percepções, crenças, entre outros) e dados

objetivos (como indicadores, porcentagens, taxas de frequência e correlações), embora de diferentes naturezas, não necessitam ser considerados antagônicos, podendo ser encarados como inseparáveis e interdependentes. Considera-se, então, que a proposta de um diálogo entre dados objetivos e subjetivos privilegia, como defendeu Minayo (2006), a análise dos consensos, dos conflitos e das contradições observadas nos fenômenos psíquicos e sociais a serem investigados.

Desse modo, em conformidade com a referida metodologia, realizou-se o Tratamento dos Dados obtidos pelo procedimento de intervenção psicológica realizado com um grupo de participantes. Para tal, realizou-se a análise dos dados obtidos pelo processo de intervenção grupal e, também, dos dados obtidos pelo Questionário de Pais, a fim de investigar e compreender as percepções dos participantes: quanto ao processo da escolha profissional de seus filhos e quanto ao papel que desempenhavam (enquanto pais) nesse processo, por meio dos quatro eixos temáticos, já referidos:

- (1) expectativas (dos participantes);
- (2) fatores que influenciam a escolha da profissão;
- (3) comunicação (entre pais e filhos);
- (4) atividades (que os pais realizavam com os filhos, e meios/recursos que disponibilizavam, de modo a ajudá-los em seu processo de escolha profissional).

Cumprе assinalar que os resultados referentes às respostas dos participantes realizadas no Questionário de Pais serão apresentados e analisados mas, no entanto, apenas na articulação de todos os dados obtidos (quantitativos e qualitativos), será realizada a discussão tendo por base os referenciais adotados pelo estudo, citados anteriormente. Com relação aos dados obtidos pela intervenção grupal realizada com base na técnica de Grupo Operativo de Pichon-Rivière, será apresentada uma análise da evolução do processo, sessão a sessão, e, desse modo, julgou-se pertinente apresentar tais dados realizando um diálogo com o

referencial teórico-metodológico do referido autor, como forma de respaldar as interpretações realizadas dos movimentos do acontecer grupal.

3.8.1 Análise Quantitativa

A análise quantitativa envolveu os dados objetivos obtidos por meio do Questionário de Pais (APÊNDICE A) aplicado, em dois momentos, no Grupo de Orientação de Pais e no Grupo Controle. No que diz respeito às variáveis demográficas (idade, sexo e nível de escolaridade) dos participantes do presente estudo, realizou-se uma análise da estatística descritiva dos grupos (Orientação de Pais e Controle). A estatística descritiva, segundo Minayo (2006, p. 208), “fornece um perfil das características do grupo estudado e da distribuição dos eventos neste grupo”. Em seguida, fez-se uma comparação entre esses grupos, segundo as referidas variáveis.

Posteriormente, os dados do Grupo de Orientação de Pais e do Grupo Controle, no que se refere às respostas às questões fechadas do questionário (escalas do tipo Likert de cinco pontos) foram tratados por meio da estatística descritiva das respostas, e a comparação estatística (pré X pós-intervenção) pelo Teste não-paramétrico de Wilcoxon, para amostras pareadas.

Por meio do teste não-paramétrico de Mann-Whitney, fez-se uma comparação estatística das respostas dos grupos (Orientação de Pais X Controle), referente ao primeiro momento da aplicação do questionário, para verificar se poderiam ser comparáveis entre si, ou seja, se inicialmente partiam de um mesmo “patamar” (início do Grupo Controle X início do Grupo de Orientação de Pais). Por fim, foi possível realizar a comparação estatística que envolvia a evolução entre os grupos (evolução do Grupo Controle X evolução do Grupo de Orientação de Pais), tendo em conta o mesmo período de tempo, por meio do teste não-

paramétrico de Mann-Whithney, através da variável diferença (depois – antes) para a comparação entre os grupos.

3.8.2 Análise Qualitativa

O tratamento qualitativo foi dividido em duas partes. A primeira refere-se à análise dos dados obtidos por meio das questões abertas e dos comentários realizados pelos participantes, nos espaços livres do Questionário de Pais (APÊNDICE A). O procedimento que subsidiou esse tratamento foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979, p.42) que se caracteriza por:

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de Conteúdo, segundo Minayo (1993), do ponto de vista operacional, parte de uma leitura de primeiro plano até alcançar um nível mais aprofundado, que vai além dos significados manifestos. Para isso, a Análise de Conteúdo relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significado) dos enunciados. Assim sendo, nesse estudo, seguiu-se a seguinte sistematização em três etapas descritas a seguir:

(1) Pré-análise: realizou-se uma leitura flutuante das respostas das duas questões abertas e dos comentários realizados, pelos participantes, nos espaços em branco do Questionário de Pais, aplicado antes e após a intervenção psicológica grupal.

(2) Descrição analítica: fase em que os referidos dados foram organizados em *unidades de contexto*, de onde foram recortadas as *unidades de registro* (núcleos de sentido, que podem ser palavras-chave ou frase), as quais foram agrupadas conforme a similaridade de

conteúdo, visando uma categorização em temas de análise. O tema, de acordo com a Bardin (1979, p. 105) “é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Utilizou-se a frequência, para demonstrar o número de vezes que determinada categoria foi observada nas respostas e comentários dos participantes no questionário.

(3) Interpretação referencial: informa-se que os temas de análise foram articulados à discussão geral dos dados obtidos por meio do Questionário de Pais e por meio do processo no Grupo de Orientação de Pais, tendo por base a fundamentação adotada pelo estudo, sobretudo o referencial psicanalítico de Rodolfo Bohoslavsky e de Enrique Pichon-Rivière.

A segunda parte da análise qualitativa refere-se à análise do processo de intervenção psicológica grupal, o Grupo de Orientação de Pais, tendo por base dados obtidos pelos registros das sessões grupais realizados por três observadores e as interpretações da coordenadora do processo em grupo, segundo o referencial teórico-metodológico de Grupo Operativo de Enrique Pichon-Rivière.

A análise do processo no Grupo de Orientação de Pais focou-se no posicionamento dos participantes (atitude frente ao desconhecido, frente à mudança) em relação: ao enfrentamento de receios e obstáculos que dificultavam a comunicação grupal, e em relação à expressão e ao confronto de idéias, sentimentos e posturas que mantinham frente ao momento que vivenciavam com seus filhos, em fase de escolha profissional. Desse modo, a análise centrou-se no modo como o grupo abordou, no “aqui-agora” do acontecer grupal, a sua tarefa principal: a transformação dos conteúdos implícitos (o não-dito, aquilo que se mantinha oculto ao grupo) em conteúdos explícitos (manifestos).

Analisou-se, ainda, como se apresentavam, ao longo das sessões, os vetores de avaliação do cone invertido, de modo a identificar a ocorrência de “saltos qualitativos” no grupo de participantes em relação à apropriação de seus sentimentos e assunção de papéis

(tanto como membros de um grupo, como também, enquanto pais de adolescentes em processo de escolha profissional). Informa-se que os dados são apresentados segundo a evolução cronológica do processo no Grupo de Orientação de Pais, sessão a sessão. Para ilustrar a análise, são fornecidos exemplos de recortes das comunicações dos pais-participantes.

3.8.3 Articulação das Análises Quantitativa e Qualitativa

A fim de alcançar o objetivo principal do presente estudo, ou seja, a análise do procedimento de intervenção psicológica realizado com o Grupo de Orientação de Pais, cujos filhos se encontravam em processo de escolha profissional, realizou-se uma articulação das análises dos resultados quantitativos, referentes às questões fechadas do questionário antes e após a intervenção grupal; e dos resultados qualitativos referentes às respostas das questões abertas e comentários realizados no questionário e, também, a análise do processo de intervenção grupal, considerando tanto as aproximações, quanto as divergências, entre os dados objetivos e subjetivos. Tal articulação de todos os dados obtidos é respaldada pela discussão com os referenciais teóricos adotados pelo estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por isso a descoberta, o desvelamento do objeto, é um ato de coragem, que significa vencer o medo do insólito, do novo ou do sinistro que podem se ocultar no objeto. A esse medo une-se um sentimento de culpa pelo fato de olhar aquilo que os outros não olharam.⁷

Cabe informar que na presente investigação optou-se por apresentar e discutir apenas os dados obtidos pelo Grupo de Orientação de Pais, uma vez que este se mostrava como sendo o objetivo principal desse estudo. Os dados referentes ao questionário do Grupo Controle (comparação entre o 1º. e o 2º. momento de aplicação por meio do Teste não-paramétrico de Wilcoxon), bem como as comparações (dos patamares iniciais e da evolução dos grupos) realizadas entre Grupo Controle e Grupo de Orientação de Pais (teste não-paramétrico de Mann-Whitney) não serão discutidos, uma vez que não foram constatadas diferenças estatísticas significativas, salvo com relação ao item 5, referente ao Eixo Atividades, na comparação entre os patamares iniciais dos grupos, algo que será analisado posteriormente. No entanto, todos esses dados (que não constam no corpo do texto) são apresentados em tabelas nos APÊNDICES L, M, N, O.

Inicialmente serão apresentados e analisados os dados referentes a variáveis sócio-demográficas da amostra de participantes do Grupo de Orientação de Pais. Em seguida, serão apresentados e comentados os dados referentes à análise das respostas obtidas por meio do questionário aplicado pré e pós a intervenção, e depois, os dados obtidos por meio do processo de intervenção grupal realizado com o Grupo de Orientação de Pais. Por fim, realizou-se uma discussão articulando todos os resultados obtidos pela presente investigação.

⁷ Pichon-Rivière e Quiroga. Em: Psicologia da vida cotidiana, 1998

4.1 Variáveis demográficas

A estatística descritiva realizada possibilitou a categorização da amostra de participantes do Grupo de Orientação de Pais, segundo as variáveis: sexo, idade e escolaridade. No que diz respeito ao número de participantes, segundo a variável sexo, observou-se conforme representado na Tabela 2, que a maioria dos participantes do Grupo de Orientação de Pais eram mulheres (68,2%).

Tabela 2 - Distribuição da amostra do Grupo de Orientação de Pais em função do sexo e número de participantes

GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	SEXO		TOTAL
	Feminino	Masculino	
PARTICIPANTES	15	7	22
	68,2%	31,8%	100%

Informa-se que no Grupo de Orientação de Pais, dos 22 participantes, havia quatro casais e, assim, 57,1% dos homens participaram da intervenção psicológica acompanhados de suas mulheres. No que diz respeito ao total de mulheres, 26,6% estavam acompanhadas de seus maridos. Observou-se com esses dados, que as mulheres foram maioria na procura pelo Grupo de Orientação de Pais. No caso do presente estudo, essas mulheres eram mães buscando ajuda a fim de compreenderem melhor sobre a complexidade do processo da escolha profissional e sobre o papel que teriam, junto aos filhos, em tal processo. Esses dados, em princípio, poderiam revelar que essas mulheres, em função do que é esperado tendo em conta a identidade de gênero, representam a figura materna que se responsabiliza pela saúde e educação da família, incluindo o processo de desenvolvimento profissional dos filhos. Cumpre assinalar que das 15 mulheres, 12

trabalhavam fora de casa e três eram donas-de-casa. Romanelli (1995) aponta que, apesar das mudanças que vêm ocorrendo em relação ao papel da mulher (mãe e esposa) dentro da família, essa familiaridade, que a mesma mantém em relação às questões que envolvem as relações interpessoais e os afetos, favorece muito o diálogo entre elas e seus filhos, possibilitando referenciais para eles enfrentarem dificuldades que possam surgir em seu dia a dia.

Considera-se, também, que o número de homens que participou da pesquisa seja indicador de uma situação que vem se alterando na contemporaneidade e que, revela correspondência com o que salientou Romanelli (1991, 1995) sobre o fato das mulheres, que moram com seus parceiros, insatisfeitas com a divisão sexual do trabalho, exigirem cada vez mais a participação do homem na vida doméstica. Desse modo, observa-se que a participação da mulher no mercado de trabalho tem contribuído para novos arranjos na distribuição e assunção das tarefas domésticas, bem como no cuidado com os filhos, em qualquer idade. Assim, no âmbito do espaço privado, o homem acabou por se aproximar mais dos filhos, promovendo mudanças significativas nos vínculos familiares. Vale, inclusive, apontar que tem sido observado um aumento na presença de homens nas referidas reuniões que o SOP promove com os pais de adolescentes em atendimento de OVP.

No que diz respeito à variável idade dos participantes, observou-se que a idade mediana dos pais foi em torno dos 45 anos, conforme revela a Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição da amostra de participantes do Grupo de Orientação de Pais em função da idade

GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	IDADE		
	1°.quartil	Mediana	2°.quartil
PARTICIPANTES	43,50	45,00	51,50

Observou-se, com esses dados, que a maioria dos participantes nasceu nas décadas de 1960 e 1970. Soares-Lucchiari (2004a), ao tratar da influência do *ideal de ego*⁸ dos pais sobre a escolha profissional dos filhos, salienta que coexistem duas “crises” no momento dessa escolha pelo jovem: a crise da adolescência do filho e a “crise dos 40 anos” dos pais, afinal seus próprios pais (avós dos filhos) já envelheceram e seus filhos direcionam-se para a vida adulta. Assim, os pais, com percepção mais intensa da brevidade do tempo, estão reformulando sua imagem e reavaliando suas próprias escolhas e ambições, sendo que, nesse cenário, muitos não revelam condições de funcionarem como suporte aos filhos, uma vez que não conseguem lidar com seus próprios conflitos (SOARES-LUCCHIARI, 2004a). Assim, em relação aos participantes do presente estudo, considera-se que muitos se encontravam em um momento da vida de questionamentos quanto ao papel e função que deveriam exercer junto aos filhos, já não mais crianças, e em processo de escolha profissional.

O nível de escolaridade também foi descrito estatisticamente, conforme mostra, a seguir, a Tabela 4. Observou-se que 50% dos pais-participantes tinham Ensino Superior completo, dado que poderia ser relacionado com o fato de que a maioria dos jovens que busca a Orientação Vocacional/Profissional, no SOP, revela intenção de ingressar no Ensino Superior.

⁸ Roudinesco e Plon (1998), a respeito do conceito de *ideal do eu* ou de *ideal de ego*, salientam que Freud fez uso da expressão para designar o modelo de referência do “eu”, sendo o *ideal de ego*, ao mesmo tempo, um substituto do narcisismo infantil e, também, produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais. Na tentativa de definir o conceito, Laplanche e Pontalis (2001) aproveitaram da contribuição de Daniel Lagache, que indica uma relação estrutural entre o *superego* e o *ideal de ego*, de modo que o *superego* se equivaleria à autoridade e o *ideal de ego* à maneira como o indivíduo deveria se portar a fim de corresponder às expectativas dessa autoridade.

Tabela 4 - Distribuição da amostra de participantes do Grupo de Orientação de Pais em função do nível de escolaridade

GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	ESCOLARIDADE				
	2º.grau incompleto	2º.grau completo	3º.grau incompleto	3º.grau completo	Em branco
PARTICIPANTES	1 4,5%	7 31,8%	2 9,0%	11 50,0%	1 4,5%

Tendo em conta que a maior parte dos participantes eram mulheres, relaciona-se esse dado com a correlação observada por Fiamengue e Whitaker (2003) que, analisando o peso da instrução da mãe na influência dos caminhos que seus filhos seguem no futuro, constataram, pelo papel que a mãe ainda representa em nossa sociedade como a responsável pela educação dos filhos, que seu nível de instrução era considerado o fator de maior influência na formação do chamado *capital cultural* por parte dos jovens estudantes.

Estudo realizado por Silva (1996) revelou que as famílias se valem de estratégias para manterem ou melhorarem sua posição dentro da sociedade. Nas classes médias, os pais (sobretudo se já possuem Ensino Superior) encorajam o estudo por parte dos filhos e, ainda, investem no sentido de favorecer o sucesso escolar e profissional dos jovens (SILVA, 1996). Assim sendo, o presente estudo considera que o incentivo dos participantes para que seus filhos realizassem o processo de Orientação Vocacional/Profissional, uma vez que os mesmos apresentavam dúvidas em relação à escolha profissional, constituía-se em “estratégias” que favoreceriam os jovens a adquirir formação de nível Superior. Inclusive, reflete-se que a própria adesão dos participantes ao Grupo de Orientação de Pais também teria correspondência com tais “estratégias”, as quais, possivelmente estariam associadas aos desejos dos participantes de atender expectativas que possuíam para o futuro dos filhos. Essas

reflexões, no entanto, serão abordadas com maior respaldo, na articulação com os dados qualitativos obtidos.

4.2 Análise das respostas do Questionário de Pais

Realizou-se uma análise das respostas do Questionário de Pais (APÊNDICE A) aplicado, nos participantes, antes e após o processo de intervenção grupal (Grupo de Orientação de Pais). É pertinente apontar que apesar do Questionário de Pais esclarecer, inicialmente, que os participantes deveriam responder tendo por base o que sentiam, pensavam e faziam, faz-se necessário considerar a possibilidade de terem respondido conforme imaginavam ser o “esperado” ou o “correto”, tendo em conta suas próprias expectativas quanto aos papéis de pai/mãe. Considera-se que esta é uma questão importante envolvendo pesquisas que estudam fenômenos sociais e psicológicos e que, em função de tais expectativas, pondera-se que respostas enviesadas possam ter ocorrido.

4.2.1 Análise qualitativa das respostas abertas

Expectativas

Realizou-se um procedimento de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1979), com objetivo de explorar as percepções dos participantes obtidas pelo Questionário de Pais (APÊNDICE A) antes e após a intervenção, tendo por base comentários realizados pelos mesmos (nos espaços em branco, abaixo das escalas do tipo Likert) e as respostas de duas questões abertas: (1) Quais são suas expectativas em relação ao futuro de seu filho? (enquanto pessoa, estudante e profissional); (2) Quais perspectivas você pensa que seu filho possui em relação ao seu próprio futuro? (enquanto pessoa, estudante e profissional).

Na fase da Pré-análise dos dados, uma leitura flutuante de todo o material foi realizada, bem como uma organização dos dados segundo as *unidades de contexto*. A partir destas, retiraram-se as *unidades de registro*, das quais foi possível identificar seis categorias temáticas mais frequentes referentes às expectativas dos pais-participantes. A Tabela 5, a seguir, apresenta as categorias temáticas e a frequência com que foram observadas nas comunicações escritas dos pais, ao longo do questionário, antes e após participarem do processo de intervenção psicológica grupal.

Tabela 5 - Distribuição da frequência das categorias temáticas referente às expectativas dos participantes do Grupo de Orientação de Pais, pré e pós-intervenção

CATEGORIAS	PRÉ- INTERVENÇÃO	PÓS- INTERVENÇÃO
Expectativas de satisfação/realização	32 37,6%	25 42,4%
Expectativas quanto à escolha profissional	15 17,6%	16 27,1%
Expectativas quanto a valores e princípios éticos	18 21,2%	10 16,9%
Expectativas de retorno e estabilidade financeira	6 7,0%	5 8,5%
Expectativas quanto ao papel de pai/mãe	10 11,7%	1 1,7%
Expectativas de ingresso na faculdade/universidade	4 4,7%	2 3,4%
TOTAL	85 100%	59 100%

É possível observar, conforme a Tabela 5, que os pais revelaram, de modo geral, mais expectativas quanto ao futuro profissional de seus filhos e, principalmente, quanto ao papel de pai/mãe, antes de participarem do processo de intervenção no Grupo de Orientação de Pais.

Apresentar-se-ão, a seguir, as categorias temáticas, preservando a ordem de frequência com que foram observadas. As mesmas são descritas com exemplos de recortes das comunicações dos participantes, a fim de ilustrar-se como foram identificadas. Cabe esclarecer que para sustentar a análise das categorias temáticas são fornecidas informações referentes a dados dos participantes, como grau de instrução, profissão, situação profissional ou ocupacional.

Expectativas de satisfação/realização

Os dados obtidos por meio do Questionário de Pais, conforme demonstrado na Tabela 5, revelaram as expectativas mais expressas pelos participantes as que faziam referência ao desejo de que os filhos, futuramente, fossem felizes, satisfeitos, realizados pessoal e profissionalmente. Observou-se, ainda, que tais expectativas foram mais expressas pelos participantes antes de realizarem o processo de intervenção no Grupo de Orientação de Pais.

As comunicações, a seguir, demonstraram associações que os pais fizeram entre expectativas de: satisfação pessoal, realização profissional e sucesso na carreira:

[...] que ele se realize e se encontre na profissão [...]⁹. Sei que ele quer brilhar e ser muito feliz na profissão. (Sônia¹⁰, 2º.grau, do lar; pré-intervenção).

[...] que seja um profissional feliz por sua escolha e que com isso tenha sucesso. (Mauro, 2º. grau, Agricultor; pré-intervenção).

⁹ O sinal de reticências entre colchetes refere-se à continuidade da resposta ou comentário dos participantes que, no entanto, foram excluídas em função da relevância ou pertinência a cada categoria temática. Os grifos realizados remetem-se aos núcleos das *unidades de registros*, em acordo com o procedimento da Análise de Conteúdo.

¹⁰ Os participantes são referidos segundo nomes fictícios, como forma de resguardar suas identidades.

Espero que minha filha consiga se realizar tanto pessoalmente como profissionalmente, pois acredito que uma coisa está relacionada com a outra, para isso quero que esteja bem preparada na hora de escolher o seu futuro. (Dora, Superior, Assistente Social; pré-intervenção).

[...] que ela tenha um futuro seguro e feliz e possa se realizar como pessoa, ser humano e profissionalmente. (Joana, Superior, Secretária; pós-intervenção).

Observou-se, a seguir, que alguns participantes fizeram o mesmo tipo de associações mencionadas anteriormente, entretanto, explicitaram serem estas expectativas que os filhos possuíam. Identifica-se, no entanto, que sob o discurso explícito, a situação implícita revelasse que estas também eram expectativas dos próprios pais em relação ao futuro profissional de seus filhos:

Percebo que ela quer se realizar, ser bem sucedida e ser feliz. (Salette, Superior, Professora; pré-intervenção).

Ele busca a cada dia adquirir novos conhecimentos, amadurecimento, desenvolvimento, com objetivo de realização pessoal e profissional. (Pedro, Superior, Técnico de informática; pré-intervenção).

Ela pensa em realizar seus objetivos, ser bem sucedida profissionalmente e feliz. (Rosa, Superior, Professora; pós-intervenção).

O comentário de Mauro, por sua vez, explicitou que este identificava que, após ter realizado o Grupo de Orientação de Pais, ele e o filho convergiam no que dizia respeito às expectativas para o futuro profissional do jovem, conforme se observa seguir:

Acho que eu e ele temos sintonia de pensamentos, pois ele quer escolher um curso que seja prazeroso e que depois de concluído, lhe traga realizações como profissional. (Mauro, 2º. Grau, Agricultor; pós-intervenção).

Nos próximos registros, observaram-se várias comunicações que não apenas apontaram a expectativa de que o filho tivesse satisfação pessoal e realização profissional,

mas também, que adquirisse competência profissional. Considera-se que, implicitamente, os comentários revelassem o quanto os participantes esperavam, sobretudo antes de realizarem o Grupo de Orientação de Pais, um bom desempenho profissional por parte de seus filhos, no futuro:

Que seja uma pessoa feliz, que estude no que goste, para ser uma profissional competente. (Alice, 2º.grau, Massagista; pré-intervenção).

[...]. Como profissional que ela se realize e se torne uma excelente profissional e que seja muito dedicada, decidida e realizada. (Salette, Superior, Professora; pré-intervenção).

Que ela seja uma excelente profissional, reta e competente. (Fátima, Superior incompleto, Secretária; pré-intervenção).

[...]. Tudo aquilo que se propõe a fazer, ela dá tudo de si para conseguir. Eu a vejo como alguém que vai à luta para conseguir o que deseja. [...]. Penso que qualquer carreira profissional que escolher, será bem sucedida, devido às suas qualidades, espero! (Joana, Superior, Secretária; pré-intervenção).

Que tenha um futuro promissor e satisfatório enquanto pessoa, estudante e profissional. Que saiba escolher e conquistar seu espaço em relação a sua profissão para que no futuro ela seja uma ótima profissional, que goste do que esteja trabalhando e que faça com muito profissionalismo e dedicação, com isso sendo muito feliz. (Lurdes, 2º.grau, do lar; pré-intervenção).

Espero um bom desempenho como profissional de bom caráter e realizações. (Helena, 2º. grau, do lar; pós-intervenção).

Ela quer ser uma profissional competente. (Alice, 2º.grau, Massagista; pós-intervenção).

Fátima, Miguel e Márcia, a seguir, demonstraram explicitamente, em seus discursos, a expectativa de que o filho realizasse, futuramente, um trabalho “diferenciado”, que lhe proporcionasse uma posição de destaque em relação aos outros. Miguel justificou-se fazendo alusão à competitividade do mundo do trabalho contemporâneo, que seleciona profissionais com maiores possibilidades de adequar-se as suas exigências sendo que, ao mesmo tempo, o

participante também revelou esperar do filho uma adaptação a esta realidade do mercado atual.

[...] imagino que sempre está almejando uma boa profissão a fim de se destacar dos outros, futuramente. (Márcia, Superior incompleto, Corretora de imóveis; pré-intervenção).

[...] demonstram ter uma certa segurança de que após a definição da carreira, serão profissionais de destaque. (Fátima, Superior incompleto, Secretária; pós-intervenção).

[...]. Que ele faça o que gosta e tentar fazer o melhor para ser um dos melhores, pois nesse mundo competitivo, é preciso ter este diferencial. (Miguel, 2º.grau, Promotor de eventos; pós-intervenção).

O comentário de Fátima, após a intervenção, explicitou o anseio de que o filho, no futuro, conseguisse o reconhecimento das pessoas relacionadas a sua área de atuação, pelo seu trabalho desenvolvido, como se observa no registro seguinte:

[...] que ele seja um profissional muito reconhecido em sua área de atuação. (Fátima, Superior incompleto, Secretária; pós-intervenção).

Na comunicação de Luiza identificou-se, antes da intervenção grupal, a expectativa de que a filha se realizasse profissionalmente, também esperando da mesma um trabalho “diferenciado” em relação aos outros profissionais e sendo reconhecida por isso, como apresentado a seguir:

[...]. Eu acredito muito que, como profissional, independente da escolha dela, ela conseguirá deixar a marca individual no seu trabalho.

Acho que ela espera se realizar profissionalmente. Não sei se ela sabe o que esperar do futuro. A única certeza que vejo nela, é que ela quer trabalhar no que gosta, independente da renda que a assegure. Ela já manifestou isso claramente. Acho isso bastante romantizado uma vez que ela nunca passou por uma real situação de necessidade. (Luiza, Superior, Coordenadora de equipe; pré-intervenção).

Notou-se que Luiza, antes da intervenção, identificava haver uma divergência entre suas expectativas para o futuro da filha e as expectativas que esta tinha para si mesma. A participante revelou desconforto frente ao anseio da jovem escolher uma profissão considerando apenas o prazer e a satisfação, em detrimento de um retorno financeiro que a assegurasse. Luiza considerava que o posicionamento da filha ocorria em virtude da mesma nunca ter enfrentado problemas de ordem econômica, afinal, segundo a participante, a família, até então, sempre contara com recursos financeiros que lhes garantiam certa estabilidade. Identifica-se, assim, uma preocupação declarada da mãe em relação ao futuro da filha, uma vez que considerava que esta apresentava uma postura “romantizada” no que diz respeito à escolha profissional. Observou-se, todavia, que após Luiza participar do Grupo de Orientação de Pais, seu discurso mostrou-se menos crítico, apontando apenas a expectativa de que a filha atuasse em sua profissão com liberdade de expressão de suas idéias e princípios, conforme o registro a seguir:

[...] espero que ela encontre seu caminho na profissão que ela escolher. Eu acredito que ela procura um lugar onde possa se expressar, colocar suas opiniões e realizar algo que ela realmente acredite. (Luiza, Superior, Coordenadora de equipe; pós-intervenção).

Considera-se que o implícito presente na comunicação de Luiza poderia revelar que esta, após a intervenção, também passou a confiar mais nos recursos psíquicos da jovem e a oferecer-lhe maiores possibilidades de expressão e aceitação de suas opiniões e idéias. Já no que diz respeito ao comentário de Cássia, a seguir, realizado antes da intervenção, a mãe não demonstrou preocupação com a profissão que o filho viesse a escolher, expressando apenas o desejo de que este fosse feliz futuramente:

Quero que meu filho seja feliz, independente da carreira que ele venha a escolher [...]. (Cássia, 2º. grau, professora (não exerce); pré-intervenção).

Nas próximas comunicações, em contrapartida, identificou-se uma ansiedade dos pais de que o filho escolhesse a profissão que seria “correta”, considerando que assim o mesmo teria garantias de realização e satisfação futura. Ficou evidente a idéia dos participantes com relação à existência de uma carreira profissional ideal, que pudesse proporcionar ao indivíduo um estado de completude e, conseqüentemente, muito prazer. Sabe-se, entretanto, o quanto a impossibilidade de se encontrar a “carreira ideal” acarreta, muitas vezes, em grande indecisão na escolha por uma profissão, além de decepção e frustração, quando não se obtém o sucesso esperado nessa busca. Muitos abandonam faculdades ou não exercem a profissão para a qual se formaram, por preservarem a idéia da busca por uma carreira que estaria em acordo com todas as necessidades do indivíduo. No entanto, não foi observado um posicionamento crítico dos pais quanto a essa questão, como mostram os registros a seguir:

[...]. Que ele se encontre e assim, ele será um excelente profissional em qualquer área atrelada. (Luís, 2º.grau incompleto, Comerciante; pré-intervenção).

Espero que ela possa encontrar uma profissão que a complete sob todos os requisitos que ela julgue serem importantes para que ela possa ser feliz com o que faz. (Renato, 2º.grau, Funcionário público; pré-intervenção).

Ser inteiramente realizado e feliz no que está desempenhando profissionalmente, que o permitirá sentir-se completo. (Pedro, Superior, Técnico em Informática; pós-intervenção).

[...] como profissional, que consiga se encontrar ao realizar o seu grande sonho profissional. (Márcia, Superior incompleto, Corretora de imóveis; pós-intervenção).

Que ela se realize profissionalmente, conseguindo optar pela carreira certa para ela. (Salette, Superior, Professora; pós-intervenção).

Observou-se assim, que os comentários anteriores apenas denunciaram, mesmo após a intervenção, o quanto não apenas o jovem apresentava idealizações quanto ao que uma carreira profissional pode propiciar de satisfação ao sujeito como, também, que muitos

participantes ainda revelavam tais expectativas, apesar de suas experiências e percursos profissionais.

As participantes, Dora e Beatriz, por sua vez, abordaram a questão da mulher em sua tentativa de conciliar a esfera profissional e a familiar. Ambas mencionaram identificar que as filhas buscariam, futuramente, equilibrar essas duas esferas. Considerou-se, entretanto, que a situação implícita denunciava que as próprias participantes também revelavam esperar o mesmo de suas filhas, evidenciando o quanto muitas mulheres anseiam atender tanto suas necessidades de mãe, esposa e dona de casa, como também, da mulher que deseja atuar no mercado de trabalho, ser remunerada por isso e sentir-se realizada profissionalmente. Assinala-se que as duas mães tinham Ensino Superior e trabalhavam nas áreas em que se graduaram. Identifica-se que a comunicação implícita das participantes também denunciou idealizações que mantinham quanto ao papel da mulher (enquanto mãe, esposa e profissional) como alguém que poderia exercer “perfeitamente” todos esses papéis e, ainda, sentindo-se realizada em relação a todos. Todavia, esse discurso, com características onipotentes, desconsiderou o quanto todo esse desdobramento de funções da mulher exige extenuante esforço da mesma, sendo que, na maioria dos casos, não é possível obter o retorno esperado, algo que muitas vezes acarreta em sentimentos de frustração e até, em alguns casos, de culpa. Dora, por exemplo, era uma das mães que, tendo em conta a percepção do desempenho de sua atuação junto à filha e o modelo “ideal” que mantinha referente ao papel de mãe, apresentava fantasias de que oferecia à filha pouca atenção, em virtude de sua longa carga horária de trabalho.

Acredito que minha filha também pense na realização profissional junto com a sua realização pessoal em todos os sentidos: casamento, filhos, emprego etc. (Dora, Superior, Assistente social; pré-intervenção).

[...]. Espero que ela consiga conciliar o lado profissional com o familiar de maneira que consiga se sentir realizada em ambos, pois

isso já é algo que a preocupa. (Beatriz, Superior, Cirurgiã-dentista; pré-intervenção).

Beatriz após a intervenção, explicitou um discurso menos idealizado e mais realístico. Contudo, a participante voltou a se referir à preocupação que a filha apresentava em conciliar trabalho e família, assim como se observa em seu comentário a seguir:

[...] que ela encontre uma profissão em que possa se realizar pessoalmente e financeiramente dentro do limite possível. E que ela sempre possa ter estímulo para crescer. [...]. Ela quer fazer algo que lhe dê prazer e quer conciliar com uma vida voltada para a família". (Beatriz, Superior, Cirurgiã-dentista; pós-intervenção).

Cabe apontar que Beatriz oferecia à filha uma referência de mulher que buscava conciliar satisfatoriamente os dois universos: familiar e profissional, não demonstrando, aparentemente, conflitos quanto aos papéis que desempenhava.

Observou-se assim, de modo geral, que os participantes revelaram grandes expectativas em relação ao futuro profissional de seus filhos, sendo que, foram identificadas, em várias comunicações, aspirações muito idealizadas que os pais mantinham em relação ao que uma carreira profissional poderia proporcionar em termos de satisfação ao indivíduo. Considera-se que tais aspirações correspondiam ao que os participantes imaginavam ser “o ideal” (em acordo com suas valorações, percepções, crenças, entre outros) de ser conquistado pelo sujeito, a fim de sentir-se realizado por meio da profissão. Na situação implícita, os pais denunciaram esperar que seus filhos (atuando como depositários de suas demandas) atendessem, de algum modo, a estas expectativas. Contudo, foi possível observar, como mostra a Tabela 5, que após realizarem o processo no Grupo de Orientação de Pais, houve mudanças nas respostas dos participantes, uma vez que estes passaram a revelar menos essa categoria de expectativa.

Identificou-se ainda em algumas comunicações (antes e após a intervenção), mesmo que indiretamente, uma preocupação de vários pais em relação ao futuro dos filhos, no que diz respeito a um futuro estável e seguro, ou ainda, que estes se destacassem ou fossem reconhecidos. Desse modo, considera-se que tal preocupação se relacionasse com mudanças bruscas e aceleradas, que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, incluindo aumento do desemprego, a instabilidade de cargos e carreiras, a grande concorrência e competitividade do mercado de trabalho, e as exigências cada vez maiores de qualificação profissional, o que contribui para a imprevisibilidade, cada vez mais significativa, com relação ao futuro profissional.

Expectativas quanto à escolha profissional

Muitos participantes explicitaram expectativas referentes à escolha profissional por parte de seus filhos. Entretanto, observou-se que nenhum fizera referência clara às expectativas de que os jovens escolhessem alguma carreira ou curso universitário específico.

Os pais mencionaram, tanto antes quanto após a intervenção grupal, em suas respostas, sentimentos e posicionamentos que seus filhos apresentavam em relação à escolha profissional, como: indefinição, confusão, insegurança, dúvida, imaturidade, inconstância, dependência, falta de confiança, entre outros. Observou-se, assim, que as comunicações dos participantes revelavam ansiedade e desconforto no que dizia respeito, principalmente, à indecisão de carreira por parte dos filhos. Vale esclarecer que tais comentários foram realizados, pelos participantes, no espaço que correspondia à resposta da questão referente às expectativas para o futuro profissional dos filhos. Desse modo, identifica-se que se mostrava importante, aos pais, mencionarem como estavam seus filhos naquele momento presente, revelando o quanto se mantinham ansiosos com a indecisão profissional dos adolescentes. Essa preocupação revelava-se como um dos motivos manifestos (situação explícita) que levou

os participantes a buscarem auxílio do Grupo de Orientação de Pais. Observou-se, inclusive, que nas respostas pós-intervenção, alguns demonstraram desapontamento e frustração frente à expectativa de que o filho concluísse o seu processo de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) mais decidido e confiante. Cabe esclarecer que o Grupo de Orientação de Pais e o processo de OVP dos filhos ocorreram concomitantemente¹¹ e foram concluídos praticamente juntos (início do mês de julho, do ano de 2007).

Nas comunicações, a seguir, são ilustradas respostas de pais que revelaram, antes de participarem do Grupo de Orientação de Pais, estranhamento e preocupação devido à indefinição, dúvida, confusão, em virtude dos filhos mudarem tão rapidamente na escolha de uma profissão para outra.

A carreira profissional está muito vaga e sem definições para ele. Ele pede a opinião, mas ele nem sempre é explicativo, pois não sabe o que quer fazer. (Sônia, 2º.grau, do lar; pré-intervenção).

Ele ainda não tem uma definição do que pretende no futuro. Tem mudado muito de opinião. (Fátima, Superior incompleto, Secretária; pré-intervenção).

[...] para o lado profissional, está bastante confuso. (Raquel, Superior, Assistente Social; pré-intervenção).

[...] ele tem muita dúvida, incerteza, nada definido ainda, a cada momento fala em várias profissões. (Márcia, Superior incompleto, Corretora de imóveis; pré-intervenção).

A comunicação anterior (Márcia) e a próxima (Carmem) demonstraram, explicitamente, a preocupação das mães em relação à dificuldade dos filhos de optarem por uma única profissão em detrimento de tantas outras, diante de uma realidade atual, que tem oferecido tantas possibilidades.

¹¹ Ressalta-se que o processo de Orientação Vocacional/Profissional com os adolescentes e o Grupo de Orientação de Pais não foram coordenados pelos mesmos psicólogos, não havendo assim, qualquer comunicação entre os coordenadores. Desse modo, os pais não tinham qualquer acesso a informações sobre os atendimentos que estavam sendo realizados com os filhos (e vice-versa), a não ser pelos próprios filhos.

Atualmente está muito confuso. Gosta de muitas coisas e ter que escolher uma só, é muito difícil. (Carmem, Superior, Enfermeira (não exerce), Comerciante; pré-intervenção).

Em gerações passadas (como a dos participantes, por exemplo) o mundo das profissões não se mostrava tão fragmentado e decomposto em várias carreiras, cada vez mais específicas, como na atualidade. Observa-se que hoje, muitas vezes, é o próprio excesso de opções o que angustia o adolescente, que se vê perdido, imerso em possibilidades e, paradoxalmente, tendo que escolher uma carreira.

Considera-se, ainda, pertinente informar a respeito de conflitos de origem vocacional e profissional, identificados em alguns participantes do Grupo de Orientação de Pais. Márcia (citada anteriormente), por exemplo, que mostrava preocupação pelo fato da filha falar em várias profissões, abandonou a faculdade que cursava e, só recentemente, dizia-se mais satisfeita com a profissão que exercia. Paulo (apresentado a seguir), Carmem, Renato e Salete também revelavam questões que envolviam conflitos vocacionais. Vale ressaltar que esses participantes explicitaram suas problemáticas vocacionais, mas compreende-se que, na realidade, o homem apresenta, no decorrer da vida, conflitos que permeiam seu desenvolvimento vocacional, em virtude das mudanças de suas necessidades ao longo do tempo, em função de seu processo de amadurecimento e de seu contexto sócio-histórico. O modo como cada ser humano lida (ou não) com seus conflitos vocacionais, e com a tentativa de resolução dos mesmos, é o que configura a individualidade da problemática vocacional de cada um.

O discurso de Paulo, a seguir, demonstrou sua ansiedade com relação à dependência e à inconstância da filha. No entanto, em resposta antes da intervenção, revelou a esperança de que, quando a adolescente fosse adulta e conhecesse mais sobre seus interesses e desejos, ela atingiria seus objetivos.

Ela ainda está um pouco indecisa, ansiosa, muito dependente. Um pouco retraída para solucionar problemas. Mas profissionalmente, já

adulta, sabendo o que quer, vai atingir sua meta planejada [...]. (Paulo, Superior, Comerciante; pré-intervenção).

Em comunicação, após ter participado da intervenção, observou-se, entretanto, certo desapontamento do pai, em virtude da filha “*ainda*” revelar indecisão profissional, assim como mostra o registro a seguir:

[...]. Está muito indefinida, inconstante, preocupada, pois ainda não encontrou o caminho a seguir. (Paulo, Superior, Comerciante; pós-intervenção).

Cumpre assinalar que Paulo não atuava na área na qual se graduara, revelando ter sido muito indeciso quanto à escolha da carreira em sua juventude e que, inclusive, ainda não se mostrava satisfeito com a profissão que exercia, sentindo-se sem esperanças quanto a sua ocupação. Considera-se, então, que o participante possa ter sido motivado, inconscientemente, a procurar o Grupo de Orientação de Pais, em função do modo como lidava com sua problemática vocacional. Seu comentário poderia também revelar, implicitamente, a expectativa de que a filha tivesse um futuro diferente do seu, almejando que a mesma atingisse seus objetivos.

O discurso de Salete, a seguir, também demonstrou certa ansiedade em relação ao futuro da filha. A participante revelou, antes da intervenção, uma preocupação frente à dificuldade que observava na jovem, para tomar suas próprias decisões, assim como se observa no registro:

[...] que saiba tomar suas decisões e tenha iniciativa para as decisões que aparecerem no cotidiano, pois é muito dependente de nós, pais, para ajudá-la.

Sinto que há muitas dúvidas e expectativas em relação à escolha que terá que fazer. Percebo, em minha filha, que é difícil para ela tomar decisões, pois é muito tímida e não gosta de se expor. Por conta disso, deixa de ter iniciativas e deixa passar oportunidades. (Salete, Superior, Professora; pré-intervenção).

Menciona-se que Salete havia reorientado sua escolha profissional e, desse modo, a situação implícita em seu discurso poderia denunciar que a preocupação com a indecisão da filha se relacionasse com mudanças que a participante necessitava realizar em seu percurso vocacional. Observou-se, após a intervenção, que Salete revelou ambivalência em relação aos seus sentimentos e percepções sobre a filha, como mostra o registro, a seguir:

Ainda muito incerta. Muita indecisão. Porém, acho que se conseguir se decidir de acordo com o que ela fala, acho que se sentirá realizada e dará tudo certo. (Salete, Superior, Professora; pós-intervenção).

Considera-se que a comunicação de Salete explicitou os pares contraditórios, ao mesmo tempo em que deixou transparecer frustração e desânimo em virtude da filha ainda apresentar muita indecisão (inclusive, parecia ter dúvidas de que ela conseguiria escolher), por outro lado, também revelou esperança e a expectativa da filha sentir-se realizada futuramente.

Por sua vez, a comunicação de Luiza, a seguir, trouxe em questão a preocupação de que a filha adolescente realizasse uma escolha profissional, optando por um curso superior considerado de mais “fácil” aprovação no vestibular, devido a uma menor concorrência entre os candidatos, como mostra o registro:

Acredito que a insegurança e a falta de confiança que a minha filha tem nela mesma, podem ser fatores decisivos na escolha profissional, uma vez que o medo que ela tem de não passar no vestibular pode levá-la a escolher uma profissão mais fácil (no vestibular), com menos concorrência. (Luiza, Superior, Coordenadora de equipe; pré-intervenção).

Observou-se, entretanto, que Luiza não pôs em questão o fato do jovem, na realidade contemporânea, não ser instigado (pelos pais, família, e mesmo, pela escola) a adquirir condições para refletir sobre si mesmo e aprender a realizar escolhas autênticas e maduras. Desse modo, mostra-se muitas vezes contraditório esperar que o mesmo esteja preparado e

confiante para enfrentar escolhas e tarefas que já exigem certo grau de responsabilidade e a condição de lidar com situações complexas, como por exemplo, a concorrência desmedida observada em muitos vestibulares. Considera-se também que, na situação implícita, Luiza tendo em conta suas próprias experiências (a mesma era graduada em uma conceituada universidade pública), na comparação entre as gerações, esperava da filha um posicionamento semelhante ao que tivera, em sua juventude, ao realizar a escolha profissional.

O discurso de Miguel, por sua vez, demonstrou, após sua participação no Grupo de Orientação de Pais, não apenas preocupação e certa frustração com a indecisão profissional do filho, mas também, que o participante, mostrava-se apreensivo com o desgaste que o jovem demonstrava, o que, segundo Miguel, era fruto da intensa dedicação aos estudos e do difícil momento da escolha da profissão, como se observa no registro a seguir.

Acho que ainda está muito indefinido. Está em uma fase de muito estudo, de muito stress com tudo isso e começou a dar mostras de fadiga, isso me preocupa muito [...]. (Miguel, 2º.grau, Promotor de eventos; pós-intervenção).

Contudo, cabe retomar que o próprio participante, já citado anteriormente, revelou a expectativa de que o jovem, no futuro, tivesse um “*diferencial*”, fazendo o “*melhor*”, destacando-se dos outros profissionalmente. Desse modo, considera-se que, na situação implícita, Miguel também esperava dedicação e resultados positivos (como a aprovação no vestibular) por parte de seu filho.

A preocupação com a indecisão profissional foi associada explicitamente, no comentário de Cássia, à imaturidade do filho. No comentário a seguir, antes da intervenção, a participante relatou ter a expectativa de que o filho apresentasse uma maior consciência da importância do momento da escolha da profissão e, ainda, que enfrentasse os obstáculos que surgiriam em seu percurso, uma vez que sempre teria o apoio dos pais:

[...] que seja consciente das dificuldades de sua escolha e que aceite os desafios que surgirão em sua vida, sabendo que nós, seus pais, o apoiaremos sempre. (...) Até o momento, não tem opinião exata do que quer, só sabe o que não quer. (Cássia, 2º.grau, Professora (não exerce); pré-intervenção).

Após a intervenção, entretanto, observou-se que Cássia mostrou-se mais desanimada e desapontada com a dificuldade que identificava, no filho, para assumir responsabilidades do mundo adulto, assim como se observa no registro:

[...] ele só quer saber de poder curtir a vida sem responsabilidades. (Cássia, 2º.grau, Professora (não exerce); pós-intervenção).

O próximo comentário, de Raquel, também expressou claramente a preocupação com a insegurança e a dependência do filho, revelando que esperava dele um maior amadurecimento em direção ao mundo adulto. Entretanto, a participante identificava o empenho do mesmo com relação aos estudos e à escolha vocacional, como se observa a seguir:

Como pessoa, no meu ponto de vista, falta um pouco de segurança e independência. Portanto, gostaria que meu filho se sentisse mais confiante e independente em vários aspectos. Como estudante e profissional, acredito que está havendo bastante empenho na escolha da profissão [...].

[...] como estudante, ele procura aproveitar todas as oportunidades. Como profissional, está bastante confuso. (Raquel, Superior, Assistente Social; pré-intervenção).

Após participar da intervenção, a mãe voltou a valorizar os recursos do filho, referindo-se à vontade que o mesmo tinha de “crescer”. No entanto, revelou também a expectativa de que este compreendesse a importância das escolhas serem conscientes, considerando a necessidade da independência financeira:

Como estudante, que meu filho consiga entender que estudar é para a vida e não só para passar no vestibular. Como profissional que faça

uma escolha sem pressa ou arrependimentos. Como pessoa, que ele tivesse mais consciência da importância da independência financeira ao se fazer uma escolha profissional. [...]. Observo que ele tem vontade de crescer [...]. (Raquel, Superior, Assistente Social; pós-intervenção).

Destaca-se que o discurso de Raquel fez alusão à questão da escolha “*sem pressa, sem arrependimento*”, ou seja, a expectativa do filho não se decidir impulsivamente, de modo que, no futuro, não apresentasse dúvidas com relação à escolha feita ou, ainda, que não “voltasse atrás” em sua decisão. A comunicação da participante mostrou implícita a idéia de que refazer escolhas fosse o mesmo que retroceder, “voltar atrás em um tempo que se perdeu” e, ainda, revelou que acreditava na existência de uma única escolha correta. Infere-se que Raquel evidenciava, implicitamente, um desejo de evitar que o filho sofresse ao precisar atravessar um longo caminho, refazer escolhas, para só então decidir-se pela carreira, com mais segurança. Observa-se, desse modo, que a própria mãe não identificava ser, a escolha da profissão, um processo de amadurecimento e que, como tal, implica em contato com conflitos, resolução de dilemas e reavaliações ao longo da vida.

O anseio de que a escolha fosse feita, da melhor maneira possível, com um mínimo de sofrimento e dificuldade pelos filhos, também foi observado, porém mais explicitamente, nos comentários de Jaime e Dora:

[...] que saiba encontrar o seu caminho para no futuro não se frustrar. (Dora, Superior, Assistente Social; pré-intervenção).

O comentário de Jaime, após a intervenção, denunciou claramente certa impaciência com relação ao tempo do processo da escolha profissional por parte da filha. Considera-se que, na situação implícita, Jaime, que não tinha formação Superior, ansiava muito pelo ingresso da jovem em uma faculdade.

Que encontre o mais rápido possível, com menos tropeços o seu rumo profissional. (Jaime, 2º.grau completo, Representante comercial; pós-intervenção).

Foi então observado, em várias comunicações dos participantes, a preocupação com a situação da indecisão profissional dos filhos, denunciando o desconforto dos pais frente à incerteza, insegurança, inconstância, dependência e falta de confiança que os jovens apresentavam. Vários atribuíram à situação de indecisão profissional, alguns explicitamente, outros implicitamente, a imaturidade dos filhos adolescentes. Na situação implícita, os pais denunciavam a expectativa de que os jovens já fossem maduros para realizar uma escolha profissional “consciente”. No entanto, observou-se que muitos pais, incluindo os que expressaram dificuldades para lidarem com seus conflitos vocacionais, revelaram o desejo de que os filhos não sofressem em relação ao seu percurso vocacional (como por exemplo, enfrentar a dificuldade para escolher uma única carreira, sofrer ao fazer escolhas “erradas” ou, mesmo, ter que refazer a escolha), evidenciando assim, não só uma grande idealização em relação à existência de uma carreira profissional que ofereça satisfação completa ao sujeito, como também, que duvidavam das condições dos filhos de aprenderem com dificuldades e conflitos com que, possivelmente, entrariam em contato. Cabe problematizar como os participantes esperavam que os jovens amadurecessem em direção ao mundo adulto, assumindo responsabilidades e fazendo escolhas conscientes, se os próprios pais, muitas vezes, desejavam proteger os filhos de conflitos e das “dores” do processo do crescimento?

No comentário a seguir, Carmem demonstrou que valorizava muito os recursos que identificava em seu filho. Entretanto, o receio e a desconfiança de que este não saberia lidar com a angústia da indecisão profissional, também se denunciou em seu discurso. Vale apontar que a participante não atuava na profissão na qual se formara, tornando-se comerciante, juntamente com o marido. Inferiu-se, desse modo, que a situação implícita em sua comunicação referia-se aos próprios sentimentos que a mãe vivenciara em seu percurso

profissional e que, assim, desejava evitar que o filho enfrentasse, como mostra o registro seguinte:

Eu o considero um rapaz bastante inteligente e com grande capacidade de memorização. [...]. Gostaria que ele tivesse mais clareza de qual é a profissão, pois não saber causa muita angústia a si mesmo. Espero que saiba seguir sua intuição e, ao mesmo tempo, desenvolva a maturidade para enfrentar as exigências deste mundo lá fora. [...] sempre foi bom aluno, com bons resultados, o que lhe dá uma certa “segurança” de saber que se ele fizer para valer, ele consegue. O problema tem sido saber o que quer. (Carmem, Superior, Enfermeira (não exerce), Comerciante; pré-intervenção).

Observou-se, entretanto, que após participar do Grupo de Orientação de Pais, Carmem valorizou a importância do processo de autoconhecimento, a fim de se realizar uma escolha profissional mais segura e amadurecida, conforme revelou o comentário seguinte:

*Minha principal expectativa é que ele saiba cada vez mais da importância em buscar o autoconhecimento, e a partir disto, fazer suas escolhas, decisões, enfim, qual caminho tomar. Acredito que desta forma, ele será mais seguro e feliz.
Penso que ele sabe que existem inúmeras possibilidades e que com seu próprio empenho e vontade real, se dará bem no que escolher para si mesmo. E que mudanças fazem parte da vida [...]. (Carmem, Superior, Enfermeira (não exerce), Comerciante; pós-intervenção).*

Nesse segundo momento, a participante, possivelmente apoiada em reflexões que pode realizar na experiência de interação grupal com outros pais, referiu-se explicitamente às mudanças a que o filho também estaria sujeito. Infere-se, assim, que a vivência em grupo também tenha possibilitado à Carmem ponderar acerca das condições que a fizeram, em seu passado, refazer suas escolhas profissionais.

Após a intervenção, duas participantes mostraram ainda alguma preocupação com a indecisão profissional dos filhos, entretanto, ambas apontaram que identificavam mudanças nos filhos após a intervenção. Dora, em sua comunicação, demonstrou a percepção de que a filha beneficiou-se, de algum modo, do atendimento em Orientação Vocacional/Profissional

(OVP), apresentando um “*clareamento*” da situação que vivenciava, como se observa a seguir:

Acredito que ela ainda esteja um pouco insegura, porém vejo que “clareou” mais para ela depois que entrou para o grupo de orientação profissional. (Dora, Superior, Assistente social; pós-intervenção).

Joana, em seu comentário verbalizou que após ambas (mãe e filha) participarem dos grupos (de OVP e Grupo de Orientação de Pais), estavam conversando mais entre si sobre a questão da escolha profissional, algo que, inclusive, possibilitou que Joana observasse na filha uma maior tranquilidade naquele momento.

Atualmente, ela está em dúvida quanto à escolha da profissão. Mas em conversas que tivemos após as orientações, pude perceber que apesar desta dúvida, ela está mais tranqüila, até mesmo porque ainda falta um ano e meio para o vestibular. (Joana, Superior, secretária; pós-intervenção).

O comentário de Luís, por sua vez, explicitou mesmo após a intervenção, a sua preocupação frente à indecisão profissional do filho, como descrito a seguir:

[...] penso que ele ainda está um pouco indeciso quanto à questão profissional [...]. Eu acredito que não é a idade que faz uma pessoa decidir o seu futuro e sim uma realização interna muito profunda; tornando-o verdadeiramente um profissional feliz e ganhando o seu sustento honestamente. (Luís, 2º.grau incompleto, Comerciante; pós-intervenção).

Todavia, identifica-se que o pai, ao compartilhar suas idéias com o grupo, pode ampliar a questão da escolha profissional, considerando a importância de ocorrerem, no sujeito que escolhe, profundas transformações internas.

Expectativas quanto a valores e princípios éticos

Expectativas também muito explicitadas pelos participantes, sobretudo antes de realizarem o Grupo de Orientação de Pais, referiram-se a valores, ideais, princípios éticos, crenças e condutas que valorizavam e que consideravam importante que seus filhos adquirissem ou preservassem. Alguns demonstraram ainda, a grande importância que atribuíam à família na vida do indivíduo, assim como se pode identificar nas comunicações de Rosa e Joana a seguir.

Que ela seja uma pessoa íntegra, que nunca se esqueça de Deus em primeiro lugar, da sua família, de suas origens, dos valores morais e espirituais que sempre lhe foram ensinados. (Rosa, Superior, Professora; pós-intervenção).

Penso que estou me esforçando ao máximo para oferecer à minha filha bons princípios [...]. (Joana, Superior, Secretária; pós-intervenção).

Observou-se, também, que as comunicações anteriores explicitaram o esforço dos participantes em oferecer aos filhos, modelos de valores e condutas, revelando, implicitamente, representações e expectativas mantidas quanto ao papel de pai/mãe que deveriam exercer junto aos filhos. Os comentários, a seguir, também demonstraram, implicitamente, a relação entre: o que os filhos eram ou deveriam tornar-se e o que os participantes transmitiram-lhes ou consideravam ser “correto” terem transmitido, ao longo do processo do desenvolvimento daqueles:

Que ele continue progressivamente melhorando sua conduta e caráter, pois vejo que é responsável [...]. (Pedro, Superior, Técnico Informática; pré-intervenção).

[...] que se torne um ser humano sensível, preocupado com os outros, um verdadeiro “cidadão” [...]. (Luís, 2º.grau, Comerciante; pré-intervenção).

Que ele seja uma pessoa de bom caráter e princípios sempre [...]. (Helena, 2º.grau, do lar; pré-intervenção).

Minha filha [...] é ciente de suas responsabilidades e cumpridora de seus deveres e atos [...]. (Paulo, Superior, Comerciante; pré-intervenção).

Como pessoa: ter princípios, respeito ao próximo e honestidade [...]. (Miguel, 2º.grau, Promotor de eventos; pós-intervenção).

[...] que continue sendo essa pessoa linda, muito digna, muito honesto com suas coisas e com as coisas dos outros. (Márcia, Superior incompleto, Corretora de imóveis; pós-intervenção).

Que ele continue sempre sendo uma pessoa honesto e feliz. (Sônia, 2º. grau, do lar; pós-intervenção).

Observou-se também a crença de alguns participantes de que os filhos apresentavam expectativas de preservar valores e princípios concordantes àqueles, aos quais os pais referiram-se:

[...] como pessoa, eu acho que ele pensa em estar no BOM caminho sempre [...]. (Luís, 2º.grau incompleto, Comerciante; pré-intervenção)

Sinto que ele quer preservar bastante características de honestidade e lealdade enquanto pessoa [...]. (Raquel, Superior, Assistente Social; pré-intervenção).

Acho que ela está se preparando para ser uma pessoa íntegro [...]. (Beatriz, Superior, Cirurgiã-dentista; pré-intervenção).

Considera-se, de modo geral, que tais expectativas dos participantes, com relação aos valores e princípios éticos de seus filhos, também se relacionavam com uma preocupação e um receio desses pais frente às transformações de paradigmas, inclusive, a “ruína” de determinados valores e padrões de conduta. Em realidade, identifica-se que a própria geração dos participantes já vinha sofrendo mudanças no que diz respeito ao modelo de família (moderna e nuclear) e aos princípios e condutas ditados pela mesma. Assim, os valores aos quais os participantes referiram-se (como: ter honestidade, lealdade, dignidade; ser ético, íntegro, responsável, cumpridor de seus deveres, sensível, de bom caráter, ser um “*verdadeiro cidadão*”, entre outros) têm se mostrado, cada vez mais, ameaçados pela cultura pós-moderna.

Esta, regida pelas leis do consumo e pela competição de mercados, tem refletido o individualismo e as relações efêmeras e superficiais que o homem tem estabelecido com o outro e consigo mesmo.

Expectativas de retorno e estabilidade financeira

Alguns participantes explicitaram a expectativa de que os filhos tivessem retorno ou alcançassem uma estabilidade financeira no futuro, garantido por meio do exercício da profissão. Os pais, nos registros seguintes, posicionaram-se, explicitamente, a respeito da importância que atribuíam ao retorno financeiro por meio do trabalho realizado:

[...] e a motivação é fazer o que gosta e ter retorno financeiro. (Beatriz, Superior, Cirurgiã dentista; pré-intervenção).

[...] Espero [...] que ela seja remunerada de forma adequada pelo que fizer. (Renato, 2º.grau, Funcionário público; pós-intervenção).

Luiza e Raquel, ambas com Ensino Superior, revelaram ainda em seus discursos, a preocupação de que os filhos apresentassem maior consciência sobre a importância do aspecto financeiro, declarando julgar necessário que os mesmos desenvolvessem percepções mais realísticas e menos romantizadas da realidade atual, conforme se observa nos registros a seguir:

[...] ela quer trabalhar no que gosta, independente da renda que a assegure. [...]. Acho isso bastante romantizado uma vez que ela nunca passou por uma real situação de necessidade. (Luiza, Superior, Coordenado de equipe; pré-intervenção).

Como pessoa, que ele tivesse mais consciência da importância da independência financeira ao se fazer uma escolha profissional. (Raquel, Superior, Assistente social; pós-intervenção).

Os comentários de Luís e Sônia, a seguir, referiram-se ao que os participantes imaginavam que seus filhos desejavam, não explicitando claramente, se também tinham as

mesmas expectativas para o futuro dos jovens. Todavia, infere-se que a situação implícita revelava que os pais também possuíam essas aspirações parecendo, no entanto, mais fácil atribuírem aos filhos tais expectativas:

Pela sua idade ainda, acho que ele pensa mais na parte financeira do que na realização profissional. (Luís, 2º.grau incompleto, Comerciante; pré-intervenção)

[...] percebo já a sua preocupação em tornar-se independente financeiramente o mais rápido possível. (Luís, 2º.grau incompleto, Comerciante; pós-intervenção).

[...] ele quer que a profissão lhe traga estabilidade financeira. (Sônia, 2º. grau, do lar; pré-intervenção).

Ele sempre pensa em ser um bom profissional, ganhar dinheiro e ser feliz. (Sônia, 2º.grau, do lar; pós-intervenção).

Reflete-se ainda que outros participantes que declararam expectativas de que os filhos alcançassem o sucesso, tivessem realização profissional, futuro promissor e o reconhecimento profissional, também se referiram, ainda que indiretamente, a um retorno ou estabilidade financeira.

Considera-se que a preocupação revelada pelos pais quanto à estabilidade econômica e financeira, também se relacionava à extrema importância atribuída ao capital na atualidade, uma vez que a “posse” oferece posição privilegiada ao homem, na sociedade de consumo capitalista. Entretanto, as próprias leis do capital e do mercado, ao mesmo tempo, geram uma imprevisibilidade do futuro, algo que atinge, diretamente, as expectativas por uma condição financeira que proporcione relativa estabilidade.

Expectativa de ingresso na faculdade/universidade

O presente estudo considera que a grande demanda dos jovens que buscam o auxílio por um processo de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) revela intenções de ingresso

no Ensino Superior e, ainda, que a maioria das famílias apresenta condições sócio-econômicas para oferecer a esses jovens o acesso à carreira universitária. Assim sendo, pressupõe-se que todos os participantes ansiavam pelo ingresso de seus filhos no Ensino Superior, uma vez que não apenas incentivaram os filhos a realizarem o processo de OVP, como também, esses mesmos pais participaram de um processo de intervenção, o Grupo de Orientação de Pais, cujos filhos se encontravam em fase de escolha profissional. Considera-se que o posicionamento e o comprometimento dos pais relacionavam-se a planos e projetos familiares relativos ao futuro dos filhos.

Assim, apesar de se considerar que todos ansiavam para os filhos a aquisição da formação de Nível Superior, alguns participantes explicitaram tal expectativa em respostas do questionário, principalmente antes da intervenção, revelando o desejo de que os filhos ingressassem em uma faculdade ou universidade. No entanto, observou-se que a maioria dos comentários referia-se às aspirações que os participantes identificavam nos jovens, como se observa a seguir:

Como tem estudado muito, sinto que ela tem esperanças de passar na faculdade. (Salette, Superior, Professora; pré-intervenção).

[...] acredito que seu objetivo é dar tudo agora para poder entrar na faculdade [...]. (Renato, 2º.grau, Funcionário público; pré-intervenção).

Quer cursar a faculdade, porém tem dúvidas, principalmente na profissão. (Cássia, 2º.grau, Professora (não exerce); pós-intervenção).

Os comentários de Joana e Luiza, a seguir, realizados antes de participarem do Grupo de Orientação de Pais, revelaram explicitamente o desejo de que os filhos não apenas ingressassem em uma faculdade mas, sobretudo, no ensino público, de preferência em uma universidade considerada, pelas mães, como conceituada e de “*qualidade*”:

Minhas expectativas são de que minha filha possa entrar em uma faculdade que tenha um curso bem conceituado, que tenha bons orientadores [...]. (Joana, Superior, Secretária; pré-intervenção).

Eu espero que ela faça uma faculdade de qualidade. Não me preocupa a profissão e sim o nível da faculdade, pois considero que uma boa faculdade abre portas no sentido profissional. Considero que a USP ou faculdades federais importantes, não pelo fato de não pagar, mas sim pelo nível de profissionais que lecionam nelas [...]. (Luiza, Superior, Coordenadora de equipe; pré-intervenção).

A situação implícita denunciada em seus discursos mostrou-se em acordo com a importância atribuída ao Ensino Superior, pelas camadas média e alta da sociedade e, principalmente, às faculdades e universidades públicas. Em contraponto, identifica-se que certa idealização nas comunicações das mães, uma vez que não demonstraram reflexões críticas sobre o fato de, atualmente, só o diploma universitário, mesmo de faculdades ou universidades públicas, não fornecer garantias de conquista do mercado de trabalho e sucesso e/ou realização profissional. Considera-se, ainda, que o comentário de Luiza não levou em conta dificuldades que o ensino público Superior enfrenta no que diz respeito, por exemplo, à remuneração dos professores e funcionários, acarretando, muitas vezes em greves e paralisações (que mantêm os alunos, muitas vezes, por longo período de tempo, sem aulas), ou mesmo, problemas nas condições de infra-estrutura, dentre outras questões que afetam, em geral, o ensino público.

Expectativas quanto ao papel de pai/mãe

Houve participantes que revelaram explicitamente, sobretudo antes de realizarem o Grupo de Orientação de Pais, expectativas acerca do papel e função que imaginavam ser “correto” exercer junto aos filhos. Várias comunicações revelaram o receio, dos participantes, de não serem capacitados a desempenhar o papel de pai/mãe do modo como idealizavam. Considera-se que tal situação tem levado muitos pais a delegarem a outros, a responsabilidade

do papel de instigar o desenvolvimento educacional e vocacional dos filhos. Identifica-se, ainda, que este possa ter sido um dos motivos, implícitos, que motivaram alguns pais a procurar o atendimento de OVP para seus filhos.

O comentário de Dora, a seguir, registrado antes da intervenção, explicitou sua preocupação por não se sentir em condições de ajudar a filha adolescente. Questionou, na situação implícita, o papel que desempenhava como mãe.

Eu não me sinto preparada para orientar minha filha na escolha da profissão, por este motivo preferi que ela buscasse esta orientação com pessoas/profissionais capacitados para isto. Também, pelo mesmo motivo, não tenho aconselhado minha filha nesta decisão que ela deve tomar, o que acaba parecendo falta de interesse de minha parte e, na verdade, é por medo de não orientá-la corretamente. [...]. Acredito que muitos pais exerçam influência, mas este não é o meu caso. (Dora, Superior, Assistente social; pré-intervenção).

Observou-se que a participante mostrou em seu discurso o conflito: falar *versus* não falar. Se aconselhasse, imaginava que não saberia fazer o “correto”, tendo em conta aquilo que fantasiava ser o modo ideal de conversar com a filha sobre o processo da escolha profissional. Por outro lado, ao deixar de orientar a jovem, cobrava-se quanto ao interesse que estaria demonstrando. Considera-se que o implícito desvelou-se tornando-se explícito ao falar sobre sentimentos de culpa em relação a sua postura como mãe. Houve, ainda, indícios em seu discurso da crença de que conversar com a filha sobre o momento de escolha profissional, poderia traduzir-se em uma influência negativa para a jovem. Infere-se, assim, sobre uma possível dificuldade de Dora em identificar o limite até onde ela, como mãe, poderia ir ao dialogar com a filha sobre assuntos que envolviam o processo da escolha da carreira, sem que tal posicionamento implicasse em tomar decisões pela jovem, pressioná-la ou sugerir-lhe uma escolha profissional.

Na mesma direção, observou-se que o discurso de Renato fez referência explícita a mudanças que observava na atualidade e o quanto se percebia, muitas vezes, sem recursos para lidar com as mesmas, como mostra o registro a seguir:

Minha posição como pai é a de orientar minha filha da melhor maneira possível, no entanto, com tantas profissões novas que surgiram e sem conhecer bem as tendências e habilidades da minha filha, acabo ficando de mãos atadas. Ela é de pouca conversa. Normalmente não gosta de falar sobre as coisas dela, não gosta nem que pergunte 'como é que foi na prova'. Então fica uma lacuna muito grande de comunicação. Nos dias de hoje, estamos trabalhando muito mais para ganhar menos que ganhávamos antes. Então, estamos sempre correndo, sem tempo para conversar, e quando há tempo, não falamos das coisas pessoais porque ela prefere assim. [...]. Estou confiante que o SOP vai lhe ajudar a decidir da melhor maneira. O que for o melhor para ela, também será o melhor para mim. [...]. Apesar dos pais não procurarem pressionar ou cobrar, o natural é que os filhos sintam dessa forma, inclusive, porque os amigos já estão na faculdade e ela ainda não. (Renato, 2º.grau, Funcionário público; pré-intervenção).

Identifica-se que Renato também se julgava sem condições de ajudar a filha, tanto por não ter informações sobre a realidade das profissões atuais quanto por desconhecer os interesses da jovem. Desse modo, o participante revelou atribuir ao Serviço de Orientação Profissional (SOP) à expectativa e a responsabilidade de resolução dos conflitos vocacionais de sua filha.

Luís, em seu discurso, também revelou conflitos acerca do papel que desempenhava enquanto pai. Apontou o esforço em oferecer o que lhe era possível aos filhos e, ao mesmo tempo, revelou receio de não ser suficiente o que proporcionava, em virtude, sobretudo, das velozes transformações da contemporaneidade. Explicitou, também, que sua preocupação voltava-se para o que o mundo atual poderia oferecer aos seus filhos, evidenciando, implicitamente, sentimentos de impotência frente à nova realidade. O participante também revelou, tendo por base sua própria adolescência, um receio de que seu esforço, como pai, não fosse reconhecido pelo filho adolescente:

*[...] tentamos ao máximo, de um modo geral, proporcionar um pouco de tudo aos nossos filhos. Não sabemos se é o suficiente, pois o mundo gira muito rápido hoje, mas damos de tudo dos nossos esforços [...]. Penso que, de um modo geral, todos os pais se preocupam com a carreira, os sentimentos, as realizações, os desejos dos seus filhos; porém, existem situações em que os filhos acham que ainda é pouco os esforços dos seus pais. Concordo plenamente, pois já fui filho adolescente também e acho super normal. A maior preocupação dos pais hoje não é só estar acertando na educação, mas sim o que este mundo tem oferecido. O que eu geralmente faço é conversar muito com pais que tenham filhos na nossa idade e vimos que tudo isso é normal e que devemos acreditar piamente no nosso “taco”, porque a base educacional já foi dada. Nós temos tentado alertar nosso filho que profissionalmente, ele tem quer ser quem “ele é”, somente o que ele quiser, e não os pais, avós, tios, professores; pois as decisões são dele. A nossa função é **ORIENTAR**¹². (Luís, 2º.grau incompleto, Comerciante; pré-intervenção).*

Por fim Luís, como solução para o conflito presente em sua comunicação, apontou que a conversa com outros pais mostrava-se como uma forma de compreender melhor seus questionamentos, dúvidas e receios. O participante também revelou identificar a influência das expectativas de pessoas significativas no processo da escolha profissional. Porém, salientou que, a despeito das mesmas, o filho deveria tomar sua própria decisão e que, nesse contexto, o papel dos pais seria de orientação. Assim, o participante mostrou-se à disposição do adolescente para orientá-lo e oferecer-lhe o possível, dentro de determinados limites. Além disso, evidenciou estimular no filho um “protagonismo” quanto ao seu projeto profissional, possibilitando que o mesmo assumisse as responsabilidades de sua escolha.

O comentário de Helena revelou que se considerava muito próxima do filho, orientando-o e incentivando-o quanto à escolha da carreira. A participante apontou que a proximidade e a possibilidade do diálogo, que mantinha com o jovem, possibilitavam-lhe conhecer o ponto de vista dele e, ainda, identificar que ambos divergiam, como mostra o registro em seguida:

¹² Grifo realizado pelo pai.

Procuro sempre incentivá-lo a uma escolha de profissão que traga realizações, mas nem por isso eu influencio na escolha, incentivo sim a participar de feiras de profissões que as universidades oferecem. Só que temos pontos de vista diferentes, mas sempre estamos orientando ele. Procuro estar sempre por dentro de tudo em relação à escola, participava de reuniões, sempre dando condições para que ele se desenvolva. No momento, estamos um tanto distantes, pois ele deslocou-se para Ribeirão Preto para estudar, mas estamos em contato direto. (Helena, 2º grau, do lar; pré-intervenção).

Helena, no entanto, apontou respeitar a opinião do filho. Considerava que tais divergências não a impediam de orientá-lo de outras maneiras como, por exemplo, estando atenta a sua formação educacional e incentivando-o a comportamentos exploratórios vocacionais. Houve, entretanto, indícios da necessidade de salientar que não influenciava o filho em sua escolha profissional, revelando a conotação negativa que imprimia à palavra “influência”. A mãe também se referiu, ainda que rapidamente, ao distanciamento físico que ocorria entre ela e o filho, evidenciando, implicitamente, sentimentos de ansiedade frente ao processo de separação entre ambos.

O discurso de Pedro, por sua vez, explicitou que se mostrava “à disposição”, caso o jovem o solicitasse, ou quando o participante identificava a necessidade de orientá-lo, como se observa a seguir:

[...] das conversas com meu filho, na maioria dos casos, são normais do dia-a-dia como também, ao perceber as necessidades de orientação. Já, várias vezes, deixei claro que quero que ele me veja como um pai, mas como um amigo também, para que ele se sinta a vontade para, em nosso relacionamento, se abrir ou pedir ajuda”. (Pedro, Superior, Técnico em Informática; pré-intervenção).

O pai revelou, ainda, a expectativa de que o filho o encarasse como um “amigo”, imaginando que assim este se sentiria mais à vontade para se aproximar. Como esse pai, também outro participante, a seguir, coloca em pauta a idéia dos pais serem considerados “amigos” pelos filhos:

Eu e minha filha somos muito amigas e conversamos abertamente, sinceramente e respeitosamente sobre tudo de forma espontânea, de acordo com os assuntos ou conforme os motivos surjam. As intenções, acredito, estão intrínsecas. [...] eu ofereço atividades, meios para ajudar minha filha na busca e na escolha profissional. (Beatriz, Superior, Cirurgiã-dentista; pré-intervenção).

No comentário de Beatriz, observou-se que ela identificava-se como uma mãe que propiciava à filha um relacionamento com possibilidades de diálogo. Apesar de Beatriz ter usado o termo “*amiga*” sugerindo, de certo modo, uma horizontalidade na relação com a filha, a participante parecia mostrar-se posicionada em seu papel de mãe, uma vez que se via em condições de oferecer à jovem meios e recursos a fim de colaborar em seu processo de escolha profissional. Não parece haver em seu discurso dúvidas quanto ao desempenho de seu papel, orientando a filha, sem receio de influenciá-la negativamente.

Os dois comentários anteriores, de Pedro e Beatriz, trouxeram em questão a idéia dos pais serem encarados como “amigos”, de forma que os filhos pudessem se sentir à vontade para conversar e pedir ajuda. Considera-se que tal posicionamento tenha relação com o que se tem observado sobre muitos pais desejarem agir com os filhos de modo diferente do que foram tratados por seus próprios genitores e, assim, muitos acabam exercendo uma postura oposta, deixando de assumir o papel de figuras de referência e autoridade para os filhos. Identifica-se, então, nos dois comentários anteriores uma confusão quanto à representação do papel de pai e mãe, uma vez que ser figura de autoridade não implica em tomar atitudes autoritárias, ou não ter uma postura de acolhimento, respeito e disponibilidade em ajudar e dialogar com os filhos.

O comentário de Miguel, após participar do Grupo de Orientação de Pais, demonstrou mudanças em seu posicionamento como pai, revelando estar mais próximo do filho, aproveitando as oportunidades que o mesmo lhe oferecia de abertura para o diálogo. Houve indícios, em seu discurso, de movimentos do participante no sentido de buscar, mais ativamente, a comunicação com o filho e, em outros momentos, de esperar que este também se posicionasse promovendo possibilidades de conversa:

Eu tenho intensificado nossas conversas, quando sinto a abertura por parte dele, sendo assim, quando solicitado, me coloco a inteira e total disposição para ouvi-lo e tentar orientá-lo. Essas aberturas, eu tenho procurado forçar um pouco, mas também espero uma postura dele. (Miguel, 2º. Grau, Promotor de eventos; pós-intervenção).

Considera-se, de modo geral, que as comunicações anteriores revelaram, tanto de modo explícito quanto implícito, dificuldades e conflitos com os quais os pais se deparavam, ao exercerem seu papel junto aos filhos em relação ao processo de escolha profissional dos mesmos. Infere-se que tais sentimentos e posicionamentos conflitantes apresentam relações com as referidas mudanças de paradigmas (incluindo valores, princípios, crenças, o modo como o sujeito tem estabelecido suas relações) e que, possivelmente, confundiam os participantes, deixando-os inseguros quanto ao exercício de seus papéis. Identifica-se, todavia, que na relação dialética estabelecida com seu meio, o homem, ao mesmo tempo, sofre tais transformações, mas também, é responsável e protagonista das mesmas.

4.2.2 Análise quantitativa das respostas fechadas

Realizou-se uma análise da estatística descritiva das respostas referentes aos demais eixos temáticos (Comunicação, Atividades, Fatores que influenciam a escolha da profissão) em dois momentos de aplicação do Questionário de Pais (APÊNDICE A), antes e depois da intervenção psicológica grupal com o Grupo de Orientação de Pais. Também foi realizada uma comparação das respostas referentes a esses dois momentos do grupo, por meio do Teste não-paramétrico de Wilcoxon, para amostras pareadas, conforme mostra a Tabela 6. Os cálculos referentes à comparação (pré e pós-intervenção) demonstraram não haver significâncias estatísticas entre os dois momentos do grupo, salvo o que diz respeito ao item 5 da questão referente ao eixo Atividades, o qual revela que os pais-participantes identificaram uma mudança significativa em seu posicionamento junto aos filhos.

Tabela 6 - Comparação das respostas do Grupo de Orientação de Pais referente aos eixos, pré e pós-intervenção, segundo o teste não-paramétrico de Wilcoxon

ITENS	Z	P	PERCENTIS					
			Pré – intervenção			Pós – intervenção		
			1ºquartil	Mediana	3ºquartil	1ºquartil	Mediana	3ºquartil
COMUNICAÇÃO								
1	1,09	0,28	2,75	3,00	4,00	3,00	3,50	4,00
2	0,85	0,39	1,00	2,00	4,00	1,75	3,00	3,25
3	0,25	0,80	3,00	4,00	5,00	3,00	4,00	4,50
4	1,32	0,19	3,00	4,00	4,25	3,75	4,00	5,00
5	0,78	0,44	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00
6	1,00	0,32	4,00	4,00	5,00	3,75	4,00	5,00
7	0,33	0,74	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
8	1,08	0,28	2,75	3,50	4,00	3,00	4,00	4,00
9	1,51	0,13	3,00	4,00	4,25	3,00	4,00	5,00
10	0,00	1,00	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
11	1,51	0,13	4,00	4,00	5,00	4,00	4,50	5,00
12	0,00	1,00	4,00	5,00	5,00	4,00	5,00	5,00
13	0,58	0,56	4,00	4,50	5,00	4,00	4,50	5,00
ATIVIDADES								
1	0,00	1,00	3,00	4,00	5,00	3,00	4,00	5,00
2	0,75	0,46	2,00	3,00	4,00	2,75	3,00	4,00
3	0,99	0,32	2,75	3,00	4,00	3,00	3,50	4,00
4	1,72	0,09	1,00	3,00	3,25	2,00	3,00	4,00
5	2,54	0,01*	1,00	2,50*	3,00	2,00	3,00*	4,25
6	0,83	0,41	3,00	4,00	5,00	3,00	4,00	5,00
7	1,72	0,21	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	5,00
8	2,54	0,53	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00
9	1,69	0,09	3,00	3,00	4,00	3,00	4,00	5,00
10	0,75	0,45	4,00	4,00	5,00	3,75	4,00	5,00
11	1,07	0,29	4,00	4,50	5,00	4,00	4,00	5,00
FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DA PROFISSÃO								
1	1,00	0,32	4,00	4,50	5,00	4,00	4,00	5,00
2	0,97	0,33	3,00	4,00	4,00	3,75	4,00	4,00
3	0,68	0,50	3,75	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00
4	0,85	0,40	3,00	4,00	5,00	3,00	4,00	4,25
5	1,12	0,26	3,00	4,00	5,00	3,00	3,50	4,00
6	0,89	0,37	2,75	3,00	4,00	2,00	3,00	4,00
7	0,46	0,64	1,00	2,50	3,25	1,00	3,00	4,00
8	0,33	0,74	2,75	3,00	4,00	2,75	4,00	4,00
9	0,06	0,95	3,00	4,00	4,00	3,50	4,00	4,00
10	0,76	0,45	2,75	4,00	4,00	3,00	3,50	4,00
11	0,91	0,37	1,75	3,00	4,00	1,00	2,50	4,00
12	0,16	0,87	1,75	3,00	4,00	1,75	3,00	4,00
13	0,18	0,86	1,75	3,00	4,00	2,00	3,00	4,00

*Houve diferença estatística significativa. Após a intervenção os valores são significativamente superiores.

Apesar dos dados não evidenciarem mudanças estatísticas significativas entre as respostas dos pais antes e após realizarem o processo de intervenção grupal, considerou-se importante demonstrar a análise da estatística descritiva, item a item, das porcentagens de respostas dos participantes, referente a cada eixo temático do Questionário de Pais (Comunicação, Atividades, Fatores de influência) de modo a apresentar tanto as percepções dos pais quanto ao processo da escolha profissional de seus filhos quanto ao papel que desempenhavam nesse processo, como também as variações identificadas nessas percepções, após realizarem o processo no Grupo de Orientação de Pais. Desse modo, os dados da Tabela 6 são articulados com os dados das Tabelas 7, 8 e 9.

Comunicação

A primeira questão fechada do questionário referia-se à Comunicação existente entre os participantes e seus filhos no que se referia ao processo da escolha profissional destes. Os itens investigavam a percepção dos pais: quanto ao diálogo que estabeleciam ou não com os filhos sobre o processo de escolha profissional deles e sobre as intenções de tais diálogos. A Tabela 7, a seguir, indica a porcentagem de respostas dos participantes, referente a cada item, antes e depois da intervenção realizada com os mesmos.

Tabela 7 - Percentagens de respostas do Grupo de Orientação de Pais, pré e pós-intervenção, referente ao eixo Comunicação

	Muito Pouco		Pouco		Mais ou menos		Muito		Totalmente	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
1. Você aconselha seu filho no que se refere à escolha por uma profissão?	13,6%	4,5%	9,1%	13,6%	40,9%	31,8%	27,3%	36,4%	9,1%	13,6%
2. Seu filho pede sua opinião a respeito da escolha por uma carreira profissional?	27,3%	22,7%	31,8%	13,6%	13,6%	40,9%	22,7%	13,6%	4,5%	9,1%
3. Você aceita as escolhas do seu filho?	4,5%	-	-	-	36,4%	27,3%	22,7%	45,5%	36,4%	22,7%
4. Você demonstra confiança na capacidade de seu filho de tomar decisões?		4,5%	4,5%	-	36,4%	18,2%	36,4%	40,9%	22,7%	36,4%
5. Você oferece ao seu filho meios/recursos para ajudá-lo no que se refere à escolha pela profissão?	-	-	-	-	13,6%	13,6%	54,5%	40,9%	31,8%	45,5%
6. Você demonstra interesse pela carreira profissional de seu filho?	-	-	-	4,5%	18,2%	18,2%	36,4%	36,4%	45,5%	40,9%
7. Vocês conversam sobre as atividades escolares dele?	-	4,5%	9,1%	4,5%	9,1%	9,1%	77,3%	68,2%	4,5%	13,6%
8. Vocês conversam sobre o mundo das profissões (cursos universitários, cursos tecnológicos, técnicos, faculdades, mercado de trabalho).	-	4,5%	22,7%	9,1%	27,3%	13,6%	31,8%	54,5%	18,2%	18,2%
9. Vocês falam sobre atualidades? (programas de TV, internet, jornais, filmes, política, globalização...).	-	-	9,1%	-	31,8%	31,8%	36,4%	40,9%	22,7%	27,3%
10. Vocês falam sobre adolescência? (dificuldades, medos, inseguranças, mudanças, relacionamentos, expectativas, projetos...).	-	9,1%	9,1%	-	22,7%	9,1%	50,0%	68,2%	18,2%	13,6%
11. Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de conhecê-lo melhor? (seus interesses, habilidades, valores, desejos)	-	-	4,5%	-	9,1%	4,5%	45,5%	45,5%	40,9%	50,0%
12. Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de promover seu desenvolvimento?	-	-	-	-	4,5%	4,5%	40,9%	27,3%	54,5%	63,6%
13. Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de orientá-lo em termos educacionais e profissionais?	-	-	4,5%	-	13,6%	9,1%	31,8%	40,9%	50,0%	50,0%

A respeito do item 1, “*Você aconselha seu filho no que se refere à escolha por uma profissão?*”, observou-se, pela Tabela 6, que o grupo de pais respondeu com valores medianos, o que revelou que identificavam aconselhar medianamente os filhos, quanto ao processo da escolha profissional. Tais valores medianos (em comparação aos valores apresentados nos próximos itens do questionário) poderiam indicar um receio dos participantes de aconselharem seus filhos, por medo dessa postura traduzir-se em uma influência negativa, com relação ao processo da escolha profissional, ou mesmo, por se considerarem, como pais, sem condições para orientar seus adolescentes, assim como fora observado nas respostas às questões abertas de alguns participantes. Essa questão será devidamente discutida na articulação com os dados qualitativos referentes ao processo grupal.

No entanto, os resultados da comparação apresentada na Tabela 6 revelaram que houve um pequeno aumento nos valores das medianas após a intervenção (pré=3,00; pós=3,50), ou seja, o grupo de pais considerou aconselhar um pouco mais seus filhos, após participarem do processo de intervenção grupal. A Tabela 7 informa com mais detalhes que, antes da intervenção, a maior porcentagem de respostas era referente ao conceito *Mais ou menos* (40,9%), *Muito* (27,3%) e *Totalmente* (9,1%), totalizando 77,3% de respostas. Após a intervenção, houve variações em relação a esses conceitos, a maior porcentagem passou a ser de *Muito* (36,4%), seguido de *Mais ou menos* (31,8%) e *Totalmente* (13,6%), totalizando 81,8% das respostas. No primeiro momento, 13,6% responderam que aconselhavam *Muito pouco* o filho e 4,5% que aconselhava *Pouco*. Esses valores inverteram-se após a intervenção. Assim, os dados indicaram que o grupo considerava, tanto antes quanto após a intervenção, que aconselhava (entre *Mais ou menos* e *Muito*) seus filhos no que se referia à escolha da profissão, sendo que, após a intervenção, observou-se um aumento de *Muito* e *Totalmente*, havendo uma “melhora” na qualidade de respostas dos participantes, ou seja, uma sinalização de mudança de comportamento favorável à ajuda.

Com relação ao item 2 “*Seu filho pede sua opinião a respeito da escolha por uma carreira profissional?*”, pode-se observar pela Tabela 6, neste item, os menores valores de mediana em relação aos outros itens do eixo **Comunicação**, revelando que, na percepção do grupo de participantes, seus filhos pediam pouco suas opiniões acerca da escolha da profissão. Houve, porém, na comparação dos resultados dos dois momentos do grupo, um aumento nos valores dessas medianas (pré=2,00; pós=3,00), demonstrando que, para os pais, seus filhos passaram a pedir um pouco mais suas opiniões, após os participantes realizarem o Grupo de Orientação de Pais. Conforme a Tabela 7, antes da intervenção, a maior porcentagem de resposta foi referente a *Pouco* (31,8%), *Muito pouco* (27,3%), totalizando em 59,1 % das respostas do grupo. Sendo que 40,8% dos participantes avaliaram entre *Mais ou menos* (13,6%), *Muito* (22,7%) e *Totalmente* (4,5%). No segundo momento, a porcentagem de repostas referente à soma destes três conceitos subiu para 63,6%, sendo *Mais ou menos* (40,9%), *Muito* (13,6%) e *Totalmente* (9,1%), tendo diminuído as porcentagens de *Pouco* (13,6%) e *Muito pouco* (22,7%), que passaram a totalizar 36,3%. Observou-se, então, que houve após o processo de intervenção, uma inversão. Se antes *Muito pouco* e *Pouco* somavam as maiores porcentagens, posteriormente, os valores da soma de respostas entre *Mais ou menos* a *Totalmente* sobressaíram-se. Os dados oferecem indícios de que os pais, após participarem do grupo, sentiram que seus filhos os procuravam um pouco mais, a fim de saberem suas opiniões. Infere-se a partir desses dados que, em função da participação no grupo, os pais estariam possibilitando, por meio de uma abertura maior de diálogo, que seus filhos também agissem de modo diferente, na relação entre ambos.

O item 3 “*Você aceita as escolhas do seu filho?*” revelou, como mostra a Tabela 6, que os valores das medianas foram elevados e equivalentes antes e depois da intervenção (pré=pós=4,00), ou seja, o grupo de pais, de modo geral, considerou que aceitava bem as escolhas dos filhos. Com base na Tabela 7, observou-se que as porcentagens, ao agruparmos os conceitos

Mais ou menos, *Muito* e *Totalmente*, tanto antes quanto depois da intervenção, equivaleram-se em 95,5%. Antes, a maior porcentagem era de *Mais ou Menos* (36,4%), *Totalmente* (36,4%) e *Muito* (22,7%). Porém, após a intervenção, houve um aumento de *Muito* (45,5%), com diminuição de *Mais ou menos* (27,3%) e *Totalmente* (22,7%). Com essas variações, a soma de *Muito* e *Totalmente* totalizando em 68,2% após a intervenção foram superiores à mesma soma antes (59,1%). Infere-se que, após participarem do processo em grupo, alguns pais passaram a aceitar mais as escolhas dos filhos, sendo que outros permaneceram aceitando da mesma forma ou estavam aceitando menos, o que fez com que o valor da mediana permanecesse o mesmo. Reflete-se, também, que após a intervenção alguns participantes possam ter revelado um posicionamento mais “crítico” ou mais “realista” em relação a sua resposta no questionário, identificando que, na verdade, não aceitavam tanto as escolhas dos filhos, assim como imaginavam.

O item 4 “*Você demonstra confiança na capacidade de seu filho de tomar decisões?*”, que aprofundou a questão do item anterior, conforme Tabela 6, mostrou que os valores das medianas também foram elevados e equivalentes antes e depois da intervenção (pré=pós=4,00), revelando que o grupo de pais considerava demonstrar muita confiança na condição de seus filhos para tomarem decisões. O que se mostra em acordo com o item anterior. A Tabela 7 detalhou que, se antes os pais conceituavam como: *Mais ou menos* (36,6%), *Muito* (36,6%) e *Totalmente* (22,7%), identificou-se, após a intervenção, variações das respostas *Mais ou menos* (18,2%), *Muito* (40,9%) e *Totalmente* (36,4%). Assim, apesar de nas respostas pós-intervenção, o valor da mediana ter se mantido o mesmo, houve indicativos de que alguns passaram a demonstrar um pouco mais de confiança na capacidade do filho tomar suas próprias decisões. Acredita-se ainda que esses dados tenham relação com os itens anteriores, quando se infere que os participantes estariam se comunicando mais com os filhos

após a intervenção, aconselhando-os e escutando suas opiniões, o que possibilitou conhecerem melhor os recursos internos dos jovens, favorecendo a confiança nos mesmos.

A respeito do item 5 “*Você oferece ao seu filho meios/recursos para ajudá-lo no que se refere à escolha pela profissão?*”, a Tabela 6 mostrou que os valores das medianas também foram elevados e equivalentes antes e depois da intervenção (pré=pós=4,00), e que na percepção dos participantes, estes tinham grande preocupação em oferecer, aos filhos, recursos que os instrumentassem em relação ao processo da escolha profissional. Conforme a Tabela 7, notou-se que, tanto antes quanto depois da intervenção, as maiores concentrações de respostas eram de *Muito* e *Totalmente*. Inicialmente a maior porcentagem foi de *Muito* (54,5%) e *Totalmente* (31,8%), algo que se inverteu após a intervenção, pois a porcentagem maior foi de *Totalmente* (45,5%), seguido de *Muito* (40,9%). Assim, apesar do valor da mediana ter sido o mesmo nas respostas pós-intervenção, observou-se que alguns pais, após participarem do Grupo de Orientação de Pais, identificavam que ofereciam mais esse tipo de ajuda aos filhos, em relação ao momento de exploração vocacional destes.

Com relação ao item 6 “*Você demonstra interesse pela carreira profissional de seu filho?*”, a Tabela 6 revelou que os valores da mediana também foram elevados e equivalentes antes e depois da intervenção (pré=pós=4,00), mostrando que o grupo considerou que demonstrava grande interesse pela carreira dos filhos. Tais dados revelaram, de modo geral, indícios de que os participantes identificavam a necessidade de mostrar, aos filhos que estavam atentos, próximos e interessados em seu desenvolvimento vocacional, o que parecia estar em acordo com a opção de participarem de um Grupo de Orientação de Pais, cujos filhos estavam em fase de escolha da carreira. Com base no detalhamento da Tabela 7, percebeu-se que inicialmente o grupo respondeu *Totalmente* (45,5%) e *Muito* (36,4%), sendo que, no segundo momento, a porcentagem de *Muito* permaneceu constante, mas *Totalmente* (40,9%) diminuiu. Assim, apesar do valor da mediana do grupo nas respostas pós-intervenção permanecer constante, houve

participantes que consideraram demonstrar menos interesse pela carreira do filho. Sobre esse dado, cabe ponderar que “sentir” interesse é diferente de “demonstrar” interesse e, dessa forma, reflete-se que alguns pais poderiam ter identificado, após participarem do processo grupal, que não expressavam claramente seu interesse aos seus filhos adolescentes, assim como consideraram anteriormente.

O item 7 “*Vocês conversam sobre as atividades escolares dele?*” também revelou elevados valores de mediana (Tabela 6) e equivalência antes e após a intervenção (pré=pós=4,00), demonstrando que o grupo de pais considerava conversar muito com os filhos a respeito de suas atividades escolares, atribuindo grande importância ao diálogo, no que concerne à rotina escolar dos jovens. Inicialmente, os pais responderam *Muito* (77,3%), *Mais ou menos* (9,1%), *Pouco* (9,1%) e *Totalmente* (4,5%). Após a intervenção, o valor de *Muito* (68,2%) caiu e o de *Totalmente* (13,6%) elevou-se, e *Muito pouco* aumentou para 4,5%. Observou-se que as variações foram muito pequenas em relação à comparação antes e depois de participarem da intervenção, sendo que, após o processo em grupo, alguns participantes identificaram conversar um pouco mais, sendo que, outros, acreditavam dialogar menos com os filhos sobre suas atividades escolares, o que acabou por manter constante o valor da mediana.

Quando os participantes foram indagados no item 8 “*Vocês conversam sobre o mundo das profissões* (cursos universitários, cursos tecnológicos, técnicos, faculdades, mercado de trabalho)?” observou-se que foram menores e diferentes os valores das medianas (pré=3,50; pós=4,00) na comparação dos dois momentos do Grupo de Orientação de Pais, conforme a Tabela 6, revelando que após participarem da intervenção, consideraram conversar mais com os filhos sobre o mundo das profissões. A Tabela 7 detalha uma maior dispersão nas porcentagens de respostas antes da intervenção, sendo que a maioria dos participantes respondeu *Muito* (31,8%), *Mais ou menos* (27,3%), *Pouco* (22,7%) e *Totalmente* (18,2%). Depois da intervenção, as porcentagens passaram a concentrar-se em *Muito* (54,5%), seguido

de *Totalmente* (18,2%) que permaneceu constante, sendo que *Mais ou Menos* (13,6%) e *Pouco* (13,6%) diminuíram. Constatou-se então que, após a intervenção, houve uma “melhora” na qualidade da resposta do grupo. Pais que, no início, responderam que conversavam *Pouco* ou *Mais ou menos* com os filhos, identificaram ter modificado sua conduta, abrindo um espaço maior para a discussão sobre o mundo das profissões na contemporaneidade.

O item 9 que perguntava aos pais “*Vocês falam sobre atualidades? (programas de TV, internet, jornais, filmes, política, globalização...)*” apresentou elevados valores de mediana e equivalentes antes e após a intervenção (pré=pós=4,00), considerando que o grupo percebia manter bom diálogo com os filhos, no que dizia respeito a tais assuntos. Observou-se, conforme a Tabela 7, uma concentração maior nas porcentagens de *Mais ou menos* a *Totalmente*, antes e principalmente, após a intervenção. Inicialmente, a distribuição foi de *Muito* (36,4%), *Mais ou menos* (31,8%) e *Totalmente* (22,7%), totalizando em 90,9%. Após a intervenção, as taxas foram: *Muito* (40,9%), *Totalmente* (27,3%) e *Mais ou menos* (31,8%), totalizando 100%. Assim sendo, após a intervenção, apesar do valor da mediana ter se mantido constante, parece ter havido pequena “melhora” na qualidade de resposta de alguns participantes, uma vez que identificaram estar conversando um pouco mais com seus filhos sobre questões da atualidade.

Quando os pais foram questionados no item 10 sobre “*Vocês falam sobre adolescência (dificuldades, medos, inseguranças, mudanças, relacionamentos, expectativas, projetos...)?*” observou-se que os valores das medianas, pela Tabela 6, também foram elevados e equivalentes (pré=pós=4,00), sendo que os participantes consideravam conversar muito com os filhos sobre o momento que estes estavam vivenciando. Inicialmente, a maior concentração de respostas foi entre *Muito* (50%) e *Mais ou Menos* (22,7%), totalizando 72,7%, sendo que 18,2% responderam *Totalmente*. Depois da intervenção, houve variações, a concentração maior passou a ser em *Muito*

(68,2%) e *Totalmente* (13,6%), totalizando 81,8% das respostas. Percebeu-se que, se por um lado, a taxa de *Muito* elevou-se, por outro, a porcentagem de *Totalmente* caiu, apesar da mediana após a intervenção ter se mantido constante. Esse item relacionava-se com a complexidade que envolve o tema da adolescência e com a dificuldade que pais e filhos enfrentam nessa fase, tão repleta de mudanças e sentimentos ambivalentes. Comparando-se esse item com o item 5 (que questionava se os pais ofereciam recursos aos filhos), observou-se ser mais fácil, aos participantes, ajudarem os filhos adotando medidas concretas e ações mais voltadas para a resolução de questões práticas, do que conversarem sobre questões mais subjetivas, que implicavam em uma maior aproximação de sentimentos que permeavam o processo de crescimento dos filhos, rumo à independência em relação aos pais.

Os três próximos itens abordavam explicitamente as intenções dos participantes ao dialogarem com seus filhos, quando se tratava do processo da escolha profissional dos mesmos. Uma reflexão possível a respeito desses itens é que eles possam ter gerado respostas “esperadas”, tendo em conta um modelo ideal que os participantes mantinham a respeito do papel de pai/mãe.

No item 11, “*Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de conhecê-lo melhor? (seus interesses, habilidades, valores, desejos)*” observaram-se, pela Tabela 6, elevados valores de mediana e um pequeno aumento nesse valor na comparação entre os dois momentos (pré=4,00; pós=4,50). A Tabela 7 detalhou que inicialmente, a maior porcentagem foi de *Muito* (45,5%), seguido de *Totalmente* (40,9%), totalizando 86,4% das respostas do grupo. Após a intervenção, a porcentagem de *Muito* permaneceu a mesma, mas elevou-se a taxa de *Totalmente* (50,0%), somando 95,5%. Esses dados indicariam que o grupo de pais já considerava e que, depois da intervenção, passou a considerar ainda mais a necessidade de conhecer melhor seus filhos adolescentes, no que se refere aos interesses, desejos e valores dos mesmos.

O item 12, “*Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de promover seu desenvolvimento?*”, revelou os maiores valores de mediana (Tabela 6), em comparação com os outros itens, inclusive referente aos outros eixos do questionário. Esse dado revela que os participantes, na percepção de seus papéis, identificavam dialogar com os filhos, de forma a contribuir para o desenvolvimento destes, demonstrando a grande importância que atribuíam ao seu papel no processo de desenvolvimento dos filhos. Na comparação dos dois momentos do grupo, as medianas foram equivalentes (pré=pós=5,00). A grande maioria (95,4%), antes da intervenção, respondeu entre *Muito* (40,9%) e *Totalmente* (54,5%). Depois da intervenção, os valores de *Muito* (27,3%) abaixaram e as porcentagens de *Totalmente* (63,6%) elevaram-se, totalizando 90,9%. Observou-se que, após a intervenção, houve participantes que identificaram que estavam se preocupando mais com a questão de promover o desenvolvimento do filho e, entretanto, outros que se percebiam preocupando-se menos (ou que passaram a ter uma percepção mais crítica de suas posturas junto aos filhos) apesar desses dados não terem interferido no valor da mediana, que se manteve constante.

Por fim, o item 13, “*Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de orientá-lo em termos educacionais e profissionais?*” revelou também elevados valores de mediana e equivalência na comparação dos dois momentos do grupo (pré=pós=4,50). As taxas de respostas demonstraram também grande preocupação dos participantes em relação a serem agentes importantes de orientação dos filhos, tanto antes quanto depois da intervenção, sendo que a maior porcentagem de resposta concentrou-se em *Muito* e *Totalmente*. Antes da intervenção, 81,8% responderam entre *Muito* (31,8%) e *Totalmente* (50,0%) e após o grupo de pais, essa mesma somatória foi de 90,9%, havendo um aumento de *Muito* (40,9%), permanecendo constante a porcentagem de *Totalmente*. Pode-se inferir que, em um segundo momento, apesar do valor da mediana ter se mantido constante, houve uma pequena “melhora” na qualidade de resposta dos participantes, uma vez que identificaram estar

assumindo mais a responsabilidade de orientar seus filhos em termos educacionais e profissionais.

Os dados apresentados referentes ao eixo **Comunicação**, de um modo geral, tanto antes quanto após a intervenção, indicaram que os participantes consideravam se mostrar “próximos” aos filhos, procurando contribuir para o desenvolvimento destes, estabelecendo com os mesmos diálogos no dia a dia, com a intenção de orientá-los, de conhecê-los, saber suas opiniões, compreender a complexidade do momento que estavam vivenciando, oferecendo-lhes apoio e aceitação. Assim, os pais revelaram que identificavam o importante papel que exerciam na vida de seus filhos adolescentes, no que concerne ao processo da escolha profissional. Observaram-se, entretanto, variações nas respostas dos participantes após realizarem o Grupo de Orientação de Pais.

Atividades

A segunda questão fechada do questionário referia-se às **Atividades** (ações/comportamentos) que os participantes realizavam com os filhos, ou disponibilizavam aos mesmos, objetivando instigá-los quanto ao processo de escolha profissional. Esta questão relacionava-se com o quarto eixo que orientou o processo da intervenção psicológica grupal. A Tabela 8 indica a porcentagem de respostas dos pais, referente a cada item da questão, antes e depois da intervenção psicológica realizada com os mesmos. Como foi mencionado, observou-se, com relação ao item 5 que houve diferença estatística significativa na comparação entre o pré e o pós-intervenção grupal, revelando que os participantes identificaram estar auxiliando muito mais seus filhos em relação às buscas na internet e em guias de estudante. Cabe também informar, conforme APÊNDICE L, no que se refere a esse mesmo item, que houve também diferenças na comparação dos patamares iniciais entre o Grupo Controle e o Grupo de Orientação de Pais, sendo que os participantes do Grupo de

Orientação de Pais haviam respondido com uma pontuação maior (mesmo antes de participarem do processo de intervenção grupal) que o Grupo Controle. Assim sendo, considera-se que os pais que optaram em participar do Grupo de Orientação de Pais, já revelavam uma preocupação maior de estimular seus filhos a realizar esse tipo de busca com fins de exploração vocacional.

Tabela 8 - Percentagem de respostas do Grupo de Orientação de Pais, pré e pós-intervenção, referente ao eixo Atividades

	Muito Pouco		Pouco		Mais ou menos		Muito		Totalmente	
	pré	Pós	pré	Pós	Pré	Pós	pré	Pós	Pré	Pós
	1. Você tem conhecimento sobre as atividades escolares de seu filho? (disciplinas, provas, simulados, rotinas de estudo).	-	-	9,1%	4,5%	18,2%	22,7%	40,9%	45,5%	31,8%
2. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe visitas a universidades e faculdades?	13,6%	9,1%	27,3%	13,6%	18,2%	45,5%	36,4%	18,2%	4,5%	13,6%
3. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe palestras com profissionais e feiras de profissões?	9,1%	4,5%	13,6%	13,6%	36,4%	31,8%	36,4%	40,9%	4,5%	9,1%
4. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe entrevistas com profissionais?	31,8%	9,1%	13,6%	22,7%	31,8%	36,4%	18,2%	13,6%	4,5%	18,2%
5. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, ajudando-o em buscas na Internet e em guias de estudante?	40,9%	9,1%	9,1%	22,7%	36,4%	27,3%	13,6%	18,2%	-	22,7%
6. Você intervém, em relação ao seu filho, propiciando-lhe oportunidades para a realização de atividades de orientação profissional?	-	-	13,6%	9,1%	22,7%	18,2%	36,4%	45,5%	27,3%	27,3%
7. Você intervém, em relação ao seu filho, quanto às oportunidades e disponibilização de recursos para cursos de língua estrangeira?	4,5%	-	4,5%	4,5%	18,2%	9,1%	54,5%	54,5%	18,2%	31,8%
8. Você intervém, em relação ao seu filho, quanto às oportunidades e disponibilização de recursos para aquisição e uso de aparelhos de informática?	-	-	-	-	9,1%	9,1%	54,5%	54,5%	31,8	36,4%
9. Você intervém, em relação ao seu filho, propiciando-lhe atividades culturais? (teatro, cinema, exposições, visitas a museus, viagens culturais, shows...).	9,1%	-	4,5%	13,6%	40,9%	22,7%	27,3%	31,8%	18,2%	31,8%
10. Você disponibiliza meios para que seu filho tenha acesso a jornais, revistas, livros?	-	-	4,5%	4,5%	13,6%	18,2%	54,5%	31,8%	27,3%	45,5%
11. Você modifica a rotina familiar para ajudar ou não dificultar os afazeres escolares de seu filho?	-	-	-	-	9,1%	18,2%	40,9%	40,9%	50,0%	40,9%

No que diz respeito ao item 1 “*Você tem conhecimento sobre as atividades escolares de seu filho? (disciplinas, provas, simulados, rotinas de estudo)*”, observaram-se elevados valores de mediana e, na comparação entre os dois momentos do grupo, uma equivalência antes e após a intervenção (pré=pós=4,00). Os participantes, de modo geral, mostraram que identificavam ter conhecimento sobre a rotina de estudos dos filhos. A Tabela 8 detalha uma concentração de porcentagens entre *Muito* e *Totalmente*, totalizando em 72,8% das respostas, tanto antes quanto depois da intervenção. Inicialmente, as maiores porcentagens eram de *Muito* (40,9%) e *Totalmente* (31,8%), seguido de *Mais ou menos* (18,2%). Após a intervenção, essas porcentagens variaram entre esses conceitos, *Muito* (45,5%) e *Mais ou menos* (22,7%) elevaram-se, tendo, por outro lado, diminuído a porcentagem de *Totalmente* (27,3%). Notou-se que, após a intervenção, houve pais que revelaram ter mais conhecimento sobre as atividades escolares dos filhos e, também, quem identificou que passou a ter menos, o que não chegou a interferir no valor da mediana, que se manteve constante. Articula-se esse dado com o item 7 da questão anterior (**Comunicação**), quando foi perguntado aos participantes se conversavam com os filhos sobre suas atividades escolares, observando-se uma concordância entre as respostas do grupo, referente a esses dois itens.

Os quatro próximos itens referiam-se, de um modo geral, à questão da importância da busca da informação profissional para se realizar uma escolha mais consciente e realista. Esses itens relacionavam-se com o item 8 da questão anterior (**Comunicação**), que indagava se os participantes conversavam com os filhos sobre o mundo das profissões. Desse modo, os próximos itens instigavam os pais a refletirem também sobre a necessidade da exploração do mundo das carreiras e das profissões, questionando-os a respeito do empreendimento de ações concretas e práticas junto aos filhos, além do diálogo sobre esses temas. Assim, pode-se observar que foram os itens que revelaram as medianas mais inferiores (conforme a Tabela 6), em termos de respostas dos participantes, se comparados aos outros itens desse mesmo eixo.

O item 2 “*Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe visitas a universidades e faculdades?*”, revelou valores médios e uma equivalência nas medianas (pré=pós=3,00) na comparação dos dois momentos. O grupo de participantes considerou que sua intervenção era “média” em relação a viabilizar este tipo de ajuda ao filho. Conforme Tabela 8, observou-se grande dispersão das porcentagens de respostas entre todos os conceitos. Inicialmente, a maior porcentagem foi de *Muito* (36,4%), *Pouco* (27,3%), *Mais ou menos* (18,2%), *Muito pouco* (13,6%) e *Totalmente* (4,5%). Após a intervenção a dispersão continuou, porém com variações. A sequência foi: *Mais ou menos* (45,5%), *Muito* (18,2%), *Totalmente* (13,6%), *Pouco* (13,6%) e *Muito pouco* (9,1%). Considera-se a hipótese de que, após a intervenção, alguns participantes que percebiam quase não viabilizar visitas dos filhos às universidades e faculdades, modificaram um pouco este comportamento, o que se constatou pela pequena diminuição de respostas *Muito pouco* e *Pouco*. Se por um lado houve aumento de *Mais ou menos* e *Totalmente*, por outro houve diminuição de *Muito*, após a intervenção. Contudo, tais variações não modificaram o valor da mediana que, após a intervenção, permaneceu o mesmo.

No item 3, “*Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe palestras com profissionais e feiras de profissões?*” pela Tabela 6, observaram-se valores médios, mas um aumento no valor da mediana (pré=3,00; pós=3,50) na comparação entre os dois momentos do grupo, revelando que o mesmo identificou um posicionamento maior junto aos filhos, após participarem do Grupo de Orientação de Pais. A Tabela 8 detalha que, tanto antes da intervenção quanto após, houve uma concentração de respostas na faixa entre *Mais ou menos* a *Muito*, totalizando cerca de 72,8% das respostas. Antes, as maiores porcentagens eram referentes a *Muito* (36,4%) equilibrado com *Mais ou menos* (36,4%), sendo 9,1% correspondente a *Muito pouco* e 4,5% a *Totalmente*. Após a intervenção, houve uma inversão e a maior pontuação foi de *Muito* (40,9%), seguido de *Mais*

ou menos (31,8%). A taxa de *Muito pouco* (4,5%) diminuiu e a de *Totalmente* (9,1%) aumentou. Conclui-se, desse modo que, após a intervenção, observou-se relativa “melhora” na qualidade de resposta do grupo de pais, no que se referia a viabilizar que os filhos participassem mais de feiras de profissões e palestras com profissionais.

Sobre a pergunta do item 4 “*Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe entrevistas com profissionais?*”, observaram-se também valores médios e uma equivalência nas medianas (pré=pós=3,00) na comparação dos dois momentos do grupo de pais. Evidenciou-se maior dispersão dos resultados, tanto antes quanto após a intervenção. Inicialmente, houve alta taxa de porcentagem *Muito pouco* (31,8%), sendo que, após a intervenção, este valor caiu para 9,1%. Ocorreram variações entre todos os conceitos, sendo que *Pouco* subiu de 13,6% para 22,7%, *Mais ou menos* de 31,8 para 36,6%. Houve queda nas respostas *Muito*, de 18,2% para 13,6%, mas elevação de respostas *Totalmente*, de 4,5% para 18,2%. Assim, após a intervenção, não ocorreu alteração nos valores da mediana, pois se houve participantes que passaram a viabilizar, um pouco mais, entrevistas com profissionais, por outro lado, houve quem considerou atuar pouco nesse sentido.

A respeito do item 5 que questionava “*Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, ajudando-o em buscas na Internet e em guias de estudante?*”, observaram-se, pela Tabela 6, valores médios na mediana e que, neste item, foi notado diferença estatística significativa ($Z=2,54$; $p=0,01$) entre as medianas (pré=2,5; pós=3,00) na comparação entre os dois momentos do Grupo de Orientação de Pais, conforme revela a Tabela 6. Antes, uma parte considerável de participantes respondeu *Muito pouco* (40,9%), sendo que não houve respostas *Totalmente*, mas 36,4% responderam *Muito*. Após processo em grupo, houve queda considerável na porcentagem de respostas *Muito pouco* (9,1%), tendo se elevado a porcentagem de *Totalmente* (22,7%). As porcentagens de *Muito*

subiram de 13,6% para 18,2%, sendo que as respostas *Mais ou menos* diminuíram de 36,4% para 27,3%. Infere-se ter havido mudanças na postura dos pais, com relação a instigar mais os filhos em comportamentos de exploração em internet e guias de estudante. Esse dado também revela relação com a facilidade de se realizar este tipo de atividade (sobretudo pela internet) com os filhos, podendo ocorrer em casa, nos momentos de folga dos pais.

Os cinco próximos itens referiam-se aos recursos e meios que os participantes poderiam disponibilizar ou proporcionar aos filhos, objetivando ajudá-los no processo da escolha da carreira profissional. De um modo geral, o grupo revelou que proporcionava muito este tipo de instrumentação aos filhos. Vale lembrar que os participantes do presente estudo tinham possibilidades financeiras de oferecer, aos adolescentes, esse tipo de recurso. Além disso, pode-se inferir que, ainda que não pudessem disponibilizar algum dos meios mencionados a seguir, os participantes poderiam incentivar os filhos a buscar suas próprias maneiras compensatórias.

Quando os pais foram questionados no item 6 “*Você intervém, em relação ao seu filho, propiciando-lhe oportunidades para a realização de atividades de orientação profissional?*” pela Tabela 6, verificou-se que foram elevados e equivalentes os valores das medianas (pré=pós=4,00) na comparação pré e pós-intervenção grupal, revelando que os participantes acreditavam proporcionar grande ajuda aos filhos nesse sentido. Notou-se uma concentração maior de respostas nas faixas entre *Mais ou menos* a *Totalmente*, antes (totalizando 86,4%) e, principalmente, após a intervenção (totalizando 91%). Inicialmente, a porcentagem de *Muito* era 36,4%, seguida de *Totalmente* (27,3%), *Mais ou menos* (22,7%) e *Pouco* (13,6%). Após a intervenção, a porcentagem de *Totalmente* permaneceu a mesma, mas houve aumento de *Muito* (45,5%) e diminuição de *Mais ou menos* (18,2%) e *Pouco* (9,1%). Comparando-se, antes da intervenção, a soma entre *Muito* e *Totalmente* de 63,7% e, depois, a mesma soma de 72,8%, esses dados revelam que, alguns participantes, após a intervenção

julgaram fazer mais pelos filhos nesse sentido, e outros que já identificavam ajudar propiciando essas oportunidades e que mantiveram a mesma postura.

Sobre o item 7, “*Você intervém, em relação ao seu filho, quanto às oportunidades e disponibilização de recursos para cursos de língua estrangeira?*”, observou-se que, novamente, foram elevadas e equivalentes as medianas (pré=pós=4,00) na comparação dos dois momentos do grupo, demonstrando o quanto os participantes tinham a percepção de que ofereciam aos filhos esse recurso, o que revelou a importância que atribuíam a este tipo de investimento educacional. Inicialmente, houve maior concentração na faixa entre *Mais ou menos* (18,2%), *Muito* (54,5%) e *Totalmente* (18,2), totalizando 90,9%. Após a intervenção, esse total foi de 95,5% das respostas, sendo que a maior concentração foi de *Muito* (54,5%) e *Totalmente* (31,8%). Após a intervenção, não houve resposta *Muito pouco*, sendo que *Mais ou menos* caiu de 18,2% para 9,1%. Apesar de não ter havido mudança no valor da mediana, os dados, após a intervenção, são indicativos de que o grupo identificou que passou a oferecer um pouco mais oportunidades aos filhos, no sentido destes terem acesso a cursos de língua estrangeira.

Ao serem indagados no item 8 “*Você intervém, em relação ao seu filho, quanto às oportunidades e disponibilização de recursos para aquisição e uso de aparelhos de informática?*” o grupo de pais revelou que intervinha muito nesse sentido, possibilitando aos filhos o acesso ao meio informatizado. Os valores das medianas foram elevados e equivaleram-se (pré=pós=4,00) na comparação dos dois momentos do grupo, podendo-se observar que as porcentagens de repostas não sofreram variações em relação aos conceitos. Tanto antes quanto depois, as porcentagens ficaram concentradas entre *Muito* e *Totalmente*, totalizando 90,9%. A maioria dos participantes julgou que oferecia *Muito* (54,5%) este tipo de ajuda aos filhos, seguida de outra grande parte que respondeu *Totalmente* (36,4%) e 9,1% que respondeu *Mais ou menos*, sendo que antes da intervenção 4,5% não respondeu. Pode-se

inferir, por esses dados, que a maioria dos participantes atribuía importância aos recursos de informática para a busca rápida de informações úteis e importantes aos adolescentes. Aqui, como no item anterior, sabe-se sobre as possibilidades dos participantes oferecerem aos filhos este tipo de recurso, contudo, salienta-se que, ainda que não pudessem adquirir equipamentos de informática, existem, atualmente, possibilidades de maior acesso à internet por parte dos jovens, das mais variadas formas.

A respeito do item 9, “*Você intervém, em relação ao seu filho, propiciando-lhe atividades culturais? (teatro, cinema, exposições, visitas a museus, viagens culturais, shows...)*” observou-se um aumento no valor das medianas (Tabela 6), na comparação dos momentos do grupo (pré=3,00; pós=4,00), revelando que, após a intervenção, o grupo de pais, de modo geral, identificou que passou a propiciar mais aos filhos estas atividades, mostrando que passou a atribuir maior importância à aquisição de capital cultural. A Tabela 8 detalha que antes da intervenção, a maior porcentagem era referente a *Mais ou menos* (40,9%), seguido de *Muito* (27,3%) e *Totalmente* (18,2%). Esses valores modificaram-se após a intervenção, sendo que *Mais ou menos* (22,7%) diminuiu mas, em compensação, *Muito* (31,8%) e *Totalmente* (31,8%) aumentaram.

Com relação ao item 10 “*Você disponibiliza meios para que seu filho tenha acesso a jornais, revistas, livros?*”, observaram-se, conforme a Tabela 6, elevados valores de mediana e equivalência (pré=pós=4,00) na comparação dos momentos do grupo, demonstrando que o grupo considerou disponibilizar muito, aos filhos, o acesso a esses recursos, evidenciando que conferiam importância a esses meios de comunicação, como forma de aquisição de conhecimentos. A Tabela 8 detalha uma maior concentração de respostas entre *Muito* e *Totalmente*, sendo que inicialmente, essa soma foi de 81,8%, e após a intervenção, foi de 77,3%. As porcentagens de *Mais ou menos* (18,2%) e *Totalmente* (45,5%) elevaram, porém *Muito* (31,8%) diminuiu. Observou-se assim, que após a intervenção, houve participantes que

estavam disponibilizando um pouco menos este tipo de recurso aos filhos, ou ainda, que passaram a considerar que não disponibilizavam tanto esse recurso aos filhos, assim como identificaram antes de participar do processo grupal. No entanto, tais variações não implicaram em mudanças nos valores da mediana das respostas do grupo.

O item 11, “*Você modifica a rotina familiar para ajudar ou não dificultar os afazeres escolares de seu filho?*” mostrou elevados valores de mediana (Tabela 6), revelando que o grupo atribuía importância em ajudar os filhos, nesse sentido. Porém, observou-se uma queda no valor da mediana (pré=4,50; pós=4,00) na comparação pré e pós-intervenção, mostrando que o grupo identificou que passou a modificar menos a rotina familiar, em função do momento que os filhos estavam vivendo. A Tabela 8 revelou grande concentração de respostas entre *Muito* e *Totalmente*, totalizando 90,9% (antes) e 81,8% (depois). Percebeu-se que a porcentagem de *Totalmente* foi de 50% para 40,9%, após a intervenção. Os valores de *Muito* (40,9%) permaneceram constantes, já a porcentagem de *Mais ou menos* foi de 9,1% para 18,2%.

Pode-se então observar, com os dados apresentados referentes ao Eixo **Atividades**, indicadores de que os participantes consideravam, de algum modo, que atuavam como agentes colaboradores do processo de escolha profissional de seus filhos, realizando algumas atividades juntamente com estes e oferecendo-lhes além do apoio, recursos e meios que poderiam instrumentá-los. Assim como o eixo comunicação, observaram-se variações em suas respostas, após participarem do Grupo de Orientação de Pais, revelando algumas mudanças em suas posturas junto aos filhos ou em suas percepções de atuação junto aos mesmos.

Fatores que influenciam a escolha da profissão

A terceira questão fechada do questionário referia-se às percepções dos participantes quanto aos **Fatores que influenciam a escolha da profissão**. Assim, os itens visavam identificar quais os aspectos que poderiam interferir, em maior ou menor grau, no processo da escolha profissional dos filhos, na opinião dos pais. Esta questão relacionava-se com o segundo eixo que orientou o processo de intervenção grupal. A Tabela 9 indica a porcentagem de respostas dos participantes, referente a cada item da questão, antes e depois da intervenção psicológica realizada com os mesmos.

Tabela 9 - Porcentagem de respostas do Grupo de Orientação de Pais, pré e pós-intervenção, referente ao eixo Fatores que influenciam a escolha da profissão

	Muito Pouco		Pouco		Mais ou menos		Muito		Totalmente	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
1. Você acredita que a aptidão, os interesses e os valores do seu filho influenciam em seu processo de escolha profissional?	4,5%	-	-	9,1%	4,5%	9,1%	40,9%	36,4%	50,0%	45,5%
2. Você acredita na influência das experiências escolares no processo de escolha profissional de seu filho?	4,5%	-	13,6%	4,5%	13,6	18,2%	50,0%	63,6%	18,2%	13,6%
3. Você acredita que o nível de maturidade (psíquica/social) de seu filho influencia em seu processo de escolha profissional?	4,5%	-	-	9,1%	18,2%	-	45,5%	54,5%	31,8%	36,4%
4. Você acredita que o modo como seu filho se relaciona influencia o seu processo de escolha profissional?	-	-	13,6%	4,5%	31,8%	27,3%	27,3%	45,5%	27,3%	22,7%
5. Você acredita que as atitudes tomadas pelo seu filho para resolver problemas influenciam o seu processo de escolha profissional?	9,1%	-	9,1%	9,1%	13,6%	40,9%	36,4%	40,9%	31,8%	9,1%
6. Você acredita que os pais influenciam o processo de escolha profissional de seus filhos?	13,6%	13,6%	9,1%	18,2%	50,0%	27,3%	27,3%	27,3%	-	13,6%
7. Você acredita que outros membros da família influenciam o processo de escolha profissional de seus filhos? (irmãos, primos, tios, avós...)	31,8%	36,4%	18,2%	9,1%	27,3%	22,7%	22,7%	27,3%	-	4,5%
8. Você acredita que agentes educativos influenciam o processo de escolha profissional de seu filho? (Como: professores, orientadores educacionais e profissionais...).	4,5%	9,1%	18,2%	13,6%	31,8%	22,7%	27,3%	45,5%	18,2%	9,1%
9. Você acredita que as condições do meio influenciam o processo de escolha profissional do seu filho? (Como: condições educacionais, situação econômica e social da família).	4,5%	4,5%	4,5%	-	18,2%	18,2%	54,5%	63,6%	18,2%	13,6%
10. Você acredita que condições do mercado de trabalho (emprego) influenciam o processo de escolha profissional do seu filho?	4,5%	13,6%	18,2%	-	18,2%	36,4%	45,5%	45,5%	13,6%	4,5%
11. Você acredita que o medo do vestibular pode influenciar a escolha da profissão de seu filho?	22,7%	27,3%	18,2%	22,7%	13,6%	9,1%	31,8%	27,3%	13,6%	13,6%
12. Você acredita que o medo das responsabilidades do mundo adulto influencia a escolha da profissão de seu filho? (precisar sair de casa, cuidar de si mesmo, tomar decisões, avaliar riscos e conseqüências).	22,7%	22,7%	18,2%	22,7%	22,7%	22,7%	31,8%	18,2%	4,5%	13,6%
13. Você acredita que o receio de “decepcionar os pais” pode influenciar a escolha da profissão de seu filho?	22,7%	18,2%	22,7%	27,3%	22,7%	27,3%	22,7%	22,7%	9,1%	4,5%

No que concerne ao item 1 “*Você acredita que a aptidão, os interesses e os valores do seu filho influenciam em seu processo de escolha profissional?*” pode-se observar o maior valor de mediana (pré-intervenção) dessa questão, como mostra a Tabela 6, indicando que o grupo de participantes atribuía aos fatores que envolviam as características do indivíduo, importante influência no processo da escolha da carreira profissional de seus filhos. Houve, em contrapartida, uma pequena diminuição nos valores das medianas, na comparação entre pré e pós-intervenção (pré=4,50; pós=4,0). Inicialmente, 90,9% dos participantes responderam que esses aspectos influenciavam entre *Muito* (40,9%) e *Totalmente* (45,5%). Observou-se, porém, após a intervenção, que a soma de porcentagem desses conceitos, *Muito* (36,4%) e *Totalmente* (45,4%) abaixou para 81,9%. Desse modo, após a intervenção, o grupo passou a atribuir menor importância a esse fator. Uma hipótese para essa diminuição de “importância atribuída” a ser considerada, e que será melhor discutida na articulação das análises, refere-se ao fato de que os participantes, com os encontros em grupo, depararam-se com uma enorme quantidade de aspectos que podem influenciar e repercutir no processo da escolha profissional do sujeito e que não apenas as características intrínsecas ao mesmo estão implicadas na dinâmica dessa escolha, mas sim toda uma gama de fatores, uma vez que a escolha profissional tem um caráter multifatorial.

A respeito do item 2 “*Você acredita na influência das experiências escolares no processo de escolha profissional de seu filho?*” notou-se que os valores das medianas também foram elevados e que se mantiveram constantes na comparação dos dois momentos do grupo (pré=pós=4,00), conforme a Tabela 6. Tanto antes quanto após a intervenção, houve uma concentração maior de respostas referente ao conceito *Muito*, denotando a grande importância que o grupo de participantes conferia à influência das experiências escolares no processo de escolha da profissão pelos filhos. Inicialmente, 50% dos pais acreditavam que esses fatores influenciavam *Muito* e *Totalmente* (18,2%). Após a intervenção, houve variações nas

porcentagens, *Muito* subiu para 63,6% e *Mais ou menos* para 18,2%. Assim notou-se que, se por um lado os valores de *Muito* e *Mais ou menos* aumentaram, por outro, houve diminuição dos valores atribuídos ao conceito *Totalmente* e, no entanto, essas variações não interferiram no valor da mediana. Assim, o grupo, após a intervenção, identificou que passou a atribuir uma importância, que variou entre *Muito* e *Mais ou menos*, às influências desse fator no processo da escolha da carreira de seus filhos.

No que se referia à pergunta do item 3 “*Você acredita que o nível de maturidade (psíquica/social) de seu filho influencia em seu processo de escolha profissional?*” também observaram-se elevados valores das medianas e uma equivalência na comparação dos dois momentos (pré=pós=4,00). Tanto antes quanto após a intervenção, as maiores concentrações de respostas foram referentes a *Muito* e *Totalmente*, revelando a importância grande que os participantes atribuíam à influência da maturidade do filho no processo de decisão por uma profissão. Antes da intervenção, as porcentagens de *Muito* eram de 45,5% e *Totalmente* eram de 31,8%, totalizando 77,3%. Após a intervenção, 90,9% responderam entre *Muito* (54,5%) e *Totalmente* (36,6%). Pode-se verificar, pela Tabela 8, que alguns pais, após a intervenção, observaram que passaram a creditar um pouco mais de peso à questão da influência da maturidade de seus filhos no processo da tomada de decisão.

O item 4 “*Você acredita que o modo como seu filho se relaciona influencia o seu processo de escolha profissional?*” também demonstrou, conforme a Tabela 6, elevados valores para as medianas e uma equivalência na comparação antes e após a intervenção (pré=pós=4,00), também demonstrando a grande importância que o grupo conferia à influência desse fator no processo de escolha da carreira dos filhos. Pela Tabela 9, observou-se uma dispersão maior dos resultados em relação ao item anterior, tanto antes como após a intervenção. Inicialmente, a maior porcentagem de respostas foi referente a *Mais ou menos* (31,8%), seguido de *Muito* e *Totalmente* que tiveram a mesma porcentagem (27,3%). Depois

da intervenção, a maior porcentagem passou a ser de *Muito* (45,5%), seguido de *Mais ou menos* (27,3%) e *Totalmente* (22,7%). Assim, observou-se que, depois da intervenção, a concentração de respostas do grupo foi referente a *Muito*, ou seja, o grupo de participantes, após a intervenção, passou a atribuir uma importância nem tão mediana nem tão extrema à influência desse fator no processo de escolha da carreira dos filhos.

Sobre o item 5 “*Você acredita que as atitudes tomadas pelo seu filho para resolver problemas influenciam o seu processo de escolha profissional?*” que apresentava correspondência, sobretudo, com o item 3 desse mesmo eixo, foi observado que as medianas variaram (pré=4,00; pós= 3,50), havendo uma pequena diminuição no grau de importância que os participantes atribuíram, após a intervenção, a esse fator. Antes da intervenção, as porcentagens de respostas concentravam-se entre *Muito* (36,4%) e *Totalmente* (31,8%), totalizando 68,2%. Depois da intervenção, a maior concentração foi entre *Mais ou menos* e *Muito*, ambos com 40,9%, totalizando 81,8%. Esses dados indicaram que o grupo, após a intervenção, identificou que passou a atribuir uma importância menor (entre *Mais ou menos* e *Muito*) a esse fator de influência. Observou-se, assim, um pequena contradição entre as respostas dos participantes referente a esses dois itens (3 e 5), que revelaram, ao mesmo tempo, a maturidade influenciando muito no processo de escolha e, paradoxalmente, que as atitudes dos filhos na solução de problemas influenciavam um pouco menos no processo da escolha profissional.

Ao serem perguntados no item 6 “*Você acredita que os pais influenciam o processo de escolha profissional de seus filhos?*” observou-se, pela Tabela 6, que os valores das medianas foram médios e equivalentes (pré=pós=3,00), revelando que o grupo conferia importância menor a esse fator se comparado aos itens anteriores dessa mesma questão. Tanto antes quanto depois da intervenção, identifica-se que a maior concentração de respostas se referiu a *Mais ou menos* e *Muito*. Antes de iniciarem o grupo, a maior taxa de porcentagem

concentrou-se no conceito *Mais ou menos* (50%), seguido de *Muito* (27,3%), *Pouco* (9,1%), sendo que, nenhum participante respondeu *Totalmente*. Após a intervenção, o conceito *Muito* permaneceu constante. Porém, *Totalmente* elevou-se para 13,6% e *Pouco* para 18,2%, sendo que *Mais ou menos* caiu para 27,3%. Apesar dessas variações não terem interferido no valor da mediana, levanta-se a hipótese de que, após a intervenção, uma pequena parcela dos participantes que conferiam importância mediana à influência dos pais na escolha dos filhos, passou a acreditar que esta influência tornou-se menor e, outra parcela, que passou a identificar que era maior (*Totalmente*) a influência que os pais exercem sobre seus filhos. Contudo, enfatiza-se que essas variações foram pequenas. Identifica-se, assim, que esses valores de mediana (se comparados a outros itens) indicam os participantes em geral, no desempenho de seus papéis junto aos filhos, considerando não dever influenciá-los no que se referia ao processo de escolha profissional, revelando atribuir uma conotação negativa ao termo influência.

No que concerne ao item 7, “*Você acredita que outros membros da família influenciam o processo de escolha profissional de seus filhos? (irmãos, primos, tios, avós...)*” podem ser observados também valores mais baixos de mediana, se comparados aos itens anteriores dessa questão. Notou-se, porém, que houve um aumento nesses valores (pré=2,50; pós=3,00) na comparação dos dois momentos, parecendo que o grupo, após a intervenção, conferiu uma importância maior à influência desse fator. Observou-se, pela Tabela 9, que ocorreu uma dispersão nas porcentagens de respostas, antes e depois da intervenção. Inicialmente, a maioria dos participantes acreditava que outros membros da família influenciavam *Muito pouco* (31,8%) na decisão dos filhos, seguido de *Mais ou menos* (27,3%), *Muito* (22,7%). Após a intervenção, a taxa de respostas *Muito pouco* (36,4%) aumentou, porém, a porcentagem de respostas *Muito* (27,3%) subiu, assim como *Totalmente* (de 0% para 4,5%). Assim, apesar de ter havido aumento nas respostas *Muito pouco*, as taxas

de *Muito* e *Totalmente* também aumentaram. Desse modo observou-se que os participantes consideravam que outros membros da família influenciavam seus filhos no processo da escolha profissional tanto quanto eles próprios.

Sobre o item 8 “*Você acredita que agentes educativos influenciam o processo de escolha profissional de seu filho? (Como: professores, orientadores educacionais e profissionais....)*” observou-se, pela Tabela 6, que houve um aumento no valor da mediana (pré=3,00; pós=4,00) na comparação dos dois momentos do grupo. Pela Tabela 9, foi notada grande dispersão de resultados, tanto antes quanto depois. Inicialmente a maior porcentagem era de *Mais ou menos* (31,8%) e *Muito* (27,3%), totalizando 59,1%. Após a intervenção, houve maior concentração de respostas em *Muito* (45,5%), o que, somado às repostas *Mais ou menos* (22,7%), totalizou em 68,2%, havendo assim um aumento em relação ao momento inicial. Observou-se então que, em um segundo momento, o grupo de participantes passou a atribuir um pouco mais de importância à influência dos agentes educativos no processo da escolha da profissão pelos filhos, revelando que consideravam que os agentes educativos influenciavam mais os filhos, do que os próprios participantes, como pais.

O item 9 “*Você acredita que as condições do meio influenciam o processo de escolha profissional do seu filho? (como: condições educacionais, situação econômica e social da família)*” possibilita observar que as medianas foram mais elevadas e que se equivaleram antes e depois da intervenção (pré=pós=4,00) revelando que, na percepção dos participantes, as condições do meio tinham grande influência no processo de escolha profissional. Nos dois momentos, houve grande concentração de porcentagens referente ao conceito *Muito*. Inicialmente, *Muito* foi de 54,5%, sendo que *Totalmente* e *Mais ou menos* equivaleram-se em 18,2%. Depois da intervenção, a maior porcentagem continuou sendo de *Muito* (63,6%), que se elevou. *Mais ou menos* permaneceu constante e *Totalmente* (13,6%) diminuiu. Assim, ao término da intervenção, observou-se que alguns participantes passaram a conferir mais

importância à influência do meio e, houve aqueles que passaram a atribuir uma menor importância. Contudo, essas variações não interferiram nos valores da mediana das respostas do grupo de modo geral. Reflete-se que esses dados revelaram divergência, na comparação com o item 6 desse mesmo eixo, uma vez que os participantes consideravam que as condições da família influenciava no processo de escolha profissional de seus filhos mas, no entanto, não atribuíram o mesmo “peso” à influência que os pais exerciam sobre os filhos. Identifica-se, assim, que se mostrava mais “fácil” aos participantes admitirem influências que envolviam fatores menos subjetivos, como a questão educacional e sócio-econômica da família sobre o processo da escolha profissional dos filhos.

Com relação à questão 10 “*Você acredita que condições do mercado de trabalho (emprego) influenciam o processo de escolha profissional do seu filho?*” observou-se, pela Tabela 6, que o valor da mediana abaixou (pré=4,00; pós=3,50) na comparação dos dois momentos do grupo, revelando que o mesmo passou a atribuir uma menor importância à influência desse fator, após a intervenção. Conforme dados apresentados na Tabela 9, pode-se notar que, tanto antes quanto depois da intervenção, havia uma alta concentração de respostas entre *Mais ou menos* e *Muito*, totalizando 63,7% (antes) e 81,9% (depois). Antes da intervenção, a maior concentração era em *Muito* (45,5%), seguido de *Mais ou menos* e *Pouco*, ambos com o mesmo valor de 18,2%. Em um segundo momento, as porcentagens de *Muito* permaneceram constantes, porém *Mais ou menos* (36,4%) e *Muito pouco* (de 4,5% para 13,6%) elevaram-se, tendo abaixado os valores de *Totalmente* (de 13,5% para 4,5%) e *Pouco* (0%). Nota-se que, após a intervenção, houve uma pequena queda na importância que o grupo de participantes atribuiu à influência do mercado de trabalho na escolha da carreira pelos filhos, ou que os pais passaram a identificar que os filhos não consideravam tanto a realidade do mercado de trabalho, assim como inicialmente responderam no questionário.

Com relação aos três próximos itens, que abordavam: medo do vestibular, medo das responsabilidades do mundo adulto e receio de decepcionar os pais, observou-se que a importância atribuída, pelo grupo de participantes, à influência que esses fatores exerciam na escolha profissional dos filhos, foi de modo geral, mais mediana.

O item 11 “*Você acredita que o medo do vestibular pode influenciar a escolha da profissão de seu filho?*” revelou que a mediana abaixou em um segundo momento (pré=3,00; pós=2,50), denotando que o grupo reviu a importância da influência desse fator na escolha da carreira pelo filho, atribuindo-lhe uma valoração ainda menor. Foi observada grande dispersão nos resultados, tanto antes como depois da intervenção. Antes, a maior concentração era em *Muito* (31,8%), *Muito pouco* (22,7%) e *Pouco* (18,2%), sendo que *Totalmente e Mais ou menos* equivaleram-se em 13,6%. Depois da intervenção, as porcentagens *Muito* e *Muito pouco* foram equivalentes em 27,3%. Aumentou também o valor de *Pouco* (22,7%) e diminuiu o de *Mais ou menos* (9,1%).

Sobre o item 12 “*Você acredita que o medo das responsabilidades do mundo adulto influencia a escolha da profissão de seu filho? (precisar sair de casa, cuidar de si mesmo, tomar decisões, avaliar riscos e consequências)*” os valores da mediana mantiveram-se iguais (pré=pós=3,00), demonstrando que os pais atribuíam importância mediana a esse fator, conforme a Tabela 6. Assim como no próximo item, observou-se grande dispersão dos resultados, principalmente depois da intervenção. A maior concentração de respostas antes da intervenção foi de *Muito* (31,3%), *Muito pouco* e *Mais ou menos*, ambos com 22,7% e *Pouco* (18,2%). Após a intervenção, as maiores concentrações incidiram em *Muito pouco*, *Pouco* e *Mais ou menos*, cada conceito com 22,7%, seguido de *Muito* (18,2%) e *Totalmente* (que foi de 4,5% para 13,6%). Desse modo, após a intervenção, alguns participantes identificaram ter passado a atribuir menor importância à influência desse fator e outros, que começaram a

atribuir maior importância. Contudo, notou-se que foram pequenas as variações e que não houve mudanças no valor da mediana do grupo.

No item 13 “*Você acredita que o receio de “decepcionar os pais” pode influenciar a escolha da profissão de seu filho?*” pela Tabela 6, observou-se que houve equivalência nos valores das medianas (pré=pós=3,00), revelando a média importância que o grupo conferiu à influência do receio de decepcionar os pais no processo da escolha da profissão. Também se considerou ter havido grande dispersão dos resultados, tanto antes quanto após a intervenção grupal. Inicialmente, houve distribuição equivalente das respostas *Muito pouco* até *Muito*, todos com 22,7%. Após a intervenção, *Pouco* e *Mais ou menos* se equivaleram em 27,3%, a taxa de *Muito* permaneceu constante, sendo que *Muito pouco* (18,2%) e *Totalmente* (de 9,1% para 4,5%) diminuíram. Observou-se que houve pequenas variações nas porcentagens após a intervenção, o que não interferiu no valor da mediana. Esse item, também se relacionava ao item 6 desse mesmo eixo, o qual perguntava se os participantes consideravam que influenciavam o processo de escolha profissional de seus filhos. Na comparação entre esses dois itens, houve coerência entre as respostas do grupo, ambos apresentando valores médios e equivalentes de mediana, corroborando a conotação negativa que atribuíam à questão da influência dos pais no processo da escolha da profissão pelos filhos.

Os dados apresentados, referentes ao eixo **Fatores que influenciam a escolha da profissão**, mostraram a importância que o grupo de participantes atribuiu aos aspectos que poderiam influenciar o processo de escolha profissional de seus filhos. Observou-se que, em geral, o grupo atribuiu alguma importância a todos os fatores, revelando que identificavam que o processo de escolha profissional tem um caráter multifatorial. O fator considerado, pelo grupo, como sendo de maior influência na escolha da carreira foi o item referente às características intrínsecas (aptidão, interesse, valores) dos filhos. Em seguida, as experiências escolares, o nível de maturidade, o estilo relacional do filho e as condições do meio, eram os

fatores que se equivalem, em termos de influência no processo de escolha, na percepção dos pais. Assim como nos demais eixos temáticos, nesse também foram observadas algumas variações nas respostas dos participantes após realizarem o Grupo de Orientação de Pais. Informa-se que tais mudanças de percepção serão retomadas e discutidas na articulação com os dados qualitativos do presente estudo.

Avaliação do Questionário

Realizou-se ainda uma questão de avaliação do próprio questionário, na perspectiva dos participantes. A Tabela 10 a seguir mostra essa avaliação antes e após os pais participarem do grupo de orientação.

Tabela 10 - Avaliação do questionário realizada pelo Grupo de Orientação de Pais, pré e pós-intervenção

Avaliação	Muito fraco	Fraco	Regular	Bom	Muito bom	Não Sei	Sem resposta
Pré- intervenção	-	-	-	50,0%	40,9%	4,5%	4,5%
Pós- intervenção	-	-	-	50,0%	45,5%	-	4,5%

Observou-se que, tanto antes quanto após a intervenção, a maior porcentagem de respostas foi referente ao conceito *Bom* (50%). Porém, após a intervenção, houve um pequeno aumento de porcentagem de respostas *Muito bom*. Pode-se considerar que, o grupo, em geral, avaliou positivamente o instrumento de coleta de dados, o Questionário de Pais, e que essa pequena “melhora” na conceituação após a intervenção, possivelmente se relacionasse com reflexões e questionamentos que os participantes passaram a ter, após realizarem o Grupo Orientação de Pais, referente à complexidade que envolvia todo o processo da escolha profissional de seus filhos.

4.3 Análise do processo no Grupo de Orientação de Pais

Apresenta-se, a seguir, a análise qualitativa, segundo o referencial teórico metodológico de Enrique Pichon-Rivière, referente aos dados obtidos por meio da intervenção psicológica no Grupo de Orientação de Pais, tendo por base os registros das sessões realizados pelos observadores silentes e as impressões e interpretações da coordenadora do grupo, pesquisadora desse estudo.

Cumprir destacar que as verbalizações dos participantes, nesse momento, não foram identificadas por nomes fictícios, uma vez que a Técnica de Grupo Operativo focaliza o processo grupal e não o indivíduo isoladamente. Nesse referencial, o integrante exerce papéis complementares e intercambiáveis ao longo do acontecer grupal, que sustentam a estrutura dinâmica do grupo como um todo. Desse modo, as comunicações verbais e não-verbais, foram compreendidas e analisadas como sendo movimentos de estruturação e desestruturação do Grupo Operativo.

Expectativas: primeira e segunda sessão

Primeira sessão

Inicialmente, os participantes revelaram impacto ao se depararem com tantos outros pais e mães que se mostravam interessados em participar do Grupo de Orientação de Pais:

“Nossa, quanta gente que veio!”

O tema do primeiro encontro relacionava-se com as expectativas do Grupo de Orientação de Pais. Desse modo, com fins de disparador temático, os participantes foram subdivididos em trios para que discutissem sobre: o que esperavam do Grupo de Orientação

de Pais; o que esperavam em relação ao futuro profissional de seus filhos; o que esperavam de si como pais de filhos em fase de escolha profissional. Observou-se que os trios envolveram-se em suas discussões, sendo que o número reduzido de pessoas em cada subgrupo pareceu favorecer, aos participantes, a expressão de suas idéias. Em seguida, realizou-se a discussão no grupo maior, com a tarefa proposta, pela coordenadora, de que cada trio expusesse as expectativas referentes às questões discutidas. Pode-se identificar que, inicialmente, o grupo permaneceu como se estivesse em pré-tarefa, ou seja, segundo pressupostos da Teoria Operativa de Pichon-Rivière, o grupo mostrava-se obstaculizado na realização da tarefa, devido ao predomínio das chamadas “ansiedades básicas” ou “medos universais” (medo da perda e medo do ataque). A pré-tarefa, entretanto, e seus mecanismos dissociativos, conforme Pichon-Rivière (1998a) configura-se como um momento habitual do grupo no desenvolvimento de seu trabalho, justamente pelo fato da situação ser nova e estranha aos integrantes. Assim, aos poucos, a comunicação foi se desenrolando, não sem dificuldade, uma vez que não ocorria de um membro em direção a todos os outros, mas em direção à coordenação. No entanto, apesar do estranhamento frente ao desconhecido, os membros depararam-se também com expectativas comuns e que, de certo modo, pareceram aproximá-los pouco a pouco:

“Esperamos muito deste grupo, muito mesmo!”

“Queremos muito, muito a ajuda de vocês porque estamos precisando demais [...].”

“[...] que o grupo ajude a diminuir a nossa ansiedade e que vocês nos dêem uma luz.”

“Acho que estamos meio perdidos com eles [...].”

Declararam, então, grande expectativa em relação ao Grupo de Orientação de Pais, revelando esperarem que a equipe de coordenação lhes proporcionasse um esclarecimento (“*luz*”) sobre o que estavam vivendo, sentindo e, sobretudo, sobre “como” deveriam agir como pais (de filhos adolescentes em processo de escolha profissional) e, também, enquanto

membros (estranhos entre si) de um grupo que, ainda, estava se constituindo. Mostrava-se, assim, presente o par contraditório: o estranho (pessoas desconhecidas, reunidas em local estranho) *versus* o comum (expectativas, receios e ansiedades comuns entre os membros). Avançaram na tarefa proposta, revelando grandes aspirações e preocupações em relação ao futuro dos filhos. Almejavam um futuro de satisfações completas: realização pessoal e profissional, a combinação de prazer e amor pela profissão com o sucesso profissional e o retorno financeiro:

“Que eles se sintam completamente realizados com seu trabalho. E que sejam muito felizes com a escolha profissional.”

“Tenham satisfação completa com a escolha feita, sendo realizados pessoalmente, profissionalmente e também, sendo independentes financeiramente.”

“Que tenham amor a sua profissão e também uma estabilidade.”

Expectativas quanto ao processo de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) que os filhos estavam realizando no SOP, também surgiram no grupo:

“Que a Orientação os ajude a escolher [...] que o futuro seja aquilo que eles esperam.”

A comunicação, no entanto, não se mantinha voltada a todo o grupo, já que se expressavam em direção à coordenadora. Evidenciava-se o vínculo de dependência em relação à coordenação, uma vez que se julgavam, não apenas como pais, mas também, enquanto um grupo, sem uma instrumentação própria e adequada para pensarem, segundo uma leitura crítica e operativa da realidade. Contudo, contrariando o que desejava, o grupo deparava-se com perguntas cujas respostas não surgiam de “fora”. A interpretação do coordenador, segundo Pichon-Rivière (1998a), tem função de, atuando em direção ao processo de autoconhecimento do grupo, possibilitar alterações no campo grupal, incluindo reestruturações na relação entre os membros e, também, na vinculação com a tarefa. Desse modo, o emergente foi decodificado pela interpretação, sendo explicitado o que se mostrava

latente na estrutura grupal. O silêncio, em resposta, denunciou alto grau de ansiedade. Todavia, os integrantes, ainda que timidamente, arriscaram sair do impasse, ensaiando respostas próprias. Considera-se que é a operatividade gerada no grupo que demonstra o valor de uma interpretação (Pichon-Rivière, 1998a):

“Pensando bem, acho que estamos mais ansiosos que eles !!!”

O grupo seguiu, mostrando suas contradições inerentes. Falas revelaram a associação com o vínculo de dependência dos filhos e, também, sobre o papel que sempre desempenharam enquanto pais:

“[...] mas claro, [...] tudo que eles precisam, eles procuram os pais!”

Os integrantes remetiam-se ao difícil momento dos filhos, em transição para um mundo novo e desconhecido, repleto de decisões próprias, dúvidas e receios. Identificados com a situação dos jovens, implicitamente, o grupo questionava o papel da coordenação, além de revelar o desejo de não ser “abandonado”, sem respostas, nessa situação tão nova e desconhecida. O grupo sentia-se sozinho e sem recursos:

“Eles sempre precisaram da gente pra decidir, mas agora a gente fala pra eles: ‘a partir de agora, é você que decide! Se vira!’.”

Não sem dificuldade, caminhou no desenvolvimento da tarefa explícita, sendo que, com o tempo, surgiram falas que se aproximaram de conteúdos latentes: o medo da quebra do vínculo de dependência dos filhos em relação aos pais e a conseqüente separação pais e filhos:

“Se ela me fala: ‘estou pensando em fazer vestibular em outra cidade’. Eu já começo a chorar.”

“[...] Gente, eles não têm medo de nada. E a gente tem medo de tudo!”
“A minha angústia é que minha filha já está com a mala pronta porque não quer fazer faculdade aqui em Ribeirão, quer ser independente de qualquer jeito.”

Mostrava-se sofrida a idéia dos filhos desejarem se separar dos pais. Pouco a pouco, a expressão do que sentiam favoreceu o vetor Comunicação e, assim, esta passou a se desenrolar mais voltada para os próprios integrantes. Surgiram no grupo, em contraponto, movimentos opostos que apoiavam o posicionamento dos filhos ansiosos por sair da casa dos pais e, assim, o grupo manteve-se dividido em partes divergentes:

“[...] mas que bom que eles não têm medo, ainda bem que não enfiam a cabeça na terra.”

“E até que ponto isso é positivo? [...] Por que não fazer com que eles fiquem aqui? Com a gente perto, a gente está vendo tudo.”

A comunicação ganhou força, possibilitando que um membro, funcionando como o porta-voz da situação, interpretasse em tom de brincadeira o implícito, latente na estrutura do grupo: desejavam se manter no papel de pais de “filhos-crianças”:

“É né, ficar aqui?! Sei, com vocês controlando tudo!!!!” (risos)

O riso surge, sem graça e constrangido frente à exposição de uma situação que se mantinha encoberta. E o grupo seguiu, em movimentos de divergência e convergência de idéias. Surgiam, cada vez mais, fantasias onipotentes de que mantendo os filhos por perto, poderiam protegê-los de tudo (medo da perda: ansiedade depressiva). Encaravam os jovens como ingênuos, desprotegidos e à mercê do “mundo externo” ameaçador (medo do ataque: ansiedade paranóide):

“Morro de medo que aconteça alguma coisa longe de mim.”

“Você é pai, fica 17 anos falando [...], aí vem aquele amigo e derruba tudo em cinco minutos [...].”

Implicitamente, o grupo de pais, assim como percebia seus filhos, também se identificava sem recursos para lidar com situações tão novas e ameaçadoras. Nos discursos, regras e valores de outras famílias, do mundo externo (“os outros”, “os terceiros”) eram

questionados e vistos como uma influência negativa, que poderia desviar os filhos de um possível caminho de realizações. Observavam-se, então, os pares contraditórios atuando, evidenciando-se o conflito velho (conhecido) *versus* novo (desconhecido): os “filhos-crianças”, seguros e controlados por pais protetores e idealizados, seguindo normas e valores do grupo familiar *versus* a entrada do filho no mundo adulto, representado pela aproximação com outros grupos, por questionamentos e enfrentamento de regras e por um futuro repleto de incertezas. Os integrantes revelavam, ainda, conluios inconscientes com os filhos e até pactos propostos, como estratégia de postergar a separação pais e filhos:

“Se ele não sair de casa agora, o que vai ser economizado, vai para ele depois. E também [...] quase nenhum amigo saiu de Ribeirão. Quando ele terminar, aí eu quem vou abrir a porta.”

“Meu filho mais velho quis fazer faculdade em São Paulo e eu não concordei. Negocieei com ele, porque achava ele muito novo pra sair, ele tinha só 17 anos na época.”

O desejo era preservar intacta a fantasia onipotente de decidirem qual o momento “certo” de “*abrir a porta*” para os filhos afastarem-se. Desse modo, imaginavam que deveriam saber qual seria esse momento. Criou-se, então, novo impasse que novamente obstaculizou a comunicação entre os participantes. Voltaram-se para a coordenação e, implicitamente, esperavam uma resposta de ajuda: que momento seria este? E como fazê-lo? A interpretação problematizou se existiria uma idade certa para os filhos saírem da casa dos pais e quem teria condições de saber que momento seria esse? Eram os pais que sabiam ou deveriam saber? O silêncio parecia carregado de dúvidas. A coordenação sabia e escondia tal conhecimento? A interpretação fez com que o grupo reagisse frente à necessidade de abandonarem as expectativas idealizadas depositadas na figura da coordenadora e, também, as expectativas que possuíam quanto ao papel onipotente que desejavam assumir junto aos filhos:

“Não espero nada de vocês (refere-se à coordenação), mas da gente, do grupo. [...] Como pai, espero tentar orientar nossos filhos. Não quero ser mais um ponto de pressão, quero ser porto seguro para eles poderem descarregar. Só quero que encontrem aquilo que eles gostem de fazer [...].”

Os membros fantasiavam que ser “*porto-seguro*” era manter os filhos na dependência dos pais. Justificavam-se elencando dificuldades que os jovens enfrentariam, longe da família. Parecia difícil reconhecer que tais dificuldades só seriam desmistificadas, enfrentadas ou, talvez, vencidas, na condição de serem postos à prova os recursos psíquicos até então adquiridos pelos filhos:

“[...] tem a violência [...].”

“[...] tem filho que liga chorando durante a faculdade [...].”

“[...] 30% se arrepende e quer voltar pra casa dos pais. Acho que é muito cedo!”

“Achamos que eles são novos demais para decidir e precisam se conhecer mais.”

“Não acho que para escolher a profissão não é cedo, mas para sair é!” (risos).

Do mesmo modo que os pais duvidavam dos recursos dos jovens para a resolução das situações novas, o grupo também se preservava em um círculo de verbalizações fechado e estereotipado, com receio de, com seus próprios meios, enfrentar suas contradições inerentes. Até que, em um dado momento, um membro trouxe uma idéia “nova”, focalizando que, para o filho escolher a profissão ou a faculdade e, assim, decidir sobre a saída da casa dos pais, seria necessário a ele o autoconhecimento, descobrir e entender seus interesses, para poder optar por uma profissão. A comunicação ganhou força e, assim, surgiram falas que se aproximaram da idéia de que o autoconhecimento seria um processo efetuado ao longo da vida. O homem estaria sempre em constante transformação, refazendo suas escolhas. Dessa forma, o grupo aproximou-se de seus próprios conflitos internos, chegando a questionar a figura onipotente do adulto, como alguém detentor de um saber já acabado e satisfeito:

“É, gente, aqui todo mundo é adulto e será que todo mundo está satisfeito com a profissão? Todo mundo aqui “ama” a profissão?”

“Não!!!” (vários dizem ao mesmo tempo)

O grupo ganhou ânimo com a possibilidade de que tinha muito a aprender e se transformar, tanto como pais, quanto como grupo. Os membros compararam suas próprias vivências com as dos filhos: “será que esse mundo em que nosso filho vive é parecido com o que já vivemos? O que tínhamos de expectativas naquela época, é o que eles têm hoje?”. Refletiram sobre a contemporaneidade e a decomposição das carreiras tradicionais em novas profissões e cursos cada vez mais específicos:

“A responsabilidade deles na escolha é maior do que na nossa época, porque hoje em dia eles têm uma gama de profissões que nós não tivemos.”

Avançaram discutindo o quanto o leque maior de opções, próprio da sociedade atual, causava dúvidas, angústias e até paralisia no momento de se realizarem as escolhas. Entretanto, a comunicação, “o pensar” em grupo, oferecia esperança de transformação:

“Eu acho que o desafio está colocado na sociedade de hoje em dia [...] e isso é assustador, angustiante pra eles [...] tem profissão que nunca ouvi falar na vida [...] mas gente, pensa, ele tem que começar por alguma coisa, né? Tem que escolher uma. Não é assim que se começa? Aí, depois a gente vê aonde isso vai dar.” (risos)

O riso que mais parecia ser de ansiedade, talvez declarasse, contrariando as expectativas dos membros, o sentimento de impotência frente ao “não-saber” sobre um futuro incerto, tanto para os pais e para os filhos como, também, para o próprio grupo. No entanto, a fala também revelou a necessidade de arriscar com o que se tem e, ainda, de começar por um ponto, apesar da existência de tantos outros, o importante era não paralisar. Assim, o Grupo de Orientação de Pais, também se iniciou, sem saber o que fazer com tantas perguntas sem respostas, com sentimentos tão ambivalentes e sem a “*luz*” de fora que tanto desejavam

encontrar e que guiasse o seu caminho, dissipando seus medos e angústias frente à imprevisibilidade do futuro.

Segunda sessão

A sessão iniciou-se com uma técnica de apresentação, na qual os participantes expuseram uma característica própria que julgavam interessante revelar no grupo. Iniciaram timidamente, como denunciaram algumas falas, mas aos poucos soltaram-se:

“Sou tímido e observador.”

“Gosto de trocar experiência.”

“Amo aprender sobre pessoas, sobre a vida [...].”

“As pessoas que se relacionam comigo dizem que sou mandona [...].”

“Fui extremamente gago quando criança e muito me admira estar aqui. [...] sou vendedor de carro e o relacionamento com as pessoas me ajudou muito.”

Os participantes escutavam-se e compartilhavam suas individualidades com o grupo, o que ofereceu espaço para o fortalecimento dos vetores de Afiliação e Pertença. A Tele (o clima grupal) era positiva, algo que facilitou a colaboração dos membros nas próximas atividades, as quais tinham função de disparadores temáticos. A primeira atividade fez com que, em duplas, refletissem sobre: 1) Como você era na idade de seu filho (seus valores, interesses, medos...)? 2) Quem você gostaria de ser naquela época (como profissional, ter como trabalho)? 3) O que você imagina que seu filho deseja para o futuro profissional dele? Na segunda atividade, os integrantes acompanharam a leitura de um caso fictício, realizada pela coordenadora e, por fim, no segundo momento da sessão, realizou-se a configuração em Grupo Operativo.

Aquecidos pelas atividades anteriores, rapidamente, os integrantes envolveram-se na tarefa explícita proposta, colocando-se no lugar dos filhos e falando, mais abertamente, sobre si mesmos:

“Naquela época, eu queria ser feliz na profissão e ser independente dos meus pais. Isso era necessário, não tinha jeito!”

“[...] não tínhamos tantas opções como eles têm hoje. E nem sempre era possível escolher o que se gostava. Hoje eles têm mais essa liberdade.”

Remeteram-se às individualidades de suas próprias adolescências (as expectativas e dúvidas que tinham quando jovens e os posicionamentos de seus pais) e compararam com o momento atual dos filhos, mencionando facilidades e vantagens que estes possuíam, como o apoio e investimento (inclusive, financeiro) dos pais; a existência de tantas opções; as inúmeras possibilidades de informações à disposição e a liberdade de escolha que os participantes ofereciam aos jovens. Ao mesmo tempo, descortinavam-se problemáticas vocacionais de alguns membros, ao refletirem a partir de uma situação fictícia de uma família e as questões de escolha da carreira de quatro personagens (Silvia, Marcos, Rogério e Paula), descrita no Procedimento de Coleta de Dados.

“Coincidentemente isso (cita a situação fictícia) aconteceu comigo. Eu sou como o Rogério personagem do caso! Nós somos em cinco irmãos e meus pais sempre foram muito retraídos, não conversavam com a gente. Eu e minha irmã sempre fomos muito indecisos. A filha dela (refere-se ao caso fictício) também está na mesma situação que eu tava na época. Mesmo hoje, eu tenho dúvidas. Mas acho que hoje, a situação para nossos filhos é diferente de antigamente. Antes, não era como hoje, não tinha essa liberdade, essas facilidades.”

“Minha mãe nunca interferiu. A única coisa que ela falava era: ‘Não seja professora’, pois ela era (risos). Eu fiz a minha escolha, mas não segui por problemas financeiros. Até gostaria, mas, ela nunca me falou ‘não faça’, sempre me deu apoio. O que eu desejava com 17 anos, era ter muito sucesso. Meu filho não terá esse problema do financeiro, ele pode contar com a gente [...] ele apenas quer fazer a escolha certa.”

A Pertinência dos membros em relação à tarefa foi se mostrando cada vez mais evidente. Discutiram sobre as expectativas em relação a tal “escolha correta”: será que existia? Como chegar até ela? E assim, expressaram:

“[...] falo todo dia pro meu filho: ‘Você tem que se encontrar!’”

“[...] achar a profissão correta que fará com que ela tenha amor na profissão e seja feliz [...]. Isso a aliviaria.”

Os integrantes fantasiavam a existência de uma escolha “*certa*” que resolveria o problema, dissipando angústias e conflitos, a qual brotaria magicamente dentro do jovem, em um determinado dia. Talvez o grupo já se aproximasse da percepção de que tal resolução não viria de “fora”, no entanto, possivelmente não compreendia que “*se encontrar*” significava entender “quem eu sou”. Nesse processo de autoconhecimento e de construção da identidade, seria necessário percorrer um longo caminho, algo que não ocorreria de uma hora para outra, ao contrário, levaria tempo. Um tempo não-cronológico, da ordem da reflexão e do sentir, e não o tempo da “urgência” de suas expectativas e dos imperativos da realidade contemporânea. Nesse caminho, o outro, com o qual o sujeito envolve-se em uma relação dialética mutuamente transformadora, tem extrema relevância e contribuição. Os membros prosseguiram associando sobre o posicionamento de seus próprios pais no passado e, também, sobre o papel que, atualmente, os integrantes desempenhavam e o que esperavam de si, na relação com os filhos:

“Eu fui privilegiada com minha mãe, eu pude optar entre alguns cursos [...]. E quando estava na faculdade, eu acabei largando e minha mãe não me falou: ‘Não! Você não vai largar!’; ela só me disse: ‘pense bem!’”

“[...] a gente, como pais, têm que criar condições para eles. Eu também tive muita sorte nessa hora. Meus pais fizeram o papel deles.”

“Essa sorte, eu não tive não!”

Em seus movimentos, o grupo aproximava-se, implicitamente, da idéia: realizar escolhas em acordo com o autoconhecimento, muitas vezes, entrava em desacordo com valores ditados pelo mundo pós-moderno:

“É duro perceber que hoje em dia é mais importante TER do que SER. Pra mim, “se encontrar” mesmo, é se libertar dessa cobrança [...]. Vou fazer isso porque nasci para isso, porque quero e desejo e não por cobrança lá de fora [...].”

Difícil dar-se conta da responsabilidade do indivíduo nesse sistema auto-regulador. Ou mesmo compreender que, dialeticamente, as cobranças do mundo, da sociedade, do mercado de trabalho (“*lá de fora*”) fomentam mas, ao mesmo tempo, são alimentadas pelas cobranças internas de cada um.

Os integrantes caminharam na realização da tarefa explícita, articulando o caso fictício apresentado à questão das escolhas serem individuais, a partir do autoconhecimento. Observava-se o vetor Cooperação. Refletiram, ainda, sobre os cuidados que os pais deveriam ter para não confundirem suas decisões tomadas no passado ou suas expectativas com a realidade dos filhos na atualidade, afinal “*os tempos eram outros e as pessoas também*”. Temiam as influências de suas próprias experiências sobre os jovens:

“Essa moça, a Silvia, do texto, perceberam? Ela está jogando a frustração dela em cima da filha.”

“A escolha da Silvia (situação fictícia) foi em cima do que ela achava que os pais queriam. Essa história me deixou preocupado com minha filha. Será que nossos filhos estão pensando dessa forma também? Que a gente está cobrando deles uma profissão? É claro que a gente espera que sejam felizes, mas será que eles não pensam como a Silvia? [...] acho que a gente precisava perguntar pra eles!”

“Converso muito com minha filha, mas nunca fiz uma pergunta dessa [...] tava pensando ‘nossa tô ferrada!!!’ (risos). Eu fico pensando que, em grande parte, existe uma falha na nossa comunicação com os nossos filhos [...].”

O grupo, ao mesmo tempo que identificava falhas na comunicação com os filhos, as quais poderiam gerar equívocos, também falava (inconscientemente) das falhas em sua

comunicação interna, e da dificuldade de resolver seus conflitos inerentes, integrando aspectos tão contraditórios. Pichon-Rivière (1998a) usa o termo “obstáculo epistemológico” para se referir a um perturbador da comunicação do grupo, no campo da aprendizagem, o qual se mostra como um tipo de “ruído” na comunicação e que pode acarretar em mal-entendidos na relação entre o emissor da mensagem e seu receptor.

Explicitamente, os participantes seguiram conversando sobre semelhanças e divergências de expectativas entre as gerações (pais *versus* filhos). Pensaram sobre diferenças no modo de agir e de escolher de cada pessoa e, aproximaram-se da idéia de que a escolha profissional também dependia do momento de vida de cada ser humano. O grupo, então, foi instigado pelo líder (da situação) a repensar a crença na existência de uma “escolha certa”:

“Peraí gente, se eu olhar daqui, eu tenho uma visão, se olhar de lá, eu tenho outra [...] Eles têm a visão deles. Tem coisas que se sentem mais à vontade falando com amigos, por causa da proximidade de tempo. [...]. Eu acredito que a escolha “certa” é muito relativa. Em determinado momento da vida, talvez as escolhas estavam certas [...].”

A comunicação também possibilitou que revissem a idéia de que a geração dos filhos teria menores problemas com a questão da escolha profissional:

“É, a dificuldade existe em qualquer geração [...].”

Avançaram na comparação entre o modo como seus pais (dos participantes) agiram no passado e o modo como os membros agiam com seus filhos naquele momento, em função de diferenças quanto à conjuntura histórica, social e cultural das famílias. Na situação implícita, discutiam os papéis que representavam junto aos filhos e, mais amplamente, revelavam percepções que possuíam acerca dos papéis de pai/mãe. Refletiram que outrora, os pais não eram tão parceiros de suas mulheres, nem tão presentes junto aos filhos, como atualmente. A mãe, na maioria dos casos, não trabalhava fora de casa, cuidava do lar e da educação dos filhos, e o pai permanecia a maior parte do tempo no trabalho, longe do contato com os filhos.

Esperava-se que, logo ao entrarem na idade adulta, os jovens se tornassem independentes dos pais, o mais rapidamente possível. O grupo identificava, assim, as mudanças em relação ao modelo de família.

“Eu fico pensando, hoje, nós temos muito mais informação do que nossos pais tiveram. Quando eu ia imaginar meu pai participando de um grupo desses? Eu mal o via!”

“Na época da gente, a cobrança de casa era maior. Hoje, falo para minha filha: ‘Você não tem que passar no primeiro vestibular’. A cobrança hoje lá em casa é menor [...]. Ela é que está muito ansiosa. Eu falo pra ela: ‘filha, você precisa ter calma!’. Mas ela fala que tem que passar no vestibular de qualquer jeito. Ela se cobra demais!”

Seguiram refletindo sobre as cobranças em relação à geração dos filhos, determinadas pelo contexto externo atual: o mundo contemporâneo tão implacável, exigente, competitivo e imprevisível. E, nesse momento, o grupo inverte para o outro pólo, se antes os filhos estavam em situação de vantagem em relação aos pais, passaram a ser vistos em desvantagem, como mostram as verbalizações seguintes.

“Existe uma outra cobrança em cima deles também porque na nossa época não era nem necessário ter um diploma. Você se virava sem o diploma. Hoje em dia tem que ter o diploma da faculdade, tem que ter um MBA [...].”

“A competitividade hoje é a maior cobrança. Começando pelos vestibulares [...].”

“E tem também a cobrança da escola! Esses cursinhos só querem saber do resultado do vestibular. Eles não estão preocupados com seu filho. Para eles, importa a porcentagem de aprovados no exame.”

Os participantes mostravam além da preocupação quanto ao futuro dos filhos, indignação diante das cobranças e exigências da realidade atual. Posicionavam-se como se não tivessem qualquer participação ou responsabilidade sobre tal situação. Foram então provocados a se voltarem para o próprio grupo: as cobranças vinham apenas de fora? E as cobranças de “dentro”? E as expectativas dos próprios filhos, dos pais, do grupo? E, novamente, dividiram-se em pólos opostos:

“Cobro sim que tem que estudar, ele tem que ir bem, afinal sempre pagamos uma boa escola para ele.”

“[...] não cobrar uma decisão, mas cobrar estudo é normal.”

“[...] Eu falo: ‘O que eu quero é que você estude. Eu e seu pai não fizemos faculdade. Demos essa oportunidade a você. Tua única responsabilidade é estudar e passar.’ ”

“Mas então, isso já não é uma cobrança sua?”

“O fato do seu filho não querer estudar, será que não é de tanta cobrança? Minha filha fala: ‘Pelo amor de Deus, mãe, dá um tempo pra mim!’ ”. Gente, vocês acham certo essa cobrança? [...]. Ela pediu esse tempo para mim: ‘Mãe, puxa, é a minha despedida.’ ”

Em seus movimentos, o grupo deparou-se com cobranças que faziam aos filhos e com o quanto esperavam ser correspondidos. As falas se aprofundaram e se aproximaram de conteúdos implícitos, causadas pelo impacto da frase operada pela coordenação: “sim, os filhos estão se despedindo...”. Após um longo silêncio, o líder na situação assume a comunicação, remetendo-se a um “*cordão*” que liga pais e filhos e ao processo de separação:

“Eles têm medo de deixar o amparo dos pais. Essa frase que você falou (refere-se à coordenadora) é uma verdade. Além da escola, do mercado cobrando, de tudo isso que a gente tava aqui falando, ainda tem o corte do cordão umbilical.”

“A gente fica segurando, segurando, e depois se pergunta se eles estão prontos [...].”

Mostrava-se difícil a percepção de que os próprios participantes não se sentiam prontos para uma maior independência dos filhos. Até que, um porta-voz revelou a dificuldade dos pais:

“Nossa! Quando o meu mais velho saiu de casa, eu sofri muito, ligava todo o dia [...] aí quando eu não telefonava, ele ligava perguntando se tinha acontecido alguma coisa!”

Ouvindo uns aos outros, entraram em contato com a dor da separação entre pais e filhos. Evidenciava-se que a comunicação estava a serviço da difícil tarefa implícita.

Observava-se também o quanto os papéis complementavam-se e intercambiavam entre os membros.

“Gente, estava aqui pensando, nós somos sim extremamente cobradores. [...] e cada um tem uma história aqui. Meu filho está fazendo OP, e eu estou aqui. Sei o lado difícil, que é a vida. Quantos de nós fazemos algo que não foi o que estudou? No fundo, o risco é grande sim: conciliar a realização profissional com o prazer. A gente sabe que talvez isso não seja possível. [...]. Já passei por isso como filha e, agora, me vejo aqui, fazendo o papel dos meus pais. (fala emocionada). Estamos aqui também que nem criança. A gente está numa enrascada também! (sorri nervosa). Eu comecei a falar tudo isso porque me dei conta, hoje aqui, do quanto eu cobro dele.”

A denúncia do porta-voz, ao descortinar aspectos latentes, possibilitou a emergência de sentimentos de frustração no grupo. Apesar do momento de intensa emoção, a Tele propiciava cada vez mais a expressão dos participantes, os quais foram se aproximando de sínteses provisórias, como se observa a seguir.

“Li uma vez: ‘Na educação dos filhos, a única certeza é que você vai errar’. É duro, mas é isso, a gente não vai acertar tudo.”

Outras falas reverberaram no mesmo sentido. Os integrantes pareciam decepcionados. O grupo necessitava se ouvir para compreender o que se passava. O contato com questões latentes possibilitou movimentos na busca do reconhecimento e, até, de integração de aspectos tão antagônicos:

“É, talvez a gente não esteja mesmo aqui por causa deles, mas por causa da gente mesmo.”

“Acho que eu deveria chamar o meu filho pra conversar e falar pra ele: ‘eu gostaria sim de ser esse porto seguro’ (aponta o membro que disse isso na 1ª. sessão), mas eu não sou! E sabe, essa verdade até aliviaria essa cobrança em cima dele. Não somos “Totem” gente, somos pessoas normais.”

O discurso mobilizou um profundo silêncio, evidenciando elevada ansiedade. A comunicação não-verbal agregava tanto impacto e decepção frente à frustração de expectativas tão idealizadas que alimentavam em relação ao papel de pai/mãe, quanto o

sentimento de alívio, uma vez que seria impossível atingir o modelo ideal que mantinham. Perguntavam-se, ainda, como ser “*porto-seguro*” em um tempo presente tão instável e frente a tanta imprevisibilidade futura?

Diante da intensa mobilização emocional, o grupo buscou proteger-se e alguém recobrou a tarefa explícita, avançando na reflexão sobre a escolha da profissão. No entanto, com menor rigidez, arriscam conversar sobre suas próprias problemáticas vocacionais e a respeito de se “refazer” escolhas, porém, sem abandonarem o receio das grandes mudanças:

“A profissão não é coisa definitiva. Eu mesma não exerço a faculdade que fiz, mas ela abriu minha cabeça! [...]. Na profissão, a gente se recria [...] eu acho que na vida é tudo um aprendizado.”

“Eu trabalho com reabilitação de carreira e vejo como é difícil propor para as pessoas uma nova carreira, começar de novo... é difícil sim repensar uma carreira [...].”

“Eu vou falar de uma situação particular... o meu pai era árabe mulçumano e minha mãe judia. Ele saiu de lá e veio para o Brasil com 70 anos de idade, eu tinha três anos [...] veio por causa da guerra e foi a época que convocariam meus irmãos. Como meu pai não concordava, ele trouxe nós pra cá. [...]ele tinha 70 anos e teve que aprender uma nova língua pra poder trabalhar e sustentar a gente. [...]. Então eu acho que dá sim para uma pessoa mudar [...].”

O grupo buscava a integração de suas divergências, cresciam movimentos em busca de resgatar a confiança: nada era definitivo e tão fatal, era possível, então, recriar. Pairava um clima de esperança, mas exigia cooperação e grande esforço dos membros. Sentir, pensar, aprender, recriar, quanto trabalho exigia! Como lidar com a impossibilidade de livrarem os filhos e, a si mesmos, da dor de crescer, da dor de viver? O grupo de pais, assim como seus filhos adolescentes, também estavam em processo de mudança e aprendizagem. Em interação grupal, o contato com o outro, ora tão diferente, ora tão semelhante, causava impacto, medo, conflitos, faziam rever, quebrar pensamentos já tão cristalizados e estereotípias de funcionamento. Nada sem trabalho, nada sem dor. Um movimento oposto à integração, dividiu o grupo novamente. Voltaram a fazer uso de fantasias idealizadas a respeito do papel

de pai/mãe. Compararam atitudes, desempenho de funções junto aos filhos, revelando sentimentos ora onipotentes, ora de desvalia e, até, de culpa por se perceberem não ideais e perfeitos, tanto quanto desejavam:

“[...] nós precisamos ter um cuidado violento com o que falamos para eles, somos exemplo, modelos [...] essa história que você falou da sua família [...] imagina o quê sua filha vê em você? Você é um exemplo pra ela [...].”

“[...] eu, por outro lado, já sou mãe desnaturada [...]. Eu fui estudar Odonto não porque eu gostava, mas porque eu namorava um rapaz que fazia Odonto. Hoje sou corretora de imóveis e adoro minha profissão, mas eu me cobro demais porque eu acabo não dando muita atenção pra minha filha [...]. Fico me culpando por não estar mais perto.”

Parecia difícil tranquilizarem-se com a idéia de que não supririam tudo e que apenas poderiam oferecer, aos filhos, modelos reais de pai e mãe humanos.

Fatores que influenciam a escolha da profissão: terceira e quarta sessão

Terceira sessão

O primeiro disparador temático (APÊNDICE I) proposto causou certa ansiedade e curiosidade, uma vez que o grupo deparou-se com vivências reveladas por jovens no que dizia respeito à influência dos pais no processo da escolha da profissão. Aos participantes, foram entregues tiras de papel contendo a fala de um adolescente a respeito do referido tema. Assim, solicitou-se que cada membro lesse sua tira em voz alta ao grupo. Mostravam-se muito atentos e ansiosos a fim de ouvirem o que os jovens pensavam. Surpreenderam-se com várias passagens. Alguns riram de certas frases, outros faziam comentários em voz alta ou com o integrante ao lado. O segundo disparador temático foi a leitura, pela coordenadora, do texto “O papel dos pais” de Macedo (1998), que propunha, na opinião do autor, uma reflexão sobre o papel dos pais, no processo da escolha profissional de seus filhos. Por fim, no segundo momento da sessão, realizou-se a configuração em Grupo Operativo, momento em que os

membros tinham como tarefa explícita conversar entre si sobre o que estavam sentindo e pensando em relação às atividades anteriores.

Logo no início, o grupo mostrou-se envolvido com a tarefa explícita. Os integrantes compararam os depoimentos dos jovens (presentes nas tiras de papel) e a opinião do autor com suas próprias vivências, compartilhando experiências de casa ou histórias de conhecidos. Falaram de filhos que desejavam seguir a carreira dos pais e, outros que, muitas vezes, em protesto, faziam tudo para realizar o oposto. Observou-se terem sido despertados implicitamente, nos integrantes, sentimentos de insegurança em relação ao peso da influência dos pais sobre o processo da escolha profissional dos filhos. Perguntavam-se o que seria “certo” ou “errado” fazer ou dizer aos jovens:

“Ficou dividido (refere-se às falas dos jovens). Uns falaram que se sentem pressionados e outros se sentem ‘não importantes’ quando os pais não dizem nada.”

“[...] acho que é porque cada caso é um caso, né?”

“Se você (refere-se à coordenação) não tivesse dito que essas frases não são dos nossos filhos, eu poderia jurar que são!”

“Se pressiona de um jeito não é correto, de outro também não. Se ficar sem pressionar, também não é. O que fazer então?”

Os membros não conseguiam pensar em medidas não extremas. Parecia difícil encontrar o ponto de equilíbrio entre a cobrança e a liberdade excessiva. Esperavam a mágica de “fora” que resolvesse a situação dilemática. A interpretação foi ao encontro do impasse instaurado pela estereotipia das falas. E assim, o grupo pode, ao menos, sair do circuito fechado em que se encontrava a comunicação:

“É, não existe uma regra [...] não tem um manual gente.”

“Uma cartilha, né?!!!”(risos)

Um integrante, assumindo a função de sabotador, em tom irônico, denunciou que infelizmente (ou felizmente) o desejo por respostas prontas não seria atendido:

“[...] calma gente, estamos progredindo, só não sei como eu vou chegar na 8ª reunião. Estou completamente perdido!”

No que diz respeito ao processo de aprendizagem, Quiroga (2008) enfatiza o processo do conhecimento como mobilizador intensas angústias e raiva, uma vez que impacta o narcisismo e os pensamentos onipotentes do ser humano ao se deparar com seus limites. No interjogo de forças contraditórias, um movimento oposto reagiu imediatamente na busca por respostas, procurando no próprio grupo recursos para compreender o outro lado desse estar “perdido”:

“Peraí, não me sinto perdida. A gente está conversando, é assim mesmo que funciona.”

“[...] Sinto que minha filha necessita da conversa comigo, e é assim as coisas, aqui também, quando a gente discute, a gente crece.”

O grupo necessitava argumentar, discutir e divergir, ou seja, explicitar suas contradições, sendo esses movimentos combustíveis para a busca por soluções próprias. Perceber sentimentos, rever idéias, questionar posturas, causava sim impacto e desestruturação, um “perder-se” por certo tempo. Entravam em contato com a dúvida, a confusão, a insegurança, e como se mostrava sofrido tolerar momentos de não-entendimento.

Na pertinência com a tarefa explícita, diante de uma percepção maior de que influenciavam os filhos, passaram a conversar sobre formas de interferirem positivamente sobre os mesmos. O grupo aproveitava-se de seu espaço para pensar em “voz alta”, ensaiava posicionamentos e diálogos com os filhos:

“[...] se a gente falar com eles, parece mais honesto da nossa parte.”

“A partir do momento que ele pender para alguma coisa, aí vou conversar: ‘então vamos lá, quais são as qualidades: isso, isso; Defeitos: isso, isso’.”

“Me chamou atenção no texto essa idéia de possibilitar encontro com profissionais [...] Se nós conseguirmos apresentá-los a algum [...]. Meu filho recebeu o convite para conhecer o escritório de um e ele adorou isso. Foi lá, conversou [...]. Achei bom dividir isso com vocês.”

No entanto, na ânsia por encontrar caminhos a fim de aliviar a angústia do sentir-se “perdido”, muitas vezes, os integrantes cobravam excessivamente de si como pais, resvalando para o pólo oposto: se influenciavam, deveriam manter-se muito atentos, policiarem-se, para não prejudicarem os filhos. Tal idéia denunciava que transitavam, muitas vezes, de um extremo a outro:

“Tenho medo de mostrar um profissional que não deu certo. Acho que tenho que tomar muito cuidado com qual profissional vou indicar.”

O grupo percebeu-se novamente em dilema, a comunicação que até então permanecia direcionada para seus membros, voltou-se à coordenação a fim de saberem se a Orientação Vocacional/Profissional (OVP) oferecida aos filhos, promovia o encontro destes com profissionais das áreas de interesse de cada jovem em atendimento. Implicitamente, o grupo revelava sua dependência, desconfiava não apenas dos recursos psíquicos dos filhos, mas também de seus próprios meios para pensar e construir. Depositavam, tanto no serviço de OVP prestado aos filhos, quanto no Grupo de Orientação de Pais, a responsabilidade de resolução de seus conflitos. Assim, optou-se por assinalar que os jovens eram incentivados a fazer suas próprias buscas, com os recursos que possuíam, já que era momento de aprenderem a cuidar de seus interesses, serem protagonistas de seus próprios projetos de futuro. Desse modo, no processo de OVP os orientadores confiam na capacidade do jovem ser ativo em seu processo de amadurecimento. O assinalamento foi compreendido e, um líder, avançou na direção do que estava latente na estrutura do grupo:

“[...] eu fui atrás de um profissional para ele conversar, mas ele disse que não estava preparado pro encontro. Eu falei: ‘meu filho, a sua decisão não vai cair do céu, não vai ser uma iluminação [...] você vai ter que começar a ter contato com esse universo’. Sabe gente (fala aos participantes), eu tava pensando, dá trabalho sim pensar, vir aqui, pra eles e pra nós [...]. Dá trabalho sim, eu falei pra ele entrar na internet e pesquisar. Agora, eu notei que ele está mais animado porque conversou com um pessoal, sobre uma profissão, através do orkut. É a ferramenta que ele tem, está fuçando do jeito dele, ué? Isso é bom!”

A “chamada” do líder para a apropriação da tarefa e a assunção de suas responsabilidades pareceu compreendida e, assim, outros membros apontam suas conquistas, apesar das dificuldades:

“[...] desde que viemos pra cá, pros grupos (refere-se aos Grupo de OVP e Grupo de Orientação de Pais), melhorou muito. Depois de dois encontros, ela saiu daqui (refere-se ao OVP) alegre porque percebeu que é ela que tem que escolher, isso, por incrível que pareça, a aliviou [...] e até me convidou pra fazer a pesquisa.”

Os filhos adolescentes tinham ferramentas compatíveis com seu tempo e sua maturidade e, confiando em seus meios, poderiam evoluir na relação com os pais e, até, aceitá-los como parceiros. Do mesmo como o grupo também construía suas próprias ferramentas para analisar suas contradições e agir de formas diferentes, sem a necessidade da dependência da coordenação, de uma “iluminação”. Assim, o grupo animou-se, necessitava falar de seus ganhos e o vetor Comunicação voltou atuar a serviço de sua integração:

“[...] sabe, depois que saí daqui, semana passada, cheguei em casa e abracei meu filho. A gente conversou muito e eu disse a ele que eu não tinha todas as respostas. [...] Foi um alívio.”

“[...] é, quando saio daqui também tenho vontade de conversar com minha filha e ela quando sai do grupo dela, também. Tô aqui pensando na riqueza de todo esse processo.”

Pareciam surpresos de que podiam criar “riqueza”. Mais animados sobre suas próprias “ferramentas”, sendo construídas em “processo”, o grupo mostrou-se mais flexível, e um pouco mais livre de pensamentos persecutórios. Os membros chegaram a confessar

expectativas idealizadas que tinham inicialmente, podendo inclusive, naquele momento, rir das mesmas:

“Vim pra cá achando que tinha alguma pesquisa moderna... que ia ser assim: ‘vamos lá gente: 1ª etapa, 2ª etapa !!!! Tudo já prontinho!’” (risos)

“Eu também. (risos). Pra falar a verdade, trouxe até um caderno na 1ª aula...opa, na 1ª sessão. Lembra “Bem”?!?” (olha para o marido)

Fazem parte, entretanto, de todo processo de integração, os movimentos contrários ao mesmo. E assim, os integrantes voltaram a revelar muito receio de influenciarem negativamente os filhos como se, conversar com os mesmos, fosse equivalente a impor-lhes uma opinião. Evidenciava-se um medo de tomarem atitudes extremas e, pensando desse modo, temiam se posicionar diante dos jovens e serem responsabilizados por uma possível “escolha errada” deles:

“[...] e se a gente fala: “faz isso” e depois se não dá certo!???”

Revelaram, na percepção de seus papéis, que deveriam saber o que era “o certo” e “o melhor” para os filhos:

“[...] é duro falar porque a gente não tem segurança que aquilo é o melhor para ele.”

“Acho que ninguém vai pôr a culpa na gente depois, né?”

Na busca de resolver seus dilemas, o grupo fragmentava-se em opiniões diversas, ora opostas, ora até complementares:

“Minha situação é diferente da de vocês! Eu questiono muito minha filha, e se ela escolhe algo que não está bem no mercado de trabalho? Até por isso que eu tô aqui também. [...]. Lembra quando você falou que sua filha queria Filosofia (aponta uma mãe), é aquela coisa, mas e aí vai trabalhar no quê? E viver do quê? Acho que não dá pra falar pra ela: ‘se você não gostar, tudo bem, muda!’. Eles têm que saber que a escolha tem responsabilidade, tem conseqüências.”

“Todos temos expectativas sim. Mas se a escolha for errada, onde eles vão buscar apoio, se não com a gente? Não é melhor parar no meio do caminho e depois continuar?”

Em meio às divergências, o líder da situação atuou no sentido de integrar novamente suas partes conflitantes:

“Sabe, não vejo minha filha só indo trabalhar quando se formar [...]. Eu não segui minha carreira, mas foi de uma riqueza. Ela vai dar um jeito de sobreviver sim. [...]. Os pais têm que dar força para eles, claro. Mas nós não vamos isentá-los de sofrer. Isso eu já tenho certeza! Tenho também que mostrar pra ela que a vida não é cor-de-rosa.”

Assim, os participantes retomaram a reflexão sobre criar ferramentas e confiar nos recursos adquiridos ao longo do tempo. Apontaram a importância da OVP para o filho, e também sobre os pais incentivá-los a assistirem palestras com profissionais. E novamente revelaram receios, ao citarem exemplos de jovens que abandonaram os cursos universitários que realizavam. No entanto, o grupo mostrava-se mais animado com seus meios e encerrou expondo suas próprias experiências vocacionais: integrantes que mudaram de profissão ao longo de seu percurso profissional, refazendo suas escolhas.

Quarta sessão

O tema da sessão tinha função de propiciar que os participantes discutissem sobre outros fatores que poderiam influenciar a escolha profissional. Para isto, o grupo foi dividido em quatro subgrupos, com um roteiro de discussão (devidamente apresentado no Procedimento de Coleta de Dados). Após realizarem as discussões em subgrupos, realizou-se a configuração em Grupo Operativo, momento em que conversaram sobre a amplitude de aspectos que poderiam interferir, em maior ou menor grau, na escolha da carreira profissional:

“Nossa, olhando aqui a folha (refere-se ao roteiro) e tentando conversar sobre tudo isso, a gente pensou: ‘eles vão ter trabalho!’. Não é fácil mesmo.”

“É, no fim, nos demos conta que tudo isso aqui (refere-se ao roteiro) têm um grau de influência. Mas, talvez, dependa da situação de cada um.”

Entrar em contato com tantos elementos que poderiam influenciar a escolha profissional, fez com que os pais até duvidassem de que os filhos percebiam a complexidade do processo e, ainda, que conseguiriam administrar a situação. Implicitamente, o grupo também comunicava sua dificuldade de refletir sobre tantos aspectos e questões, e o quanto tal tarefa exigia “*trabalho*”.

“É muita coisa pra pensar, pra equilibrar na hora de escolher. Coitados! Será que eles percebem que talvez por isso seja tão difícil escolher?”

Os membros avançaram, pensando sobre a realidade contemporânea, citando o mercado de trabalho que lhes parecia cada vez mais competitivo (apontaram a qualificação profissional exigida, a concorrência, o desemprego) e o quanto o jovem já precisava, na opinião dos participantes, preocupar-se com isso. Apontaram que os filhos também deveriam considerar a realidade da família (a questão econômica, principalmente) ao realizar a escolha: do curso universitário, da faculdade, onde morar, como sustentar-se na nova situação. Observava-se que os integrantes ansiavam por saber se o que estavam pensando estaria “correto” ou se tal posicionamento significava “*ser duro demais*” com os filhos:

“Mas nós temos que expor nossa condição pra eles, não podemos ir fazendo tudo que eles querem, né?”

Receavam que colocar limites aos adolescentes fosse equivalente a serem autoritários. O grupo avançou na tarefa explícita, falaram de limitações econômicas e de jovens que se esforçavam para cursar aquilo que desejavam, mas que, para isso, precisavam trabalhar a fim de pagarem seus estudos. A comunicação entre os membros direcionava-se para o mundo externo até aproximarem-se de suas próprias realidades. Os participantes passaram a reclamar

que os filhos não tinham hábito da leitura e apontaram a importância de uma boa trajetória escolar (formação educacional) influenciando o processo da escolha e, inclusive, o ingresso no Ensino Superior. Prosseguiram, denunciando que os jovens não faziam “bom” uso da internet na busca por informações e conhecimentos, os quais seriam importantes para se realizar a escolha da carreira profissional. O grupo questionava o modo como os filhos usavam os recursos que possuíam para resolver as situações. Permaneceu longo tempo discutindo o quanto a maturidade influenciava no processo de escolha profissional do adolescente e, por fim, os integrantes remeteram-se à imaturidade dos filhos quanto a assumirem responsabilidades e arcarem com as consequências de suas escolhas:

“[...] não consigo imaginá-lo batalhando por si mesmo.”

“Meu filho não acorda sozinho [...]. Ele fala que quer estudar fora, mas como vai acordar?”

A situação implícita, a qual o grupo não desejava encarar, revelava que os próprios pais alimentavam a imaturidade dos jovens, de forma a mantê-los sob seus domínios:

“A minha filha também, eu pergunto se ela tem que acordar cedo no outro dia, e eu tenho que ir lá e acordar ela.”

Os membros avançaram, refletindo que a saída do filho para morar “*fora de casa*”, na condição de cuidar de si mesmo, responsabilizando-se por seus atos, poderia ser um aprendizado que traria, conseqüentemente, grande amadurecimento:

“[...] você vai ver, quando seu filho for morar fora de casa, ele vai acordar sozinho. Ele vai ter que acordar!”

“[...] vai trazer muita responsabilidade [...]. A melhor coisa é se puder sair mesmo e se virar. No começo, vai ser duro, mas depois vai!!!”

O emergente grupal sinalizava que não apenas seria difícil aos filhos assumirem responsabilidades, realizarem suas escolhas, saírem da casa dos pais (conteúdos explícitos),

mas, também, o quanto esse processo, que denunciava a progressiva independência dos jovens em relação aos pais e a, conseqüente, separação pais-filhos, era difícil para os próprios participantes (“*vai ser duro*”). A interpretação foi de encontro à situação latente e, a partir da quebra do circuito em que se fechava a comunicação, o grupo voltou a funcionar em espiral dialética, possibilitando que, ao entrar em contato com aspectos implícitos importantes, obtivesse saltos qualitativos:

“Na verdade, não só eles tão perdendo, nós estamos perdendo também [...]. Estamos vendo o lado deles, mas e o nosso? Estamos perdendo um elo. É difícil aceitar que eles têm capacidade de agir. [...]. Sinto que estou aqui mais pra mim que pra ele.”

A decodificação dos conteúdos latentes no grupo e o clima (Tele positiva) instalado possibilitaram que os participantes se aprofundassem na expressão de seus sentimentos, com mais confiança:

“É (silêncio). Caiu uma “fichona” aqui. Eu vou perdê-lo. (silêncio longo). Sinto que está sendo muito doloroso pra mim encarar isso. Porque eu vou perder um convívio.”

“[...] ai gente, não quero nem pensar [...] imagina, você entra no quarto dela e cadê?”

“[...] é muito difícil, porque você passou uma vida praticamente [...].”

“[...] nossa, pra mim é como uma sensação de abandono [...].”

A emoção era intensa, o grupo deprimiu ao deparar-se com sentimentos tão dolorosos. Buscava elaborar o luto pela separação dos filhos, que estavam crescendo e que poderiam desejar sair da casa dos pais. No entanto, não paralisou, expressava-se, não sem dificuldade, buscando compreender a situação, na tentativa de integrar suas contradições:

“Antes de tê-los, nossa vida era uma. Depois virou outra. E agora, será outra situação também: vamos tê-los, mas com certa distância.”

A dificuldade em lidar com as angústias despertadas frente ao distanciamento dos filhos, fez com que emergissem movimentos na procura de se defender, por meio de mecanismos de racionalização:

“Mas, eu tenho que mostrar pra ela que eu vou ficar bem, mesmo não ficando.”

“Não gente, não é bem assim, vamos sempre focar no ganho, não na perda!”

Enfrentar sentimentos que remetiam à perda, não era tarefa fácil, entretanto, aspectos mais fortalecidos e amadurecidos esforçavam-se para encarar a situação, com fins de elaboração. Era doloroso sentir, porém necessário para que ocorressem transformações genuínas:

“Acho que vamos achar outro jeito sim. Mas é importante chorar a perda sim gente. Quando meu mais velho saiu, eu chorei, senti muito, depois, pensei: ‘Eu não posso fazer isso com meu filho e nem comigo’ (fala emocionada). Mas precisei desse tempo.”

“Lembram do texto da Roseli Sayão que entregaram na reunião (cita a reunião de pais realizada com a docente responsável pelo SOP) [...] lá dizia que a única separação que dá certo é essa: pais-filhos. Fica mais forte [...].”

Os integrantes perguntavam-se: ‘como será que os filhos estão vivendo essa fase?’, o fez com que se dividissem em experiências individuais. E então os pais depararam-se com as peculiaridades de filho e de cada família:

“A gente percebe que eles querem liberdade [...] mas hoje o meu maior ligou dizendo todo manhoso: ‘Mãe tá muito difícil a faculdade’. Eles quiseram estudar fora e estão sentindo na pele.”

“[...] eu sinto a minha como um passarinho que quer voar.”

“A minha não quer, ela diz: ‘Só de pensar em estudar fora me dá vontade de chorar’.”

O grupo, já com mais confiança de expressar seus sentimentos, voltou-se novamente para a situação implícita, revelando o receio de ficar só:

“Mas por que a tua não quer sair de casa? A minha filha não quer ir por mim. Eu sei disso. Eu sou separada, ela fica preocupada de eu ficar sozinha [...]. Então tenho que demonstrar para ela que vou ficar muito bem, que vou suportar a saída dela.”

“Se a minha filha for pra outra cidade, eu vou ficar viajando toda a semana, pelo menos dois ou três dias vou estar com ela.”

Em contraponto, outros movimentos ganharam confiança e, na busca de elaboração, os alguns membros tentavam um novo “olhar”, por outro vértice, remetendo-se as suas próprias adolescências:

“Gente, mas perai, ninguém aqui morou fora de casa, não? Eu achei excepcional. Eu estudei fora e torço pra minha filha ir sim.”

Assim, os integrantes voltaram-se as suas “saídas de casa” e à maneira como atuaram no passado e, ainda, ao modo como agiam com seus próprios pais, atualmente. O grupo questionava-se: com os filhos seria assim também? Em sua estrutura, mostrava-se latente o medo: ficarei sozinho e sem função quando meu filho não precisar mais de mim? A fim de se protegerem desses pensamentos, voltaram-se para os aspectos “bons” da nova situação que se prenunciava:

“[...] quando eles forem, a gente vai focar em outras coisas, não vai ser só filho, filho, filho!”

Em contrapartida, um porta-voz trouxe o latente à tona novamente: os pais temiam não saber lidar com sentimentos de solidão e desamparo:

“O meu não quer estudar fora, mas quer sair de casa, morar sozinho. Não tem sentido! [...]. Será que eu sufoquei demais? E agora ele quer ir embora? Será que fiz tudo errado? Fico pensando se faz sentido manter duas casas [...]. Aí, pra eu ficar melhor fico me dizendo: ‘Ele vai voltar, ele não vai dar conta [...]!’”

Os participantes falavam de seu próprio medo de não “*darem conta*” da nova situação, do receio de ficarem sós, sem função, sem papel. Era dolorosa a idéia de que os filhos queriam e

precisavam e, ainda, teriam condições de se tornarem independentes dos pais e, o quanto isso, muitas vezes, era sentido como um ato de abandono. A verbalização revelava que os participantes duvidavam se eles próprios dariam ou não “*conta*” dessa separação. Assim o grupo caminhava e, em muitos momentos, desconfiava de seus recursos e se fragmentava. Em outros, buscava se integrar e se fortalecia com suas conquistas, chegando a ensaiar “*continência*” a si mesmo:

“[...] mas, às vezes, o seu filho precisa ir mesmo, pelo menos pra ver [...] lembra quando você tinha a idade dele? [...]. A gente queria sair sim!”

“Eu sei! Mas acho que ele tinha que esperar mais um tempo, sabe? Pra ele amadurecer mais!”

O grupo de pais falava de seu próprio tempo de amadurecimento. A interpretação que questionou se o tempo dos pais era igual ao tempo dos filhos trouxe efeitos. Surgiram aspectos novos, outras posturas, até então sufocadas:

“A gente criou uma redoma sim pra eles [...].”

“Vocês podem achar que sou insensível, o jeito que eu vou falar [...] mas eu sou realista. Acho que tem que sair sim. Mas a minha mulher é como uma galinha choca.”

“[...] Não gosto de criar dependência. Acho que ninguém deve prender ninguém. Criei com muita liberdade. Assim como eu também tive que correr atrás de tudo. Ofereci várias opções, mas me dei conta de que ela queria uma coisa dela. Eu não posso pagar a faculdade. Então, ela foi, distribuiu currículos, fez entrevistas, decidiu trabalhar pra pagar o que quer. Ela está bem madura. Percebi que eu estava mais ansiosa que ela.”

As verbalizações de membros, que instigavam o processo de crescimento dos filhos, animou outros pais a procurar ajuda no próprio grupo. Apesar da intensidade dos conteúdos aflorados, os integrantes comunicavam-se como protagonistas da história que, pouco a pouco, construíam juntos:

“Já que a gente está falando de angústia de mãe, eu não estou sabendo o que falar para minha filha. Está me angustiando muito. Estou deixando ela livre, até porque o pai cobra pesado. Ela diz: ‘Meu pai só tem essa pergunta – já decidiu?’ Ela não quer nem falar mais com ele. E eu estou com medo de ficar no 8 ou 80. Ela só tem 16 anos, não estou cobrando. Mas sou mãe, tinha que saber o que é o melhor pra ela. Nossa, estou ficando maluca.”

Movimentavam-se na resolução dos conflitos com os quais se deparavam, ensaiavam suas respostas, mais realistas, menos idealizadas, em acordo com o que haviam descoberto até então:

“Hei, calma, calma, você só é mãe.”

“É, você é só mãe. Não é super-mãe!”

“Por que você não conversa com ela sobre isso? Você está fazendo o que tem que ser feito. [...] acho que a gente tem que passar nossos princípios, dar nosso exemplo, valores que acreditamos, caráter [...] que é o que está faltando na sociedade de hoje.”

Refletiam sobre o posicionamento que poderiam ter com os filhos, dentro de certos limites; e que julgavam importante oferecer valores que consideravam estar ameaçados na atualidade. Por fim, foram interrompidos pelo tempo cronológico que estava em desacordo com o tempo interno do grupo. Assim, os membros “reclamaram” o descompasso, pediam mais tempo de elaboração:

“Já acabou, que horas são?”

“Nossa, mas já?!Passou rápido.”

“Isso aqui está ficando cada dia melhor. É, mais difícil, mas tá bom.”

Encerraram trocando resultados de buscas que alguns membros realizaram na internet, a respeito de profissões. Mostravam-se evidentes, os vetores Pertença, Pertinência e Cooperação. Construindo seus próprios instrumentos, o grupo desejava evoluir da fase da tarefa para o terceiro momento do processo grupal, conforme aponta Pichon-Rivière (1998a), a “fase do projeto”, o que implicava em um grau de confiança em si e de esperança em relação a um futuro:

“[...] gente, posso distribuir duas entrevistas legais que eu trouxe? Achei que vocês poderiam se interessar [...].”

Comunicação: quinta e sexta sessão

Quinta sessão

O encontro recomeçou com a apresentação dos slides (APÊNDICE J), preparada pela pesquisadora, que abordavam a comunicação existente na relação entre pais e filhos adolescentes, na opinião de profissionais da área da Psicologia. Inicialmente, o grupo permaneceu calado, possivelmente estranhando a atividade que se diferia do que até então estavam “acostumados” a ter. Permaneceram, no entanto, muito atentos e, aos poucos, arriscaram os primeiros comentários:

“Bem, tava pensando, não sei se sou um modelo adequado.”

A situação da atividade nova e os conteúdos dos slides provocavam o grupo, instigava os membros a pensarem sobre a referência que ofereciam aos filhos: os diálogos que realizavam ou não com os mesmos, seus sentimentos, posicionamentos e condutas enquanto pais da atualidade. Mobilizaram-se diante do dilema: eram pais adequados?

Remeteram-se à coordenação, questionando a respeito da “competição com os pais” ser ou não saudável:

“[...] Isso significa que tem que competir, desafiar os pais?”

O grupo, ao ser também desafiado a vivenciar uma situação nova, a refletir e a questionar-se, também ensaiava seus próprios enfrentamentos e argumentações. Em seus movimentos, voltava-se para si, apontando experiências da vida em família, nas formas como os filhos, na atualidade, desafiavam ou não desafiavam. Revelaram falas em que temiam o enfrentamento entre pais e filhos, denunciando receio de comprometer o vínculo com estes:

“Mas pode ser um pai-amigo, não é?”

O grupo deixava transparecer suas crenças e mitos. Alguns integrantes, ao se perceberem questionados (“desafiados”) pelos conteúdos dos slides, justificavam a dificuldade de se estabelecer diálogo com os jovens, criticando os desejos dos filhos de deixarem os pais “de fora” de determinadas situações. Sinalizavam a dificuldade de compreenderem as necessidades dos jovens preservarem espaços de intimidade, aos quais os pais não teriam acesso. Implicitamente, os membros falavam de limites: quais eram os contornos do grupo? Quais os limites de cada membro? Até onde se pode ir e até onde o outro pode ir, sem lesar minha privacidade ou eu invadir a dele? Qual seria o limite ideal entre a aproximação e o distanciamento, de forma que isso não acarretasse em invasão ou desencontro?

“Meu filho me falou assim: ‘Mãe, isso não vou falar para você, isso é para eu falar pro meu amigo, você entendeu?’”

Revelaram que, na relação, os filhos também sinalizavam limites, papéis e a função de cada um e, então, os membros se perguntaram: Será que queriam os pais como amigos?

“É, meu filho falou outro dia: ‘Mãe, tem muita coisa que você não sabe e não vai saber’.”(risos)

O contraponto trouxe o outro lado da questão. Os pais também necessitavam de espaços de intimidade e privacidade:

“Tava pensando, e mesmo o contrário, né gente? Eles também querem saber demais da vida da gente.”

O grupo prosseguiu a respeito do que deveriam ou poderiam conversar com os jovens. Um integrante expressou receio de comunicar ao filho que não se preocupasse tanto, caso não fosse aprovado no vestibular. O medo era que, com o aval dos pais, o jovem “*folgasse*”:

“Estou com uma idéia, pode ser errado, mas é essa até eu encontrar outra: meu filho está fazendo 3º colegial e cursinho, estuda muito; até agora não falei nada, nem mais nem menos, estou de observador, mas na hora do vestibular vou aliviar ele. Se eu falar agora, antes, tenho medo dele folgar de vez e parar de estudar.”

Assim, novamente instalava-se o conflito em pólos contraditórios: pressionar e cobrar *versus* ser ausente. No entanto, movimentos do próprio grupo, mais confiante sobre suas condições de pensar, atuaram buscando a síntese, a resolução possível da contradição.

“Nem ferro, nem fogo, você não está dizendo pra ele parar de estudar...é dizer que pode descansar um pouco, para estudar melhor, Diferente de dizer que: ‘se não passar tudo bem.’”

“Às vezes, é legal reconhecer o esforço dele. Oficializar isso, o esforço, falar pra ele.”

O grupo caminhou na discussão, avançando sobre a importância e a dificuldade da conversa franca entre pais e filhos, aproximando-se da idéia de que poderiam estabelecer situações de diálogo, sem que isso implicasse em invadir o espaço dos jovens (ou determinar o que eles deveriam fazer ou, mesmo, fazerem no lugar deles). Os membros chegaram a revelar surpresa ao perceberem que os filhos estavam amadurecendo, desejando situações para a troca idéias, e ainda, que precisavam do reconhecimento, dos pais, desse crescimento:

“A minha filha tem me desafiado em tudo. Hoje percebo que ela já quer uma conversa em outro pé. Ela quer discutir, não quer que eu fale como é ou não é. Vejo ela florescendo, entrando num mundo de adultos.”

O grupo também se revelava mais amadurecido em sua própria operatividade. Mais à vontade, os membros aproveitavam de seu próprio espaço, para discutir entre si, trocando experiências, relacionando as questões levantadas pelos slides com suas experiências passadas e as atitudes dos filhos. Buscavam as diferenças entre as gerações: os valores, os posicionamentos, o contexto histórico:

“Queria entender um pouco melhor essa coisa do contra. Eu lembro que eu brigava muito com meu pai. Era muita mudança. Nos anos 70, era mais comum briga com pai. Eu tenho um filho muito tímido, não põe muito a cara pra bater. Se fosse eu... Eu faço tudo muito rápido e ele faz tudo com muita calma. Acho que é pra contestar o meu jeito. Então ser do contra hoje acho que é mais sutil (risos). Então o ‘ser do contra’ faz parte para se contestar o modelo dos pais?”

Alguns participantes salientaram que necessitaram amadurecer cedo em suas adolescências, afinal os pais fomentavam e exigiam tal postura. Refletiram que o posicionamento que hoje mantinham como pais, junto aos filhos, relacionava-se com a realidade atual:

“Na minha época a gente ia mais atrás das coisas sim. Mas o meu marido me fala: ‘não se esqueça que na sua época, as coisas não eram nada fáceis’ [...]. Mas hoje, a gente vê a violência hoje e faz questão de pegar, levar e buscar eles pra todo lado.”

“Na realidade, eu penso que nós devemos sim colocar a nossa opinião. Somos pais, gente. Eu falei mesmo o que eu pensava do curso que ela queria. Ela tem que pensar em como as coisas estão hoje. [...]. No fim, eu mantive a minha e ela a dela, mas, pelo menos, ela sabe agora o que eu penso! Isso é importante.”

O grupo aproximou-se de conteúdos latentes, declarando as ambivalências, falando das dificuldades de assumir e reforçar o processo de amadurecimento dos filhos, o que implicava em assumir a perda de controle sobre os mesmos e, também, da posição idealizada que mantinham enquanto pais de “filhos-crianças”:

“A verdade é que a gente fica: ‘Puxa, tô perdendo o controle’. É difícil tolerar não compreender exatamente o que o outro pensa, suportar não saber o que está na cabeça deles.”

“É importante pra eles questionarem sim. [...]. Mas é difícil essas mudanças, essas perdas. Éramos pais-heróis, de repente: não mais.”

O avanço até a tarefa implícita fez com que o grupo se aproximasse da dolorosa percepção de serem reais e humanos e não mais os “super-pais” admirados da infância dos

filhos. Entretanto, esse elemento trouxe possibilidade de aliviar a culpa (um “*bálsamo*”) por não serem perfeitos, por terem limitações:

“Uma professora da minha filha falou para ela que ela deveria aprender a lidar com os meus limites. Nossa isso pra mim foi um bálsamo” (risos). Eu sou o que eu sou. A gente não tem sempre que ser 100%. Isso me tranqüiliza sim.”

“Acho que tranqüiliza ou vai tranqüilizar [...], mas por enquanto nós estamos deixando de ser “os donos da verdade”. Esse período é mais angustiante por causa disso.”

O novo slide retornou à discussão: até onde ir com os filhos sem ser ausente ou sem pressioná-los? E o grupo revelou, novamente, seus pares contraditórios. A resistência à mudança, em muitos momentos, aflorava:

“Se você deixa, é porque não está nem aí pra eles, se fica em cima, é porque tá pressionando [...]”

No entanto, pareciam movimentar-se no desejo de buscar, na relação com cada filho, um ponto de equilíbrio, criando uma zona intermediária em que ambas as partes pudessem transitar e se encontrar, sem que isso implicasse em invasão e grandes confrontos. Do mesmo modo, o grupo buscava a aproximação de seus pares opostos, a procura de seus “pontos médios”:

“Senti necessidade de pesquisar áreas que ele está interessado. Mas decidi: `não vou falar mais nada´. Consegui ficar assim até quarta-feira, mas achei um material muito bom! (os membros riem). E pensei: `não vou falar nada´. Mas no carro ele deu uma brecha, eu notei, foi de propósito, aí aproveitei a situação e falei que tinha lido uma coisa, se ele queria ouvir [...] então, aí ele quis saber! Fiquei tão surpresa.”

As fantasias de caírem em pólos extremos mantinham-se por perto, os integrantes ainda temiam que, se falassem com os filhos, poderiam ser responsabilizados por uma influência negativa no processo da escolha profissional. Pichon-Rivière (1998a) aponta que o porta-voz funciona como o “alcaguete”, desocultando o “segredo grupal”:

“É aquela coisa, na verdade ninguém quer ter o ônus do fracasso do filho, talvez por isso às vezes cometemos os extremos. Fica aquele medo: ‘Nossa, dei minha opinião! Influencie demais e hoje ele é um cara frustrado’. Acho que é isso que todos pensam.”

A denúncia do conteúdo implícito favoreceu para que aspectos menos radicais e mais amadurecidos do grupo atuassem em auxílio. Reconheceram a importância de assumir a responsabilidade do papel de pai, ser presente, mostrando interesse e preocupação:

“O meu filho gosta que participa sim,[...] quer estar junto. Eu sinto que eles querem sim esse carinho, e não querem que o pai fale: ‘faz o quiser, não estou nem aí’ [...].”

O grupo decompunha-se em diversos aspectos na busca por compreensões. Os membros, ao revelarem conflitos e angústias dos filhos, desejavam também, implicitamente, a integração de suas próprias dúvidas e discordâncias:

“A minha é super indecisa. Já falou em quatro profissões.”

“Eu acho que a minha estuda pouco para o que ela quer. Eu me preocupo com ela porque ela quer direito pra ser juíza e não advogada. [...] quem quer isso tem que rachar de estudar [...]. Acho que ela está escolhendo mais pelo status e isso me preocupa.”

Surgiu a idéia de que, com o tempo, com o ganho de experiência, as escolhas tornarem-se-iam mais maduras e realísticas mas, por outro lado, também eram necessários a esperança e o sonho que motivassem as buscas:

“[...] só com a experiência é que vê que as coisas não são bem assim [...]. A distância que é entre o sonho e a realidade.”

“A minha infância inteira queria ser médica. Era uma coisa totalmente idealizada. Mas talvez eles precisem também sonhar para escolher uma, quando estiverem na faculdade, eles vão descendo!”

“Só a experiência vai fazer eles sentirem o que a gente sente agora. Só o tempo [...].”

Os membros avançaram questionando as expectativas e valores da geração dos filhos. Comparavam, novamente, os ideais de conduta e princípios éticos que possuíam com os que prevalecem, atualmente, demonstrando preocupação:

“[...] uma coisa que me preocupa e que não é muito focada, é a questão da ética, mais do que a escolha da profissão. Você ser ético na profissão que escolher e em outras escolhas [...]. Estava lendo um livro, queria tanto que a minha filha lesse. [...]. Não sei se isso passa na cabeça dela. [...]. Como é que se passa isso pra ela?”

Os participantes se questionavam se eram ou não referência aos filhos e se conseguiram transmitir, aos mesmos, valores que julgavam imprescindíveis. Revelaram se sentiram impotentes diante de tantas mudanças de paradigmas. Em seus movimentos, ensaiavam suas próprias reflexões:

“É, acho que aquilo que a gente tem como ética está sendo mudada [...]. Tudo é tão individualista. Ninguém tá nem aí com o outro. Mas acredito sim em princípios que ensinamos a eles quando eram crianças e estavam sob a nossa tutela. Agora, o mundo vai fazer com que eles avaliarem esses princípios, mas eu tenho certeza que muito daquilo ficou.”

“A minha filha tá tentando escolher uma profissão que permite que ela constitua família, mas eu não sei se isso é imaturidade dela [...].”

“Ué, por que não? Ela tem esse modelo de família! Aprendeu isso com você.”

“É, o projeto de vida dela, né?”

Esclarece-se que, nessa sessão, não se realizou o enquadre em Grupo Operativo, havendo, inclusive, uma maior intervenção da coordenadora, em virtude da estratégia deliberadamente planejada e utilizada, a apresentação dos slides referente ao eixo temático definido para a sessão. Observou-se que a comunicação fluiu entre os integrantes e não apenas em direção à coordenação, havendo grande cooperação entre os membros e, inclusive, uma operatividade em relação ao tema da sessão. Assim, ainda que o enquadre não tenha sido de Grupo Operativo, o processo grupal alcançou operatividade. Considera-se que o

posicionamento dos participantes poderia revelar que os mesmos já haviam introjetado a função operativa do grupo.

Sexta sessão

No momento inicial da sessão, os integrantes receberam um livreto (MELO-SILVA; PEREIRA, 2002), no qual havia dois tipos de cartas, ambas fictícias. Uma que fora escrita aos pais, por adolescentes, contando sobre o momento que estavam vivenciando da escolha profissional; e outra, em resposta, escrita pelos pais falando aos filhos o que estavam sentindo em relação àquele momento. Após as devidas explicações a respeito das cartas, deu-se a leitura das mesmas pela coordenadora. Observou-se que dois participantes emocionaram-se durante a leitura.

O tema dessa sessão referia-se à comunicação que ocorria dentro de cada família dos participantes. Assim, ao final da leitura, propôs-se aos membros que escrevessem a sua própria “Carta aos filhos”. O intuito foi propiciar a expressão de como se sentiam frente ao momento da escolha profissional de seus filhos. Explicou-se que a carta não seria entregue à coordenação, mas que os participantes poderiam ler ao grupo se quisessem e, ainda, que poderiam entregá-la ao filho, caso desejassem. Inicialmente, o grupo mostrou-se impactado com a proposta, os membros pareciam não esperar esse tipo de atividade. O silêncio sinalizava um alto nível de ansiedade. Entretanto, pouco a pouco, cada participante, a seu modo e a seu tempo, voltou-se para si, imergindo em um diálogo interno. Apesar da tarefa individual, o clima parecia de “comunhão”: todos juntos absorvidos na tarefa, nada fácil, de revelarem aos filhos e a si mesmos, a intimidade de seus sentimentos. Ao término, foi perguntado se alguém gostaria de compartilhar o que escrevera ao grupo. Pareciam ainda muito mobilizados, não mais pela novidade da tarefa explícita, mas por acessarem emoções tão intensas. Após momento de silêncio, um passo tímido:

“Não gostaria de ler, prefiro que você (refere-se à coordenadora) leia pro grupo [...].”

A 1ª carta foi lida, enquanto o grupo ouvia em silêncio. Abriu-se um canal muito íntimo de comunicação entre os integrantes e, a cada leitura, novas revelações aproximavam cada vez mais os membros entre si:

“Vou ler: ‘[...] confesso a você, meu filho [...] pensar nisso me dá frio na barriga [...] difícil acostumar com a idéia de você sair de casa [...] sempre acreditei que você ficaria ao nosso lado até ser independente financeiramente [...]. Tem sido difícil. (fala emocionada). Mas não importa que vida você escolha [...] acredite, vou aceitar suas escolhas [...]. Se tiver dúvidas, vou estar de braços abertos a sua espera. Às vezes, é preciso errar para poder acertar [...].”

O clima era de sincera emoção. Com certa timidez, um membro, muito rapidamente, talvez com receio de que a emoção o interrompesse, iniciou sua leitura:

“ ‘Minha querida filha, [...] espero ver você tomando um rumo que lhe traga muita felicidade [...]. Se precisar, papai estará sempre aqui. Muita luz pra você [...]. Assinado: papai’. ”

Outros integrantes encorajaram-se na leitura de suas cartas. Algumas mobilizaram muito o grupo, uma vez que explicitavam o receio e a dor frente à separação com os filhos:

“Vou ler, está meio confusa, eu fui colocando o que sentia [...]: ‘[...] esse momento é o primeiro grande de sua vida de escolha. [...]. Me pego pesquisando para buscar uma certeza, talvez porque para mim, foi muito difícil também naquela época.[...]. Mas você é outra pessoa [...]. Sei que existe uma divisão mãe e filho[...]. Este é um momento importante para que você conquiste sua liberdade e é assim que tem que ser, apesar da grande dificuldade [...].”

Analogamente, o grupo expressava-se como podia e “sentia”. As cartas denunciavam confusão de sentimentos, incertezas e ansiedades quanto a um futuro imprevisível. Entretanto, também falavam de apoio e orgulho.

“Também vou ler, apesar que acho que eu ainda não terminei de escrever!”

O grupo também não tinha terminado sua tarefa de compreender tantos sentimentos e tantas vivências. Também essa “conversa” não tinha fim. Os participantes rascunhavam uma história em grupo, que em certos momentos era muito confusa, difícil e emocionante. Havia erros e interferências que entravavam a comunicação, e que sempre necessitavam ser revistos. Não existia uma edição definitiva, assim como o processo da aprendizagem pelo ser humano: a resolução (síntese) de uma situação dilemática configura-se a tese da próxima antinomia, são as voltas de uma espiral dialética em ascendência (PICHON-RIVIÈRE, 1998a).

“ *‘Querida, você está deixando de ser a menininha da mamãe, minhas preocupações já não são as mesmas de quando vocês eram pequenos [...]. Sinto que gostaria de ser mais amiga [...]’* (volta-se ao grupo): *O grupo tem me feito pensar muito, hoje mesmo nós conversamos. Queria que ela entendesse os meus questionamentos.*”

Surgiu, novamente, a fantasia de que, se fossem “amigos” dos filhos, seriam mais próximos destes, imaginando que assim haveria uma maior compreensão, e confrontos seriam evitados. O grupo, entretanto, revelando outros vértices, denunciava a diferença de papéis e função entre pais e filhos:

“*Eu bati de frente com minha filha dois dias na semana. Essa carta foi importante para falar isso. Eu queria ler também: ‘[...] você não faz idéia do quanto nos orgulhamos de você [...] gostaria de ser uma mãe mais presente [...]. No sábado você reclamou essa ausência [...] mas você sabe o quanto luto para te oferecer um futuro [...]. Sempre achei você uma pessoa firme (...) tenho sim muita confiança na sua decisão [...] sei que a hora certa vai chegar.*”

Trechos denunciando: o crescimento dos filhos e a entrada destes no mundo adulto; o receio da separação pais-filhos; sentimentos de culpa por não serem os pais que desejavam ser (idealização do papel de pai/mãe), fizeram com que o grupo “transbordasse”. Um participante pediu desculpas pelo choro não mais contido, mas outro movimento do grupo, acolheu a emoção:

“*Que isso gente? Tem que chorar mesmo! Nós estamos adiando esse choro aqui faz é tempo.*”

A caixa de lenço rodou entre os integrantes. Por fim, riram da situação e, apesar da grande emoção, a Tele era positiva. Após a leitura das cartas, configurou-se o enquadre em Grupo Operativo, a fim de que conversassem sobre como se sentiam frente à primeira parte da sessão. Iniciaram identificando os aspectos comuns entre os membros. O grupo precisava falar de sua unidade:

“Eu também discuti com meu filho essa semana! Estamos num momento difícil! [...] eles estão num momento pesado, acabam descarregando na gente. Aí você fica pensando: ‘eles são muito jovens’. O conflito interior deles é muito grande gente. Em vez de acolher, a gente cobra também, eu percebi isso [...]. Você vê que é igual pra todo mundo aqui. São situações diferentes, mas estamos passando pela mesma coisa. É horrível me sentir sozinha e estou vendo que está todo mundo passando por isso. Não é invasão ler as cartas, gostei muito de saber que vocês estão passando pelo mesmo que eu. Faz bem saber. Me emocionou muito!”

A confiança que se estabelecia pouco a pouco possibilitou com que emergisse, em contraponto, um sincero desabafo. Nas voltas da espiral dialética, surgiam novas antíteses no grupo:

“Estou me sentindo tão diferente das pessoas aqui. Vejo que está todo mundo muito preocupado, com medo e eu não tenho esse medo deles saírem de casa. Existe uma tranqüilidade tanto da minha parte quanto da deles. Sempre ficaram sozinhos. Isso deu uma maturidade grande pra eles. [...] mas, muitas vezes, acho sim que sou ausente. Nunca fui de ficar do lado, mas cobro deles. Já falei que se não passarem no vestibular, vão trabalhar pra pagar a faculdade. Então não vou sentir muito essa ausência. A escolha é deles.”

O clima era de grande ansiedade, o grupo deparou-se, novamente, com aspectos que permaneciam sufocados: pais que trabalhavam o dia todo fora e que sempre instigaram o amadurecimento e a independência dos filhos. O grupo dividiu-se então em posições antagônicas:

“A minha já é assim: ‘Tem que passar, porque tem que passar de qualquer jeito no vestibular’. Já fica se cobrando muito. Então, eu preciso sim dar uma brecha pra ela. Falo que tem que ir com calma. Tem até os vinte anos. Ela está só com 16! Faculdade é muita responsabilidade [...]. Ela muito nova ainda.”

No entanto, o aspecto “novo” da comunicação trouxe reflexões importantes. O grupo procurou integrar suas partes tão antagônicas. Aproximaram-se da tarefa implícita, pensando sobre posicionamentos que sempre mantiveram com os filhos:

“É, a gente subestima muito os filhos sim. [...]. Eu fiquei sem pai e mãe aos 20 e poucos anos. Queria ter essa segurança de vocês (aponta o casal que trouxe a situação nova). Nossos filhos são do mundo sim. A gente acha que eles são muito novos. Mas a gente subestima por uma insegurança que é nossa! Sábado, por exemplo, nós brigamos, ela me disse que não confio nela. Depois me senti mal [...]. Percebi o quanto eu que não estou preparada para soltar e está na hora de soltar eles pro mundo. Acho que também subestimo a capacidade dela. Está sendo muito difícil esse momento [...] tava lembrando aqui, quando ela entrou no jardim, ela foi e não olhou para trás!!! Fiquei ali parada, não me conformava.”

A emergência da situação latente aproximou os membros. O momento era de extrema importância, afinal movimentos do grupo estampavam dificuldades dos pais e, também, o desejo de manterem os filhos por perto, adiando o processo de independência deles. Riram lembrando-se de suas experiências, na infância dos filhos:

“[...] a minha também! Todas as crianças chorando e eu me perguntando por dentro “ela não vai chorar?”

Na busca em resolver suas contradições, os integrantes continuaram expondo, com muita sinceridade, aspectos de suas próprias limitações em lidar com a separação em relação que se anunciava:

“No fundo, não é subestimar a capacidade dele [...]. Estamos subestimando a nossa própria força. Ele vai sair dos meus braços então fico colocando obstáculos pra ele sair. Sei que ele vai se virar, mas eu quero adiar porque sei que a hora que ele sair por aquela porta, não vai mais voltar. Vai voltar pra me ver, mas não voltar pra mim! Gente, eu fiz isso com a minha mãe. Vocês também devem ter feito [...].”

A comunicação fluía, cada vez mais, em direção a explicitar o “não-dito”. O grupo protagonizava sua história e, inclusive, ensaiava suas próprias interpretações:

“A gente se dedica tanto que quando saírem de casa, eu sei que vêm na cabeça: ‘Vamos fazer o quê agora?’. Mas é assim, né? Vamos cuidar de nós agora!”

“[...] isso não tem um nome? A tal da Síndrome do ninho vazio?”

Seria uma síndrome? Com a percepção de suas limitações e dores, implicitamente, se perguntavam se era “normal” sofrer com essa separação.

“Nossa, então eu preciso trabalhar muito isso em mim.”

Em suas movimentações dialéticas, o grupo procurava respostas revendo sua história, valorizando suas tentativas e recursos que vinham sendo adquiridos na experiência grupal, com outros pais:

“[...] mas acho que você já está se revendo, sim.”

“Acho que esse grupo era pra ajudar meu filho a encontrar um caminho e acho que acabei encontrando um caminho meu. [...]. Tomara que ele encontre o dele também, lá no grupo de Orientação Profissional!”

A comunicação revelou que o grupo começava a demarcar seu espaço e a definir melhor seus contornos. Os participantes reuniram-se inicialmente com o propósito de “aprenderem” mais sobre seus filhos adolescentes. Com o tempo, a “aula”, a “reunião” virou um grupo, com características próprias, com semelhanças e diferenças entre seus membros. O progressivo reconhecimento de si (papel, função, identidade) e do outro possibilitava aos integrantes uma apropriação do campo grupal.

Atividades: sétima sessão

Observou-se que o encontro anterior permanecia muito presente. Os participantes queriam compartilhar a experiência da entrega da carta ao filho:

“Entreguei a carta tremendo, parecia uma boba. Ele disse pra mim: ‘Depois que eu acabar isso, eu leio’. Fez um charminho (risos) Mas depois ele que veio me dizer que tinha lido.”

“[...] nossa, cada carta que eu ouvia aqui, tinha muitas coisas que eu poderia dizer pra ela [...]. Eu entreguei também.”

“Eu entreguei! Mas fiquei ensaiando! Entrego ou não entrego?”

“A minha me deu um abraço!”

Um membro, que faltara ao encontro anterior, buscou entender melhor o que ocorreu em sua ausência. Parecia difícil, a quem não havia vivido a situação, compreender a experiência emocional que permeou o ato de escrever a carta e entregá-la aos filhos:

“Eu posso perguntar qual o receio de entregar a carta”?

As respostas vieram quase ao mesmo tempo, em coro. O grupo tentava integrar-se, procurando compartilhar da maneira que podia, com aqueles que faltaram, a intimidade da situação vivenciada na sessão anterior:

“Porque a gente se abriu pra eles! O meu perguntou: ‘Por que você escreveu daquela forma mãe? Foi triste’[...]. Então, tudo que eu não conseguia falar, eu coloquei no papel [...].”

“[...] a gente abriu o coração mesmo [...].”

“Sabe, é muito difícil falar o que estou sentindo, então escrevendo eu me abro mais. Foi muito bom pra mim.”

O grupo valorizava a experiência vivida. Havia sido única para os participantes, diferente de tantas outras situações:

“[...] A gente pôde falar o que tava sentindo! Aqui, a censura foi embora! [...] ficou muito intimista, eu achei.”

Falaram, também, da necessidade de preservarem suas individualidades e intimidade, a despeito de formarem um grupo. Revelaram que conferiam grande importância à situação:

“[...] é, eu até fiquei com medo de entregar.”

“Pra mim foi ótimo [...] eu coloquei aquilo que tava sentindo [...] achei muito importante ter feito isso pra nossa relação [...]. Vocês acreditam que ela pulou em cima de mim, toda emocionada ?!” (risos)

Os integrantes que faltaram na sessão anterior explicaram seus motivos, desculpando-se pela ausência e lamentando a perda da situação não vivida:

“Nós (se refere à mulher) infelizmente não pudemos vir. [...]. Lamentamos muito. Acho que deve ter sido uma experiência bastante interessante e importante.”

“Eu também não pude vir [...] mas fiquei pensando que deve ter sido bom [...] talvez crie vínculos que no dia a dia, a gente vai perdendo [...] às vezes uma carta dessa poderia até restaurar esse tipo de coisa [...].”

Refletiram e lamentaram sobre o modo como as relações se estabeleciam na atualidade, como a falta de tempo para a conversa e para o “encontro” (inclusive em casa, com os filhos), implicitamente, o grupo buscava lidar com suas próprias perdas e distanciamentos. Prenunciava-se a própria separação do grupo, que logo ocorreria, afinal aquele era o penúltimo encontro. O tema da sessão propunha reflexões sobre o que os pais poderiam realizar com filhos, ou mesmo incentivá-los naquele momento, além das situações de diálogo. Solicitou-se assim, que os participantes, individualmente, escrevessem em uma folha: 1) Quais atividades você realiza com seu filho ou disponibiliza a ele (recursos, meios) objetivando o processo de escolha profissional dele?; 2) O que vocês pensam que poderiam fazer ou disponibilizar, e não costumam fazer, que poderia facilitar nesse momento de escolha profissional de seu filho? Ao final, cada um contou ao grupo o que havia refletido:

“[...] além de mais tempo com ela, poder levá-la às faculdades pra conhecer. Eu coloquei também que acho importante ela estar a par da nossa situação financeira. Não sei se dará pra pagar faculdade particular.”

“Eu coloquei: viabilizar o grupo de OP, levá-los a conhecer as profissões, disponibilizar escritórios para estágios, participar de reuniões como esta. Sabe, está sendo fundamental para mim [...].”

“[...] entrar, com eles, na internet para pesquisa, ler sobre a profissão, conhecer o local de moradia também, porque eles pensam que vai ser como é em casa... um apartamento montadinho, bonitinho só pra eles? Nada disso! [...].”

“Coloquei também o aspecto financeiro já que ela vai ter que pensar também que algumas profissões não vão manter o nível de vida que ela tem. Percebo que suas escolhas são ainda muito românticas. Coloquei também “viabilizar estágio”, e também “viabilizar um encontro com um profissional” da área que ela está pensando pra saber sobre o mercado de trabalho [...].”

Os participantes demonstravam pensar de modo mais realístico. Refletiam sobre medidas modestas e possíveis de realizar, sem cair em extremos, revelando uma maior ponderação:

“Parece bobo, mas pensei sobre ‘não fazer pressão, não ficar perguntando: ‘E aí, já escolheu?’ [...]. É diferente propor uma conversa perguntando: ‘posso ajudá-lo, filho?’. Falar com ele que a vida dá muitas voltas e que as escolhas não são definitivas.”

O grupo também dava “*muitas voltas*”, não sendo definitivas as situações em que se encontrava e o modo como se percebia. Ao se configurarem em Grupo Operativo, um participante, preocupado com a filha (que ainda mostrava dificuldade para escolher a profissão) e identificando-se com a situação que ela vivenciava, remeteu novamente o grupo às problemáticas vocacionais de seus membros:

“E quando não eles não sabem mesmo o que querem? Tô preocupado, a minha filha não sabe ainda [...]. Eu também não sabia. Fui fazer direito, porque meu pai era advogado.”

O grupo prosseguiu refletindo sobre como ajudar os filhos ainda com dúvidas, denunciando, muitas vezes, o desejo de ter respostas que aliviassem as incertezas e inseguranças deles. No entanto, os participantes mostravam maior clareza de que, mesmo sendo adultos, ainda que fossem pais, não sabiam tudo e que também possuíam seus próprios conflitos (inclusive vocacionais) e limitações. Apesar disso, os participantes

aproximavam-se da compreensão de que poderiam ser parceiros de seus filhos, em suas reflexões e explorações, sem perder de vista o papel que representavam junto a eles:

“[...] penso que nosso dever é ajudá-los a clarear a mente deles [...]. Temos experiências. Eu ouvi ela falando pra mãe que ela ainda não sabe o que quer [...] ainda não consegue se identificar com algum talento, escolher [...] mas eu também não tive assim uma escolha, uma preferência [...]. Então acho que ela está na mesma situação que eu tava [...]. Sinto que agora ela está deixando seu sonho de lado, pra fazer algo que talvez não goste. Está até querendo deixar de prestar a pública pra prestar a particular por causa da dificuldade de passar. Ela até fala em fazer Biologia, mas acha que não tem muito campo [...].”

A preocupação, que ainda pairava sobre a indecisão profissional de alguns filhos, denunciava que os grupos, tanto dos jovens (OVP) quanto o Grupo de Orientação de Pais, estavam chegando ao fim. O desejo era que, com o término, todos os conflitos estivessem resolvidos. Em contrapartida, aspectos do grupo mostravam uma maior condição para entenderem seus filhos e, até, de ensaiarem diálogos com eles, a fim de compreenderem melhor a situação dos jovens:

“Meu filho é muito imaturo [...]. Mas a gente tem conversado muito. Isso mudou muito entre nós [...]. Bom, aí ele falou esses dias: ‘E se eu fizer um ano de cursinho? Acho que não estou preparado ainda’ [...]. Eu falei: ‘calma meu filho, as coisas estão caminhando’. [...] Mas a coisa ainda está meio assim: escolhe e desanima, escolhe e desanima.”

O grupo de pais também tinha seus momentos de decepção e desânimo. Não era fácil ouvir o filho assumir não estar “*preparado*”, ou que iria fazer algo que não era o esperado pelos pais, após tantos investimentos (não só em termos financeiros). No entanto, o grupo, que vinha adquirindo condições de se perceber, observando seu desânimo, buscou seus ganhos até então. Era possível observar, inclusive, o quanto os papéis intercambiavam entre os membros e que o grupo mostrava-se mais plástico:

“Puxa, mas olha seu filho, também tem que ter maturidade pra conseguir chegar em você e dizer isso. Poxa, isso já não mostra que algo mudou?”

“O meu filho disse que quando venho pras reuniões, eu fico ‘tão legal’! (risos). Acho que é verdade, quando eu saio daqui, vejo que estou pegando pesado. Eu tenho vindo aqui, nunca faltei, não falo muito...mas tem me feito pensar bastante. [...]. Acho, por exemplo, que essa parte de localizar profissionais e disponibilizar contato, ajuda bastante, a gente pode mesmo ajudar nisso. [...] e sinto que isso mudou nele também.”

“Eu coloquei em curso de pintura pra descobrir se tem mesmo as habilidades que ela imagina que tem, e acho também que isso que vocês falaram de trabalhar, tipo fazer estágios de um dia, é importante mesmo porque ela pode ir testando algumas profissões.”

Nesse momento, os participantes voltaram-se para a importância do filho reconhecer o valor do trabalho e da remuneração, revelando novamente a preocupação com as grandes exigências do mercado de trabalho. Explicitaram o desejo de que ingressassem em uma “boa” faculdade instrumentando-se para o futuro. Nesse ponto, o grupo fragmentou-se em diversos aspectos, ao discutir sobre as diferenças entre as faculdades públicas e particulares. Observava-se que a comunicação fluía em direção a todos os membros e o clima, apesar da disputa de opiniões, não parecia promover rupturas sérias em sua estrutura:

“[...] e por que não uma faculdade particular? Acho que essa é uma idéia colocada na cabeça dos nossos filhos pelas escolas [...]. Ainda que faça uma pública, depois que ele sair de lá, se não for um bom aluno, ele também não vai ter emprego [...].”

“Eu fiz economia aqui na USP e sempre disse que a USP ‘abre portas’. Meu marido também é economista, formado pela PUC. Aí briguei com ele porque ele veio com um artigo dizendo que a USP está sucateada, os professores estão saindo pra dar aula nas particulares, pois são melhor remunerados [...]. Confesso que queria que minha filha fizesse escola pública, mas hoje, repensei seriamente, disse a ela que apenas escolhesse uma boa faculdade.”

“Eu já acho legal ele querer a melhor faculdade. [...]. A GV tem isso, em São Paulo você está empregado. Quando eu fiz engenharia, até a minha turma foi assim, mas por outro lado, forma, muitas vezes, o cara que não é articulado e que depois ‘dança’, e entra outro que consegue manter o emprego. Acho que para qualquer profissão, em geral, as federais são as melhores [...] a grande maioria das públicas são melhores também por causa dos alunos [...] o professor pode puxar mais. [...]. Na particular, vai puxar o que, não sai nada!” (risos)

O clima ferveu. Os participantes divergiam. Mostravam-se mais confiantes até para serem irônicos. Seguiram abordando o alto custo dos vestibulares, momento em que voltaram a se integrar, compartilhando informações sobre ENEM e cursinhos populares. Trocaram

dicas a respeito de como os filhos poderiam realizar visitas às faculdades a fim de conhecerem melhor a realidade dos cursos. A comunicação fluía entre os membros e o momento era de intensa produção grupal.

O grupo mostrava que se direcionava para a *fase de projeto*, refletindo, cooperativamente, sobre soluções futuras. Segundo Pichon-Rivière (1998a), o aspecto criativo não deve ser negligenciado como fator de avaliação da operatividade, uma vez que revela a plasticidade do grupo, ou seja, que este observa a situação sob outros vértices e aborda a tarefa por meio de diferentes “técnicas”. A próxima verbalização mostrou que os membros percebiam o salto qualitativo:

“[...] eu tinha falado com amigos sobre esse grupo aqui que a gente faz (...) Puxa, se mais gente tivesse acesso, se fosse mais divulgado, ou tivesse mais vagas [...].”

Prosseguiram como se não se importassem com o tardar da hora. Porém, os imperativos da realidade externa mostravam que era momento de encerrar, aliás, de caminhar para o término do processo.

Encerramento: Oitava sessão

Inicialmente, solicitou-se que os participantes se subdividissem em trio para conversarem e escreverem sobre: “O que foi este grupo para nós?”. Observou-se que, após momento de hesitação, os membros absorveram-se na tarefa proposta, refletindo entre si. Após o tempo combinado, dois observadores leram para o grupo, uma crônica (com característica de síntese do processo grupal) contando a “História do Grupo de Pais”, desenvolvida pela coordenadora, tendo por base os registros das sessões e as interpretações do processo grupal. O grupo mostrou-se muito atento e concentrado, acompanhando a leitura por meio do texto distribuído. Riram de algumas passagens e, em outras, emocionaram-se. Em seguida, cada trio leu o que havia realizado e, por fim, configurou-se o enquadre em Grupo

Operativo, com proposta de que conversassem sobre como estavam se sentindo frente ao encerramento do Grupo de Orientação de Pais. O silêncio inicial revelou certo grau de ansiedade:

“Caramba. (silêncio). É, acho que você (refere-se à coordenadora) teve uma capacidade síntese, de escolher cada frase nossa. (pausa longa) puxa, deu pra reviver!”

“Tem falas de cada um aqui !!!”

Nesse momento, o grupo pareceu se dar conta dos observadores tão silenciosos, no entanto, tão atentos e sensíveis às movimentações do acontecer grupal:

“[...] é, e você tem três pescadores aqui!” (risos)

O grupo permanecia ainda impactado. No entanto, aos poucos, contaram o que haviam produzido nos trios, ao mesmo tempo em que denunciavam a dificuldade de se separar. Lamentaram que, o momento em que mais se sentiam unidos e com maior intimidade, fosse justamente a hora de separação:

“Eu acho que poderia ter mais reuniões. Acho que a proximidade mesmo entre nós, quando o grupo estava mesmo integrado foi lá pela quarta sessão, então precisaria de mais umas três.”

“[...] eu acho que esses encontros não deviam parar. A gente tinha que ter, pelo menos, um por mês.”

“[...] é mesmo! Para dar continuidade ao grupo.”

Implicitamente, o grupo “reclamava”, revelando sentimentos de abandono, frente à interrupção que lhe parecia brusca e abrupta:

“Eu também concordo, o grupo começa a atingir um auge da intimidade, e acaba! [...] no dia a dia não temos essa possibilidade de troca. [...] na hora que a gente está conseguindo, pum acabou!”

Identificavam que era difícil manter na vida cotidiana, em meio à correria e compromissos, as situações de “encontro” com o outro e com seus próprios sentimentos. Imaginavam que tal experiência perder-se-ia com o término do processo grupal? No entanto, em seus próprios movimentos, o grupo buscava meios de elaboração, voltando-se as suas construções realizadas. Surgiu também o desejo de oferecer aos filhos, como presente, a produção do grupo:

“[...] esse texto que você fez, nós poderíamos dar para os nossos filhos?”

“Você apresentou muito bem. E o jeito que você escreveu...nossa criou uma coisa gostosa no grupo, um sentimento bom. [...] é mérito seu e de todo o nosso grupo. [...]. Na medida em que se expõe e vai tendo essa possibilidade de se colocar, e a gente vê que ninguém é muito diferente um do outro [...]e aí você fica à vontade e se coloca mais [...] pra mim, aconteceu isso. [...]. Eu, ouvindo alguns pais, percebi que os filhos tinham muitas qualidades, muitas vezes pensava: ‘meu filho ainda não tem isso desenvolvido’, e já, em outros momentos, eu pensava; ‘nossa, isso ele tem!’. Nossa gente, tem tanto filho aqui com tantas qualidades! Eu vi isso em muitas falas e olha que eu tenho mais percepção pra defeito!”

Os membros observavam mudanças em suas percepções e posicionamentos, em virtude do contato com o outro e consigo mesmo, possibilitado pela interação grupal. O momento era de despedida, no entanto, a tele mostrava-se positiva. A ocasião tornou-se oportuna para reparações, de modo que o grupo pudesse realizar uma separação tranquila:

*“[...] eu queria dizer que na última sessão, eu não sei se fui meio agressivo, saí meio pesado daqui do último encontro, queria pedir desculpas pra [...] porque na sessão passada, acho que fui meio grosso com ela (refere-se à discussão faculdade pública versus particular).
Querida pedir desculpas se fui, se não fui tudo bem, melhor ainda!”*

Os membros passaram a sinalizar as descobertas feitas até então, óbvias a princípio, mas que, ao longo dos encontros, foram além do racional, ganhando novos sentidos na vivência grupal, no contato com outros pais:

“O melhor foi que, nesse grupo, cheguei à conclusão que eu sou uma pessoa normal!!!”

O grupo, animado com a avaliação que fazia de sua criação, “sonhava” projetos. Os membros conversaram sobre como se percebiam em seus relacionamentos no presente e ensaiavam reflexões sobre se apropriarem e se responsabilizarem um pouco mais sobre o futuro:

“[...] como seria bom se pudéssemos nos organizar mais em grupos, assim a gente faria coisas fantásticas [...]. Parece que no dia a dia, a gente fica mais exercendo as máscaras [...] fica tudo meio vazio [...].”

Entretanto, expor sentimentos (despir as “*mascaras*”), ouvir o outro e a si mesmo, não era tarefa fácil. O grupo revelou que suas construções não foram sem dor e estranhamento, ao contrário. Porém, a confiança gerada pelas condições adquiridas, possibilitou a verbalização de situações implícitas dolorosas:

“Eu também queria agradecer muito porque aqui eu encontrei pessoas que eu nem conhecia, mas quando cada um se colocou, fui me identificando com quem nunca tinha visto na vida [...] e tive contato com o que há de humano na gente. Nossa, e que dor! Achei forte quando o casal falou que se sentia diferente, na hora me deu um gelo aqui dentro [...] mas como eu achei importante ter ouvido tudo aquilo. Obrigada (diz emocionada). Essa troca realmente me tocou muito.”

Os participantes revelavam se sentir com maior condição para se perceber de modo mais realístico, no que dizia respeito as suas limitações, cobranças, receios, expectativas:

“[...] notei que cobramos tanto dos nossos filhos, mas percebi aqui o quanto, também, a gente se cobra de nós mesmos enquanto pais. [...] Quando uma mãe falou aqui que se sentia desnaturada e você (refere-se à coordenadora) disse pra nós: ‘Vocês estão aqui!’. Nossa, você não faz idéia o quanto aquilo foi importante pra mim (fala emocionada). Olha, por exemplo, tem vocês (aponta um casal), gente, vocês vem de outra cidade!!![...] Então eu queria muito agradecer. [...] Eu vim pelos meus filhos e a mais favorecida fui eu.”

Diferenças tão assustadoras no início, que causavam tanto estranhamento aos membros, puderam ser transformadas e percebidas como “*riqueza*” que trazia crescimento e mudanças:

“[...] logo na primeira reunião, eu saí pensando ‘Putz, a gente tem um problema’. [...] e hoje, eu sei que 100% eu não estou pra saída dela de casa (risos), mas estou mais preparada. O grande ganho foi saber que todo mundo é diferente, cada um é cada um [...]. E isso traz muita riqueza pra gente.”

Os membros, reconhecendo melhor seus sentimentos e com maior condição analítica, interpretavam-se:

“É gente, acho que na fala de todo mundo, estão todos agradecendo.”

O grupo quietou, pairando um clima de ansiedade. O barulho de um celular quebrou o silêncio e, assim, a situação implícita foi novamente interpretada por outro integrante:

“Parece que está difícil falar! Está todo mundo meio engasgado, né? (pausa longa) A verdade é que estamos meio emocionados.”

A revelação do implícito destravou novamente a comunicação. Referiram-se à importância do campo de interação grupal como um espaço para conhecerem melhor os outros e a si mesmos. Aproximaram-se, não sem dificuldade de sentimentos que se mantinham “perdidos” (sem um sentido) no dia a dia.

“Como essa troca é importante [...]. Penso que se fluiu o grupo, é porque nos conhecemos aqui. [...] como a carta que escrevi pra nosso filho. Ele falou: ‘eu guardei, viu’ e eu pensei: ‘caramba, eu tenho que resgatar isso com ele’. Isso tudo que ela escreveu (referindo-se à coordenadora), gente, essa riqueza foi inesquecível. Tenho dois filhos, mas se tivesse três, eu precisava vir de novo porque percebi que cada filho é diferente mesmo e nós com eles também, né? Me dei conta mesmo disso aqui. Acho que não tem como colocar em palavras a riqueza do autoconhecimento que tive, e eu vejo que tem muita coisa para trabalhar ainda [...]. Então achei muito importante essa oportunidade e pra mim serviu para um crescimento meu, e no fundo, me aproximei mais do meu filho.”

O contato com as diferentes histórias e posicionamentos favoreceu a reflexão de que os filhos também eram diferentes entre si e o quanto era impossível tratá-los do mesmo modo. Prosseguiram falando de seus ganhos:

“Sabe, senti muita falta desse dia da carta que a gente não pode vir [...]. A gente, com o tempo, foi trocando experiência aqui. [...] parece que a gente passou a conhecer mais dos nossos filhos também. [...] e serviu também pra quebrar muitos dos meus preconceitos, inclusive.”

A dificuldade de lidar com a perda, fazia com que, em muitos momentos, alguns integrantes fantasiassem situações de encontros futuros:

“Que tal se a gente se unir de novo daqui uns cinco anos pra discutir sobre o mercado de trabalho, né?” (risos)

“O ano que vem tem esse grupo de novo? Eu venho, mesmo sem filho!”

Movimentos do grupo faziam comparações com a conduta de outros pais. Os membros imaginavam-se providos de um “conhecimento” que outros não possuíam:

“Quantos filhos estão em Orientação Profissional? Então falta 90% dos pais aqui nesse grupo! Ou será que só a gente se preocupa demais, e eles de menos?”

“Não é isso, é que a gente tem consciência de que precisa de ajuda!”

Avançaram na conversa na busca de apropriar-se da situação, refletindo sobre a realidade, buscando entender o modo do homem se relacionar na atualidade e, mais especificamente, a relação pais e filhos:

“Acho que é difícil também se abrir hoje, né? Hoje em dia ninguém se expõe. Eu acho que os filhos estão muito perdidos [...] porque os pais também nunca têm tempo, nem interesse de dialogar com eles. Eu andei pensando muito sobre isso aqui.”

O pensamento e a construção do conhecimento, para Pichon-Rivière (1998a), não são fatos individuais, mas sim produções sociais. O discurso, a seguir, revelou que os membros sentiram que se valeram e se beneficiaram da operatividade do acontecer grupal. A comunicação em grupo possibilitou que sentimentos, pensamentos e condutas rígidas e estereotipadas pudessem ser, ao menos, repensadas por seus integrantes:

“Na experiência de cada família daqui, na história de cada um, a gente se via [...] eu pensava: ‘Puxa, posso fazer isso diferente ou aquilo [...]’. Sabe, ficou parecendo que o problema não era só meu, é nosso [...] é o que aconteceu, todo mundo saiu ganhando.”

O Grupo de Orientação de Pais fazia uma auto-avaliação de seu processo, uma espécie de “balanço” de suas vivências até então, como “chegaram” e como “estavam saindo” e, para confirmar a necessidade de saber sobre seu “salto qualitativo”, remeteu-se, por fim, à equipe de coordenação:

“[...] queria saber de você, o que achou de nós?” (remete-se à coordenadora)

“E os observadores, falam? (risos) Podiam falar como foi para vocês também!”

Mostravam-se à vontade, podiam brincar com a confiança que adquiriram. Após o posicionamento da coordenadora e dos observadores, passaram uma folha para trocaram telefones e e-mails. Ao final, ninguém se movimentou, estava difícil separar-se. Por fim, foram se abraçando em despedida.

A presente investigação considera que a intervenção psicológica realizada com o Grupo de Orientação de Pais, por meio da Técnica do Grupo Operativo, favoreceu que os participantes construíssem, progressivamente, um espaço operativo, no qual foram adquirindo, a cada sessão, condições para enfrentarem receios (medos e ansiedades básicas) e obstáculos (mal-entendidos, perturbações e “ruídos”) presentes na comunicação, tornando explícitas as situações que se mantinham latentes na estrutura do grupo.

Sabe-se que, ao se constituir um grupo, cada integrante participa com seu próprio esquema de referência, em acordo com sua história de vida e vínculos anteriormente estabelecidos. Desse modo, por meio do vetor *Afiliação*, observava-se que os pais, inicialmente, mostravam-se reunidos em um mesmo local, por um objetivo aparentemente comum mas, no entanto, a situação de interação grupal, mostrava-se nova, desconhecida e estranha aos participantes. O grupo, então, funcionava a princípio procurando estabelecer uma vinculação de dependência em relação à

coordenação, uma vez que se considerava sem recursos para atuar operativamente. Assim, nesse momento, o mesmo mostrava-se em fase da *pré-tarefa*.

Conforme os participantes foram identificando-se entre si, favorecendo o vetor *Pertença*, e entrando em contato com expectativas e ansiedades semelhantes, o grupo foi evoluindo para a fase da *tarefa*, buscando meios para criar um Esquema Conceitual Referencial Operativo comum (ECRO), o que se revelava como a condição básica para o estabelecimento da *comunicação* operativa no campo grupal. Paulatinamente, os pais, cada um a seu modo e tempo, adquiriram confiança para *cooperarem* na tarefa de abordar, no “aqui-agora” grupal, as situações novas com as quais se deparavam, enfrentando, não sem dificuldades, obstáculos e receios que geravam falhas na *comunicação* grupal.

A *Pertinência* gradual à tarefa, permitiu que os membros se aproximassem, progressivamente, de conteúdos que se mantinham implícitos na estrutura do grupo (*tarefa implícita*). No entanto, identificava-se o quanto a abordagem da situação latente era tarefa dolorosa aos pais, uma vez que mobilizava intensa emoção no campo grupal, denunciando sentimentos que, até então, não se mostravam em condições de ser enfrentados. O acolhimento desses sentimentos pelo grupo, foi fundamental para o estabelecimento da confiança entre os membros e, também, para uma apropriação do espaço de interação grupal, como um ambiente de expressão e compartilhamento (*tele* positiva).

A respeito da posição depressiva, Pichon-Rivière (1998a) salienta o quanto a mesma oferece oportunidade para a elaboração de sentimentos ambivalentes e, conseqüentemente, para a integração do grupo, bem como uma diminuição dos medos básicos, facilitando a construção da identidade grupal. Tal condição adquirida, base para os *insights*, proporciona a aprendizagem da leitura da realidade: “Aprender é realizar uma leitura da realidade, leitura coerente, e não aceitação acrítica de normas e valores. Ao contrário, buscamos uma leitura que implique capacidade de avaliação e criatividade (transformação do real)” (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, p. 234).

O grupo, assim, foi adquirindo recursos para atuar operativamente, aprendendo a “pensar junto” e a confiar em sua capacidade de construir suas próprias ferramentas para abordar, por diferentes vértices (revelando maior plasticidade), seus pares contraditórios, seus problemas e conflitos, enfim, sua realidade. Evoluiu, assim, do vínculo de dependência com a coordenação, operando, progressivamente, com maior autonomia e responsabilidade por seu próprio processo e no planejamento de projetos de futuro.

Identifica-se, desse modo, que a vivência em Grupo Operativo proporcionou aos pais-participantes do estudo um ambiente apropriado para a expressão de situações que se mantinham latentes. Assim, o campo construído de interação e confronto, a possibilidade de compartilhar, falar e ouvir o outro (identificar convergências e deparar-se com conflitos e divergências) e a si mesmo (expectativas, crenças, preconceitos, receios, dúvidas, cobranças e outros) ofereceram aos participantes condições para refletirem e entrarem em contato com sentimentos muitas vezes ambivalentes, que permeavam o momento vivenciado com seus filhos em processo de escolha profissional e, também, sobre o papel que exerciam, como pais, nesse mesmo processo.

Considera-se que foram possibilitadas condições para mudanças (ainda que modestas) na comunicação com os filhos, uma vez que os participantes adquiriram um maior conhecimento e apropriação de seus sentimentos, posicionamentos e papéis junto aos jovens e, também, a condição de refletirem sobre a importância de explicitarem aquilo que não se mostrava possível ser conversado (o “não-dito”, o “sub-entendido), ou mesmo, de ser “sentido” na relação, oferecendo assim, um referencial aos filhos adolescentes. Finaliza-se, aproveitando-se da contribuição de Quiroga (2008, p.16): “Cuando hay aprendizaje, en su nivel más elaborado, hay una reconstrucción en nuestra interioridad de las cualidades del objeto, de sus relaciones. El aprendizaje es una de las formas y a la vez uno de los efectos de la relación sujeto-mundo”.

4.4 Articulação dos dados obtidos por meio do Grupo de Orientação de Pais e do Questionário de Pais

Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer [...].¹³

Considerando a *Triangulação de métodos* proposta por Minayo (2006), fora prevista, a fim de alcançar os objetivos do presente estudo, uma articulação entre os resultados obtidos por meio do Questionário de Pais e pelo processo de intervenção psicológica grupal, segundo a técnica de Grupo Operativo. Como já fora informado, os instrumentos de Coleta de Dados foram norteados segundo quatro eixos temáticos: (1) Expectativas dos pais; (2) Fatores que influenciam a escolha da profissão; (3) Comunicação entre pais e filhos; (4) Atividades que os pais realizavam com os filhos e os meios/recursos que disponibilizam a fim de favorecer-lhes o processo da escolha profissional. Por meio da abordagem desses eixos, buscou-se investigar as percepções dos participantes quanto ao processo da escolha profissional de seus filhos e quanto ao papel que desempenhavam nesse processo. Tais percepções dos pais-participantes serão discutidas segundo sete temas principais, apresentados a seguir, os quais foram identificados na articulação de todos os dados obtidos.

4.4.1 Importância atribuída à formação educacional dos filhos

O procedimento realizado de intervenção psicológica por meio dos instrumentos de Coleta de Dados (o Questionário de Pais e a intervenção psicológica grupal) permitiu identificar que os participantes consideravam, segundo a percepção do desempenho de seus papéis, promover *o desenvolvimento¹⁴* do filho, orientá-lo *em termos educacionais e profissionais, demonstrar interesse pela carreira profissional dele, ter conhecimento e*

¹³ Fernando Pessoa. Em: Livro do desassossego, 2008.

¹⁴ Optou-se por destacar em itálico os itens abordados diretamente nas questões do Questionário de Pais.

conversar sobre suas atividades escolares; bem como realizando “investimentos” para a aquisição de formação cultural e, sobretudo, educacional (*disponibilizando-lhes meios/recursos para a realização de cursos de línguas, para atividades de Orientação Profissional, para o acesso aos principais meios de comunicação e informação e propiciando atividades culturais*), sendo que vários pais fizeram referência (em sessão grupal) ao fato dos filhos estudarem em colégio particular¹⁵. Tais “investimentos” dos participantes revelaram a grande importância que atribuíam principalmente à formação educacional de seus filhos. Em concordância com esse posicionamento, cabe mencionar que esses pais responderam no questionário, sobretudo antes de realizarem o processo de intervenção grupal, que modificavam *a rotina familiar para ajudar ou não dificultar os afazeres escolares dos filhos*. Apontaram, também, que consideravam *as experiências escolares* como um fator de grande influência no processo da escolha profissional dos jovens.

Corroborando os referidos dados, bem como a importância que os pais conferiam à formação educacional dos filhos, observaram-se ao longo das sessões grupais, participantes que admitiram a cobrança para que os jovens se dedicassem aos estudos e, ainda, que apresentassem bom rendimento escolar, havendo até pais que mencionaram, explicitamente, a expectativa do filho passar no vestibular: *“Cobro sim que tem que estudar, ele tem que ir bem, afinal sempre pagamos uma boa escola para ele.”* ; *“cobrar estudo é normal.”* ; *“[...] Tua única responsabilidade é estudar e passar”¹⁶.*

Os dados também revelaram, mesmo que indiretamente, que os participantes apresentavam condições socioeconômicas de investirem financeiramente na trajetória educacional dos filhos. Mostraram-se evidentes, inclusive, as intenções desses pais em oferecer meios aos filhos, visando para os mesmos à formação de Nível Superior. Essas

¹⁵ A maioria dos jovens que procuram o Serviço de Orientação Profissional (SOP) é proveniente de colégios particulares da cidade.

¹⁶ Os exemplos de recortes das comunicações dos participantes, referentes às sessões grupais e às respostas das questões abertas do questionário, são apresentados em itálico e com aspas, no corpo do texto.

intenções foram observadas tanto por meio de respostas no questionário, antes e após o processo de intervenção grupal, como também, ao longo das sessões do Grupo de Orientação de Pais.

Especificamente no que diz respeito à percepção dos participantes com relação ao momento de vida em que se encontravam seus filhos, evidenciou-se a extrema importância que esses pais conferiam à fase da escolha da profissão, uma vez que a tomada da decisão profissional (e, posteriormente, a aprovação no vestibular) era imprescindível para o ingresso do jovem no Ensino Superior. Assim, considera-se que os incentivos dos pais para os filhos participarem do processo de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) no Serviço de Orientação Profissional (SOP), a fim de “resolverem” conflitos e dúvidas acerca da escolha da profissão e, mesmo, a própria participação desses pais no Grupo de Orientação de Pais, também se relacionavam à importância atribuída a esse momento da vida dos filhos e com os “investimentos” realizados, pelos participantes, na trajetória educacional daqueles.

Essas percepções e posturas dos pais em relação aos jovens corroboram o que fora citado a respeito de pais que, visando à realização dos projetos familiares, investem em seus filhos, de modo que estes adquiram o chamado “capital escolar” (ROMANELLI, 2003) sendo, naquele momento para os participantes do presente estudo, representado, principalmente, pelo ingresso dos filhos no Ensino Superior. A investigação realizada por Silva (1996) contribui com essa discussão ao salientar que os investimentos que os pais fazem em seus filhos, tendo em conta o projeto familiar, visando à aquisição de conhecimentos, diplomas e títulos, podem ser compreendidos como estratégias significativas, conscientes e/ou inconscientes, para manterem, ou ainda, melhorarem a posição social da família. É comum, segundo a autora, nas camadas médias, condutas de pais de jovens do Ensino Médio que se esforçam para pagar colégios considerados mais “fortes” ou cursinhos pré-vestibulares, não permitindo que os filhos trabalhem, de modo que tal responsabilidade não os atrapalhe em seus estudos. Silva

(1996) salientou que para esses pais, o estudo era entendido como “ponte” para o ingresso no mercado de trabalho. A autora assinala ainda, que quando “o jovem não corresponde às expectativas dos pais, não atingindo uma boa performance escolar, optando por profissões que não garantem os privilégios esperados, as pressões e cobranças familiares tendem a aumentar consideravelmente” (SILVA, 1996, p.164). Com relação às classes mais altas, a autora observou que a postura dos pais não se prendia tanto aos resultados escolares imediatos por parte dos filhos, mas sim à aquisição e ao aprimoramento pessoal que a educação escolar poderia oferecer.

Considera-se, desse modo, que esses dois tipos de posicionamento dos pais, mencionados pela pesquisa de Silva (1996), foram observados no presente estudo, no que diz respeito à importância atribuída à formação educacional dos filhos e aos investimentos dos pais nesse sentido. Tendo em conta que a maior parte dos participantes do estudo eram mulheres (68,2%), conforme mostrou a Tabela 2; e que 50% tinham Ensino Superior completo (Tabela 4), relaciona-se com o que salientaram Fiamengue e Whitaker (2003) a respeito do “peso” do nível de instrução da mãe, como sendo o fator que exerce maior influência na formação do chamado *capital cultural* por parte de seus filhos. As autoras, inclusive, observaram correlações significativas entre a profissionalização da mãe e as escolhas de mais prestígio pelos jovens (FIAMENGUE; WHITAKER, 2003). Por outro lado, também se identificou, na presente investigação, que os pais, que não tinham formação de nível Superior, almejavam um futuro diferente para os filhos, investindo para que eles ingressassem em uma faculdade ou universidade, assim como se observou na comunicação de uma participante, em sessão grupal: “*O que eu quero é que você estude. Eu e seu pai não fizemos faculdade. Demos essa oportunidade a você [...]*”.

Em contrapartida, questiona-se se os filhos dos participantes também apresentavam o anseio de ingressar no Ensino Superior, realizando um curso universitário, ou se, em muitos

casos, o jovem apenas se sujeitava à demanda dos pais e, mais amplamente, à ideologia dominante que prega que aquele que possui títulos e diplomas acadêmicos tem maiores garantias de um futuro promissor e confortável na sociedade vigente. Considera-se atual e pertinente a reflexão crítica de Bohoslavsky (1983a), a respeito do homem aceitar a equação proposta pela sociedade: o “ter-possuir”, deixando de lado o “conhecer é poder”. Assim, na perspectiva do autor, o sujeito:

“[...] sentirá que a atividade profissional que o marca com uma identidade (“ser”) depende da **posse**¹⁷, não tanto de conhecimentos numa determinada área do saber, mas de um título (de propriedade) que se converte em símbolo de um **locus** alcançado na estrutura produtiva e de consumo da sociedade em que vive [...]” (BOHOSLAVSKY, 1983a, p.53).

Observou-se, inclusive, que os próprios participantes aproximaram-se da questão, revelando contradições e conflitos entre o indivíduo e o sistema social no qual está inserido: *“É duro perceber que hoje em dia é mais importante TER do que SER. Pra mim, “se encontrar” mesmo, é se libertar dessa cobrança [...] Vou fazer isso porque nasci para isso, porque quero e desejo e não por cobrança lá de fora [...]”*. Declararam, entretanto, em vários momentos das sessões grupais, que o homem contemporâneo tem se percebido sem saída, sem escolha: *“[...] Hoje em dia tem que ter o diploma da faculdade, tem que ter um MBA [...]”*. E, ainda, em resposta no Questionário de Pais, antes do processo de intervenção: *“[...] Que ele faça o que gosta e tentar fazer o melhor para ser um dos melhores, pois nesse mundo competitivo, é preciso ter este diferencial.”*

Identificou-se, assim, que a formação educacional dos filhos, como era o esperado, configurava-se muito importante para esses pais. Tratava-se de expectativas por uma formação que fosse qualificada, diferenciada e competitiva.

¹⁷ Grifo realizado pelo autor.

4.4.2 Expectativas em relação ao futuro dos filhos

A grande importância que os participantes conferiam ao processo da escolha profissional dos filhos pode ainda ser constatada por meio das expectativas que apresentavam para o futuro de seus adolescentes, sendo mais mencionadas as que se referiam aos filhos terem *satisfação/realização*¹⁸, como por exemplo, realização pessoal e profissional, felicidade, prazer e amor pela profissão, sucesso profissional, reconhecimento de seu trabalho pelos outros.

Observaram-se também expectativas com relação à *escolha profissional*, representada principalmente pelo desejo de que os filhos tomassem uma decisão “correta”. Identificaram-se, também, expectativas de que os mesmos *ingressassem em uma faculdade/universidade* (ou seja, obtivessem aprovação no vestibular), havendo até quem mencionasse a expectativa do jovem ingressar em faculdade pública e/ou bem conceituada. Contudo, considera-se que, ainda que implicitamente, todos os participantes, como já apontado, almejavam a educação de Nível Superior para seus filhos. Salienta-se, no entanto, que a maioria dos pais não declarou explicitamente a preocupação de que os adolescentes obtivessem aprovação no vestibular, sendo que alguns chegaram a denunciar as cobranças e a pressão das escolas particulares, sobre os alunos, pelo êxito no exame: “[...]. *Esses cursinhos só querem saber do resultado do vestibular. Eles não estão preocupados com seu filho. Para eles, importa a porcentagem de aprovados no exame*”.

No que diz respeito à questão da aprovação no vestibular, identificou-se que, apesar dos participantes terem revelado percepções sobre os filhos se sentirem cobrados, os pais ao serem indagados no questionário, consideraram que o *medo do vestibular* tinha influência mediana na escolha profissional de seus filhos sendo que, após a intervenção, identificaram

¹⁸ Optou-se por manter em itálico as “categorias de expectativas” identificadas nas respostas dos pais referentes às questões abertas do Questionário de Pais.

que esse medo teria uma influência ainda menor sobre os jovens. No entanto, considera-se que o vestibular além de ter um significado simbólico, representando um “ritual de passagem” (MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004; WHITAKER; ONOFRE, 2006) é extremamente ansiogênico para muitos adolescentes. Assim como salientou Levenfus (2004c), o vestibular tem, cada vez mais, se mostrado como uma barreira de ingresso à universidade, sendo que, conforme analisou Soares (2002), além da ansiedade muito elevada, o mesmo pode gerar grande estresse e até, em alguns casos, depressão no jovem, um ano antes da prova. A referida autora alertou ainda que muitos adolescentes, por não obterem a aprovação tão desejada, freqüentemente sentem-se fracassados, sobretudo por não corresponderem às expectativas dos pais, parentes, amigos e até de professores (SOARES, 2002). Identifica-se, até, que essa situação leva muitos jovens a escolherem o curso universitário tendo em conta a relação candidato/vaga, o que foi mencionado como uma das preocupações que uma participante revelou em relação à escolha da filha.

Dados obtidos pela pesquisa de Almeida (2003) com jovens que realizaram o processo de Orientação Vocacional/Profissional no SOP nos anos de 1994 a 2000, identificou que o tema “O medo do vestibular” era considerado pelos adolescentes um assunto de grande importância de ser abordado nos grupos de OVP, em virtude da ansiedade e dos conflitos que o mesmo causava no processo da escolha da carreira (ALMEIDA, 2003; ALMEIDA; MELO-SILVA, 2006). Entretanto, na presente investigação, considera-se que os pais, nas respostas do questionário, não admitiram o “peso” que o vestibular tinha na vida de seus filhos, naquele momento. Ao longo das sessões grupais, no entanto, à medida que alguns membros expuseram idéias e posicionamentos junto aos filhos, o grupo pode entrar em contato com expectativas que vários participantes mantinham acerca da aprovação dos filhos no exame e com cobranças explícitas e, na maioria das vezes, inconscientes, que muitos exerciam junto aos adolescentes. O aparecimento de tais idéias e posturas possibilitou ao grupo, por meio das

divergências entre os integrantes, questionar-se quanto às implicações dessas cobranças junto aos filhos, no que dizia respeito à aprovação no vestibular: “*Mas então, isso já não é uma cobrança sua?*”; “*O fato do seu filho não querer estudar, será que não é de tanta cobrança? Minha filha fala: ‘Pelo amor de Deus, mãe, dá um tempo pra mim!’.* Gente, vocês acham certo essa cobrança?[...]. Ela pediu esse tempo para mim: ‘Mãe, puxa, é a minha despedida’”.

Ainda no que diz respeito às expectativas, houve também algumas referências às expectativas dos pais de que os filhos tivessem *retorno e estabilidade financeira* em seu futuro profissional, revelando a preocupação de que os jovens, considerando as condições do mercado de trabalho na contemporaneidade, realizassem escolhas profissionais que lhes assegurassem uma independência financeira futura e, ao mesmo tempo, possibilitassem a manutenção ou melhora da posição social familiar. Essas expectativas mantiveram-se implícitas, principalmente, durante as sessões grupais, quando os pais refletiram sobre a influência do *mercado de trabalho* na escolha da profissão. Tal assunto, inclusive, gerou certa ansiedade nos participantes quando discutiram entre si sobre as elevadas demandas do mundo do trabalho na atualidade: “*A competitividade hoje é a maior cobrança [...]*” ; “*Eu acho que o desafio está colocado na sociedade de hoje em dia, e isso é assustador, angustiante pra eles [...]*”. O que se pode observar foi que o grupo de pais alterou sua opinião após a intervenção grupal, passando a atribuir, em resposta no questionário, uma influência mais mediana dessa variável (*mercado de trabalho*) na escolha profissional de seus filhos. Infere-se, por meio desses dados, que os participantes, ao discutirem em grupo sobre esse assunto, passaram a identificar que os filhos não consideravam tanto a realidade do mundo do trabalho, assim como haviam respondido antes da intervenção grupal. Essa questão também foi tratada por Almeida (2003) no estudo cujos resultados mostraram que os jovens (anos após terem concluído o processo de OVP) avaliaram como de grande importância a abordagem do tema

“Mercado de trabalho”, uma vez que percebiam a relevância do assunto e, até, identificavam que na fase da escolha profissional costumavam postergar a busca de informações sobre o mercado das profissões, em virtude da dificuldade em se projetarem tão à frente no futuro. Consideraram que, na época do atendimento, estavam centrados apenas em questões que lhes pareciam mais urgentes e imediatas, como escolher uma profissão e passar no vestibular (ALMEIDA, 2003; ALMEIDA; MELO-SILVA, 2006).

Desse modo, no presente estudo, os pais, nas discussões durante o processo grupal, refletiram acerca dos filhos ainda não se preocuparem, ao escolher a profissão, com questões consideradas “a longo prazo”, por exemplo, o mercado de trabalho e o retorno financeiro. Contudo, identifica-se que os participantes conferiam sim grande importância ao tema, uma vez que tanto nas respostas abertas do questionário, quanto em sessões grupais, revelaram preocupações no que dizia respeito às competências e exigências do mercado profissional contemporâneo, e o quanto consideravam, muitas vezes, que os filhos mantinham visões idealizadas e romantizadas.

Cabe, entretanto, questionar se os participantes instigavam seus filhos com diálogos, ou mesmo, em buscas vocacionais exploratórias, de modo que eles refletissem sobre essas questões. Considera-se, inclusive, que esse futuro no qual esperam que o jovem se projete, revela-se cada vez mais imprevisível em virtude das aceleradas mudanças do modo de produção capitalista em avançado nível tecnológico. A esse respeito, diversos autores sinalizavam profundas mudanças desde as décadas de 1980 e 1990. Bauman (1998, p.50) já afirmava que os empregos “vitalícios já não existem. [...]. Sem estes, há pouco espaço para uma vida vivida como projeto, para os planejamentos de longo prazo e esperanças de longo alcance”. Desse modo, mais do que nunca, tem se mostrado necessário que o jovem possa conversar e refletir sobre tal situação, sobretudo com seus pais, a fim de ser acolhido em suas angústias frente a esse futuro tão inseguro. Todavia, há de se considerar ainda, como alertara

Levy (2006), que muitos pais da atualidade têm se revelado extremamente confusos e perdidos quanto aos seus papéis junto aos filhos e com dificuldades de estabelecerem os limites entre as gerações. Muitas vezes, salientou o autor, os próprios genitores compartilham com seus filhos adolescentes o mesmo sentimento de incerteza, desamparo e impotência frente ao futuro.

Retomando a respeito das expectativas que os participantes do estudo revelaram, de modo geral, em relação ao futuro dos filhos, considera-se que correspondiam a um “retorno” esperado por esses pais, em virtude da influência, do envolvimento e do investimento, no exercício dos papéis de pai/mãe, no desenvolvimento de seus filhos, tendo em conta o que se poderia denominar como projeto familiar.

Os participantes, ao declararem essas expectativas e anseios, também revelaram percepções e crenças a respeito do que esperam que uma carreira profissional proporcione ao indivíduo. Em 1910, Freud (2006b) no que se refere ao que a vocação pode oferecer ao homem, já havia se referido à situação como a oportunidade do sujeito combinar, de forma satisfatória, tanto o *princípio do prazer* quanto o de *princípio de realidade*¹⁹, e sob a aprovação da sociedade. A respeito de como Freud concebia o trabalho, Pichon-Rivière e Quiroga (1998, p. 14), em *Psicologia da vida cotidiana*, analisam:

O homem, por meio do trabalho, cumpre funções essenciais de equilíbrio para sua personalidade, por intermédio de um tipo de realização que lhe garante uma firme articulação com a realidade e com o grupo humano a que pertence. Em suma, o trabalho reforça os vínculos entre a realidade e o indivíduo, e faz deste uma pessoa situada e criadora.

Entretanto, na presente investigação, pode-se observar várias comunicações de participantes que expressaram expectativas muito idealizadas em relação ao que uma carreira

¹⁹ Expressões introduzidas por Freud, em 1911, que designam princípios que regem o funcionamento psíquico do sujeito. O *princípio do prazer* objetiva proporcionar o prazer e evitar o desprazer sem limites e entraves. Já o *princípio de realidade*, modifica o primeiro impondo-lhe restrições necessárias à adaptação à vida em sociedade (ROUDINESNO; PLON, 1998).

profissional poderia oferecer em termos de satisfação ao sujeito. Houve referências à possibilidade da profissão proporcionar um “estado de completude” ou realização plena nas várias esferas da vida do indivíduo, incluindo, menções a sentimentos de felicidade, prazer, amor, como também, a conquista do mercado de trabalho, ser um profissional competente, de sucesso, ter destaque em relação aos outros profissionais, reconhecimento público e retorno ou estabilidade financeira. Assim, tendo por base o referencial operativo de Enrique Pichon-Rivière e considerando os processos dialéticos nos quais o sujeito está implicado, identificou-se, nesses discursos dos participantes, a presença de apenas um dos pólos do par contraditório: sonho (prazer) *versus* realidade.

Observou-se, então, que as aspirações e expectativas em relação ao futuro dos filhos foram reveladas, pelos participantes, das mais diferentes maneiras, ao longo de todas as sessões grupais e por meio das respostas do questionário, antes e após a intervenção grupal. Segundo Pichon-Rivière (1998a, 1998b), todo conteúdo manifesto em uma comunicação (constituindo-se como a situação explícita) prevê a existência de um conteúdo latente que é oculto, muitas vezes, até mesmo às percepções do próprio emissor da mensagem (configurando-se como a situação implícita). Considera-se, então, que o discurso implícito sinalizava um desejo dos participantes de que seus filhos, atuando como depositários das expectativas e necessidades desses pais, possibilitassem futuras realizações e grande satisfação a todo o grupo familiar, incluindo, aos próprios participantes.

A respeito dos projetos que os pais possuem para o futuro profissional de seus filhos, Soares-Lucchiari (2004b) referiu-se que os pais mantêm um filho imaginário internalizado, o qual oferecem de modelo ao filho real, de forma que o mesmo atenda a esta necessidade. Reflete-se assim, no presente estudo, que as expectativas dos participantes também se relacionassem com demandas e necessidades não realizadas ou parcialmente atendidas por eles como, por exemplo, o fato de alguns pais não terem realizado ou concluído o Ensino

Superior e que esperavam do filho o ingresso em uma faculdade; e, ainda, o exemplo de pais que apresentaram dificuldade para escolher a profissão ou não se sentiam realizados com a mesma e, assim, desejavam para os filhos a escolha “certa” da carreira.

Tais demandas dos participantes também foram observadas quando, nas sessões do processo grupal, conversaram entre si sobre projetos de futuro que possuíam na juventude (em termos vocacionais), momento em que compararam sua própria adolescência com a da geração dos filhos. Nessas ocasiões, os pais apontaram dificuldades e limitações que enfrentaram em sua adolescência, como a carência na opção de carreiras, falta de liberdade para escolherem a profissão, escassez de informações, necessidade de tornarem-se independentes financeiramente dos pais, necessidade de trabalharem para custear os estudos, entre outros. E compararam com as oportunidades que a geração dos filhos tinha: a variedade de cursos superiores da atualidade, a “liberdade” de escolha, o suporte afetivo e financeiro que os pais lhes ofereciam, a não necessidade de trabalharem, entre outras “facilidades”, como denominaram os participantes.

Em contrapartida, o avanço da reflexão em grupo, possibilitou que repensassem as problemáticas e cobranças atuais em relação à geração dos filhos, tais como, o individualismo, a extremada competitividade do mercado de trabalho, as exigências quanto à qualificação profissional, o excesso de opção causando angústia nos momentos de escolha, a cobrança da escola, entre outros. Por fim, o grupo aproximou-se, não sem dificuldade, das próprias cobranças que exercia junto aos jovens, e do quanto esperava que eles correspondessem a tais expectativas. Identifica-se que, na vivência grupal, o confronto com o posicionamento de participantes que revelavam uma visão mais realística sobre o processo da escolha profissional e, mesmo, sobre a realidade contemporânea, proporcionou ao grupo, reflexões sobre a real dificuldade de se conciliar o prazer e o amor à profissão com a realização profissional (em termos de mercado de trabalho, estabilidade e retorno financeiro):

“[...] nós somos sim extremamente cobradores. [...] Meu filho está fazendo O.P, e eu estou aqui. Sei o lado difícil, que é a vida. Quantos de nós fazemos algo que não foi o que estudou? No fundo, o risco é grande sim: conciliar a realização profissional com o prazer. A gente sabe que talvez isso não seja possível. [...] Já passei por isso como filha e, agora, me vejo aqui, fazendo o papel dos meus pais. Estamos aqui também que nem criança. A gente está numa enrascada também! [...] me dei conta, hoje aqui, do quanto eu cobro dele”. Desse modo, como esperar dos filhos a resolução de tal “desafio”, se os próprios participantes, a despeito de serem adultos (muitos com vasta experiência profissional) enfrentavam em seu cotidiano questionamentos e conflitos acerca de suas escolhas vocacionais?

Bohoslavsky (1983a) problematiza acerca de sentimentos que, com o tempo, muitos experimentam em relação à atividade profissional que exercem, remetendo-se a uma “perda de sentido” ou “ruptura”, envolvendo sentimentos de frustração quanto a uma não-realização: “Alguém que, subitamente, percebe a substituição da onipotência narcisista (“quero fazer um curso para realizar-me como ser humano total.”), [...]” (BOHOSLAVSKY, 1983a, p.49). Segundo o autor, a vivência da alienação, muitas vezes experimentada, opõe-se à criatividade e à sensação de realização profissional. No entanto, o mesmo considera que o que existia anteriormente a essa vivência, em realidade, era justamente uma espécie de pseudo-sentido, um autodesconhecimento da realidade, ou seja, a ilusão de uma identidade profissional sem conflitos, sem contradições.

4.4.3 Preocupação com a indecisão profissional dos filhos

No que concerne às expectativas que grande parte dos pais expressou com *relação à escolha profissional dos filhos* (mais especificamente, a tomada de decisão) revelando uma preocupação com a indecisão profissional dos mesmos, considera-se que se relacionavam à

possibilidade de risco que esta situação de indecisão poderia oferecer aos planos dos participantes para o futuro de seus filhos e mais amplamente para o projeto familiar. Entretanto, cumpre destacar que em nenhum momento (tanto no questionário, como nas sessões grupais) os pais explicitaram expectativas de que os filhos escolhessem um determinado curso ou profissão específica, havendo, no entanto, situações no “acontecer grupal” em que deixaram transparecer preconceitos e estereótipos que mantinham acerca de certas carreiras e cursos superiores oferecidos por faculdades particulares: “[...] *as federais são as melhores [...] a grande maioria das públicas são melhores também por causa dos alunos [...] o professor pode puxar mais. [...] Na particular, vai puxar o que, não sai nada!*”.

Na situação explícita, houve quem declarasse o desejo de que os filhos escolhessem a carreira “certa”, no entanto, acredita-se que, implicitamente, a idéia dos participantes sobre a profissão “certa” teria compatibilidades com percepções valorativas que possuíam em relação às carreiras (BOHOSLAVSKY, 2007), incluindo crenças e mitos acerca do que estas poderiam oferecer futuramente: “[...] *achar a profissão correta que fará com que ela tenha amor na profissão e seja feliz [...]. Isso a aliviaria.*”; “[...] *falo todo dia pro meu filho: ‘Você tem que se encontrar!’*”.

Considera-se, ainda, que o fato dos participantes não explicitarem a seus filhos, o que pensavam sobre uma profissão, um curso universitário específico, ou mesmo, sobre expectativas que possuíam para o futuro dos jovens, corresponde ao que apontara Whitaker (1997), a respeito dos pais, na atualidade, estarem cada vez mais alertados por um tipo de “psicologismo”, disseminado entre as camadas da sociedade, que os orienta a não pressionar e a não influenciar diretamente seus filhos quanto à escolha profissional. Contudo, pode-se notar que, apesar de muitos participantes enfatizarem que não cobravam dos filhos uma escolha, os mesmos pais demonstraram clara preocupação, ansiedade e incômodo ao perceberem posturas dos adolescentes conotando confusão, inconstância, dúvida,

instabilidade, insegurança, entre outros sentimentos que denunciavam conflitos vocacionais, assim como se observou em respostas no questionário: “ [...] *ele tem muita dúvida, incerteza, nada definido ainda, a cada momento fala em várias profissões.* E, ao longo das sessões: “[...] *E quando não eles não sabem mesmo o que querem? Estou preocupado, a minha filha não sabe ainda [...] Eu também não sabia. Fui fazer Direito, porque meu pai era advogado.*” ; “[...] *ouvi ela falando pra mãe que ela ainda não sabe o que quer [...] ainda não consegue se identificar com algum talento [...] eu também não tive assim uma escolha, uma preferência [...] acho que ela está na mesma situação que eu tava [...].*” ; “[...] *a coisa ainda está meio assim: escolhe e desanima, escolhe e desanima.*”.

Considera-se, entretanto, que o adolescente em processo de escolha profissional, encontra-se em fase de descobrir “quem é” e, assim, faz parte do processo de escolha, o ato de “colocar-se” em várias carreiras, de “experimentar ser” as várias opções que possui e que, aliás, atualmente, não são poucas. Sobre esta questão, observa-se o quanto o desdobramento das profissões em tantas outras, culminando no surgimento de novos cursos universitários, novas carreiras profissionais, ampliando, desse modo, as possibilidades de escolha do jovem, muitas vezes, têm contribuído para dificultar a tomada de decisão. O processo da escolha vocacional, para Bohoslavsky (2007), configura-se com uma das tarefas de ajustamento do adolescente às áreas do estudo e do trabalho, de modo a atingir sua *identidade ocupacional*, não sendo esta pré-definida, ao contrário, caracteriza-se, na opinião do autor, como “um momento de um processo submetido às mesmas leis e dificuldades daquele que conduz à conquista da identidade pessoal” (BOHOSLAVSKY, 2007, p.30). Cabe, no entanto, refletir como se mostra cada vez mais complexo, ao jovem contemporâneo, resolver sua tarefa de “ajustamento” e atingir a chamada *identidade ocupacional*, uma vez que as áreas do estudo e do mundo do trabalho se revelam em acelerado processo de transformação. Aliás, a própria conquista da identidade pessoal tem sofrido sérias complicações, afinal, modelos de

identificação que outrora eram oferecidos aos jovens vêm se alterando significativamente. A família, por exemplo, que sempre fora um dos grandes pilares processo de construção da subjetividade do sujeito, encontra-se em profundo estado de mudança, sendo que, segundo a relação dialética que a mesma estabelece com o meio e com o momento histórico, a família vem se transformando e, ao mesmo tempo, contribui para a transformação de uma série de paradigmas, incluindo, valores, ideais, princípios éticos e morais, a relação que o homem estabelece com o outro e com o futuro, entre outros.

Diante desse cenário efêmero e instável, de mudanças bruscas e rupturas, considera-se, na presente investigação, que a situação implícita ao discurso manifesto dos participantes (nos registros feitos no questionário e, sobretudo, nas sessões grupais) revelasse que, ao se aproximarem das inconstâncias e instabilidades dos filhos em relação à escolha profissional frente a uma realidade de incertezas, sentimentos de angústia remeteram os pais aos seus próprios dilemas, incluindo seus conflitos vocacionais e ocupacionais. Em concordância com esses dados, na perspectiva de Bohoslavsky (2007), faz-se necessário às investigações em Orientação Vocacional com adolescentes compreender além da percepção valorativa que o grupo familiar apresenta com relação às ocupações, também como se mostra a problemática vocacional atual de seus membros, uma vez que esta tem repercussões sobre o jovem, afinal os pais são referências (positiva ou negativa) para os filhos.

No presente estudo, alguns participantes enfrentavam conflitos vocacionais e relataram, nas sessões grupais, situações como: trabalhar em área diferente da qual se graduou; não conclusão do curso superior escolhido na adolescência; realização de mais de um curso universitário, entre outros, sendo os motivos relacionados desde a dificuldade de se administrar os inúmeros fatores de influência que permeiam não só o processo da escolha profissional, mas todo o desenvolvimento vocacional do sujeito, até, o desejo de adequar a escolha profissional às necessidades que foram surgindo ao longo da vida. Observou-se que

os participantes, com dificuldades para lidar com seus conflitos vocacionais, mostravam-se ainda mais preocupados e ansiosos com a indecisão profissional de seus adolescentes. Assim sendo, com base em seus próprios sentimentos e experiências, desejavam para seus filhos algo diferente do que vivenciaram ou ainda vivenciavam, em suas trajetórias profissionais e ocupacionais.

A percepção de alguns pais com relação a um processo da escolha profissional como um momento de grande angústia frente à necessidade de tomar uma decisão adequada à realidade, optando por uma alternativa e deixando de lado tantas outras que não puderam ser escolhidas, fez com que expressassem que esse difícil processo dos filhos (como também para alguns participantes, em suas adolescências) ocorresse uma única vez na vida dos jovens e, ainda, da “melhor” maneira possível, sem haver contato com sentimentos que envolvessem conflitos, dúvidas, incertezas, perdas. Mostrou-se evidente, assim, em várias comunicações o desejo de que os filhos não sofressem no que dizia respeito ao processo da escolha vocacional e/ou com relação ao seu percurso profissional, atingindo, sem grandes dificuldades, as metas planejadas: “[...] *que saiba encontrar o seu caminho para no futuro não se frustrar.*” ; “*Que encontre o mais rápido possível, com menos tropeços o seu rumo profissional*”. Implicitamente, considera-se que os discursos desses pais também revelavam anseios de evitarem suas próprias frustrações, ao perceberem suas expectativas não serem atendidas pelos filhos.

Em correspondência com essa percepção, observaram-se, em várias comunicações, crenças na existência da “profissão correta”, a qual estaria em acordo com todas as necessidades do indivíduo, sem gerar dúvidas ou frustrações, ou a necessidade futura de se refazer a escolha profissional. Tal idéia contribui para reforçar o medo no jovem e, nos próprios pais, da escolha “errada” que, futuramente, poderia levar o filho à grande decepção, ao descobrir não gostar do curso ou não possuir habilidades para a carreira adotada. Esse

medo muito se respalda, conforme analisou Levenfus e Nunes (2002a), na experiência de jovens que abandonaram faculdades, havendo, inclusive, vários estudos (RODRIGUES; RAMOS, 1997; PACHECO et al, 1997, HOTZA; ANDRADE, 2000, AVANCINI, 1998 apud LEVENFUS; NUNES, 2002a; LEHMAN, 2005; LEVENFUS, 2004b; RIBEIRO, 2005) que abordam o tema da evasão universitária. No entanto, há muitas situações em que a escolha realizada, era justamente aquela que oferecia algum sentido ao jovem, em um determinado momento de sua vida. Questiona-se, então, se poderiam ser entendidas como escolhas “erradas” ou se, na verdade, mostravam-se como as escolhas “possíveis”. Os adolescentes, pelo momento de vivenciado, estão em fase de exploração, ensaios, de testarem seus recursos psíquicos e interesses, sendo que, em muitos casos, alguns também acabam por se precipitar em escolher por não tolerarem a dúvida, os conflitos, ou mesmo, a pressão da escola (professores e colegas) e da família. Buscam, assim, aliviar a angústia optando por uma profissão qualquer, são as chamadas “escolhas provisórias”, como apontam Melo-Silva e Jacquemin (2001) e, não necessariamente, tornar-se-ão as “escolhas realizadas”.

Compreende-se que a idéia de “uma única escolha certa” associa-se à concepção de que as necessidades do ser humano não devam se transformar ao longo do tempo, ou mesmo, que o sujeito não irá se deparar com dilemas e, assim, que suas escolhas não serão repensadas, muito menos, refeitas, como se tal decisão representasse um retrocesso. Reflete-se, também, que o anseio em se realizar um processo de escolha profissional sem dúvidas ou conflitos, associa-se, também, a dificuldades do sujeito contemporâneo que tem tolerado, cada vez menos, o desprazer e o contato genuíno com sua própria subjetividade e com as contradições da vida cotidiana. A realidade tal qual se apresenta na atualidade, ou seja, a superficialidade e fugacidade das experiências humanas com o outro e consigo mesmo, a quase inexistência de espaços de privacidade e intimidade e a intolerância à frustração, reforçada pela possibilidade de satisfação quase imediata dos desejos, fazem com que o indivíduo se esquive de refletir

sobre “quem é”. O desconhecimento do homem sobre o outro e sobre si mesmo, alimenta seu não-pensar e o não-sentir, afinal pensar e sentir implicam em trabalho e, muitas vezes, em frustração e dor. Paradoxalmente, o modo como o sujeito tem estabelecido suas relações muito tem contribuído para suas sensações de vazio, solidão e desamparo.

Em contrapartida, observou-se que, nas sessões em grupo, o confronto com posicionamentos diferentes, isto é, pais que, em seu percurso profissional, realizaram mudanças conforme a necessidade, refazendo suas escolhas e que se sentiam mais satisfeitos, trouxe em pauta que nada era tão definitivo e “certo”, nem mesmo, as escolhas profissionais: *“A profissão não é coisa definitiva. Eu mesma não exerço a faculdade que fiz, mas ela abriu minha cabeça! [...] Na profissão, a gente se recria [...] na vida é tudo um aprendizado”*. A respeito dos movimentos de que o homem sente necessidade e pode realizar, ao longo de sua vida, aproveita-se a contribuição de Pichon-Rivière (1998b, p.79):

A concepção dialética nos coloca o fato de que não existe nenhuma contradição entre uma situação fechada e uma situação aberta, uma vez que se trata de situações transitoriamente fechadas e transitoriamente abertas, ou sucessivamente fechadas e abertas, criando-se situações em espiral.

O grupo deparou-se, então, com novos vértices a respeito das possibilidades de mudanças no trajeto profissional e, até, sobre a necessidade do sujeito recriar-se dentro das profissões e que, com os filhos, não seria diferente. Aliás, não caberia aos pais impedir que os filhos se deparassem com dúvidas e conflitos (os quais fazem parte do desenvolvimento vocacional) na tentativa de evitar que sofressem: *“[...] Eu não segui minha carreira, mas foi de uma riqueza. Ela (filha) vai dar um jeito de sobreviver sim. [...] Os pais têm que dar força para eles, claro. Mas nós não vamos isentá-los de sofrer. Isso eu já tenho certeza! [...] Tenho também que mostrar pra ela que a vida não é cor-de-rosa”*.

Observou-se, desse modo, que ao conversarem sobre a indecisão profissional dos filhos e explicitarem o receio de que estes “errassem” em suas decisões, os pais-participantes refletiram sobre suas próprias escolhas e trajetórias profissionais/ocupacionais, bem como conflitos com os quais se deparavam ao longo de seus percursos. Em tais situações de reflexão na interação grupal, observou-se no grupo a presença dos dois pólos do par contraditório: sentir prazer *versus* sofrer.

4.4.4 Os pais e o processo de amadurecimento dos filhos

O desejo, que muitos participantes revelaram, de que seus filhos não sofressem quanto ao processo da escolha profissional, denunciou que muitos desconfiavam dos recursos psíquicos adquiridos pelos adolescentes para suportarem a situação da dúvida vocacional e para lidarem com conflitos pertinentes ao processo da escolha, e até, para aprenderem com tal situação. Interessante constatar que essa idéia revelou incoerência com a percepção que os participantes possuíam (como mencionaram em respostas às questões fechadas do questionário) ao apontarem que *aceitavam as escolhas* dos filhos e, ainda, que *demonstravam confiança na capacidade* destes tomarem decisões. Cumpre assinalar, nesse momento, que a contradição entre o discurso racional e o não-racional tornou-se evidente em função da utilização de estratégias combinadas para a obtenção de dados: o Questionário de Pais e o processo de intervenção grupal, por meio do Grupo Operativo. A primeira estratégia possibilitou uma sistematização dos resultados, já a segunda permitiu um aprofundamento e o reconhecimento dialético de tais contradições.

Observou-se, ainda, que, paradoxalmente, alguns pais explicitaram a expectativa de que o jovem possuísse maturidade desenvolvida para tomar decisões, refletindo criticamente sobre a realidade, com segurança e sem enganos, parecendo desconsiderar a necessidade de se

percorrer um caminho de vivências (incluindo o contato com conflitos) que conduzisse a essa maturidade. A preocupação com a questão da imaturidade dos filhos, também foi observada quando os participantes revelaram (em resposta no questionário) a grande importância que atribuíam ao fator *nível de maturidade* influenciando o processo da escolha profissional do jovem e, também, ao mencionarem que *as atitudes tomadas pelos filhos para resolver problemas* também influenciavam a escolha profissional. Em sessão grupal e nas respostas às questões abertas do questionário, determinados pais reclamaram da imaturidade dos adolescentes para assumirem responsabilidades do mundo adulto (apesar de terem atribuído que o *medo das responsabilidades do mundo adulto* teria uma influência apenas mediana no processo de escolha profissional dos mesmos) sendo que, ao mesmo tempo, ressaltaram o fato dos filhos serem jovens demais para viverem situações como a escolha da profissão e, principalmente, a “saída” da casa dos pais, justificando o fato de serem situações muito difíceis e complexas para a idade: “*Achamos que eles são novos demais para decidir e precisam se conhecer mais.*”; “*30% se arrepende e quer voltar pra casa dos pais. Acho que é muito cedo.*”.

Observaram-se, no entanto, vários discursos denunciando a ambigüidade de posicionamento dos próprios participantes, uma vez que reforçavam a imaturidade dos filhos, duvidando das condições dos mesmos para resolverem problemas (incluindo situações como acordar sozinho, pegar ônibus, fazer escolhas, realizar buscas de exploração vocacional...) fazendo, muitas vezes, tarefas no lugar destes, mantendo-se, assim, no controle da situação e impedindo que os mesmos aprendessem com as situações novas e se responsabilizassem por suas atividades, seus compromissos e pelo futuro. Reporta-se à idéia apoiada pelos participantes, surgida no início do processo grupal, de que a “*única responsabilidade*” do jovem seria, apenas, o estudo. Desse modo, ficou evidente o quanto, muitas vezes, os próprios pais alimentavam a imaturidade dos filhos, contribuindo para postergar a assunção de

responsabilidades e a entrada destes no universo adulto, algo que, inclusive, tem sido observado na atualidade: o alongamento da adolescência comodamente justificado pela falta de maturidade do jovem: “[...] *eu pergunto se ela tem que acordar cedo no outro dia, e eu tenho que ir lá e acordar ela.*”. Reflete-se, inclusive, que a percepção dos participantes sobre os filhos não temerem as *responsabilidades do mundo adulto*, possivelmente se relacionasse com o fato de que estes ainda se mantinham distantes desse universo, mesmo porque muitos pais demonstraram que pouco instigavam seus filhos a assumirem responsabilidades adultas.

Nos movimentos do acontecer grupal, foi possível observar as fantasias onipotentes dos participantes que, muitas vezes, ansiavam controlar o processo de crescimento e amadurecimento de seus filhos. Winnicott (1996, p.125), a respeito desse processo na adolescência, contribui com simplicidade e muita adequação:

Estou afirmando que o adolescente é imaturo. A imaturidade é um elemento essencial da saúde durante a adolescência. Só existe uma cura para a imaturidade – a passagem do tempo e o crescimento para a maturidade, que o tempo pode trazer. No fim, essas duas coisas resultam na emergência de uma pessoa adulta. Não se pode apressar nem retardar esse processo [...].

A percepção que muitos pais tinham sobre a incipiência dos recursos psíquicos de seus filhos para a realização da escolha profissional, também se revelou pela espera dos participantes por um processo de Orientação Vocacional/Profissional (OVP) para os filhos adolescentes, que atuasse diretamente na resolução (pelo jovem) dos conflitos relativos à questão da indecisão profissional. No entanto, o desejo por um processo de OVP que apresentasse soluções prontas, esbarrou na proposta de modelo de intervenção clínica do SOP, que atua de forma a favorecer, no adolescente, um protagonismo (confiando em seus próprios meios para ser ativo e autônomo) em relação à construção de seu projeto profissional, a começar pela compreensão dos fatores que influenciam o desenvolvimento vocacional e a escolha da profissão. A modalidade clínica proposta por Bohoslavsky (2007) na qual se baseia

o modelo de atendimento realizado pelo SOP, salienta que o adolescente pode tomar uma decisão se atuar na busca de elaborar conflitos e ansiedades que experimenta em relação ao futuro, e assim o atendimento funciona como uma “colaboração não diretiva com o cliente, no sentido de restituir-lhe uma identidade e/ou promover o estabelecimento de uma imagem não conflitiva de sua identidade profissional”. (BOHOSLAVSKY, 2007, p.5).

Interessante observar, na presente investigação, que por meio da abordagem do eixo **Fatores que influenciam a escolha da profissão**, pode-se identificar que os participantes, antes de realizarem a intervenção, consideravam que o aspecto que exercia maior peso em relação ao processo da escolha era o que se referia às características dos filhos que envolviam *aptidão, interesses e valores*. Entretanto, com o processo de intervenção em grupo, os pais tiveram a possibilidade de refletir e discutir acerca de outras variáveis que também interferiam em maior ou menor grau na escolha profissional. Normalmente, o que se identifica é que os adolescentes também consideram que a variável, que envolve a *aptidão, interesses e valores*, é a mais importante para a sua decisão, sendo que, a maioria possui crença de ser autônomo e livre de influências de outros fatores para realizarem suas escolhas, conforme estudo realizado no SOP sobre a avaliação de processos e resultados na perspectiva dos usuários do serviço (ALMEIDA, 2003; ALMEIDA; MELO-SILVA, 2006). Dados do referido estudo revelaram que apenas quando os “temas de influência na escolha profissional” eram abordados nas sessões de OVP, é que os jovens refletiam sobre a complexidade de seu processo de escolha (ALMEIDA, 2003; ALMEIDA; MELO-SILVA, 2006). Essa percepção de que somente as características do sujeito são importantes na escolha profissional, faz com que o adolescente, ao buscar o auxílio do processo de OVP espere por “testes vocacionais” que lhe indiquem seus atributos e em qual profissão seu “perfil” se encaixa (o “para quê eu sirvo?”). Essa crença também foi observada na maioria dos pais que buscaram a OVP para seus filhos, conforme revelou outro estudo realizado no SOP (LOOSLI, 2003) e se ajusta à expectativa de

um processo que resolva, pelo jovem, a sua indecisão vocacional, proporcionando-lhe respostas certas sobre “quem ele é”, mantendo-o alheio e não responsável por seu próprio projeto de futuro. Tal idéia corresponde ao entendimento do termo “vocação” como “[...] algo definido, um “chamado” ou destino preestabelecido, que se deve descobrir” (BOHOSLAVSKY, 2007, p.30).

Assim sendo, no que se refere à expectativa inicial, revelada pelos pais-participantes desse estudo, por um processo diretivo que solucionasse pelos filhos os problemas vocacionais deles, considera-se que tal expectativa correspondesse a uma percepção idealizada de um processo de OVP e que se ajusta àquilo que muitos pais e jovens esperam em termos de resultados de atendimento. Sabe-se o quanto essa idealização pode implicar em frustração (em pais e filhos) e, em muitos casos, em pouco ou nenhum envolvimento do jovem em seu processo (incluindo, o abandono do atendimento) ou, mesmo, em uma incompreensão sobre os benefícios do atendimento prestado (ALMEIDA, 2003; ALMEIDA; MELO-SILVA, 2006). Acredita-se, dessa forma, que a preocupação e desapontamento ainda revelados por alguns participantes do presente estudo, nos dados pós-intervenção, a respeito da indecisão profissional dos filhos, associava-se também a um sentimento de frustração frente às expectativas por um processo de OVP que ofereceria garantias de resolução dos conflitos do jovem, algo que possivelmente, na concepção dos participantes, contribuiria para mais um passo na consecução do projeto familiar.

Analogamente, vários participantes demonstraram percepções idealizadas em relação ao Grupo de Orientação de Pais, esperando que este também lhes proporcionasse “soluções práticas e prontas” a respeito de como deveriam agir com seus filhos adolescentes em relação ao processo da escolha da carreira. Depositaram, então, grandes expectativas na figura do coordenador, esperando do mesmo uma conduta diretiva, que satisfizesse suas demandas. Buscaram estabelecer com a coordenação do grupo uma vinculação de dependência, assim

como fora observado, sobretudo, nas sessões iniciais do grupo ou em momentos em que o mesmo percebia-se obstaculizado por um grande impasse, denominada por Pichon-Rivière (1998a), como a situação dilemática. Ao expressarem tais expectativas, atribuíam “um saber” onipotente ao coordenador, o qual imaginavam não possuir enquanto pais (nem como um grupo), percebendo-se sem recursos para lidarem com seus filhos e, até, com seus próprios sentimentos, do modo que fantasiavam ser o ideal. Com a evolução do processo grupal, observou-se, no entanto, que os participantes entraram em contato tanto com a frustração da expectativa depositada na figura do coordenador, como também da idéia de que poderiam aprender, magicamente, a serem “pais-ideais”, ou mesmo, “super-pais” (como chegaram a mencionar): “*é...não existe uma regra [...] não tem um manual gente*”; “*Uma cartilha, né?!!!*”, algo que favoreceu com que se aproximassem do entendimento do Grupo de Orientação de Pais, como um espaço operativo a ser construído, por seus membros, para troca e expressão do pensar e, sobretudo, do sentir. Considera-se, inclusive, que passaram a assumir mais as responsabilidades que cabiam aos seus papéis, enquanto membros de um grupo em operatividade: “*[...] fui atrás de um profissional para ele conversar, mas ele disse que não estava preparado pro encontro. Eu falei: ‘meu filho, a sua decisão não vai cair do céu, não vai ser uma iluminação [...] você vai ter que começar a ter contato com esse universo’. Sabe gente, eu tava pensando, dá trabalho sim pensar, vir aqui, pra eles e pra nós [...] Dá trabalho sim, eu falei pra ele entrar na internet e pesquisar. Agora, eu notei que ele está mais animado porque conversou com um pessoal, sobre uma profissão, através do orkut. É a ferramenta que ele tem, está fuçando do jeito dele, ué? Isso é bom!*”.

A presente investigação compreende que a técnica de Grupo Operativo de Pichon-Rivière mostra-se concordante à perspectiva de Bohoslavsky, uma vez que a proposta operativa atua sobre a necessidade da elaboração das ansiedades e medos básicos, de modo a romper com estereotípias de comportamento dos membros do grupo, bem como a vinculação

de dependência e, assim, possibilitar o enfrentamento do futuro, que emerge do próprio processo grupal. A figura do coordenador, então, cumpre o papel (analogamente ao papel do orientador vocacional, conforme a modalidade clínica de Bohoslavsky) daquele que propicia ferramentas para “o pensar”, abordando os conflitos (obstáculo epistemológico) que emperram a aprendizagem e o crescimento. Atuar operativamente em grupo possibilita, aos membros, assumirem novos papéis, responsabilizando-se pelos mesmos, bem como o progressivo abandono de papéis anteriores e inadequados à nova realidade (PICHON-RIVIÈRE, 1998a). O mesmo processo, em direção a um maior autoconhecimento, autonomia e responsabilidade, espera-se do jovem nos grupos de OVP e, mais amplamente, no desenvolvimento de sua identidade vocacional.

Considera-se, então, que o grupo de participantes, do mesmo modo que procurou, sobretudo nas sessões iniciais (quando se percebia sem recursos para atuar operativamente) estabelecer uma vinculação de dependência com a coordenação, denunciou, em muitos momentos, também o desejo de manter os filhos sob sua proteção, dependência e controle, contribuindo para adiar a entrada do jovem no mundo adulto. Pode-se observar, por meio das comunicações explícitas e implícitas dos participantes, uma grande ambivalência existente na relação que mantinham com os filhos, especificamente no que dizia respeito ao processo da escolha profissional. Assim, ao mesmo tempo em que esses pais desejavam e investiam para que seus filhos escolhessem uma profissão, ingressassem no Ensino Superior (conforme o projeto familiar) revelaram, em contrapartida, um receio de perder o controle sobre os adolescentes, afinal, tais conquistas representariam o desenvolvimento destes em direção à independência em relação aos pais e, conseqüentemente, ao processo de separação pais-filhos. Identifica-se, desse modo, que os participantes mantinham sentimentos conflitantes e posicionamentos ambíguos junto aos seus filhos, no que se refere especificamente ao processo de escolha profissional e, mais amplamente, ao processo de amadurecimento dos mesmos.

4.4.5 Papel dos pais junto aos filhos

Observaram-se, sobretudo antes da intervenção (em respostas do questionário) expectativas declaradas de alguns participantes em *relação ao próprio papel* que exerciam junto aos filhos. Inicialmente, identificou-se uma relação entre tais expectativas e aquelas às quais os pais se referiam quanto ao desejo de que os filhos preservassem *valores e princípios éticos*. Assim, observou-se, nos discursos implícitos dos participantes, a estreita correspondência entre o que os filhos tinham ou deveriam ter como valores e princípios éticos e o que os pais (no desempenho de seu papel) lhes transmitiram, ao longo do processo de seu desenvolvimento. Identificou-se até um receio dos participantes, nas sessões iniciais do grupo, de que aquilo que haviam transmitido durante a vida dos filhos, em termos de valores e princípios éticos, fosse de algum modo “corrompido” no momento em que os jovens entrassem em maior contato com o mundo externo ou quando se afastassem de seus pais. Evidenciou-se a crença em um ambiente externo (espaços de socialização dos quais os pais não fariam parte) ameaçador e que viesse a influenciar negativamente os filhos, os quais eram percebidos como muito jovens, ingênuos, passivos e à mercê de um mundo estranho ao ambiente familiar. Essas fantasias denunciavam o medo de que os jovens adquirissem outros valores, princípios, ou mesmo, condutas que divergissem do que internalizaram, em família, por meio, sobretudo, dos pais: “*Você é pai, fica 17 anos falando [...], aí vem aquele amigo e derruba tudo em cinco minutos [...]*”. É o que Bohoslavsky (2007) denominou como “*identidade negativa*”, ou seja, produto das identificações dos filhos com aspectos recusados pelo grupo familiar.

Pichon-Rivière (1998a, 1998b) abordou o quanto os grupos (incluindo o grupo familiar) temem e resistem ao novo, ao estranho e desconhecido, uma vez que perturba uma ordem já instalada. “As atitudes de resistência às mudanças têm por finalidade destruir as

fontes da ansiedade que toda mudança acarreta. [...] A mudança implica em perda [...]” (PICHON-RIVIÈRE, 1998a, p. 191). Do mesmo modo, os participantes denunciaram em sessão grupal, temerem a perda do controle sobre os valores dos filhos (ansiedade depressiva) e, também, de se perceberem questionados e enfrentados pelos jovens (ansiedade paranóide).

Evidenciaram-se, assim, nas sessões iniciais, vários anúncios de que os filhos eram jovens demais e muito imaturos para saírem da casa dos pais, e que apenas os participantes deveriam saber o momento certo de “abrirem as portas” para os filhos se afastarem, revelando o quanto mantinham idealizações e fantasias onipotentes sobre o papel de pai/mãe que poderiam desempenhar: *“Se ele não sair de casa agora, o que vai ser economizado, vai para ele depois. E também, quase nenhum amigo saiu de Ribeirão. Quando ele terminar, aí eu que vou abrir a porta”*. Assim, foi possível notar inclusive boicotes dos participantes, conluios inconscientes entre os pais e filhos e, até mesmo, acordos explícitos que seduziam o jovem de modo que este permanecesse na casa dos pais, postergando seu processo de independência e retardando a separação com os genitores. Foram observadas várias comunicações sobre: o filho ser imaturo demais para escolher a profissão; justificativas de que não teria condições de se sustentar financeiramente, ou de cuidar e responsabilizar-se por si mesmo; citaram histórias de filhos que se arrependeram e retornaram à casa dos pais; apontaram a violência e os perigos do mundo contemporâneo, entre outros. Ao longo do processo grupal, todavia, em momentos de significativa operatividade, houve participantes que, contribuindo para esclarecer situações que se mantinham implícitas, denunciaram ao grupo que tal postura dos pais funcionava como tentativas de controle sobre os filhos e, que na realidade, escondia a própria dificuldade dos participantes aceitarem que os filhos já teriam condições de agir, muitas vezes, sem ajuda. Identifica-se, inclusive, que a postura de pais que revelaram o desejo de serem encarados como “amigos” dos filhos também correspondesse a estratégias para

evitar possíveis desencontros ou confrontos com os jovens, mantendo a proximidade com os mesmos e, possivelmente, contribuir para adiar a separação.

Resguardando o cuidado de não se adotarem posicionamentos extremos, considera-se pertinente, como contraponto, refletir a respeito do aspecto realístico revelado na preocupação dos participantes em relação aos seus filhos, no que diz respeito à realidade contemporânea. Assim como assinalou Ungar (2004) o ambiente externo torna-se, na atualidade, ameaçador ao adolescente não só porque ele é novo e desconhecido a esse jovem que se percebe em processo de estruturação da identidade, mas sobretudo porque esse ambiente tem se tornado, cada vez mais, concretamente ameaçador e inseguro. No entanto, o que se observa é que a família não tem conseguido manter-se imune às diferentes formas de violência que incidem contra a subjetividade do ser humano, incluindo as formas indiretas, via meios de comunicação. Desse modo, também se julga necessário considerar que até mesmo espaços que outrora ofereciam proteção e continência ao homem, como a família, por exemplo, ultimamente têm se revelado, muitas vezes, inóspitos.

Ainda com relação à expectativa de desempenho de seus papéis, houve também participantes que demonstraram se cobrar excessivamente ao se perceberem afastados do modelo ideal de pai/mãe que mantinham. Denunciaram, em várias situações, os extremos de suas crenças e percepções: ora revelavam o desejo de ser “super-pais”, com condições sobre-humanas de realizarem “tudo” pelos filhos (pressupondo insuficiência de recursos dos mesmos e, inclusive, contribuindo para isto) e de decidir sobre o momento certo para os jovens saírem de casa; ora duvidavam de suas condições para exercerem o papel pai/mãe (real e humano), eximindo-se de responsabilidades, na medida em que se comparavam a um modelo idealizado de tal papel.

Revedo momentos do acontecer grupal e registros no questionário (antes da intervenção), onde se evidenciou que muitos participantes mostravam-se confusos em relação

a seus sentimentos e posicionamentos, sendo possível observar oscilações muito extremadas quanto ao desempenho de seus papéis junto aos filhos, observou-se correspondência com os discursos (identificados por meio da abordagem dos eixos **Comunicação** e **Fatores que influenciam a escolha da profissão**) que denunciavam a dificuldade de dialogar com os jovens sobre o momento que ambos vivenciavam e de se posicionar, com responsabilidade, tendo em conta a influência que exerciam no desenvolvimento vocacional dos filhos.

Cabe apontar, inclusive, que os participantes consideravam os *agentes educativos* com maior influência sobre seus filhos, do que eles próprios, enquanto pais (ou do que *outros familiares*), algo que se pode observar também nas respostas abertas do questionário: “*Eu não me sinto preparada para orientar minha filha na escolha da profissão, por este motivo preferi que ela buscasse esta orientação com pessoas/profissionais capacitados para isto. [...]*” ; “[...] *Estou confiante que o SOP vai lhe ajudar a decidir da melhor maneira.*”. Problematiza-se aqui, a respeito dos reflexos da vida pós-moderna no grupo familiar, ocasionando que pais, desde a pré-escola de suas crianças, deleguem a outros a tarefa de educação e orientação de seus filhos, seja porque muitos trabalham o dia todo, permanecendo pouco tempo em casa; seja porque não se sentem “preparados” para assumir as responsabilidades de exercer tal tarefa, e assim, valem-se do aumento de profissionais cada vez mais especializados e qualificados (psicólogos, pedagogos, professores particulares, orientadores profissionais) para ajudar na capacitação de seus filhos.

Ainda no que diz respeito às influências sobre os filhos, assinala-se que, após a intervenção, os participantes passaram a atribuir (em resposta no questionário) que a interferência de *outros membros da família* (*irmãos, primos, tios, avós*) teria até o mesmo peso da *influência dos pais*, a qual, segundo os participantes, teria influência apenas mediana no processo da escolha profissional. Paradoxalmente, tanto antes quanto após realizarem a intervenção em grupo, um fator considerado de influência importante na escolha profissional,

na percepção dos participantes, se referia às *condições do meio*, envolvendo a *situação econômica, social e educacional da família*. Esse assunto, também, foi discutido em sessão grupal, quando refletiram que os filhos ao realizarem suas escolhas, deveriam levar em conta as condições da família, de modo que se adequassem a sua realidade, ou então, mobilizar-se para arcar com os custos de suas escolhas, as quais, muitas vezes, os pais não teriam condições de financiar. Assim, mostrava-se mais fácil aos participantes admitirem o peso desse tipo de influência mais concreta sobre seus filhos.

Vale apontar que, tanto por meio das questões abertas do questionário e quanto pelo processo de intervenção, foi possível observar a conotação negativa que os participantes atribuíam ao termo “influência” quando esta se referia à influência que os pais (em termos de expectativas, opiniões, mitos, preconceitos, entre outros) exerciam sobre seus filhos: “[...]. *Acredito que muitos pais exerçam influência, mas este não é o meu caso.*”. Mostrava-se implícita a crença de que influenciar os filhos, no que dizia respeito ao processo da escolha profissional, era algo extremamente ruim, o que corrobora o estudo, já mencionado, de Loosli (2003) que avaliou o SOP, no período de 1994 a 2000, na opinião dos pais dos adolescentes atendidos. Naquela época, os resultados revelaram que aqueles pais não admitiam que influenciavam, mesmo que sem intencionalidade, seus filhos. Observou-se que entendiam que “influenciar” significasse dizer para os filhos qual profissão seguir e, assim, revelavam não compreender que a influência era introjetada pelos filhos, ao longo da vida, através dos processos de socialização e educação.

Do mesmo modo, alguns participantes da presente investigação, revelaram a preocupação de enfatizar que não influenciavam os jovens, no que dizia respeito a sua escolha profissional. Todavia, evidenciou-se, sobretudo nas sessões grupais, a grande ansiedade que o tema “a influência da família” gerava no grupo e o quanto os pais mostravam-se confusos com relação o posicionamento que tinham ou idealizavam ter, junto aos filhos adolescentes.

Considera-se que essa confusão refletia uma ambivalência de sentimentos referente à situação pois os participantes, mesmo reconhecendo ser influência no desenvolvimento dos filhos ao longo da vida (o que atestam respostas como: conversar com *intenção de promover seu desenvolvimento* e de *orientá-los em termos educacionais e profissionais*; os “investimentos” na educação dos filhos e até mesmo a postura de “controle” sobre o processo de independência deles) ainda assim não reconheciam “influenciar” o processo de escolha profissional dos jovens, dada a conotação negativa do termo para eles. Demonstraram, assim, imaginar que se posicionar como pais, estabelecendo diálogos com os filhos sobre a escolha profissional e assumir, com responsabilidade, a influência no desenvolvimento vocacional dos mesmos, seria equivalente a pressionar que os jovens escolhessem: “*Se pressiona de um jeito não é correto, de outro também não. Se ficar sem pressionar, também não é. O que fazer então?*”, ou, ainda, impor ou sugerir uma profissão ou um curso universitário: “[...] *e se a gente fala: ‘faz isso’ e depois se não dá certo!???*”.

Retoma-se o assinalamento de Whitaker (1997), em virtude do uso deturpado e da banalização de conceitos da Psicologia na sociedade, com relação à idéia que muitos pais possuem de não expressar abertamente o que pensam sobre as escolhas profissionais de seus filhos, algo que, segundo a autora, apenas contribui para a criação de situações implícitas e ambíguas, que confundem ainda mais o jovem, dificultando seu posicionamento diante do que esperam dele. Contraditoriamente, sabe-se, no presente estudo, sobre as grandes expectativas que os participantes mantinham para o futuro de seus filhos. Foi possível notar, assim, que muitos pais evitavam diálogos ou situações de reflexão com os filhos sobre o processo da escolha da profissão (no sentido de explicitarem o que pensavam e sentiam) revelando, desse modo, os extremos de suas idéias e posturas junto aos jovens: “[...] *é duro falar porque a gente não tem segurança que aquilo é o melhor para ele*”.

A respeito da importância do posicionamento dos pais, sobretudo na atualidade, Lima e Ramos (2002, p. 95) referindo-se às participações dos mesmos no momento da escolha profissional dos filhos, destacaram sua estratégia de intervenção:

[...] convocamos sua participação, estimulando-os a falar e a ocupar seu lugar de referência identificatória. Esse modo de legitimá-los tem facilitado a compreensão da importância de exercerem sua função, que é incompatível com a ilusão de que não devem falar. Ao contrário do que imaginam, autorizar-se a dizer o que pensam, desbloqueia a comunicação e ajuda o jovem a situar-se diante do que desejam para ele.

Sobre as dificuldades que envolvem o diálogo com os filhos adolescentes, Levisky (1998) salientou o quanto a situação requer paciência e tolerância, já que muitas vezes será preciso saber falar, sem ter certeza de estar sendo ouvido. Ademais, a opinião dos pais, ou mesmo demonstrações de afeto e interesse são, muitas vezes, confundidos como cobranças, pressões e invasão de privacidade, por parte do jovem. No entanto, o autor salienta a necessidade dos pais colocarem com clareza e autenticidade seus pontos de vista, proporcionando aos filhos um referencial. O oferecimento desse referencial possibilita que os jovens possam se posicionar “a favor”, desde que não seja por submissão, ou “contra”, com possibilidades de serem ouvidos, afinal nem sempre haverá concordâncias de posição. Considera-se, inclusive, que o jovem, cada vez mais, tem necessitado desses parâmetros.

No presente estudo, a evolução do processo grupal possibilitou que a situação latente fosse explicitada pelos membros e que emergisse a fantasia grupal (o “segredo” do grupo). Os participantes temiam que ao conversar com os filhos sobre a escolha profissional, estes poderiam acatar alguma “sugestão” (desejo/expectativa dos pais) e, mais tarde, os participantes serem considerados culpados por um possível “fracasso” ou frustração dos filhos: “*na verdade ninguém quer ter o ônus do fracasso do filho, talvez por isso às vezes cometemos os extremos [...]*”. Observou-se, então, que os participantes revelavam receio de

assumir responsabilidades que cabiam ao próprio papel, uma vez que consideraram que oferecer referenciais aos filhos significasse fazer escolhas pelos mesmos ou impor-lhes uma decisão.

4.4.6 Comunicação entre pais e filhos

Identificou-se, no que diz respeito à dificuldade de comunicação entre pais e filhos, que os participantes declararam ser mais fácil conversar com os jovens sobre suas *atividades escolares*, sobre *atualidades (programas de TV, internet, jornais, filmes, política, globalização)* e até mesmo sobre a *adolescência*, do que a respeito do processo da escolha profissional dos filhos. Considera-se que essa dificuldade relacionava-se à ambivalência de sentimentos, já apontada, referente ao momento que os participantes vivenciavam com os jovens e que permeou todo o processo de intervenção grupal. Ao mesmo tempo em que investiam no percurso educacional dos filhos, tendo em conta expectativas para o futuro profissional dos mesmos, revelavam também o desejo de ter o controle sobre o crescimento destes, postergando-lhes a entrada no universo adulto e, conseqüentemente, o processo de separação com os filhos. Por outro lado, observou-se que não assumiam a influência que exerciam sobre os jovens em relação ao processo da escolha profissional dos mesmos, a fim de não se responsabilizarem sobre o assunto, eximindo-se do “posto” de figuras de referência para os filhos.

Mostrava-se, então, difícil posicionarem-se como pais que possibilitavam diálogos mais maduros com os filhos sobre a questão profissional e mesmo intervir, instrumentando-os a fim de instigar-lhes o desenvolvimento vocacional. Tal postura poderia favorecer que os jovens, progressivamente, adquirissem condições para se apropriar de seus próprios projetos de futuro, incluindo as escolhas profissionais. Considera-se, entretanto, que ao longo das

sessões grupais, o posicionamento de alguns membros que confrontaram o grupo, possibilitou aos participantes refletirem sobre o fato dos filhos já desejarem conversas mais amadurecidas e, ainda, que necessitavam expressar o que pensavam e, também, de serem ouvidos e apoiados pelos pais: “*Eu fico pensando que, em grande parte, existe uma falha na nossa comunicação com os nossos filhos*” ; “[...] *Sinto que minha filha necessita da conversa comigo.*” ; “*Hoje percebo que ela já quer uma conversa em outro pé. Ela quer discutir, não quer que eu fale como é ou não é. Vejo ela florescendo, entrando num mundo de adultos.*”.

Identifica-se, no entanto, que se mostrava menos custoso, aos participantes, conversar com os filhos sobre questões que envolviam as *atividades escolares*, ou mesmo cobrar que estudassem, uma vez que realizavam investimentos para que adquirissem uma “boa” formação educacional, e por isso, permitiam-se cobrar um retorno dos filhos, nesses termos. Tal situação era, inclusive, conhecida, já que se desenrolava desde a infância dos filhos: o acompanhamento que os pais normalmente realizavam de suas atividades escolares. A dificuldade mostrava-se em relação a evoluir na relação com os jovens, desse tipo de conversa (e cobrança) para novas formas de vínculos, outros posicionamentos, condutas, que instigassem o amadurecimento dos filhos e a progressiva assunção de novas responsabilidades.

No que concernia às conversas a respeito de *atualidades*, que os pais disseram manter com os filhos, considera-se que fossem diálogos mais racionais, que não envolviam uma carga de cobranças e expectativas por parte dos participantes, sendo que, assim, mostrava-se como um terreno mais “neutro” e menos “comprometedor” de encontro com filhos. Com relação aos diálogos que envolviam a *adolescência*, os pais revelaram ser mais “fácil” adotarem medidas práticas e concretas de ajuda junto aos filhos do que travar diálogos relativos ao momento que os filhos vivenciavam. No entanto, apesar da dificuldade de tratarem sobre o tema, os participantes identificaram que o faziam. Reflete-se, assim, a respeito dos pais,

atualmente, estarem alertados por informações veiculadas pelos meios de comunicação em geral (a respeito do uso de drogas entre os jovens, da vulnerabilidade destes a determinadas situações de risco e violência, do aumento significativo da criminalidade) a mostrarem-se mais próximos de seus filhos adolescentes, acompanhando-lhes em sua formação educacional, seus relacionamentos, as “saídas” com os amigos, os encontros “virtuais” na internet, entre outros.

Com respeito às conversas que os participantes desejavam travar com os filhos, alguns se referiram ao desejo de ser “pai-amigo” dos jovens, em respostas no questionário: “[...]. *Já, várias vezes, deixei claro que quero que ele me veja como um pai, mas como um amigo também [...].*”, quanto nas sessões grupais: “*Mas pode ser um pai-amigo, não é?*”. Relacionam-se tais comunicações com algo que se tem observado, cada vez mais, na atualidade e que remete a uma horizontalidade nas relações entre pais e filhos (CUKIER, 2000; KATZ; COSTA, 1996; MILMANIENE, 2003). Considera-se que esta expectativa denunciada por alguns participantes relacionava-se a vários fatores. Primeiramente, identifica-se que, em uma relação horizontal, os pais não necessitariam assumir um posicionamento de autoridade junto aos filhos, evitando assim possíveis enfrentamentos e questionamentos por parte dos jovens, o que, na concepção dos participantes, garantia que os filhos se abriam mais. Houve, ainda, falas ao longo das sessões grupais que fizeram referência à dificuldade dos participantes de tolerar não saber o que filho pensava ou sentia, evidenciando um desejo de participar mais dos espaços de intimidade dos jovens: “*A verdade é que a gente fica: ‘Puxa, tô perdendo o controle’. É difícil tolerar não compreender exatamente o que o outro pensa, suportar não saber o que está na cabeça deles.*”. Reflete-se que fantasiam manter os filhos mais próximos e por mais tempo, se não houvesse confrontos. Considera-se, também, que ao assumir tal posicionamento, os participantes estariam atuando junto aos filhos, de forma oposta com que foram tratados por seus próprios pais, no passado.

O processo de intervenção possibilitou que o grupo problematizasse a respeito do jovem mostrar-se, na atualidade, menos questionador do que eram alguns dos participantes, em sua juventude. O grupo se indagava se era ou não saudável que os filhos desafiassem seus pais. Entretanto, não relacionaram, conscientemente, o posicionamento que mantinham junto aos filhos e a postura “pouco questionadora” que estes revelavam. A evolução do processo em grupo permitiu ainda que, implicitamente, os participantes se perguntassem se os adolescentes desejavam uma relação, na qual os pais seriam como “amigos” dos filhos, afinal nem sempre estes se mostravam receptivos a diálogos sendo que, muitas vezes, deixavam claro preferir travar apenas com os colegas, determinados tipos de conversa: *“Meu filho me falou assim: ‘Mãe, isso não vou falar para você, isso é para eu falar pro meu amigo, você entendeu?’ ”* ; *“É, meu filho falou outro dia: ‘Mãe, tem muita coisa que você não sabe e não vai saber’ ”*. As reflexões em grupo avançaram e, com a possibilidade de olharem por um outro vértice, os participantes inverteram a situação, entrando em contato com o que, como pais, poderiam (ou não) conversar com os filhos, no que dizia respeito a suas próprias intimidades: *“Tava pensando, e mesmo o contrário, né gente? Eles também querem saber demais da vida da gente”*. Na situação implícita, questionavam-se a respeito dos limites: qual seria o ponto de equilíbrio na relação com os filhos, sem que ocorresse invasão (violações da intimidade e individualidade do outro) ou distanciamento e desencontro? Como não serem pais abusivos e autoritários e, por outro lado, não deixarem de assumir as responsabilidades sobre o importante papel que deveriam desempenhar junto aos filhos? Como criariam, pais e filhos, uma zona intermediária em que ambos pudessem transitar, exercendo cada qual o seu papel, em uma relação que se mostrava, a cada dia, em constante transformação?

Com o tempo, os participantes denunciaram, na interação grupal, o sofrimento ao constatarem que não eram mais os pais tão admirados (“pai-herói”) da infância dos filhos, eram “apenas” pais-humanos. Os filhos, já revelavam condições de os questionarem, ainda

que não fossem tão polêmicos como eram os jovens de outras gerações, mesmo porque não aprenderam a ser: *“É importante pra eles questionarem sim.[...] Mas é difícil essas mudanças, essas perdas. Éramos pais-heróis, de repente: não mais.”*.

4.4.7 Processo de separação pais e filhos

Pode-se observar que, conforme os pais, ao longo das sessões grupais, sentiam-se mais confiantes para se expressar, revelando operativamente situações implícitas, o grupo pode, progressivamente, aproximar-se de sentimentos que denunciavam as dificuldades para assumir e instigar o movimento dos filhos em direção ao universo adulto. Desse modo, entraram em contato com sentimentos dolorosos (que se mantinham latentes) frente ao processo de crescimento dos filhos e, conseqüentemente, de separação entre pais e filhos. Revelaram em várias comunicações, na vivência grupal, fantasias de que não suportariam o distanciamento dos jovens. Aproximaram-se da idéia de que sofreriam mais do que os próprios filhos e do quanto se mostrava difícil aceitarem que estes já teriam condições de agirem sozinhos em muitas situações. Nesse momento, os participantes puderam, também, assumir o medo de ficar sem função e papel, algo que os remetia, inconscientemente, ao seu próprio processo de envelhecimento: *“A gente se dedica tanto que quando saírem de casa, eu sei que vêm na cabeça: ‘Vamos fazer o quê agora?’ [...]”*.

Os *“obstáculos”* que colocavam para a saída dos filhos de casa e a *“redoma”*, em que procuravam mantê-los (assim como revelaram) foram reconhecidos como estratégias para postergarem a separação e como prova de que duvidavam de suas próprias condições para lidarem com o processo de crescimento e independência, progressiva, dos filhos. Uma participante referiu-se a sentimentos de abandono, quando o filho anunciou o desejo de sair da casa dos pais. Sabe-se, entretanto, que os jovens, muitas vezes, a fim de ensaiar estados de

independência, precisam “desvalorizar”, de certo modo, seus pais, pois isso lhes possibilita um sentimento de conforto de que, ao se separarem, não perderão tanto sendo que, conforme salientou Winnicott (1996), nesse momento, resta aos pais, sobreviverem.

Sobre o cenário da separação mãe-filho, estudo realizado por Oliveira (2000, 2005) a respeito dos sentimentos das mães frente ao processo de diferenciação dos filhos, declarou que o jovem, a fim de conseguir separar-se de seus pais e individualizar-se, precisa estar ligado a estes através de um vínculo seguro, sendo que, se não houver essa segurança e a confiança de que não perderá o amor dos pais, por desejar se separar, este filho pode comprometer sua marcha em direção ao seu processo de individuação. Faz-se, também, necessária a confiança de que a mãe permanecerá inteira, sem ser destruída a despeito das fantasias dos próprios filhos. A propósito dessa separação, Sayão (2001) salienta que o único caso de amor que só dá certo quando a separação é facilitada, é a relação entre pais e filhos, assim como lembrou uma participante, em um dos encontros grupais, mencionado anteriormente.

A respeito das relações vinculares estabelecidas na família, Pichon-Rivière (1998a) declarou que o grupo familiar funciona mediante diferenças individuais e que a cada membro são atribuídos papéis. Desse modo, no palco da família, o autor constatou que “o doente” funcionava como o porta-voz (aquele que faz a denúncia) da situação do grupo familiar, sendo depositário das ansiedades e tensões deste, tendo “a doença” um papel na dinâmica das relações familiares. Assim, com base nas considerações do autor, problematiza-se sobre o papel que a indecisão profissional dos filhos pode vir a exercer dentro do grupo familiar, funcionando como o emergente (“sintoma”) de uma situação que se sustenta na psicodinâmica das relações familiares.

Ainda no que concerne ao papel e à repercussão da escolha da profissão por parte do jovem na família, Bohoslavsky (2007) valendo-se do conceito de *reparação*²⁰ proposto por Klein (1996), apontou que esta representa o momento em que filho aceita crescer e assim, de certo modo, acaba por desestruturar todo o grupo familiar, uma vez que anuncia seu processo de separação do mesmo. Esse doloroso movimento do jovem, em muitos casos, pode despertar nele profundos sentimentos de culpa. Por outro lado, ao mesmo tempo em que o filho “destrói” uma determinada estrutura familiar já cristalizada, ele pode também assumir, ao escolher a profissão, o papel depositário de “reparador” da estrutura familiar, criando uma nova configuração (BOHOSLAVSKY, 2007). Surgiria assim, a possibilidade de se estruturarem novas relações vinculares entre pais e filhos: outras necessidades, acordos diferentes, novos projetos. Considera-se desse modo, que a indecisão profissional, em muitos casos, poderia representar em determinados grupos familiares, um mecanismo que reflete a dificuldade de pais e filhos, em relação a assumir a progressiva entrada do jovem no mundo adulto, favorecendo o seu processo de independência em relação aos pais.

No processo no Grupo de Orientação de Pais, os participantes refletiram em muitos momentos com muita emoção e dificuldade e, em outros, de modo mais racional e defensivo, sobre tal separação que seria necessária e inevitável. Ao se reportarem as suas próprias “saídas de casa”, apontaram o distanciamento físico que ocorreria entre pais e filhos e, também, o novo tipo de relação que provavelmente estabelecer-se-ia entre ambos. Ensaíram observar por outros vértices e, como contraponto, verbalizaram sobre os ganhos que teriam com tantas transformações, afinal, teriam mais tempo para realizarem outras atividades, exercendo mais ativamente outros papéis: “*Vamos focar em outras coisas, não vai ser só filho, filho*”. A divergência de opiniões e posicionamentos dos integrantes do grupo fomentou a discussão e os saltos qualitativos, possibilitando que os membros se colocassem no lugar

²⁰ *Reparação*, segundo Klein (1996), refere-se à busca do homem em reparar danos causados por seus impulsos destrutivos às pessoas amadas, outrora feridas ou destruídas em fantasia. Para a autora, é a *identificação* com o Outro que oferece condições para os processos da *reparação*, própria da *posição depressiva* (KLEIN, 1996).

dos filhos e refletissem, também, sobre o quanto desejaram, na juventude, a situação de independência.

Considera-se que, dentre as sessões do processo grupal, a sexta sessão, que propôs a “Carta aos filhos”, tenha sido fundamental para um maior autoconhecimento do grupo, uma vez que a atividade proposta possibilitou aos integrantes, entrarem em contato maior com sentimentos que permeavam o momento vivenciado com os filhos (podendo, inclusive, compartilhar experiências na vivência grupal), buscando se expressar aos jovens, por meio da carta. Naquela sessão, comunicaram sobre a dificuldade da separação com os filhos; sobre as angústias frente o “não-saber” em relação a um futuro que lhes parecia cada vez mais incerto; e sobre as limitações que se deparavam, enquanto pais, na execução de seus papéis: “[...] esse momento é o primeiro grande de sua vida de escolha [...] Me pego pesquisando para buscar uma certeza, talvez porque para mim, foi muito difícil também naquela época. [...] Mas você é outra pessoa [...] Sei que existe uma divisão mãe e filho [...] Este é um momento importante para que você conquiste sua liberdade e é assim que tem que ser, apesar da grande dificuldade [...].”

O grupo também teve a oportunidade de se deparar com posicionamentos diferentes de pais que sempre instigaram, desde cedo, que os filhos se desenvolvessem com maior independência: “[...] estou me sentindo tão diferente das pessoas aqui. Vejo que está todo mundo muito preocupado, com medo e eu não tenho esse medo deles saírem de casa. Existe uma tranquilidade tanto da minha parte quanto da deles [...] Sempre ficaram sozinhos. Isso deu uma maturidade grande pra eles.”. Tais contrapontos causavam impacto no grupo e, dialeticamente, provocavam mudanças na abordagem da situação implícita, fazendo o mesmo observar por novas óticas: “É, a gente subestima muito os filhos sim. [...] Queria ter essa segurança de vocês. Nossos filhos são do mundo sim. A gente acha que eles são muito novos. Mas a gente subestima por uma insegurança que é nossa! [...] Percebi o quanto eu que não

estou preparada para soltar e está na hora de soltar eles pro mundo. Acho que também subestimo a capacidade dela. Está sendo muito difícil esse momento [...] tava lembrando aqui, quando ela entrou no jardim, ela foi e não olhou para trás!!! Fiquei alí parada, não me conformava.”.

Infere-se, pelos relatos dos participantes com relação ao momento de entrega da carta aos filhos, que a possibilidade de refletirem sobre situações e sentimentos que se mantinham latentes, favoreceu com que se posicionassem, expressando aos jovens tais situações implícitas que, muitas vezes, geravam ainda mais desencontros com os filhos, sobretudo, em relação ao processo da escolha profissional deles.

4.4.8 O sentido do Grupo de Orientação de Pais

Considera-se que um posicionamento maior dos pais-participantes possivelmente tenha contribuído para mudanças na qualidade da comunicação com os filhos no que dizia respeito ao processo da escolha profissional, assim como foi observado quando revelaram a percepção de estarem proporcionando mais situações de diálogo com os jovens, em relação ao momento que estavam vivenciando (como: *aconselhar mais o filho no que se refere à escolha da profissão e a conversar com intenção de conhecê-lo melhor: seus interesses, habilidades, valores, desejos*), assim como se observou em respostas do questionário, após a intervenção: *“Eu tenho intensificado nossas conversas, quando sinto a abertura por parte dele, sendo assim, quando solicitado, me coloco a inteira e total disposição para ouvi-lo e tentar orientá-lo. Essas aberturas, eu tenho procurado forçar um pouco, mas também espero uma postura dele.”.* Inclusive, os participantes consideravam que os filhos também passaram *a pedir mais a opinião dos pais*. Considera-se, assim, que ao se responsabilizarem em dialogar com os filhos, demonstrando o autêntico interesse de conhecer quem esse jovem “é” e quais são seus

interesses, tal posicionamento possivelmente favoreceu para que os filhos também se remetessem mais aos seus pais, a fim de saberem sobre suas opiniões e idéias.

Reflete-se, a respeito do que assinalara Klein (1996), sobre o desejo do homem, em contribuir para a felicidade do objeto verdadeiramente amado, ter profunda correspondência com uma forte sensação de responsabilidade e de preocupação com esse objeto de amor, manifestando-se por meio de uma solidariedade genuína e, também, pela busca de compreender como “é” esse objeto e como “ele sente”. Assim, para a autora, somente quando os pais conseguem deixar em segundo plano as suas próprias demandas e desempenhar satisfatoriamente o seu papel, é que possibilitam aos filhos desenvolverem a condição de amar, de ser grato e, ainda, de reparar da maneira que lhe é possível. Todavia, segundo Klein (1996), o ser humano só consegue deixar em segundo plano ou sacrificar até certo ponto seus próprios sentimentos e desejos, colocando os interesses e emoções do objeto de amor em primeiro lugar, se adquirir condições de se identificar com esse objeto amado, sendo que, tal capacidade de identificação é a condição básica para o sentimento de amor verdadeiro.

Os pais identificaram que estavam conversando mais com os jovens *sobre o mundo das profissões*, sendo que, havia se observado em comentários no questionário antes da intervenção, que alguns pais, em virtude das intensas e aceleradas transformações no mundo do trabalho, sentiam-se não capacitados a oferecer, aos filhos, opiniões acerca das profissões. No entanto, considera-se que as sessões no Grupo de Orientação de Pais, possibilitaram que refletissem entre si sobre o mundo do trabalho e sobre a importância de se conhecer a realidade atual das profissões, a fim de se realizar uma escolha realista e não pautada em estereótipos. Na vivência em grupo, os pais trocaram, inclusive, dicas e informações sobre formas de realizar buscas exploratórias sobre as profissões, chegando até a oferecer uns aos outros (por iniciativa de alguns membros) textos disponíveis na internet, com informações sobre carreiras e a escolha profissional. Infere-se, desse modo, que ao entrar em contato com

as discussões em grupo, muitos puderam rever fantasias: “[...] *serviu também pra quebrar muitos dos meus preconceitos, inclusive.*”. E, também, repensar posicionamentos que mantinham, motivando-se a conversarem mais com os filhos, com maior confiança e segurança.

Declararam também, no questionário e em sessão grupal, que se percebiam mais presentes junto aos filhos em relação à busca de informação profissional (*viabilizando-lhes palestras com profissionais e feiras de profissões e, principalmente, ajudando-os mais em buscas na internet e em guias de estudantes*). A necessidade da informação ocupacional, envolvendo as carreiras, as áreas de trabalho, a demanda por profissionais, já havia sido enfatizada por Bohoslavsky (2007) como condição para que um processo de Orientação Vocacional/Profissional fosse considerado completo. Em estudo recente, Esbrogeo (2008) ressalta a necessidade, cada vez mais crescente em um mundo globalizado, em acelerado processo de mudanças, do jovem aprender a realizar buscas vocacionais exploratórias com posturas mais críticas e seletivas, em virtude da banalização das informações veiculadas pelos meios de comunicação, sobretudo pela internet. Assim, considera-se, na presente investigação, que os participantes passaram a atuar mais, de modo a favorecer em seus filhos, tais reflexões e condutas com relação à exploração vocacional.

As últimas sessões do processo grupal (sétima e oitava) mostraram o Grupo de Orientação de Pais em condições de realizar reflexões sobre um papel mais real que poderia exercer junto aos filhos, revelando posturas menos extremadas e medidas mais modestas e realistas. Os participantes discutiram sobre o que poderiam proporcionar aos filhos ou ajudá-los de modo a instigar-lhes e favorecer-lhes o processo da exploração vocacional e, também, sobre a “comunicação possível” que poderiam estabelecer com eles.

Os pais identificaram cobrar determinados posicionamentos dos jovens e, também, de si mesmos no sentido de serem pais ideais e mencionaram a “descoberta” de que eram pais-

humanos, conforme expressão de um dos participantes: “[...] *cheguei à conclusão que eu sou uma pessoa normal!!! [...]*”, que apresentavam limitações e confusões, e que, apesar de serem adultos e pais, não sabiam e nem deveriam saber tudo, nem mesmo o que era “melhor” para os filhos, assim como desejavam: “[...] *notei que cobramos tanto dos nossos filhos....mas percebi aqui o quanto, também, a gente se cobra de nós mesmos enquanto pais. [...] Quando uma mãe falou aqui que se sentia desnaturada e você (refere-se à coordenadora) disse pra nós: “Vocês estão aqui!”. Nossa, você não faz idéia o quanto aquilo foi importante pra mim [...] Olha, por exemplo, tem vocês (aponta um casal), gente, vocês vem de outra cidade [...] vim pelos meus filhos e a mais favorecida fui eu.”*. Observou-se, inclusive, após a intervenção, que ao responderem novamente o Questionário de Pais, os participantes declararam menos expectativas em relação ao que esperavam para o futuro profissional de seus filhos e, principalmente, a respeito do que esperavam de si próprios, enquanto pais, conforme mostrou a Tabela 5.

Em sessão grupal, aproximaram-se da compreensão de que a despeito de não serem “*super-pais*” isso não os eximia da responsabilidade de assumir o importante papel que exerciam na vida dos filhos. Tal “*descoberta*” possivelmente favoreceu reflexões sobre as possibilidades de diálogos mais honestos com os jovens. Pichon-Rivière e Quiroga (1998) referem-se à “*descoberta*” como um ato criativo que responde a um mecanismo por meio do qual o homem evita seu caos interior que, em realidade, resultou da situação básica de depressão: “[...] *Tenho dois filhos, mas se tivesse três, eu precisava vir de novo porque percebi que cada filho é diferente mesmo e nós com eles também, né? Me dei conta mesmo disso aqui. Acho que não tem como colocar em palavras a riqueza do autoconhecimento que tive, e eu vejo que tem muita coisa para trabalhar ainda [...]. Então achei muito importante essa oportunidade e, para mim, serviu para um crescimento meu, e no fundo, me aproximei mais do meu filho [...].*”

Os participantes revelaram que o compartilhamento de vivências com outros pais, o contato com idéias, sentimentos e posicionamentos, tantas vezes semelhantes e, em outros momentos, tão divergentes, possibilitaram expressarem-se, com maior segurança e confiança: “[...] *Na experiência de cada família daqui, na história de cada um, a gente se via [...] eu pensava: ‘Puxa, posso fazer isso diferente ou aquilo [...]’. Sabe, ficou parecendo que o problema não era só meu, é nosso [...] é o que aconteceu, todo mundo saiu ganhando.*”. No entanto, nada foi conseguido, pelo grupo de pais, sem dificuldade e sofrimento, em virtude da aproximação cada vez maior das situações implícitas que se mostravam, defensivamente, latentes: “[...] *tive contato com o que há de humano na gente. Nossa, e que dor! [...]*”. Identificaram-se como pais (de adolescentes em fase de escolha profissional) conscientes de necessitar de ajuda naquele momento particular, permeado de sentimentos, muitas vezes ambivalentes em relação ao processo de desenvolvimento dos filhos: “[...] *a gente tem consciência de que precisa de ajuda!*”.

Considera-se que o momento da escolha da profissão simbolizava a primeira grande escolha do filho adolescente e, assim, denunciava sua progressiva entrada no mundo adulto, o que acarretaria profundas transformações na relação entre pais e filhos. Identifica-se, ainda, que o processo de amadurecimento e independência dos jovens em relação aos pais, despertou nos participantes sentimentos que os remetiam à necessidade de reformulação de sua imagem e papel e ao seu próprio processo de envelhecimento. O receio de ficarem sem função devido à progressiva autonomia dos filhos e o conseqüente processo de separação pais e filhos, fazia com que vários participantes alimentassem, ainda que inconscientemente, a imaturidade dos jovens, contribuindo para alongar suas adolescências e a dependência em relação aos pais. Refletiu-se, inclusive, a respeito da indecisão profissional, representar, em muitas dinâmicas familiares, uma dificuldade não apenas do jovem, mas também dos pais, para lidarem com questões que envolviam o ingresso do filho no universo adulto.

Por fim, a comunicação, a seguir, revelou que o Grupo de Orientação de Pais proporcionou, aos participantes, aproximarem-se de questões que remetiam ao modo como o ser humano tem estabelecido suas relações e sobre suas dificuldades para entrar em contato verdadeiro com o outro. Ampliaram a respeito dos reflexos de tal postura do sujeito na relação entre pais e filhos, trazendo em questão o desamparo do jovem diante do não-posicionamento dos pais: *“Acho que é difícil também se abrir hoje, né? Hoje em dia ninguém se expõe. Eu acho que os filhos estão muito perdidos [...] porque os pais também nunca têm tempo, nem interesse de dialogar com eles. Eu andei pensando muito sobre isso aqui.”*

A visão homem-mundo de Enrique Pichon-Rivière implica a compreensão de que o sujeito deve assumir as responsabilidades de seu papel nessa relação, tanto como aquele que sofre os efeitos como, ao mesmo tempo, aquele que produz, cria e protagoniza. É a apropriação desse papel que lhe possibilita dar algum sentido a sua vida e, no entanto, sabe-se que homem contemporâneo tem sofrido, seriamente, tal ausência: *“[...] eu tinha falado com amigos sobre esse grupo aqui que a gente faz [...] Puxa, se mais gente tivesse acesso [...] se fosse mais divulgado, ou tivesse mais vagas [...].”*; *“[...] como seria bom se pudéssemos nos organizar mais em grupos, assim a gente faria coisas fantásticas [...] Parece que no dia a dia, a gente fica mais exercendo as máscaras [...] fica tudo meio vazio [...]”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizar los procesos de pensamiento, de conocimiento, analizarnos nosotros aprendiendo, moviliza grandes magnitudes de afecto. En primera instancia podríamos decir que impacta al narcisismo y a los vestigios infantiles de un pensamiento omnipotente al enfrentarnos con carencias o límites.²¹

O presente estudo, por meio da *Triangulação de métodos* (MINAYO, 2006), buscou contemplar a abordagem qualitativa e a quantitativa, como forma de ampliar as possibilidades de coleta de informações e da análise dos dados, considerando as diferenças quanto à natureza das fontes e, também, uma complementaridade das mesmas. Assim, o intuito foi investigar as percepções dos pais-participantes em relação ao processo de escolha profissional dos filhos e o papel que exerciam como pais, nesse processo, por meio do Questionário de Pais e de um processo de intervenção em grupo. Considera-se ter sido possível discutir os dados por perspectivas quantitativas e qualitativas, realizando articulações entre os resultados obtidos como forma de compreender o objeto de investigação, a partir das convergências e divergências (contradições) presentes nas situações.

Observou-se por meio da articulação de todos os dados, que as respostas dos participantes, sobretudo nas questões fechadas e antes de realizarem o processo em grupo, remetiam-se a posicionamentos mais racionais e, muitas vezes, idealizados, ou seja, próximos do que imaginavam ser o esperado, em função de expectativas que mantinham quanto ao papel de pai/mãe. Por outro lado, identifica-se que a interação grupal, por meio da Técnica de Grupo Operativo, tenha oferecido condições para que os pais entrassem em contato com conflitos e contradições, revelando sentimentos e posturas que se mantinham implícitos. Assim, após participarem do Grupo de Orientação de Pais, considera-se a hipótese de que as respostas dos participantes no questionário tenham sido mais críticas e realistas e, desse

²¹ Ana P. de Quiroga. Em: *Matrices de Aprendizaje: constitución del sujeto en el proceso de conocimiento*, 2008.

modo, justificam-se as mudanças quantitativas modestas, as quais foram identificadas pela estatística descritiva.

No que diz respeito à estatística descritiva, considera-se sua funcionalidade para essa pesquisa, uma vez que possibilitou a investigação das respostas do Grupo de Orientação de Pais e, inclusive, do Grupo Controle (apresentadas nos APÊNDICES L, M, N, O) e, principalmente, contribuiu para a discussão das respostas do Grupo de Orientação de Pais (pré e pós-intervenção) na articulação com os dados obtidos pelo processo em grupo, assim como fora mencionado.

Convém, também, refletir acerca de limitações identificadas com relação à estratégia de capturar resultados objetivos pelo Questionário de Pais, por meio das escalas do tipo Likert de cinco pontos, com amostras pequenas. Considera-se que as comparações realizadas (Teste não-paramétrico de Wilcoxon e Teste não-paramétrico de Mann-Whitney) a fim de investigar significâncias estatísticas entre as respostas pré e pós-intervenção grupal e, também, verificar possíveis diferenças entre os grupos (Orientação de Pais e Controle) não foram tão significativas, possivelmente, em virtude do número reduzido de participantes. Assim, concluiu-se que tais comparações, para poderem oferecer indicadores mais precisos de significância estatística, deveriam contar com um número mais elevado de sujeitos em cada grupo. Conclui-se, desse modo, que as considerações sobre os dados quantitativos obtidos pelo estudo indiquem linhas investigativas para futuras pesquisas, com maior número de participantes e, também, estudos de evidência de validade do instrumento de coleta de dados utilizado.

Entende-se que um estudo envolve inúmeros questionamentos e que, tais indagações, necessitam ser apropriadas pelos mesmos, a fim de contribuir para a busca de estratégias cada vez mais adequadas ao alcance de objetivos a que se propõem as investigações científicas. No caso das pesquisas da área da Psicologia, acredita-se que mais profícuo do que confirmar

hipóteses é o processo da busca científica, por meio de diferentes vértices, pela compreensão do agir, pensar e sentir, podendo, assim, auxiliar o desenvolvimento de procedimentos de intervenção psicológica.

Identifica-se que este estudo contribui com a produção do conhecimento ao propor a realização de procedimentos de intervenção psicológica abordando como os pais têm se posicionado junto aos seus filhos adolescentes e os sentimentos despertados nessa relação, no que concerne ao processo da escolha profissional dos filhos. Espera-se, desse modo, favorecer novas reflexões sobre os fenômenos psicológicos e sociais em questão e com a produção do conhecimento teórico e prático nos domínios da Orientação Vocacional/Profissional. Mais especificamente nesta área, espera-se que os estudos incorporem a necessidade de analisar a complexidade das relações e significados que permeiam as dinâmicas entre pais e filhos em processo da escolha profissional, frente à instabilidade do cenário contemporâneo, ainda que investigações sobre perspectivas e projetos dos jovens para o futuro, continuem sendo necessárias.

Compreende-se a importância de tais abordagens tendo em conta a responsabilidade do indivíduo no que diz respeito às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade humana e que têm refletido em um grave empobrecimento de sua vida subjetiva, resultando em sentimentos como apatia e impotência frente à realidade, sensações de vazio, caos e vivências de desamparo. Identifica-se que esse mesmo sujeito é quem pode criar condições para romper com esse estado, assim como compreendiam Pichon-Rivière e Quiroga (1998, p. IX):

O que é mais imediato e, ao mesmo tempo, o mais concreto e essencial desses homens? Sua condição de seres vivos e, em consequência, de sujeitos de necessidades em permanente intercâmbio com o meio. Por seu caráter de ser de necessidades, sua vida depende do fato de que, a partir dessas necessidades e em função delas, estabelecem entre si relações nas quais produz, numa ação planejada e social denominada TRABALHO, os bens destinados a satisfazê-las. Por isso, o fato mais essencial e imediato – simultaneamente histórico e cotidiano – é que os homens produzem e reproduzem sua vida, numa

dupla relação: com a Natureza e com os outros homens. Este fato, que dissemos ser o mais essencial e imediato, é também o mais eficaz, o mais determinante, pela importância e complexidade de seus efeitos.

Mostra-se, assim, imprescindível a busca constante por estratégias de intervenção, avaliadas cientificamente, visando contribuir com a elaboração de projetos de carreira, de jovens e adultos, comprometidos, no exercício de suas atividades profissionais e ocupacionais, com a responsabilidade ética, social, política e ecológica, considerando o equilíbrio entre a realização pessoal e a contribuição com o avanço da sociedade humana e a sobrevivência digna das próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. H. **Avaliação da intervenção em orientação profissional em uma clínica-escola na visão dos ex-clientes**. 2003. 110p. Monografia (Iniciação Científica) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2003.

ALMEIDA, F. H.; MELO-SILVA, L. L. Avaliação de um serviço de orientação profissional: a perspectiva de ex-usuários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1/2, p. 81-98, 2006.

BANDURA A.; BARBARANELLI, C.; CAPRARA, G. V.; PASTORELLI, C. A. Self-efficacy beliefs as shapers of children's aspirations and career trajectories. **Child Development**, Chicago, v. 72, n. 1, p. 187-206, 2001.

BARDAGI, M. P. **Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

BARDAGI, M. P.; LASSANCE, M. C. P.; PARADISO, A. C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1/2, p. 153-166, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 225p.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar. 1998. 272 p.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. Tradução José Maria Valeije Bojart. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 218 p.

BOHOSLAVSKY, R. Entre a encruzilhada e os caminhos. In:_____ (Org.). **Vocacional: teoria, técnica e ideologia**. Tradução Cristina França. São Paulo: Cortez, 1983a. p. 7-18.

BOHOSLAVSKY, R. Vocação e alienação profissional. In:_____ (Org.). **Vocacional: teoria, técnica e ideologia**. Tradução Cristina França. São Paulo: Cortez, 1983b. p. 45-79.

BONAMINIO, V. O discurso do adolescente em análise e o esgarçamento do tecido transacional: a mudança da psicopatologia na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 161-170, 2007.

BLUSTEIN, D. L.; WALBRIDGE, M. M.; FRIEDLANDER, M. L.; PALLADINO, D. E. Career development: contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. **Journal of Counseling Psychology**, University of Tennessee, Knoxville, v. 38, n. 1, p. 39-40, 1991.

CUKIER, J. Aceleração, simultaneidade, globalização, transformação sócio-econômica no fim do século: seus efeitos psíquicos. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 71-90, 2000.

DESTRI, F. S. **Relações entre pais e filhos adolescentes e o processo de escolha profissional**. 1996. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

DIAS, M. L. Família e escolha profissional. In: BOCK, A. M. B. et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. p. 71-92.

DUARTE, V. D.; MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A.; BONFIM, T. A. A influência familiar na escolha profissional dos filhos, na perspectiva de mães de clientes em processo de orientação profissional. In: SIMON, C. P.; MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A. (Orgs.). **Formação em psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 285-306.

ESBROGEO, M. C. Avaliação da Orientação Profissional em grupo: o papel da informação no desenvolvimento da maturidade para a escolha da carreira. 2008. 180p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

FIAMENGUE, E.C.; WHITAKER, D. C. A. As mães dos vestibulandos VUNESP e suas influências sobre as escolhas dos filhos (anos 80 x anos 90). **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1/2, p. 117-139, 2003.

FILOMENO, K. **Mitos familiares e a escolha profissional: uma visão sistêmica**. São Paulo: Vetor, 1997. 135p.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. 7, p. 119-217.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. v.11, p. 73-144.

FREUD, S. Totem e tabu. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. v.13, p. 13-162.

FREUD, S. Sobre narcisismo: uma introdução. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. v.14, p. 81-108.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. v.18, p. 81-154.

FREUD, S. O Mal estar na civilização. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006f. v.21, p. 73-148.

GUICHARD, J.; HUTEAU, M. **Psicologia da orientação**. Tradução Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 365 p.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PASQUALI, L. (Org.). **Instrumentos psicológicos**: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM; IBAPP, 1999. p. 231-258.

HARGROVE, B. K.; CREAGH, M.G.; BURGESS, B.L. Family interaction patterns as predictors of vocational identity and career decision-making self-efficacy. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 61, n. 2, p. 185-201, 2002.

KATZ, G.; COSTA, G. P. O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 329-340, 1996.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 504p.

KRACKE, B. Parental behaviors and Adolescents' Career Exploration. **The Career Development Quarterly**, Pennsylvania State University, v. 45, p. 341-350, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001. 574p.

LEHMAN, Y. P. **Estudo sobre a evasão universitária**: as mudanças de paradigma na Educação e suas conseqüências. 2005. 234p. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

LEVENFUS, R. S. **Faça o vestibular com seu filho, faça o vestibular com seus pais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 144p.

LEVENFUS, R. S. **A repercussão da ansiedade de separação e das perdas no momento da escolha profissional.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2001.

LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004a. 293p.

LEVENFUS, R. S.. A tomada de decisão. In: _____ (Org.). **Psicodinâmica da escolha profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004b. p. 195-198.

LEVENFUS, R. S. Sobre a auto-estima em adolescentes com fracasso no vestibular. In: _____. (Org.). **Psicodinâmica da escolha profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004c. p. 175-182.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P (Org.). **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.** Porto Alegre: Artmed, 2002a. p. 51-60.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. O temor da escolha errada em filhos de pais separados. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P (Org.). **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.** Porto Alegre: Artmed, 2002b. p. 149-161.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. Jovens com perda parental lidando com o luto e com a escolha profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P (Org.). **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.** Porto Alegre: Artmed, 2002c. p.163-178.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. A não-escolha profissional em jovens simbiotizados. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Org). **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.** Porto Alegre: Artmed, 2002d. p. 179-192.

LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1998. 316p.

LEVY, R. Adolescência: o re-ordenamento simbólico, o olhar e o equilíbrio narcísico. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 233-245, 2006.

LIMA, E. R.; RAMOS, S. G. A presença dos pais na orientação profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Org.). **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 91-99.

LOOSLI, L. **Orientação profissional: avaliação do atendimento na visão dos familiares de ex-clientes**. 2003. Monografia (Iniciação Científica) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2003.

LOPEZ, G. F. Current family dynamics, trait anxiety, and academic adjustment: test of a family-based model of vocational identity. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 35, p. 76-87, 1989.

MACEDO, R. B. O papel dos pais. In: MACEDO, R. B. **Seu diploma, sua prancha: como escolher a profissão e surfar no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora Saraiva, 1998. p. 68-70.

MARTINS, L. N. R. **Estilo parental e escolha profissional em um grupo de adolescentes: um estudo preliminar**. 1995. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995.

MELO-SILVA, L. Orientação Profissional em uma clínica-escola de Psicologia. In: MELO SILVA, L.; SANTOS, M. A.; SIMON, C. P. **Formação em Psicologia: serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 171-196.

MELO-SILVA, L.; JACQUEMIN, A. **Intervenção em orientação vocacional / profissional: avaliando resultados e processos**. São Paulo: Vetor, 2001. 251p.

MELO-SILVA, L. L.; PEREIRA, M. F. **Escolha da carreira: conversa na cozinha**. Ribeirão Preto: Maxicolor, 2002. 13p.

MELO-SILVA, L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional brasileira no contexto da educação e do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 31-52, 2004.

MELO-SILVA, L. L.; SILVA, L. M.; VENTURINI, P. F. Cartas que dizem muito: pais e filhos na orientação profissional. In: SIMON, C. P.; MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A. (Orgs). **Formação em psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 285-320.

MILMANIENE, J. E. A propósito da família na atualidade. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 223-234, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1993. 269 p.

MINAYO, M. C. S. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 244p.

MORENO, J. Sexualidade de pós-modernidade. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 69-78, 2004.

MÜLLER, M. **Orientación vocacional**: aportes clínicos y educacionales. Buenos Aires: Miño y Dávila editores, 2007. 178p.

NASCIMENTO, I. M. G. **Investimento no trabalho e na parentalidade e relação interpapéis**: uma análise da transmissão intergeracional. 2007. 750p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2007.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-36, 2002.

NOSEK, L. Destruição da cultura, destruição de significados e representações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 29-42, 2005.

O'BRIEN, K. The influence of psychological separation and parental attachment on the career development of adolescent women. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 48, p. 257-274, 1996.

O'BRIEN, K. M.; FRIEDMAN, S. M.; TIPTON, L. C.; LINN, S. G. Attachment, separation, and women's vocational development: A longitudinal analysis. **Journal of Counseling Psychology**, University of Tennessee, Knoxville, v. 47, p. 301-315, 2000.

OLIVEIRA, I. M. D. A. **De quem é o vestibular**: a mãe frente á diferenciação do filho. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, 2000.

OLIVEIRA, I. M. D. A. De quem é o vestibular? Articulações entre a família e a escolha profissional. In: VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. (Orgs). **Orientação vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2005. p. 61-77.

PESSOA, F. **Livro do desassossego**. Organização de Richard Zenith. 2ª. reimpressão. São Paulo: Companhia da Letras. 560p.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. 239p.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b. 129p.

PICHON-RIVIÈRE, E.; QUIROGA, A. P. **Psicologia da vida cotidiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 176 p.

PINTO, H. R.; SOARES, M. C. Influência parental na carreira: evolução de perspectivas na teoria, na investigação e na prática. **Psychologica**, Coimbra, v. 26, 135-149, 2001.

PINTO, H. R.; SOARES, M. C. Influência parental no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. **Revista Portuguesa de Psicologia**, Braga, n. 36, p. 111-137, 2002.

PINTO, H. R.; SOARES, M. C. Envolver os pais nas práticas de orientação vocacional. In: _____. **Desenvolvimento vocacional ao longo da vida: fundamentos, princípios e orientações**. Coimbra: Almedina, 2004. p. 252-257.

POMPENMAYER, C. **O processo de luto do adolescente em relação às imagens parentais relacionado com a escolha de uma profissão**. 1999. 94 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

QUIROGA, A. P. **Enfoques y perspectivas en psicología social**. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1994. 278p.

QUIROGA, A. P. **Matrices de aprendizaje: constitución del sujeto en el proceso de conocimiento**. 10ª. ed. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 2008. 95p.

RANÑA, W. Os desafios da adolescência. **Revista Viver Mente & Cérebro**, São Paulo: Duetto Editorial, n. 155, p. 42-49, dez 2005.

RIBEIRO, M. A. O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 55-70, 2005.

ROE, A. Early determinants of vocational choice. **Journal of Counseling Psychology**, University of Tennessee, Knoxville, v. 4, p. 212-217, 1957.

ROE, A. Childhood experience with parental attitudes: a Test of Roe's hypothesis: comment. **Journal of Counseling Psychology**, University of Tennessee, Knoxville, v. 6, n. 2, p. 155-156, 1959.

ROMANELLI, G. Mudança e transição em família de camadas médias. **Travessia**, São Paulo, jan-abr, p. 32-43, 1991.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. de C. B. de (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995. p.73-88.

ROMANELLI, G. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 245-264.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 874p.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 57-66, 2005.

SANTOS, P. J.; COIMBRA, J. L. Psychological separation and dimensions of career indecision in secondary school students. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 56, n. 3, p. 346-362, 2000.

SAVICKAS, M. L. Current theoretical issues in vocational psychology: convergence, divergence, and schim. In: WALSH, W. B.; OSIPOW, S. H. **Handbook of vocational psychology: theory, research, and practice**. 2. ed. New Jersey: LEA, 1995. p. 1-34.

SAYÃO, R. Caso de amor que só dá certo se há separação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 maio 2001. Caderno Equilíbrio, p.12.

SCOTT, D. J.; CHURCH, Iniciais. Separation/attachment theory and career decidedness and commitment: effects of parental divorce. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 58, p. 328-347, 2001.

SILVA, L. B. C. **A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial**. São Paulo: Unimarco Editora, 1996. 221p.

SOARES, D. H. P. **O jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 112p.

SOARES, D. H. P.; KNABEM, A. Reunião de pais no POPI: encontro entre pais e filhos. In: SOARES, D. H. P.; OLIVEIRA, E. N. **POPI: programa de orientação profissional intensivo: outra forma de fazer orientação profissional**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 41-50.

SOARES, D. H. P.; OLIVEIRA, E. N. **POPI: programa de orientação profissional intensivo: outra forma de fazer orientação profissional**. São Paulo: Vetor, 2005. 204p.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. O ideal de Ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In: LEVENFUS, R. S. (Org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004a. p. 47-95.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do Teste dos Três Personagens. In: LEVENFUS, R. S. (Org.). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004b. p. 135-160.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002. 200 p.

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância atribuída ao ingresso da Educação Superior por alunos de ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 45-53, 2005.

SUPER, D. E. A theory of vocational development. **American Psychologist**, Washington, v. 8, 185-190, 1953.

SUPER, D. E. A life-time, life-space, approach to career development. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 13, p. 282-298, 1980.

TAVEIRA, M. C. **Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional**. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Psicologia e Educação, Universidade do Minho, 2000. 401p.

TEIXEIRA, S. A. Vestibular: ritual de passagem ou barreira ritualizada. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 33, n. 12, p. 1574-1580, 1981.

TRUSTY, J. Relationship of parental involvement in teens' career development to teens' attitudes, perceptions and behavior. **Journal of Research and Development in Education**, Athens, v. 30, n. 1, p. 63-69, 1996.

UNGAR, V. O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 735-749, 2004.

VIGNOLI, E.; CROIT-BELZ, S.; CHAPELAND, V.; FILLIPIS, A.; GARCIA, M. Career exploration in adolescents: the role of anxiety, attachment and parenting style. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 67, n. 2, p.153-168, 2005.

VONDRACEK, F. W.; SCHULENBERG, J. E.; CROUTER A. C. The influence of the family on Vocational Development. **Journal of Marriage and the family**, Londres, v.46, p. 1, p. 129-143, 1984.

YOUNG, A. R.; FRIESEN, J. D.; BORYCKI, B. Narrative structure and parental influence in career development. **Journal of Adolescence**, Holanda, Utrecht University, v. 17, p. 173-191, 1994.

YOUNG, R. A.; VALACH, L.; BALL, J.; PASELUIKHO, M. A.; WONG, Y. S.; DEVRIES, R. J.; MCLEAN, H.; TURKEL, H. Career development in adolescence as a family project **Journal of Counseling Psychology**, University of Tennessee, Knoxville, v. 48, n. 2, p.190-202, 2001.

YOUNG, A. R.; MARSHALL S.; DOMENE J. F.; ARATO-BOLIVAR, J., HAYOUN R., MARSHALL E., ZAIDMAN-ZAIT A, VALACH L. Relationship, communication, and career in the parent-adolescent projects of families with and without challenges. **Journal of Vocational Behavior**, New York, v. 68, n. 1, p. 1-23, 2006.

WHISTON, S.C.; KELLER, B. K. (2004). The influences of the family of origin on career development: a review and analysis. **The Counseling Psychologist**, Universidade de Wisconsin-Milwaukee, v. 32, n. 4, p. 493-568, 2004.

WHITAKER, D. C. **Escolha da carreira e globalização**. 11. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 96p.

WHITAKER, D. C. A.; ONOFRE, S. A. Representações sociais em formação sobre os vestibulares dos estudantes de um cursinho comunitário na zona rural. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2006.

WILHEIM, J. Globalização e violência. In: LEVISKY, D. L. (Org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção – “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 63-64.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. Tradução Paulo Sandler. 2ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 247 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário de Pais

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS DE LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
Departamento de Psicologia e Educação - Serviço de Orientação Profissional

Nome: _____ Idade: _____
 Nome do filho: _____ Idade: _____
 Endereço: _____ nº: _____
 Bairro: _____ idade: _____ Estado _____
 Telefone: _____
 E-mail: _____
 Nível de escolaridade: _____
 Profissão/Ocupação: _____
 Data: ___/___/___

ESTE QUESTIONÁRIO OBJETIVA CONHECER O QUE OS PAIS PENSAM E FAZEM EM RELAÇÃO À CARREIRA PROFISSIONAL DE SEUS FILHOS (AS).

POR FAVOR, RESPONDA ÀS QUESTÕES TENDO SEMPRE POR BASE AQUILO QUE VOCÊ SENTE, PENSA OU FAZ.

CADA PAI OU MÃE PODE REALIZAR ALGUMAS DAS ATIVIDADES LISTADAS, MAS NÃO NECESSARIAMENTE TODAS.

HÁ ESPAÇOS EM BRANCO PARA A INSERÇÃO DE ITENS NÃO ABORDADOS PELO QUESTIONÁRIO.

AO RESPONDER A CADA AFIRMAÇÃO, DÊ A RESPOSTA QUE MELHOR DESCREVE SUA OPINIÃO E SITUAÇÃO.

1. Responda as questões abaixo (utilize o verso se necessário)

1.1- Quais são suas expectativas em relação ao futuro de seu filho? (enquanto pessoa, estudante e profissional).

1.2- Quais perspectivas você pensa que seu filho possui em relação ao seu próprio futuro? (enquanto pessoa, estudante e profissional).

2. Assinale com um X o número correspondente ao que você pensa referente à COMUNICAÇÃO que existe entre você e seu filho:	M U I T O	P O U C O	M A I S O U M E N O S	M U I T O	T O T A L M E N T E
2.1. Você aconselha seu filho no que se refere à escolha por uma profissão?	1	2	3	4	5
2.2. Seu filho pede sua opinião a respeito da escolha por uma carreira profissional?	1	2	3	4	5
2.3. Você aceita as escolhas de seu filho?	1	2	3	4	5
2.4. Você demonstra confiança na capacidade de seu filho de tomar suas próprias decisões?	1	2	3	4	5
2.5. Você oferece ao seu filho meios/recursos para ajudá-lo no que se refere à escolha pela profissão?	1	2	3	4	5
2.6. Você demonstra interesse pela carreira profissional de seu filho?	1	2	3	4	5
2.7. Vocês conversam sobre as atividades escolares dele?	1	2	3	4	5
2.8. Vocês conversam sobre o mundo das profissões (cursos universitários, cursos tecnológicos, técnicos, faculdades, mercado de trabalho)	1	2	3	4	5
2.9. Vocês falam sobre atualidades? (programas de TV, internet, jornais, filmes, política, globalização...).	1	2	3	4	5
2.10. Vocês falam sobre adolescência? (dificuldades, medos, inseguranças, mudanças, relacionamentos, expectativas, projetos...).	1	2	3	4	5
2.11. Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de conhecê-lo melhor? (seus interesses, habilidades, valores, desejos)	1	2	3	4	5
2.12. Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de promover seu desenvolvimento?	1	2	3	4	5
2.13. Quando você conversa com seu filho, você tem intenção de orientá-lo em termos educacionais e profissionais?	1	2	3	4	5

Por favor, use este espaço e se desejar, o verso da folha, para fazer os comentários que julgar importante:

3. Assinale com um x o número que corresponde às ATIVIDADES que você realiza ou disponibiliza ao seu filho, objetivando a escolha profissional dele:	M U I T O	P O U C O	M A I S O U M E N O S	M U I T O	T O T A L M E N T E
3.1. Você tem conhecimento sobre as atividades escolares de seu filho? (disciplinas, provas, simulados, rotinas de estudo).	1	2	3	4	5
3.2. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe visitas a universidades e faculdades?	1	2	3	4	5
3.3. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe palestras com profissionais e feiras de profissões?	1	2	3	4	5
3.4. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, viabilizando-lhe entrevistas com profissionais?	1	2	3	4	5
3.5. Você intervém, em relação à busca de informação profissional de seu filho, ajudando-o em buscas na Internet e em guias de estudante?	1	2	3	4	5
3.6. Você intervém, em relação ao seu filho, propiciando-lhe oportunidades para a realização de atividades de orientação profissional?	1	2	3	4	5
3.7. Você intervém, em relação ao seu filho, quanto às oportunidades e disponibilização de recursos para cursos de língua estrangeira?	1	2	3	4	5
3.8. Você intervém, em relação ao seu filho, quanto às oportunidades e disponibilização de recursos para aquisição e uso de aparelhos de informática?	1	2	3	4	5
3.9. Você intervém, em relação ao seu filho, propiciando-lhe atividades culturais? (teatro, cinema, exposições, visitas a museus, viagens culturais, shows...)	1	2	3	4	5
3.10. Você disponibiliza meios para que seu filho tenha acesso a jornais, revistas, livros?	1	2	3	4	5
3.11. Você modifica a rotina familiar para ajudar ou não dificultar os afazeres escolares de seu filho?	1	2	3	4	5

Por favor, use este espaço e se desejar, o verso da folha, para fazer os comentários que julgar importante:

4. Assinale com um x o número que corresponde ao que você pensa referente aos FATORES QUE INFLUENCIAM a escolha da profissão:	M U I T O	P O U C O	M A I S O U M E N O S	M U I T O	T O T A L M E N T E
4.1. Você acredita que a aptidão, os interesses e os valores do seu filho influenciam em seu processo de escolha profissional?	1	2	3	4	5
4.2. Você acredita na influência das experiências escolares no processo de escolha profissional de seu filho?	1	2	3	4	5
4.3. Você acredita que o nível de maturidade (psíquica/social) de seu filho influencia em seu processo de escolha profissional?	1	2	3	4	5
4.4. Você acredita que o modo como seu filho se relaciona influencia o seu processo de escolha profissional?	1	2	3	4	5
4.5. Você acredita que as atitudes tomadas pelo seu filho para resolver problemas influenciam o seu processo de escolha profissional?	1	2	3	4	5
4.6. Você acredita que os pais influenciam o processo de escolha profissional de seus filhos?	1	2	3	4	5
4.7. Você acredita que outros membros da família influenciam o processo de escolha profissional de seus filhos? (irmãos, primos, tios, avós...)	1	2	3	4	5
4.8. Você acredita que agentes educativos influenciam o processo de escolha profissional de seu filho? (Como: professores, orientadores educacionais e profissionais...).	1	2	3	4	5
4.9. Você acredita que as condições do meio influenciam o processo de escolha profissional do seu filho? (Como: condições educacionais, situação econômica e social da família).	1	2	3	4	5
4.10. Você acredita que condições do mercado de trabalho (emprego) influenciam o processo de escolha profissional do seu filho?	1	2	3	4	5
4.11. Você acredita que o medo do vestibular pode influenciar a escolha da profissão de seu filho?	1	2	3	4	5
4.12. Você acredita que o medo das responsabilidades do mundo adulto influencia a escolha da profissão de seu filho? (precisar sair de casa, cuidar de si mesmo, tomar decisões, avaliar riscos e conseqüências)	1	2	3	4	5
4.13. Você acredita que o receio de “decepcionar os pais” pode influenciar a escolha da profissão de seu filho?	1	2	3	4	5

Por favor, use este espaço e se desejar, o verso da folha, para fazer os comentários que julgar importante:

5- O que você achou do questionário?

() Muito fraco () Fraco () Regular () Bom () Muito bom () Não sei

APÊNDICE B – Grelha de categorização dos resultados de Pinto e Soares (2002)

Temas	Categorias	Sub-categorias
1. Papel dos pais	1.1 Aconselhar	1.1.1 Iniciativa dos pais 1.1.2 Resposta a pedido dos filhos
	1.2 Apoiar	1.2.1 Aceitação das escolhas dos filhos 1.2.2 Disponibilização de meios
	1.3 Motivar	1.3.1 Estar disponível 1.3.2 Interessar-se 1.3.3 Confiar
2. Comunicação pais/filhos	2.1 Iniciativa	2.1.1 Pais 2.1.2 Filhos
	2.2 Conteúdo	2.2.1 Escola 2.2.2 Actualidade 2.2.3 Profissões 2.2.4 Adolescência
	2.3 Intenção	2.3.1 Conhecimento do filho 2.3.2 Promoção do desenvolvimento 2.3.3 Orientação educativa 2.3.4 Orientação Profissional
3. Intervenção da família	3.1 Actividades específicas	3.1.1 Actividades 3.1.2 Projecto escolar 3.1.3 Exploração Vocacional
	3.2 Estruturação de situações	3.2.1 Desenvolvimento pessoal 3.2.2 Organização da vida familiar 3.2.3 Oportunidades e recursos
4. Factores de influência	4.1 Filho	4.1.1 Aptidões 4.1.2 Interesses 4.1.3 Valores 4.1.4 Experiências escolares 4.1.5 Maturidade 4.1.6 Estilo relacional 4.1.7 Atitudes
	4.2 Agentes educativos	4.2.1 Pais 4.2.2 Membros da família 4.2.3 Professores 4.2.4 Conselheiros de orientação
	4.3 Condições do meio	4.3.1 Sistema educativo 4.3.2 Emprego 4.3.3 Situação familiar
5. Expectativas dos Pais	5.1 Pessoa	5.1.1 Valores 5.1.2 Integração social 5.1.3 Construção da identidade 5.1.4 Realização pessoal
	5.2 Estudante	5.2.1 Trajetória escolar 5.2.2 Nível de escolaridade 5.2.3 Desempenho escolar 5.2.4 Atitude face ao estudo
	5.3 Profissional	5.3.1 Emprego satisfatório 5.3.2 Sucesso profissional 5.3.3 Grupo profissional
6. Perspectivas dos filhos vistas pelos pais	6.1 Eixo pessoal	6.1.1 Especificadas 6.1.2 Não especificadas
	6.2 Eixo parental	6.2.1 Especificadas 6.2.2 Não especificadas
	6.3 Eixo social	6.3.1 Especificadas 6.3.2 Não especificadas

APÊNDICE C - Transposição das categorias em itens do Questionário de Pais

QUESTIONÁRIO DE PAIS		CATEGORIZAÇÃO de Pinto e Soares (2002)	
Questão 1	1.1	Temas	5
	1.2		6
Questão 2	2.1	Subcategorias	1.1.1
	2.2		1.1.2
	2.3		1.2.1
	2.4		1.3.3
	2.5		1.2.2 e 1.3.1
	2.6		1.3.1 e 1.3.2
	2.7		1.3.1 e 1.3.2
	2.8		2.2.3
	2.9		2.2.2
	2.10		2.2.4
	2.11		2.3.1
	2.12		2.3.2
	2.13		2.3.3 e 2.3.4
Questão 3	3.1	3.1.1	
	3.2	3.1.3	
	3.3		
	3.4		
	3.5	3.2.3	
	3.6		
	3.7		
	3.8		
	3.9		
	3.10		
	3.11		
Questão 4	4.1	4.1.1, 4.1.2, 4.1.3	
	4.2	4.1.4	
	4.3	4.1.5	
	4.4	4.1.6	
	4.5	4.1.7	
	4.6	4.2.1	
	4.7	4.2.2	
	4.8	4.2.3 e 4.2.4	
	4.9	4.3.1 e 4.3.3	
	4.10	4.3.2	
	4.11	4.1.5	
	4.12	4.1.5, 4.1.6 e 4.1.7	
	4.13	4.1.5; 4.1.6 e 4.2.1	

APÊNDICE D - Folheto Explicativo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP)
Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA)
Serviço de Orientação Profissional (SOP)

GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS

O que é este Grupo?

É um Grupo de Pais cujos filhos estão realizando orientação profissional no SOP/CPA. Nele, os pais serão orientados a lidar com seus filhos nesse momento tão difícil e repleto de conflitos que é a escolha da profissão na adolescência.

Como funcionará o Grupo?

O grupo se reunirá uma vez por semana, na 2ª. feira das 19h30 às 21h, na Clínica Psicológica do CPA à Rua Clóvis Vieira, Casa 34. Serão, ao todo, oito sessões em grupo e uma sessão individual (ao término do grupo). Será formado por, no máximo, 20 pais/mães. A coordenação do grupo estará a cargo da psicóloga e pós-graduanda, Fabiana Hilário de Almeida, sob a supervisão da docente responsável pelos estágios e serviços na área de Orientação Profissional.

Quais serão os assuntos abordados?

A vivência em grupo possibilitará que os pais troquem experiências entre si, compartilhando sentimentos, pensamentos, dúvidas, expectativas, receios etc

O tema principal será: a influência dos pais na escolha profissional dos filhos.

Serão discutidas questões como:

- As expectativas que os pais têm em relação aos filhos;
- Os fatores que influenciam a escolha da profissão dos filhos;
- Como tem sido o diálogo entre pais e filhos (como lidar com o adolescente nesse momento de escolha da carreira: o quê conversar com ele? Como falar? Quando falar? E por quê?);
- As atividades que os pais podem possibilitar ou disponibilizar aos filhos para ajudá-los a decidir por uma profissão.

Como participar?

Os pais com interesse em participar devem ligar na Casa 34 (3602-3641) e dar seu nome. Logo que o grupo estiver formado os participantes serão informados sobre data do primeiro encontro, prevista para o mês de abril.

*Fabiana Hilário de Almeida
Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva*

APÊNDICE E - Carta aos Pais (1)

Convido o Senhor ou Senhora, pais do(a) filho(a) que será atendido no Serviço de Orientação Profissional (SOP) do Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, para participar de uma pesquisa que objetiva verificar o quê os pais pensam e qual a postura têm frente ao processo de escolha profissional de seus filhos.

Será uma pesquisa sem fins lucrativos, totalmente gratuita, que não oferece nenhum risco à sua saúde ou a de seu filho e que não exige nada, a não ser a sua participação espontânea. Para isto, basta que você responda, com sinceridade, ao questionário em anexo. Esta é a primeira etapa deste estudo. Caso aceite nosso convite, por favor, devolva os impressos (convite assinado, termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o questionário respondido) dentro do envelope que segue nessa correspondência, através de seu filho, ou em mãos no SOP (casa 34), até o dia 23/04.

Você pode, **caso seja de seu interesse**, participar de um **grupo de orientação de pais** cujos filhos estão em fase de escolha da carreira profissional, que é a segunda etapa deste estudo. Para isto, é necessário que você confirme sua participação através do telefone 3602-3641. O início do grupo está previsto para o dia 23/04, 2ª. feira, às 19h30, conforme folha explicativa sobre o Grupo de Orientação de Pais.

Desde já agradeço sua atenção,

Fabiana Hilário de Almeida

Psicóloga - CRP 06/73833

Concordo _____

Assinatura do pai / mãe

Pesquisadoras responsáveis:

- Fabiana Hilário de Almeida - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLRP-USP). E-mail: psicofabi@yahoo.com.br
Telefone: (16) 3602-3789.

- Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva – Docente do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP. E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br. Telefones: (16) 3602-3789 (16) 3602-3739.

APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1)

Concordo em participar, como voluntário (a), do projeto de pesquisa intitulado **“Inclusão de pais em processos de orientação profissional: avaliação de uma intervenção em grupo”**, que tem como pesquisadora responsável Fabiana Hilário de Almeida. Este estudo será realizado com pais de clientes em processo de Orientação Profissional oferecido pelo Serviço de Orientação Profissional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Estou ciente de que minha participação consistirá em responder ao questionário. E que, posteriormente, poderei ser convidado a participar de um grupo de orientação de pais de filhos em processo de orientação profissional, não sendo, em hipótese alguma, obrigado a participar da segunda etapa do estudo, conforme carta explicativa, parte integrante deste documento.

Estou ciente de que este estudo possui a finalidade de pesquisa, sendo que os dados obtidos serão utilizados em publicações científicas. Contudo, o sigilo é garantido, preservando-se assim a identidade dos participantes.

Declaro ainda que:

- 1) estou aceitando voluntariamente a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso;
- 2) posso deixar de participar do estudo a qualquer momento, se assim o desejar;
- 3) se não concordar em participar deste estudo ou interromper minha participação, minha possibilidade de ter outros atendimentos no serviço, assim como a de meus filhos, não será prejudicada.
- 4) não serão cobrados honorários de qualquer espécie, nem receberei qualquer tipo de pagamento por participar da pesquisa, sendo tudo gratuito e voluntário.

Ribeirão Preto, ____ de ____ de 2007.

De acordo:

Assinatura do pai/mãe	Nome por extenso
nome do filho	Telefone:

Profª. Dra. Lucy Leal Melo-Silva. Docente do Depto. de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - Av. Bandeirantes, 3900. CEP 14040-901.

Fabiana Hilário de Almeida – Pesquisadora, mestrado.

APÊNDICE G - Carta aos Pais (2)

Convido _____, cujo filho está inscrito para atendimento no Serviço de Orientação Profissional do Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, a participar da segunda etapa da pesquisa que objetiva verificar o quê os pais pensam e qual postura têm frente ao processo de escolha profissional de seus filhos, antes e após terem participado de um grupo. Para isto, será realizado um grupo de orientação de pais no qual serão discutidos temas pertinentes à questão da escolha da carreira profissional de seus filhos. O grupo de orientação de pais será realizado em oito encontros, a princípio, com duração de duas horas, de acordo com o dia e a disponibilidade dos integrantes e da psicóloga-pesquisadora.

Será uma pesquisa sem fins lucrativos, totalmente gratuita, que não oferece nenhum risco à sua saúde ou a de seu filho, que não exige nada a não ser a participação espontânea.

Não será realizado nenhum tratamento ou qualquer outro procedimento, que não seja relacionado à orientação de pais com filhos em processo de tomada de decisão profissional.

Caso não seja de seu interesse, por favor, devolva em branco.

Desde já agradeço sua atenção,

Fabiana Hilário de Almeida

Psicóloga- CRP 06/73833

Concordo _____

Assinatura do pai / mãe

Pesquisadoras responsáveis:

- Fabiana Hilário de Almeida - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLRP-USP). E-mail: psicofabi@yahoo.com.br
Telefone: (16) 3602-3789.

- Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva – Docente do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP. E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br. Tel: (16) 3602-3789 (16) 3602-3739.

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2)

Eu _____, abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido na reunião de pais sobre as condições do Projeto de Pesquisa intitulado **“Inclusão dos pais em processos de Orientação Profissional: avaliação de uma intervenção em grupo”** que tem como pesquisadora responsável Fabiana Hilário de Almeida, sob orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram assegurados e concordo em participar, como voluntário (a), desta segunda etapa da pesquisa.

Estou ciente de que minha participação será para auxiliar na compreensão das questões: o que os pais pensam e qual postura têm frente ao processo de escolha profissional de seus filhos, cujos dados serão obtidos através do questionário aplicado e dos registros das sessões do grupo de orientação de pais. Estou ciente de que este estudo possui a finalidade de pesquisa, sendo que os dados obtidos serão utilizados em publicações científicas, sem que as pessoas participantes sejam identificadas.

Declaro ainda que:

- 1) estou aceitando voluntariamente a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso;
- 2) posso deixar de participar do estudo a qualquer momento, se assim o desejar;
- 3) se não concordar em participar deste estudo ou interromper minha participação, minha possibilidade de ter outros atendimentos no serviço, assim como a de meus filhos não será prejudicada.
- 4) não serão cobrados honorários de qualquer espécie, nem receberei qualquer tipo de pagamento por participar da pesquisa, sendo tudo gratuito e voluntário.

Ribeirão Preto, ____ de ____ de 2007.

De acordo:

Assinatura do pai/mãe

Nome por extenso

Fabiana Hilário de Almeida – Pesquisadora, mestrado.

Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva. Docente do Depto de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.

APÊNDICE I – Disparador temático referente à 3ª. sessão do Grupo de Orientação de Pais

Excertos de comunicações de jovens que participaram em anos anteriores do atendimento de Orientação Vocacional/Profissional no SOP, como também de registros de publicações da área da OVP:

.....
1- “Ainda bem que meu irmão do meio escolheu fazer Medicina, porque daí eu fico liberado para escolher o que eu quiser” (M. 16 anos) (LEVENFUS, 1997, p.49).

.....
2- “Meu pai tem uma empresa e se eu cursar Administração já estarei no mercado de trabalho”. (N., 17 anos) (LEVENFUS, 1997, p.43).

.....
3- “Às vezes fico tão cheio dos meus pais que só de ver que eles vêm vindo com aquela conversa:- Meu filho, já te decidi? Quem sabe tu pensa em Administração...me dá um calorão e vontade de sair gritando. Fico com tanta raiva que já decidi que não quero fazer nada daquilo que eles insinuam.” (R.K., 17 anos) (LEVENFUS, 2004a, p.101).

.....
4-“Ele (o pai) gostaria que eu fizesse Medicina porque ele fez, porque meu avô fez (...) o maior sonho dele é que eu faça Medicina...mas também não dou jeito de fazer Medicina (...) também é muito difícil né?” (A., 17 anos) (SILVA, 1996, p.169).

.....
5- “Para mim escolher uma profissão está sendo difícil, porque eu não sei muito bem o que eu quero. Eu sei é que quero muito ajudar meus pais, realizar, quem sabe, alguns dos sonhos deles e ser muito feliz”. (C, 18 anos) (LEVENFUS, 1997, p.60).

.....
6- “...Me sinto tão cobrada, tão pressionada, tão...ai, é horrível, qualquer coisinha que eu vou fazer é uma pressão assim....*cê tem que fazer isso*, não porque o dia que eu falei que eu queria fazer Filosofia....*ai*, pelo amor de Deus *mas esse curso não dá nada, não dá dinheiro, não dá nada...*” (T., 18 anos) (SILVA, 1996, p.164).

.....
7- “Meu irmão abandonou a faculdade. Era uma faculdade federal. Nossa, foi a maior tristeza lá em casa, eu sei que meus pais ficaram bem decepcionados...claro, foi todo um investimento nele. Já pensou se eu viro e faço o mesmo...credo, não dá, eu não ia agüentar isso.” (participante de um Grupo de OVP do SOP)

.....

8- “O sonho do meu pai era ser médico, só que ele não teve oportunidade nem de concluir o segundo grau. Agora existe uma cobrança de que algum filho faça Medicina. Parece que ele deseja é que seja eu, porque sou o mais sério lá de casa, o mais responsável, mais isso não tem nada a ver. Eu fico dividido sabe, porque não queria desiludir o velho. (R., 17 anos) (LEVENFUS, 1997, p.53).

.....

9- “Minha mãe também tinha esse sonho, né...de se formar pelo Largo de São Francisco, e ela não conseguiu, né? Naquela época era muito mais difícil, meu pai falou: *vamos casar e pronto*, ela casou, ficou dez anos em casa. Então, eu...hã tento realizar isso, né? Tento me esforçar...prá eles, é a mesma coisa que talvez sejam deles, né? Então, eu vou continuar com esse sonho...” (V, 18 anos) (SILVA, 1996, p.167).

.....

10- “Pro meu pai tanto faz eu me formar ou não me formar...daqui a dez anos, daqui cinco...tanto faz, não tenho esse compromisso, entendeu? que o pessoal tem, então...é por isso que eu sou meio, até meio irresponsável aqui no colégio (...)”. (H., 22 anos). (SILVA, 1996, p.171).

.....

11-“Desde pequeno eu falava em ser médico e meus pais sempre concordaram. Engraçado...agora eu fico em dúvida se é uma coisa que eu gostava mesmo ou se é eles que queriam”. (C.E.O., 17 anos) (LEVENFUS, 2004a, 101).

.....

12- “Sempre fomos muito unidos...Todos nós lá em casa sabemos que o pai está certo...É que eu quero fazer uma coisa que eu gosto, mas eu não sei o quê é. Não sei se faço Direito ou Engenharia Eletrônica. Como engenheiro, trabalharia na empresa de meu tio. Direito seria ótimo, porque meu pai já tem tudo pronto para eu trabalhar com ele. Os meus dois irmãos já são advogados...Eu tenho a sensação de trair a família se escolher outra coisa. Acho que eu gosto mesmo é de Administração, mas teria que me virar sozinho e acho que não vai dar...não consigo me imaginar fazendo nada sozinho”. (V.L., 17 anos) (LEVENFUS, 1997, p.60).

.....

13-“Se meu pai não tivesse nem aí pra mim, ele nem me traria aqui...ele que se informou e tudo. Eu acho que eu tenho sorte viu, meus amigos reclamam dos pais que pressionam...os meus, eu acho que confiam em mim. Com isso eu não preciso me preocupar!”. (T, 17 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

14- “Minha mãe não me cobra pra escolher uma profissão. A impressão que eu tenho é que ela não quer me influenciar, mas eu até gostaria de saber a opinião dela, tem hora que me sinto perdida. No fundo, eu sei que ela deve ter uma expectativa. Com meu pai nem adianta conversar disto, acho que ele me vê como criança ainda. (L, 17 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

15- “...Não sofro...assim, intervenção direta da minha família...minha mãe gostaria...só disse que gostaria que eu fosse médico, meu pai...também, ah, hum, principalmente pela...situação financeira que eles ligam muito pra isso, mas...medicina pra mim não é o que eu...o que eu quero. Então já conversei tal, e...eles não... não impõem a carreira.” (A., 17 anos) (SILVA, 1996, p.163).

.....

16- “Ahn...tem pressão, claro que tem...e eles não fazem por culpa deles, parece um negócio incosciente , porque a gente também faz cobrança deles, né? ”(V.18 anos) (SILVA, 1996, p.162).

.....

17- “Meus pais não me influenciam. Quando eu pensava em Odonto, meu pai não queria que eu fizesse, porque ele não iria ter como bancar o curso...e depois como ia montar meu consultório? Então eu pensei em procurar outro curso, tinha que ser da Biológicas porque é minha afinidade. Pensei em Fono e Enfermagem. Tenho preferência por Fono, mas pelos meus pais eu faria Enfermagem, eles acham que eu arrumaria emprego mais fácil.”(A., 18 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

18- “Minha mãe acha que sou novo ainda, que eu tenho um tempão pela frente. Mas os meus amigos já decidiram...sei lá, ela é muito desencanada. Eu acabo folgando também...”(B. 17 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

19- “Eu até queria saber a opinião dos meus pais, eles não falam nada. Eu acabo indo conversar disso com a minha Tia. Até parece que eles não tão nem aí comigo”. (E, 17 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

20- “Ah, meus pais só me falam que eu tenho que estudar, não dizem mais nada, mas eu sei que eles devem pensar alguma coisa sobre uma carreira pra mim, mas não falam, acho que eles acham que isso vai me prejudicar, me influenciar. Eu até queria saber o que eles pensam...” (L, 17 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

21- “Dá medo de escolher errado e não ser isso. Como eu vou chegar pros meus pais e falar que não era bem isso? Depois que eles gastaram tanta grana comigo, pagando escola particular...nossa nem quero pensar nisso...” (F, 17 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

22- “Meus pais são muito legais, me perguntam o que eu penso, a gente conversa das profissões. É um clima gostoso. Isso não é pressão deles. Eu acho que é interesse, preocupação de pai. Eu sei que o que eu escolher, eu vou ter apoio.” (C, 18 anos) (participante de um Grupo de OVP do SOP).

.....

APÊNDICE J – Disparador temático referente à 5ª. sessão do Grupo de Orientação de Pais

(Conteúdo da apresentação em slides)

“Pais e filhos adolescentes: a visão de alguns profissionais da área da Orientação Vocacional/Profissional e da Psicanálise”

Muitos adolescentes estão órfãos de referência, pois seus pais são silenciosos e, quando expressam seu desejo, é o de não influenciar o seu destino. Acometidos do temor de assumir o lugar de referência e de exercer essa função, os pais, quando indagados sobre as expectativas e projetos que construiram para os filhos, adotam posições que não são facilitadoras. (...) (LIMA; RAMOS, 2002, p.94).

É interessante notar que diante de pais muito liberais e avançados, o processo do adolescimento vai se dar na direção oposta. Ser retraído é forma de o adolescente “ser do contra” ou diferente dos pais e encontrar sua própria subjetividade (RANÑA, 2005, p.49).

Muitas vezes o momento de decisão dos filhos faz com que os pais reajam de forma oposta àquela como foram tratados no seu momento de escolha. Alguns, para não influenciarem, deixam os filhos mais inseguros ainda, pois esta liberdade dada pelos pais muitas vezes é sentida pelo jovem como falta de atenção, carinho e amor. Eles dizem: ...”minha escolha, tanto faz para meus pais, eles nem estão aí para isto...”, e a própria indecisão pode ser um mecanismo utilizado pelo jovem para chamar sobre si a atenção dos pais, a fim de sentirem-se mais importante (SOARES, 1987, p.49.).

Os pais devem e podem falar sobre seus desejos em relação ao futuro dos filhos, suas dúvidas e angústias, bem como discutir com eles suas dúvidas, incertezas, inseguranças e indagações em relação à escolha profissional (SOARES; KNABEM, 2005, p.41.).

A opinião dos pais pesa muito sobre o jovem, afinal são pessoas em quem ele sempre acreditou, principalmente durante toda a sua infância. Ele sabe que querem o melhor para ele, mas isto pode acabar por confundí-lo e limitá-lo ainda mais, ao invés de abrir-lhe caminhos para pensar (SOARES, 1987, p.49.).

APÊNDICE K - Carta aos Pais (3)

Gostaríamos de agradecer, o Senhor ou a Senhora que colaborou, em um primeiro momento, da pesquisa que investiga o quê os pais pensam e qual postura têm frente ao processo de escolha profissional de seus filhos. A sua participação é de extrema importância para este estudo.

Solicitamos, nesse segundo momento, ao Senhor ou a Senhora que respondeu ao primeiro questionário, que **o responda novamente**. Nosso objetivo é verificar se houve ou não mudanças em sua maneira de pensar e agir frente ao processo de escolha da carreira pelo seu filho, ao longo do em que ele esteve em atendimento no grupo de Orientação Profissional, no Serviço de Orientação Profissional do Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Nesta correspondência, seguem em anexo o questionário e um envelope pré-franqueado. Dessa forma, você não terá qualquer gasto para o reenvio da correspondência, basta apenas que você leve até uma agência ou caixa de correio. Se você preferir, pode entregar em mãos na secretaria da casa 34. O prazo para a entrega será até o dia 02/07.

Aos pais que não assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a carta, presentes na primeira correspondência, estamos enviando-os novamente para que vocês o assinem, pois só assim, sua participação na pesquisa estará realmente autorizada.

Reforçamos que esta pesquisa é sem fins lucrativos, totalmente gratuita, que não oferece nenhum risco à sua saúde ou a de seu filho. Contamos novamente com sua colaboração.

Desde já, agradecemos sua atenção,

Data: ___/___/___

Concordo _____

Assinatura do pai / mãe

Pesquisadoras responsáveis:

- Fabiana Hilário de Almeida – Psicóloga (CRP: 06/73833) – mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLRP-USP). E-mail: psicofabi@yahoo.com.br ; Telefone: (16) 3602-3641 (Casa 34).

- Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva – Docente do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP. E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br. Telefones: (16) 3602-3789 (16) 3602-3739.

APÊNDICE L – Tabela referente aos resultados obtidos por meio da comparação entre os patamares iniciais do Grupo Controle e Grupo de Intervenção.

Tabela 11: Comparação dos patamares iniciais de respostas dos grupos Controle e de Orientação de Pais, segundo o teste não-paramétrico de Mann-Whitney

Item	Z	P
Comunicação		
1	0,90	0,37
2	0,88	0,38
3	1,25	0,21
4	0,81	0,42
5	0,37	0,72
6	1,18	0,24
7	0,29	0,77
8	0,79	0,73
9	0,01	0,99
10	0,25	0,80
11	0,73	0,47
12	0,54	0,59
13	0,10	0,92
Atividades		
1	0,50	0,62
2	0,25	0,80
3	0,42	0,67
4	0,30	0,76
5*	2,55	0,01*
6	0,41	0,68
7	0,85	0,40
8	0,01	0,99
9	0,50	0,61
10	0,41	0,69
11	0,42	0,67
Fatores que influenciam a escolha da profissão		
1	0,57	0,57
2	0,44	0,66
3	0,91	0,37
4	1,08	0,28
5	0,96	0,34
6	0,02	0,98
7	0,07	0,94
8	0,63	0,53
9	0,14	0,89
10	1,09	0,28
11	1,00	0,32
12	0,28	0,78
13	0,52	0,60

*há significância estatística. O Grupo de Orientação de Pais indicou valores mais elevados.

APÊNDICE M – Tabela referente aos resultados obtidos por meio da comparação entre a evolução do Grupo Controle e do Grupo de Intervenção.

Tabela 12: Comparação da evolução das respostas (pré – pós-intervenção) dos grupos de Orientação de Pais e Controle, segundo o teste não para métrico de Mann-Whitney

Item	Z	P
Comunicação		
1	0,04	0,97
2	0,10	0,92
3	0,62	0,53
4	0,36	0,72
5	1,49	0,14
6	0,27	0,78
7	0,26	0,79
8	1,34	0,18
9	0,66	0,51
10	0,25	0,80
11	1,24	0,21
12	0,01	0,99
13	0,30	0,77
Atividades		
1	0,45	0,65
2	0,01	0,99
3	1,27	0,20
4	1,16	0,25
5	1,89	0,06
6	0,88	0,38
7	1,18	0,24
8	1,40	0,16
9	1,32	0,19
10	0,26	0,79
11	0,50	0,61
Fatores que influenciam a escolha da profissão		
1	0,45	0,65
2	0,74	0,46
3	1,22	0,22
4	0,76	0,45
5	1,30	0,19
6	1,21	0,23
7	1,76	0,08
8	0,51	0,61
9	0,57	0,57
10	0,25	0,81
11	0,27	0,79
12	0,72	0,47
13	0,75	0,45

APÊNDICE N – Tabelas referentes às variáveis demográficas do Grupo Controle

Tabela 13 - Distribuição da amostra de participantes do Grupo Controle em função das variáveis sexo e número de participantes

GRUPO CONTROLE	SEXO		TOTAL
	Feminino	Masculino	
PARTICIPANTES	18	6	24
	75%	25%	100%

Tabela 14 – Distribuição da amostra de participantes do Grupo Controle em função da faixa etária

GRUPO CONTROLE	IDADE		
	1°.quartil	Mediana	2°.quartil
PARTICIPANTES	42,00	47,00	51,50

Tabela 15 - Distribuição da amostra de participantes do Grupo Controle em função do nível de escolaridade

GRUPO CONTROLE	ESCOLARIDADE						
	1°.grau inc.	2°.grau inc.	2°.grau Com.	Ensino Técnico	3°.grau incompleto	3°.grau completo	Pós-Graduação
PARTICIPANTES	1 4,1%	1 4,1%	5 20,8%	2 8,3%	2 8,3%	12 50%	1 4,1%

APÊNDICE O - Tabela referente à comparação entre os dois momentos do Grupo Controle

Tabela 16 - Comparações das respostas do Grupo Controle entre os dois momentos de aplicação, referente aos eixos temáticos, segundo o teste não-paramétrico de Wilcoxon

Itens	Z	P	Percentis					
			1º. Momento			2º. Momento		
			1ºquartil	Mediana	3ºquartil	1ºquartil	Mediana	3ºquartil
COMUNICAÇÃO								
1	1,27	0,21	3,00	3,50	4,00	3,00	4,00	4,00
2	0,68	0,50	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00
3	1,07	0,28	4,00	4,50	5,00	4,00	4,00	4,00
4	1,90	0,06	3,25	4,00	4,75	4,00	4,00	5,00
5	1,53	0,12	4,00	4,00	5,00	3,00	4,00	4,75
6	0,63	0,32	4,00	5,00	5,00	4,00	4,50	5,00
7	0,83	0,41	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,75
8	0,38	0,71	3,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00
9	0,83	0,41	3,00	4,00	4,00	3,25	4,00	4,00
10	0,48	0,59	3,00	4,00	5,00	3,00	4,00	4,00
11	0,33	0,74	4,00	4,50	5,00	4,00	4,50	5,00
12	0,45	0,66	4,00	4,00	5,00	4,00	4,50	5,00
13	0,00	1,00	4,00	4,50	5,00	4,00	4,00	5,00
ATIVIDADES								
1	0,91	0,37	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00
2	0,77	0,44	3,00	3,00	3,75	2,00	3,00	4,00
3	1,14	0,25	2,25	3,00	4,75	2,00	3,00	3,00
4	0,26	0,79	2,00	2,00	4,00	1,25	2,50	3,00
5	1,16	0,24	2,00	3,50	4,00	2,25	4,00	4,75
6	0,46	0,64	3,25	4,00	4,75	3,00	4,00	4,75
7	0,68	0,50	3,00	4,00	4,00	2,00	4,00	5,00
8	1,26	0,21	3,25	4,00	5,00	3,00	4,00	4,75
9	0,42	0,68	3,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00
10	1,21	0,23	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00
11	0,19	0,85	4,00	4,50	5,00	4,00	4,00	5,00
FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DA PROFISSÃO								
1	0,54	0,59	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00
2	0,24	0,81	3,25	4,00	4,00	3,25	4,00	4,00
3	0,89	0,37	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	4,75
4	0,52	0,60	4,00	4,00	4,75	4,00	4,00	4,00
5	0,16	0,87	3,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00
6	0,98	0,33	2,25	3,00	3,75	2,50	3,00	3,00
7	1,70	0,09	1,00	3,00	3,00	1,00	2,00	3,00
8	0,66	0,51	3,00	3,00	4,00	3,00	3,00	4,00
9	1,11	0,24	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00
10	1,06	0,29	3,25	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00
11	0,70	0,48	2,25	4,00	5,00	2,00	4,00	4,00
12	1,10	0,27	2,00	3,00	4,00	1,25	2,00	3,75
13	1,10	0,27	1,25	3,00	4,00	1,25	3,00	3,00

ANEXO**Aprovação do Comitê de Ética**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP**

Of.CEiP/FFCLRP-056/2006-29/09/2006

Prezada Senhora:

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "INFLUENCIA DOS PAIS NO PROCESSO DE ESCOLHA VOCACIONAL/PROFISSIONAL DOS FILHOS" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 55ª Reunião Ordinária realizada em 28/09/2006, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 270/2006 – 2006.1.1385.59.0

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Profa. Dra. ADELAIDE DE ALMEIDA
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssima Senhora
FABIANA HILÁRIO DE ALMEIDA
Aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
desta Faculdade

c/c. PROFA. DRA. LUCY LEAL MELO SILVA